

André Maia Schetino

OS GIGANTES E AS MULTIDÕES

**Estádios e cultura esportiva em Belo Horizonte (1950-
1965)**

**Belo Horizonte
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG
2014
André Maia Schetino**

OS GIGANTES E AS MULTIDÕES

Estádios e cultura esportiva em Belo Horizonte (1950-1965)

Tese apresentada ao Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em História.

Linha de Pesquisa: História Social da Cultura.

Orientadora: Profa. Regina Helena Alves da Silva

Belo Horizonte
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG
2014

981.511 Schetino, André Maia
S327g Os gigantes e as multidões [manuscrito] : estádios e
2014 cultura esportiva em Belo Horizonte (1950-1965) / André
Maia Schetino. - 2014.
244 f.
Orientadora: Regina Helena Alves da Silva.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas
Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
Inclui bibliografia

1. História - Teses. 2. Esportes – História – Teses. 3.
Estádios - Teses. 4. Belo Horizonte – História - Teses. I.
Silva, Regina Helena Alves da. II. Universidade Federal de
Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
III. Título.

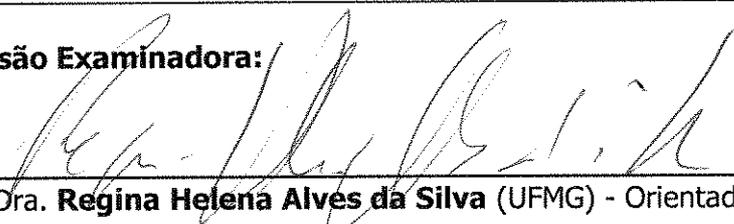


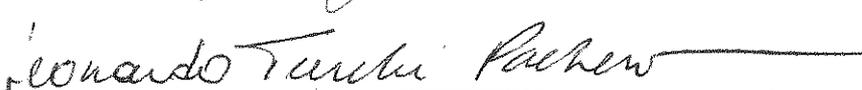
ATA DA DEFESA DE TESE EM HISTÓRIA DE ANDRÉ MAIA SCHETINO
Nº REGISTRO: 2010663190

Aos **dezoito** dias do mês de **dezembro** de **2014 (dois mil e quatorze)** reuniu-se a Comissão Examinadora composta pelos professores doutores **Regina Helena Alves da Silva**, Orientadora (UFMG), **Leonardo Turchi Pacheco** (UNIFAL-MG), **Victor Andrade de Melo** (UFRJ), **Tarcísio Rodrigues Botelho** (UFMG), **Cleber Augusto Gonçalves Dias** (UFMG), para julgar a tese intitulada "**OS GIGANTES E AS MULTIDÕES: Estádios e cultura esportiva em Belo Horizonte (1950-1965)**", do discente **André Maia Schetino**, requisito final para a obtenção do grau de **DOUTOR EM HISTÓRIA**. Abrindo a sessão no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais, Área de concentração: História, tradição e modernidade: política, cultura e trabalho – Linha de pesquisa: Ciência e Cultura na História, o(a) presidente da comissão, professor(a) **Regina Helena Alves da Silva**, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra ao(a) candidato(a), para a apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa do(a) candidato(a). Logo após, a comissão se reuniu, sem a presença do(a) candidato(a) e do público, para julgamento e expedição do resultado final. O(A) candidato(a) foi considerado **APROVADO(A)**. O resultado final foi comunicado publicamente ao(a) candidato(a) pelo(a) presidente da comissão. Nada mais havendo a tratar, o presidente encerrou a reunião e lavrou a presente ata, que foi assinada pelos examinadores participantes. Belo Horizonte, 18 de dezembro de 2014.

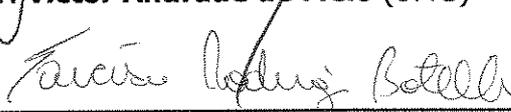
Observação da Banca: Adendo: a linha de pesquisa é HISTÓRIA SOCIAL DA CULTURA

Comissão Examinadora:


Prof.ª Dra. **Regina Helena Alves da Silva** (UFMG) - Orientadora


Prof. Dr. **Leonardo Turchi Pacheco** (UNIFAL-MG)


Prof. Dr. **Victor Andrade de Melo** (UFRJ)


Prof. Dr. **Tarcísio Rodrigues Botelho** (UFMG)


Prof. Dr. **Cleber Augusto Gonçalves Dias** (UFMG)

*Para Virgínia, Caê e Maiã,
Para Jéssica,*

Obrigado por tudo.

Agradecimentos

Após a difícil tarefa de encerrar um trabalho de grandes proporções, a escrita dos agradecimentos certamente trás de volta a leveza e a alegria dos momentos iniciais da empreitada. O momento em que o trabalho era ainda um projeto, e as ideias ainda não sabiam qual caminho percorrer. O ingresso no Programa de Pós Graduação em História, dando continuidade à uma de minhas paixões enquanto professor de Educação Física. Tudo isso, acrescido da satisfação em ver o trabalho finalizado. Essa tese de doutorado não teria sido possível sem a contribuição – em diversos níveis – de muitas pessoas, as quais agradeço nestas breves palavras.

Primeiramente à minha orientadora, a prof^a Regina Helena Alves da Silva. Por sua generosidade e disponibilidade em aceitar orientar um aluno até então desconhecido. Por sua sensibilidade e compreensão sobre o mundo do trabalho, da academia e da universidade, que fizeram com que este processo de orientação corresse de forma tranquila. Seja nos momentos de orientação ou durante as disciplinas, Lena me mostrou como existe algo essencial na relação entre a cidade e as pessoas. Agradeço-lhe profundamente e me sinto muito feliz por ter sido orientado por você.

Agradeço também a dois amigos e professores que me acompanham há mais tempo, e contribuíram sobremaneira para este trabalho, tanto no processo de qualificação quanto durante a defesa. Ao professor Victor Andrade de Melo, por sua leitura sempre atenta e suas contribuições para a estrutura e organização deste trabalho. Ao professor Cléber Augusto Gonçalves Dias, pelas observações pertinentes e pelas ótimas indicações de leitura, que tanto contribuíram para esta tese. Aos dois, por partilharem comigo desde 2006, quando ingressei no Programa de Pós-Graduação em

História Comparada da UFRJ, de uma amizade e um projeto de vida no qual trabalho sério não está separado da festa e da alegria.

Ao historiador Eduardo Cavalcante, pela contribuição imprescindível no processo de acesso e coleta das fontes na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Sua organização e competência me ajudaram muito em meu trabalho de análise das fontes e dados. Estendo também meu agradecimento a todos os funcionários da Biblioteca Nacional e da Hemeroteca Histórica da Biblioteca Estadual Luiz de Bessa, que me atenderam sempre com prontidão.

À Cristiane Daldegan, que acompanhou de forma especial todo o processo deste trabalho, me ajudando a compreendê-lo não só como tal, mas também como parte de algo maior.

À minha querida noiva Jéssica, pela ajuda e paciência nos momentos difíceis, e acima de tudo, por sua compreensão. Obrigado por escutar cada nova ideia, algumas reclamações, muitas dúvidas, e por aprender junto comigo como um trabalho acadêmico pode interferir de diversas formas na vida à dois.

À minha família, a quem dedico este trabalho, por todo o suporte e amor incondicional. Vocês são o alicerce da minha formação, porto seguro dos momentos difíceis.

RESUMO

O esporte pode ser considerado um dos fenômenos mais marcantes de nossa época. Desde o seu surgimento enquanto prática moderna, suas modalidades, bem como os valores que o permeiam, tomam as cidades e transformam a dinâmica das mesmas. O espetáculo esportivo se constituiu em um grandioso mercado de consumo, que envolve desde os chamados “megaeventos esportivos” – como a Copa do Mundo de Futebol e os Jogos Olímpicos – até as práticas de lazer dos habitantes das cidades. Sendo assim, esse trabalho tem como objetivo investigar as relações entre cultura esportiva e cultura urbana em Belo Horizonte, tendo como objeto de pesquisa a construção dos estádios do Independência (1950) e Mineirão (1965). Para isso, buscamos como eixos de análise uma série de aspectos ligados à cidade de Belo Horizonte e ao esporte. Inicialmente, nos dedicamos a uma breve contextualização da cidade de Belo Horizonte, trazendo alguns apontamentos sobre a sua inauguração e anos iniciais, nos detendo de forma mais aprofundada no período entre 1950 e 1965, foco deste estudo. Posteriormente apresentamos uma investigação sobre a cultura esportiva como cultura urbana. Mostramos como o desenvolvimento do esporte em Belo Horizonte transforma os costumes e modos de vida de seus habitantes, fazendo surgir um estilo de vida pautado pelos valores do fenômeno esportivo. Posteriormente nos dedicamos aos estádios da cidade. Sua construção e inauguração, transformando-os em espaços privilegiados da manifestação da cultura esportiva. Nesse momento destacamos alguns aspectos políticos que envolveram o contexto da sua construção, e abordamos também outros pontos: o discurso sobre a ciência e a tecnologia envolvidas em sua construção, suas relações com o espaço da cidade e com a industrialização pesada a partir da ideia das grandes obras. Ainda sob a ótica dos estádios, buscamos também dar voz às multidões: os trabalhadores que participaram da construção dos estádios, atletas que foram consagrados nesses espaços e as multidões de torcedores que afluíam a esses gigantes de concreto. Nesse sentido, destacamos também dois grandes momentos desses estádios: a Copa do Mundo de Futebol de 1950 – que marca a inauguração do estádio do Independência – e os jogos e festejos de inauguração do Mineirão, em 1965. Pudemos perceber como a construção dos estádios se constituiu não somente em um marco edificado, mas também, como elemento importante para a expressão da cultura esportiva do belo-horizontino.

Palavras chave: História do Esporte, Belo Horizonte, Estádios

ABSTRACT

The sport can be considered one of the most striking phenomena of our time. Since its emergence as a modern practice, its modalities, as well as the values, take cities and transform their dynamic. The sporting spectacle constituted a great consumer market, since that involves the so-called "mega sporting events" - such as the FIFA World Cup and the Olympics - even the leisure practices of urban dwellers. Therefore, this study aims to investigate the relationship between sports culture and urban culture in Belo Horizonte, and in this context, the construction of the Independência (1950) and Mineirão (1965) stadiums. For that, we've researched a number of aspects of the city of Belo Horizonte and of sport. Initially, we dedicate ourselves to a brief overview of the city of Belo Horizonte, bringing some notes on its opening and early years. Then, we focus in the period between 1950 and 1965, the focus of this study. Subsequently we present an investigation of the sports culture and urban culture. We show how the development of sports in Belo Horizonte transforms the customs and way of life of its inhabitants, making a lifestyle guided by the values of sport phenomenon arise. After that, we dedicated to the stadiums: its construction and inauguration, turning them into privileged spaces of the manifestation of sporting culture. At this moment we highlight some policy issues surrounding the context of its construction, and also approached other points: the discourse on science and technology involved in its construction, its relationship with the city space and the heavy industrialization from the idea of the great constructions and buildings. Yet from the perspective of the stadiums, we also seek to give voice to the people, the workers who participated in the construction of stadiums, athletes who were enshrined in those spaces and crowds of fans who flocked to these concrete giants. In this sense, we also highlight two great moments of these stadiums: the World Cup Soccer 1950 - to mark the inauguration of the Independência stadium - and the games and festivities for the inauguration of Mineirão stadium, in 1965. We were able to see how the construction of stadiums is constituted a important mark not only in buildings, but also as important for the expression of the sporting culture of the Belo Horizonte citizen.

Key words: Sports History, Belo Horizonte, Stadiums

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1	Anúncio das lojas Mesbla, 1956.	75
FIGURA 2	Anúncio dos relógios Eska, 1947.	87
FIGURA 3	Anúncio do regulador Gynestol, 1945.	94
FIGURA 4	Anúncio dos óculos de sol Polaroid, 1946.	102
FIGURA 5	Os “maillots”, vestimenta da mulher moderna, 1946.	104
FIGURA 6	Os “maillots”, vestimenta da mulher moderna, 1946 (continuação).	105
FIGURA 7	Silhuetas esportivas femininas, 1956.	107
FIGURA 8	Como e porque se deve praticar a ginástica respiratória, 1945	109
FIGURA 9	Como e porque se deve praticar a ginástica respiratória, 1945 (continuação).	110
FIGURA 10	Ginástica para os joelhos, 1956.	111
FIGURA 11	Anúncio da Loteria do Estado de Minas Gerais, 1939.	132
FIGURA 12	Foto da II Ginástica Feminina da Primavera, 1959.	137
FIGURA 13	Anúncio de cadeira cativa do futuro estádio, 1958.	155
FIGURA 14	Foto do teste para as arquibancadas do Mineirão, 1965.	162
FIGURA 15	Foto do Mineirão na véspera de sua inauguração, 1965.	176
FIGURA 16	Foto da equipe de engenheiros responsáveis pela construção do Mineirão, 1965.	213
FIGURA 17	Foto do jogo entre Palmeiras e Uruguai no Mineirão, 1965.	224

LISTA DE TABELAS

TABELA 1	Tabela 1 – População de Belo Horizonte 1940-1965.	50
TABELA 2	Número de loteamentos aprovados em Belo Horizonte (1946-1963).	51
TABELA 3	Estabelecimentos Instalados na Cidade Industrial – 1950-61.	52
TABELA 4	Participação do comércio e da indústria na geração de receita e emprego em Belo Horizonte – 1940/1980.	52
TABELA 5	Empresas Estatais Mineiras entre 1951 e 1961.	53
TABELA 6	Prolongamento e abertura de novas avenidas em Belo Horizonte em 1942.	57
TABELA 7	Edifícios de apartamentos e escritórios construídos nas décadas de 1940 e 1950	62
TABELA 8	Construções de Edifícios em Belo Horizonte entre 1952 e 1964.	63
TABELA 9	Habitantes em favelas em Belo Horizonte (1955-1965)	67
TABELA 10	Clubes Esportivos de Belo Horizonte (1951-1962).	117
TABELA 11	Número de Associações e Associados por Unidades da Federação e Municípios das Capitais - 1957	119
TABELA 12	Desportos: Associações e associados por Unidade da Federação e Municípios das Capitais - 1964	120
TABELA 13	Copa do Mundo de 1950: jogos por cidade, público e arrecadação	194
TABELA 14	Copa de 1950: jogos, ingressos vendidos, média de público e receita bruta dos jogos por cidade-sede.	196
TABELA 15	Inauguração do Mineirão: público pagante e arrecadação dos jogos (1965).	221

Sumário

Introdução	11
Apontamentos sobre esporte, tecnologia e contexto histórico entre 1950-65	15
Dos novos materiais aos estádios e ginásios esportivos	24
O caminho da pesquisa: justificativa, escolhas e abordagens teórico-metodológicas.....	30
Capítulo 1 – A moderna capital: Belo Horizonte entre as décadas de 1950-60	40
Os anos JK: construindo uma outra cidade	42
Política, economia e Industrialização: nasce a metrópole 1950-1965.....	48
As ruas e os transportes: os caminhos da cidade	56
A vida vista de cima: dos arranha-céus, morros e favelas.....	61
A vida dentro de casa – conforto e tecnologia.....	70
A vida fora de casa – a rua, o trânsito, o comércio e os encontros.....	74
Capítulo 2 - A cultura esportiva como cultura urbana	82
Esporte, Cidade, Modernidade	83
O modo de vida esportivo: outros corpos para uma outra cidade	92
Todos ao esporte: da alta sociedade às camadas populares.....	112
Os valores esportivos: eugenia e progresso físico e espiritual	131
Capítulo 3 – Os gigantes	140
A concentração: expectativa no campo esportivo	143
Começa o jogo: Nascem os gigantes	177
Prorrogação: as relações entre os estádios e a cidade.....	181
Capítulo 4 – As multidões	189
O estádio do Independência e a Copa do Mundo de 1950 – onde estariam as multidões?	191
Festa das multidões no Mineirão	208
Considerações Finais	225
BIBLIOGRAFIA	233
FONTES	237

Os gigantes e as multidões: estádios e cultura esportiva em Belo Horizonte (1950-1965)

Introdução

O esporte pode ser considerado um dos fenômenos mais marcantes de nossa época. Desde o seu surgimento enquanto prática moderna, suas modalidades, bem como os valores que o permeiam, tomam as cidades e transformam a dinâmica das mesmas. O espetáculo esportivo se constituiu em um grandioso mercado de consumo, que envolve desde os chamados “megaeventos” – como a Copa do Mundo de Futebol e os Jogos Olímpicos – até as práticas de lazer dos habitantes das cidades.

Mas a sua influência é ainda mais profunda. O esporte está presente em diversos outros espaços da vida cotidiana. Dentro das discussões sobre saúde e qualidade de vida, bem como nas políticas públicas, nas formas de se vestir e de se alimentar, nas “mesas redondas” dos programas esportivos ou até mesmo no noticiário policial; o esporte está dentro da cidade, no espaço da natureza, e até em ambientes “virtuais” como os videogames e jogos eletrônicos.

O espaço do esporte encontra-se, portanto, ampliado com diversas possibilidades de manifestação. E por sua relevância nas cidades, esta prática e seus espaços se tornam importantes objetos de investigação. Como imaginar uma cidade sem espaços e equipamentos esportivos? Desde o surgimento e a organização das primeiras modalidades e competições, o espaço regulamentado para sua prática foi fundamental para que o esporte se tornasse um fenômeno de alcance e popularidade mundial.

Esse espaço para a prática esportiva se desenvolve junto com a sociedade, levando em consideração fatores importantes em diversos momentos da história. Inicialmente, os primeiros espectadores que se aglomeravam à beira dos campos esportivos. Depois, a segmentação de

espaços para a imprensa – primeiro escrita, e posteriormente, a chegada do rádio, da televisão e da internet. Além disso, as novas tecnologias aliadas à especialidade de cada modalidade fez surgir espaços apropriados para cada uma delas: os estádios e ginásios esportivos se tornaram um espaço central para a prática esportiva. De versões adaptadas como os campos de várzea, passando pelas praças de esporte para o lazer dos habitantes das cidades, até os clubes esportivos e os grandes estádios e ginásios que abrigam competições de nível nacional e internacional. Os estádios e ginásios esportivos são a casa do esporte mundo afora.

Por tudo isso, o presente estudo tem como tema os estádios e a cultura esportiva na cidade de Belo Horizonte, no período compreendido entre os anos de 1950 e 1965. A escolha do período ocorreu a partir de uma análise sobre as datas de construção e inauguração dos dois maiores estádios da cidade: o Estádio Raimundo Sampaio (1950) – conhecido popularmente como Independência – e o estádio Governado Magalhães Pinto (1965), conhecido como Mineirão.

O período em questão marca não somente a construção destes importantes espaços para o espetáculo esportivo de Belo Horizonte, mas também está em consonância com o contexto de desenvolvimento de um importante momento da industrialização da cidade. Trata-se, portanto, de um trabalho que busca investigar a construção dos estádios e suas relações com a cidade, os costumes e modos de vida de seus moradores.

Inaugurada em 12 de dezembro de 1897, Belo Horizonte foi planejada para ser a capital do Estado de Minas Gerais. Uma capital que já nascia republicana, alternativa à herança monárquica e colonial de Ouro Preto, que então perdera o seu posto. Deveria ser o local da modernidade, que expressaria em Minas Gerais a vanguarda e o progresso. Após as primeiras décadas de dificuldades econômicas, Belo Horizonte vai aos poucos se estabilizando e ampliando sua importância no cenário nacional. O mesmo também pode ser percebido no campo esportivo. As práticas planejadas para a capital – como o turfe e o ciclismo – não

alcançaram grande popularidade e não subsistiram aos primeiros anos da cidade. O futebol, contudo, foi se instaurando e aglutinando grande número de participantes, e, junto à popularidade da modalidade na capital e no país, logo se tornou uma atividade integrante de sua cultura urbana, merecendo espaços grandiosos para sua prática.

Portanto, para iniciar neste percurso apresentamos, em linhas gerais, os principais eixos de análise desenvolvidos ao longo desta tese, a saber: a) as transformações da cultura esportiva de Belo Horizonte, como elemento destacado – neste trabalho – de uma cultura urbana; b) a exaltação das ações e dos discursos sobre a tecnologia, que aparecem de forma marcante durante os anos 50 e 60, seja nas ações ligadas ao esforço de industrialização na cidade de Belo Horizonte, seja nos novos aparelhos e novidades da vida cotidiana, seja nas manifestações do fenômeno esportivo. Dessa forma, veremos que desde a construção dos estádios até a sua ocupação pelas multidões dos eventos esportivos, esses eixos caminham na maioria das vezes juntos.

As relações entre a construção dos estádios e a vivência de uma cultura urbana são analisadas nesse trabalho, sob o ponto de vista da cidade. Veremos como a construção dos grandes estádios foi parte integrante de um esforço de industrialização e modernização da cidade de Belo Horizonte. Dessa forma, a sua construção tem um papel especial não só do ponto de vista das grandes obras, como também, na representação de novos costumes e modos de vida da população.

Todos esses espaços foram construídos em um momento da chamada *industrialização pesada*, com ênfase no desenvolvimento dos setores de energia elétrica, siderurgia e do concreto armado, materiais base para a construção de estradas, pontes, grandes edifícios, e também dos estádios. O concreto armado revolucionou a engenharia e foi a base de todos os estádios construídos entre as décadas de 1940 e 1970 no Brasil.

Em um panorama mais atual, desde a candidatura e especialmente com a confirmação da escolha do país como sede para a Copa do Mundo de 2014, a construção e modernização dos estádios e ginásios esportivos estão no centro das ações implementadas para o evento. Este trabalho foi escrito no calor das disputas e das tensões advindas da organização e realização da Copa do Mundo de 2014.

Os estádios e ginásios são por excelência o espaço do espetáculo esportivo. Inicialmente pensados “apenas” como o local que reunia as condições necessárias para a prática de diversas modalidades esportivas, os estádios “ressurgem” com nova importância no cenário esportivo das cidades. De gigantes de concreto construídos e administrados pelos governos estaduais, tornaram-se agora peças fundamentais para os chamados megaeventos esportivos. De estádios, passaram a se chamar “arenas multiuso” e tornaram-se objetos de disputas políticas.

No próprio nome já se encontra a justificativa utilizada pelos governos federal e estadual para os gastos com reformas e construções de novos estádios pelo país, muitos deles, em locais onde não existem times de expressão que disputem campeonatos de âmbito nacional – indicativo forte de subutilização desses espaços¹. Segundo os defensores dos investimentos, as novas arenas recebem também shows e festivais musicais, feiras e exposições variadas, alavancando o desenvolvimento econômico das regiões onde os mesmos se encontram.

Porém, após a reforma ou construção dos estádios – feitas com dinheiro público –, os mesmos são repassados à iniciativa privada. O novo molde, chamado de “Parceria Público Privada” (PPP) é entendido como o futuro da gestão dos espaços destinados aos megaeventos esportivos, especialmente devido aos altos custos necessários à sua manutenção. Dessa forma, grandes empreiteiras, consórcios de empresas e eventualmente até alguns clubes de futebol

¹ Destacamos a Arena Amazônia, na cidade de Manaus, e a Arena Pantanal, em Cuiabá. O Estádio Nacional, em Brasília, tem recebido jogos esporádicos de times do Rio de Janeiro, iniciativa que acredita-se não sobreviver a médio e longo prazo. No caso da cidade de Natal, a Arena das Dunas também está fadada a não utilização, uma vez que os dois principais clubes da cidade (ABC e América) possuem estádios próprios.

concorrem ao direito de explorar os lucros bilionários da indústria esportiva², vendendo seu nome para grandes corporações³ e alugando o espaço para os clubes esportivos e seus torcedores, para as lojas e redes de alimentação.

Por seu papel de destaque nas discussões sobre a cultura esportiva nas cidades, escolhemos os estádios e ginásios como o principal eixo de análise deste trabalho. A atual situação dos estádios e ginásios esportivos no Brasil nos instiga a olhar para o passado, para o momento da sua construção, e compreender quais foram as relações estabelecidas com o contexto histórico e social, com a cultura esportiva das cidades.

Apresentado o tema, desenvolvemos a seguir alguns apontamentos que reforçam e justificam a sua escolha, além de contextualizar o período histórico pesquisado.

Apontamentos sobre esporte, tecnologia e contexto histórico entre 1950-65

O contexto dos megaeventos esportivos nos faz perceber a força deste fenômeno na atualidade. Saindo das grandes competições e do esporte de alto rendimento, podemos perceber como o esporte e seus valores ocupam um papel de destaque na sociedade atual. Todo o seu conjunto de práticas e modalidades estão presentes no dia-a-dia das pessoas, nas práticas escolares e de lazer, nas academias, no espaço da cidade e da natureza. A conformação desse quadro nos instiga a visitar suas origens, buscando investigar e melhor compreender suas manifestações.

Concordamos com estudiosos como Norbert Elias e Pierre Bourdieu, adeptos do entendimento de esporte enquanto um fenômeno moderno. Elias por exemplo, nos mostra que

² Podemos citar como exemplos as empresas BWA e o Consórcio Minas Arena, que exploram comercialmente os estádios do Independência e do Mineirão (respectivamente). O mesmo ocorre no Rio de Janeiro, com o consórcio responsável pela exploração do Maracanã, que negocia com os clubes contratos para mandarem seus jogos no estádio.

³ Na cidade de Salvador, a Arena Fonte Nova teve seu nome vendido para uma marca de cerveja pelo valor de R\$100 milhões. **Um dos estádios da Copa, Fonte Nova terá nome de cerveja.** Disponível em: <http://exame.abril.com.br/marketing/noticias/um-dos-estadios-da-copa-fonte-nova-tera-nome-de-cervejaria> . Acesso em 12 de agosto de 2013.

tanto nos Jogos Olímpicos da Grécia Antiga quanto nos jogos e brincadeiras da Europa pré-industrial, “o *ethos* dos concorrentes, as regras das provas e os próprios desempenhos diferem nitidamente, em muitos aspectos, dos que são característicos do desporto moderno”⁴.

O esporte moderno surge então na Inglaterra, nos fins do século XVIII e início do XIX, através da regulamentação, sistematização e adaptação de inúmeras práticas culturais da antiguidade (jogos, lutas, danças, festejos e brincadeiras), fazendo então surgir diversos *sports* (palavra de origem inglesa), tais como o boxe, o futebol, o tênis, entre outros⁵. No contexto da Revolução Industrial e do advento do capitalismo, essas atividades são implementadas nas *public schools* inglesas, destinadas aos filhos das elites, e também institucionalizadas em clubes e federações, e difundindo-se em escala mundial. O próprio Bourdieu, em sua obra clássica, cita também a prática esportiva como elemento de distinção entre elites e camadas populares⁶.

No que tange à tecnologia, seu contexto de surgimento também é importante. Os valores do desempenho, do treinamento, da tecnologia, do recorde, também estão em consonância com o momento da Revolução Industrial e a reorganização dos meios de produção e do tempo da sociedade. Se o fim do século XVIII e início do XIX é um período privilegiado quando tratamos das relações entre cultura urbana e cultura esportiva na Europa, acreditamos que um outro caminho pode ser estabelecido para investigar o quadro nacional. Cabe, para o caso brasileiro, investigar essas relações em um relevante período de nossa história, marcado pela opção por um modelo de desenvolvimento nacional implementado nas grandes cidades brasileiras, como é o caso de Belo Horizonte. A construção de grandes estádios, bem como o desenvolvimento de uma cultura esportiva e de uma cultura urbana sob a égide da tecnologia, guarda relações diretas com o processo de industrialização colocado em curso nessa cidade.

⁴ ELIAS; DUNNING, 1992, op. cit., p. 195.

⁵ BOURDIEU, Pierre. **Programa para uma sociologia do esporte** IN: BOURDIEU, Pierre: **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 207–220.

⁶ BOURDIEU, Pierre. **A Distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2008.

Afinal, as relações entre a tecnologia e a sociedade podem ser percebidas desde a presença do homem na Terra, sendo este inclusive um dos caminhos para estudar a sua história. Essa possibilidade de estudos começou a se delinear durante o processo de desenvolvimento de um trabalho anterior, a dissertação de mestrado intitulada: “Pedalando na Modernidade: a bicicleta e o ciclismo no Rio de Janeiro e em Paris na transição dos séculos XIX-XX⁷”. Ao estudar a história da bicicleta e do ciclismo no Brasil, procuramos demonstrar como a presença desse novo artefato alterou os costumes e modos de vida da população, mesmo daqueles que não possuíam a nova máquina, mas que compartilhavam com ela o espaço da cidade. Nesta tese buscamos um eixo de análise semelhante: investigar como a construção dos dois maiores estádios de Belo Horizonte, aliado ao contexto da cidade, transformou os costumes e modos de vida da população; perceber como a cultura esportiva – como uma manifestação da cultura urbana – se transformou a partir desse processo.

Porém, ao propormos enveredar por esse caminho em bases mais sólidas, foi necessário buscar na literatura conceitos e compreensões sobre tecnologia. Afinal, compreender e demarcar os entendimentos acerca do termo se torna tarefa fundamental, antes de estabelecer suas relações com o campo esportivo. Tomando contato com os estudos sobre a história da técnica e da tecnologia no Brasil, percebemos o caminho a ser trilhado nas análises deste projeto.

É preciso distinguir o momento da aquisição do conhecimento tecnológico, pelo estudo do tecnólogo ou pelo trabalho do pesquisador, do momento inteiramente econômico-industrial da introdução do mercado de um novo instrumento ou de um novo processo decorrente do saber tecnológico. Há uma tendência entre nós de considerar esse último momento como essencial na tecnologia. Não se aceita aqui tal conotação, pois, para nós, **tecnologia é cultura que se tem ou não, cuja aquisição se dá por uma inserção de todo o sistema sociocultural do país no, assim chamado, “mundo moderno”⁸.**

⁷ SCHETINO, A.M. **Pedalando na Modernidade: a bicicleta e o ciclismo no Rio de Janeiro e em Paris na transição dos séculos XIX-XX**. Rio de Janeiro, 2007. Dissertação (Mestrado em História Comparada) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

⁸ VARGAS, Milton (Org.). **Introdução**. IN: VARGAS, Milton. **História da técnica e da tecnologia no Brasil**. São Paulo: Editora UNESP/CEETEPS, 1994, p. 17. Grifos meus.

A definição apresentada por Milton Vargas demonstra um entendimento ampliado sobre tecnologia, indo de encontro ao tema, aos objetivos e ao período proposto para essa investigação. Compreender as transformações no campo esportivo sob o eixo da tecnologia implica estabelecer relações necessárias com o campo político e econômico, mas sem perder de vista as transformações na cultura, nos modos de viver da população brasileira. A partir dessa definição podemos então estabelecer algumas relações entre esporte, tecnologia e a industrialização brasileira.

Retomemos o quadro nacional. O período que compreende o início da década de 1930 até os anos iniciais da década de 1960 se mostra relevante para os estudos das relações entre esporte e tecnologia. O panorama feito por Sônia Draíbe corrobora com nossa afirmação, demonstrando a importância desse período para a industrialização brasileira.

As características da dinâmica da industrialização, entre 1930 e 1961, implicam a delimitação de duas fases específicas. Na primeira, entre 1933 e 1955, há industrialização porque a dinâmica da acumulação passa a se assentar na expansão industrial, ou melhor, porque existe um movimento endógeno de acumulação em que se reproduzem, conjuntamente, a força de trabalho e parte crescente do capital constante industriais; (...) Na segunda, entre 1956 e 1961, o surgimento de um bloco de investimentos altamente complementares e concentrados no tempo promove uma alteração radical na estrutura do sistema produtivo, ao mesmo tempo que a capacidade produtiva se amplia muito além dos horizontes determinados pela demanda preexistente⁹.

Ainda em uma análise nacional, e aproximando-se mais do recorte temporal proposto por esse trabalho, elegemos dois importantes governos, a partir do espaço de destaque ocupado pelos investimentos na industrialização do país: o segundo governo de Getúlio Vargas (1950-1954) e Juscelino Kubistchek (1956-1961).

O governo Vargas foi responsável por um expressivo desenvolvimento da industrialização, através do apoio à estrutura industrial pré-existente e o investimento

⁹ DRAIBE, Sônia. **Rumos e Metamorfoses**: um estudo sobre a constituição do Estado e as alternativas da industrialização no Brasil, 1930-1960. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. p. 13.

concentrado na siderurgia, petróleo e energia elétrica. Maria Antonieta Leopoldi destaca a importância dessas ações do governo Vargas para o crescimento do país.

Vargas tratou de três importantes questões – petróleo, siderurgia e energia elétrica – porque as entendia como cruciais para o salto de desenvolvimento industrial que viria após a crise internacional e o término das reformas institucionais necessárias ao novo Estado e à sua relação com o mercado. (...) A trajetória dessas três políticas evidencia as virtudes e os constrangimentos do novo governo no enfrentamento das dificuldades para instalar no país um complexo petrolífero, siderúrgico e um parque elétrico, que seria a base sustentadora da era de desenvolvimento que se estendeu até a década de 1980¹⁰.

Muitas vezes o desenvolvimento desses três setores da indústria se complementavam. Setores antes pouco explorados e geralmente pelo capital estrangeiro passaram a ser desenvolvidos também com capital nacional. José Jerônimo de Alencar Alves mostra os esforços envidados pelo governo Vargas no campo da Siderurgia e Mineração:

Com o novo governo, o apoio à grande siderurgia deixou de se restringir ao fornecimento de créditos e favores fiscais, como ocorria antes. Centralizador, uma de suas primeiras medidas foi criar a Comissão Nacional de Siderurgia, composta por civis e militares, com objetivo de estudar e promover a exportação de minérios e construir a grande siderurgia nacional¹¹.

Retomemos a ideia da complementariedade do desenvolvimento dos setores industriais. O exemplo apresentado sobre a siderurgia implicou também no desenvolvimento do setor de energia elétrica, e posteriormente contribuiu para o desenvolvimento da indústria automobilística, juntamente com a indústria petrolífera. Tais transformações além de representar os rumos do desenvolvimento almejados pelo governo Vargas, representam transformações importantes na sociedade brasileira, envolvendo amplos setores que não apenas o industrial. O desenvolvimento da industrialização repercute nos aspectos econômicos e políticos, mas também em setores sociais e na cultura de nossa sociedade em transformação, através da educação, dos esportes e do lazer, dos modos de vida em geral.

¹⁰ LEOPOLDI, Maria Antonieta. **A economia política do primeiro governo Vargas (1930-1945):** a política econômica em tempos de turbulência. IN: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Orgs.). **O Brasil Republicano: o tempo do nacional estatismo.** Vol 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 252.

¹¹ ALVES, José Jerônimo de Alencar. **Projetos dominantes de siderurgia e mineração, símbolos e pilares de modernização e progresso, Brasil (1889-1945).** IN: VARGAS, Milton. **História da técnica e da tecnologia no Brasil.** São Paulo: Editora UNESP/CEETEPS, 1994, p. 268.

As ações implementadas nacionalmente também eram incentivadas no âmbito do governo de Minas Gerais e da prefeitura de Belo Horizonte. Abordaremos neste trabalho diversos políticos e governos que trabalharam em consonância com este processo de desenvolvimento, cabendo citar para o momento a figura de Juscelino Kubistchek. O papel de JK merece destaque por suas ações em prol do desenvolvimento da industrialização no âmbito municipal, estadual e federal. Juscelino ocupou o cargo de prefeito de Belo Horizonte entre 1945 e 1951, preparando a cidade para a grande expansão territorial e econômica da década de 50 e 60. Além disso, foi governador do Estado de Minas Gerais, ampliando os incentivos à indústria mineira e seu papel no desenvolvimento nacional. E finalmente, ocupou a presidência da República, fechando um ciclo de administrações voltadas para o desenvolvimento econômico a partir da industrialização.

Ao chegar à presidência, Juscelino Kubitschek tinha a seu favor o legado do investimento de Vargas na industrialização. O governo JK marca um novo ciclo de investimentos, especialmente através de seu plano de metas, que logrou sucessos no que tange ao desenvolvimento econômico, sendo um dos aspectos que rendeu-lhe o posterior apelido de “os anos dourados”.

O governo JK (1956-1961) foi, de longe, o mais bem sucedido da experiência democrática. A administração Dutra, por exemplo, gozou de estabilidade política, mas, comparada à de JK, foi bem menos expressiva no campo do desenvolvimento econômico. (...) De um ponto de vista panorâmico, o governo JK foi quase uma “proeza”. A partir de um quadro social e político tenso e com interesses bastante divergentes, conciliou o processo democrático e a intensificação do desenvolvimento de tipo capitalista¹².

O desenvolvimento industrial e tecnológico do governo Juscelino representa a continuidade e reafirmação da escolha de um projeto para o país. Malgrado os avanços implementados pelos governos anteriores, o crescimento econômico gerava novas demandas e

¹² MOREIRA, Vânia Maria Losada. **Os anos JK: industrialização e modelo oligárquico de desenvolvimento rural**. IN: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Orgs.). **O Brasil Republicano: o tempo da experiência democrática**. Vol 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 158.

desafios, fazendo com que em 1956, início de seu governo, estivesse desenhado o seguinte quadro nacional:

Três eram as necessidades materiais nacionais que deveriam ser urgentemente resolvidas: energia (elétrica e de combustíveis fósseis); transportes (rodoviário, aéreo e ferroviário) e indústrias de automóveis, que requeriam a ampliação de indústrias de base, principalmente das siderúrgicas. Das três, a última não envolveu pesquisa tecnológica nacional¹³.

O investimento na industrialização brasileira era maciço. Mesmo em ramos de atuação encaminhados majoritariamente por empresas internacionais, como o caso dos automóveis, era necessário o desenvolvimento de atividades industriais complementares, mobilizando outros setores, como foi o caso da siderurgia.

Na década de 1950, devido a implantação nacional do parque automobilístico, as indústrias mecânicas e metalúrgicas fizeram um uso intensivo de fornos elétricos a arco e de indução. Estes eram originalmente importados, mas, em 1957, a indústria nacional iniciou a produção de fornos a arco e, em 1960, a de fornos de indução¹⁴.

Dessa forma, a indústria nacional também se desenvolvia. A construção do parque automobilístico tornou-se uma das grandes empreitadas do plano de metas estabelecido por Juscelino Kubitschek. Em um país onde o automóvel antes representava um artigo de extremo luxo, passa a se configurar um quadro de plena expansão.

No final dos anos 50, estavam implantadas onze montadoras, a Fábrica Nacional de Motores (caminhões pesados e carros), a Ford e a General Motors (caminhões leves e médios), a Internacional Harvester (caminhões médios), a Mercedes-Benz (caminhão médio, caminhão pesado e ônibus), a Scania Vabis (caminhão pesado), a Simca (automóvel), a Toyota (jipe), a Vemag (caminhonete, automóvel e jipe), a Volkswagen (caminhonete e automóvel), a Willis (jipe, caminhonete, e os automóveis Aero-Willis e Dauphine-Renault). Naquele mesmo anos, o de 1960, foram produzidos, por 35 mil empregados, 65 mil caminhões, 25 mil jipes, 20 mil utilitários e 30 mil automóveis¹⁵.

¹³ VARGAS, Milton (Org.). **A tecnologia na Engenharia Civil**. IN: VARGAS, Milton. **História da técnica e da tecnologia no Brasil**. São Paulo: Editora UNESP/CEETEPS, 1994, p. 236.

¹⁴ MAGALHÃES, Gildo. **Energia e tecnologia**. IN: VARGAS, Milton. **História da técnica e da tecnologia no Brasil**. São Paulo: Editora UNESP/CEETEPS, 1994, p. 350.

¹⁵ MELLO, João Manuel Cardoso de, NOVAIS, Fernando A. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. Vol. 4. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

Juscelino “resumia seu governo com as ideias de *movimento, ação e desenvolvimento*”¹⁶, ideias também atreladas aos ideais esportivos. E em seu governo (assim como durante o Governo Vargas), podemos perceber que o esporte continua a ocupar um papel preponderante.

O exemplo do parque automobilístico nos parece marcante, tendo como consequência uma associação entre os brasileiros e a chamada “cultura do automóvel”. Destacamos o próprio automobilismo, enquanto expressão esportiva de uma indústria que se desenvolvia para o transporte de pessoas e mercadorias nas cidades.

Em 1956 há a implantação da indústria automobilística em São Paulo, fortalecendo o estado vizinho. A união dessas indústrias com o Autódromo de Interlagos facilitou a logística de acesso a carros e peças, transformando-o no local ideal para a realização de corridas. A corrida Mil Milhas Brasileiras, com sua primeira edição em 1956, substituiu o Circuito da Gávea como a maior corrida do calendário nacional. Em Interlagos aconteciam diversas provas, a maioria delas longas, como a Mil Milhas, os 500 km de Interlagos, entre outras. Corridas deste tipo já eram comuns nesta época não só no Brasil, mas em outros países. Um exemplo é a lendária 24 Horas de Le Mans, na França, e as 500 Milhas de Indianápolis, nos EUA. Apesar de copiarmos o estilo de corrida internacional, percebe-se que, esse fato ajudou a desenvolver a indústria automobilística nacional, pois quanto mais quilômetros rodados nas pistas, mais peças e carros eram testados e mais rapidamente nossa indústria evoluía¹⁷.

O crescimento do campo esportivo, a presença do automóvel e da televisão, as melhorias na estrutura e o conforto chegam pouco a pouco para a população brasileira. Ações no campo da ciência e da tecnologia, medidas econômicas que obviamente representam também transformações culturais. As transformações econômicas ocasionadas por esse processo obviamente desencadeiam mudanças simbólicas e reorganizações urbanas. A cultura do automóvel, da tecnologia, da eficiência, potência e economia, valores próprios do contexto daquele momento. Nesse mesmo sentido, Cléber Dias nos mostra que o contexto da

¹⁶ MOREIRA, op. cit., p. 157.

¹⁷ ELIAS, Rodrigo Vilela. **Automobilismo na cidade do Rio de Janeiro de 1954 a 1966: Das ruas para o autódromo**. Rio de Janeiro, 2010. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2010. p. 57.

industrialização na cidade do Rio de Janeiro no início da década de 1960 dava o tom das transformações no espaço da cidade e nos costumes e modos de vida da população.

Era como se houvesse – e parecia mesmo haver – uma ambiência propensa ao fascínio diante da novidade, da tecnologia e da modernização. Ainda mais para uma geração recém chegada do interior e que experimentava pela primeira vez a excitação de viver a vida das grandes cidades. Para essas pessoas, “as grandes obras da engenharia urbana se transformam em espetáculo, reúnem público e ganham admiradores”. O espetáculo das cidades, portanto, exercia fascínio e causava perplexidade. Grandes arranha-céus, pontes e túneis, além de outras sofisticadas obras da engenharia, eram oferecidos ao desfrute embevecido de cariocas, que as saudavam como indescritíveis maravilhas. Todas essas reações exprimem o entusiasmo ante a ideia de viver numa cidade “mais moderna” (...) ¹⁸.

O aspecto observado no Rio de Janeiro era também vivenciado em Belo Horizonte. A cidade passou por um grande processo de verticalização de suas construções, especialmente no centro da cidade, entre as décadas de 40 e 60. Junto a isso, a expansão de suas estradas, automóveis, fornecimento de bens de consumo. Tudo fruto de um projeto de industrialização que encontrou na jovem capital um espaço e contexto político propício para sua implementação.

O desenvolvimento econômico de Belo Horizonte, notadamente a partir dos anos 50, está, dessa forma, intimamente relacionado à política econômica implantada no país. A construção de Brasília será também fator preponderante de seu desenvolvimento. A meio caminho da nova-capital e dos dois grandes centros, São Paulo e Rio de Janeiro, Belo Horizonte foi altamente beneficiada com a política de expansão para o Oeste. A instalação de indústrias de bens intermediários se alia a implantação de vias de comunicação, facilitando o suprimento dos mercados de São Paulo e Rio de Janeiro, que por seu dinamismo passam a demandar da indústria mineira, ampliação e diversificação de produtos intermediários ¹⁹.

O processo de industrialização brasileira entre os anos 1950-65 desencadeia em uma série de investimentos em setores diversificados da produção. Tais investimentos estão aliados ao desenvolvimento da ciência e da tecnologia nacional e internacional, e mais que isso, refletem um projeto de desenvolvimento para o país. Belo Horizonte está inserida neste

¹⁸ DIAS, Cléber Augusto Gonçalves. **Urbanidades da natureza: os esportes e a cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 2007. Dissertação (Mestrado em História Comparada) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

¹⁹ FARIA, Maria Auxiliadora de; PLAMBEL. **O processo de desenvolvimento de Belo Horizonte: 1897-1970**. Belo Horizonte: PLAMBEL, 1979. 2v. p. 256.

processo, e nas décadas de 1950 e 1960 se consolida como a terceira capital do país, atrás de Rio de Janeiro e São Paulo.

Os breves apontamentos sobre o quadro de desenvolvimento industrial justificam a escolha deste período como privilegiado para a proposta desse estudo. Indicam também que esse processo desencadeou mudanças em diversas esferas de nossa sociedade. Buscaremos agora direcionar nossas análises, problematizando algumas questões sobre a presença do esporte nesse contexto.

Dos novos materiais aos estádios e ginásios esportivos

Podemos também observar que a utilização da tecnologia aplicada ao esporte permitiu com que novas modalidades surgissem, e mais ainda, modificou técnicas esportivas antes existentes.

O papel da tecnologia é tema recorrente no campo esportivo, presente desde o surgimento do esporte moderno e a organização de suas primeiras disputas. Atualmente, ocupa espaço na mídia e em fóruns específicos, como as federações e confederações esportivas. Talvez um dos fatos mais marcantes dos últimos tempos esteja ligado à natação. Neste esporte, acreditava-se que, devido à absorção de água pelos trajes de banho, quanto menor fosse a vestimenta do nadador melhor seria o seu desempenho. Porém, vimos nos Jogos Olímpicos de Pequim em 2008, e no campeonato mundial da modalidade no ano seguinte, realizado em Roma, atletas totalmente cobertos com uma roupa especialmente desenvolvida para o esporte. Os chamados supermaiôs, são feitos em poliuretano e desenvolvidos com tecnologia espacial. A utilização das roupas contribuiu para a quebra de 43 recordes no campeonato mundial de

2009²⁰, e obrigou a Federação Internacional de Natação Amadora (FINA), limitar o uso dos maiôs à 50% do corpo dos atletas, situação que já pode ser observada nos campeonatos atuais²¹.

Mas os exemplos vão além. Georges Vigarello mostra como as evoluções tecnológicas implementadas nas bicicletas alteraram significativamente a técnica da pedalada²². Em um estudo anterior, mostramos também como o desenvolvimento da indústria de bicicletas, com a produção em grande escala e a utilização de novos materiais permitiu o barateamento e a consequente popularização desse artefato²³.

No caso do atletismo, fibras de vidro e mais recentemente de carbono passaram a ser utilizadas na fabricação de varas de atletismo, substituindo as antigas varas de bambu²⁴, tornando-se mais resistentes, e consequentemente permitindo aos atletas superar alturas cada vez maiores.

A industrialização e a tecnologia também colocam os esportes e o país nos trilhos do desenvolvimento. Podemos estabelecer relações entre a tecnologia e o esporte a partir de algumas questões quanto ao desenvolvimento deste último campo. O surgimento de novos materiais e técnicas, e sua subsequente introdução em nossa sociedade, possibilitou também o desenvolvimento do campo esportivo. A afirmação pode ser exemplificada tomando como exemplo o caso do concreto armado. Milton Vargas nos mostra, além das relações entre o campo da ciência brasileira e a internacional, como a chegada desse material causaria impactos em nossa sociedade, ainda no início dos anos 20:

²⁰ **Mundial de Roma termina com 43 recordes na natação.** ESTADAO.COM.BR. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/esportes,mundial-de-roma-termina-com-43-recordes-na-natacao,412427,0.htm>. Acesso em 30/09/2009.

²¹ FEDÉRATION INTERNATIONALE DE NATATION. Disponível em: <http://www.fina.org>. Acesso em: 30 de setembro de 2011.

²² O autor trata especificamente da invenção do sistema de engrenagens por correntes, que alterou todo a biomecânica da pedalada. VIGARELLO, Georges. **Techniques D'hier... et D'aujourd'hui: une histoire culturelle du sport.** Paris: Revue & Robert Laffont, 1988. p. 17.

²³ SCHETINO, A. M. **Pedalando na Modernidade: a bicicleta e o ciclismo no Rio de Janeiro e em Paris na transição dos séculos XIX-XX.** Rio de Janeiro, 2007. Dissertação (Mestrado em História Comparada) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

²⁴ Que podem ser vistas sendo utilizadas por atletas nas olimpíadas de Berlim, em 1936, no filme “Olympia – a festa da beleza”, de Leny Refensthal

Foram obras construídas por adjudicação governamental a empresas particulares nacionais ou estrangeiras, devendo-se, então, ressaltar o aparecimento das primeiras companhias empreiteiras de construção civil, em moldes industriais, as quais possibilitaram a construção dos primeiros edifícios altos do Rio de Janeiro e de São Paulo, com capacitação tecnológica inteiramente nacional. São também dessa época as primeiras pontes rodoviárias e viadutos de concreto armado²⁵.

A tecnologia do concreto armado que chegava ao Brasil contribuiu para o desenvolvimento econômico em setores variados, como moradia, transportes, e inclusive esporte e lazer, como nos mostra o autor:

Em 1922, instalou-se no Rio de Janeiro uma sucursal da grande empresa dinamarquesa Christianni-Nielsen, cuja principal atividade era na área de obras portuárias, mas que bateu um recorde mundial de vão livre, construindo a marquise do Jockey Club do Rio de Janeiro, projetada por engenheiros brasileiros e que evidentemente necessitava de conhecimentos de aplicações avançadas de matemática.²⁶

Em Belo Horizonte, os edifícios de apartamentos entre 3 e 5 andares proliferaram pela cidade entre as décadas de 1950 e 1960. Da mesma forma e no mesmo período, a tecnologia do concreto armado também permitiu o surgimento de inúmeros arranha-céus na região central da cidade, como veremos de forma aprofundada no primeiro capítulo deste trabalho. No campo esportivo, o Estádio do Independência e o Mineirão – inaugurados em 1950 e 1965 respectivamente – utilizam a tecnologia do concreto armado e são até hoje os principais palcos esportivos da capital mineira.

Fenômeno moderno, obviamente o esporte compartilha os valores e o contexto de seu tempo. Relações estreitas com a ciência, a tecnologia, a busca pelos grandes feitos, pelo recorde. Surgiam os gigantes de concreto. Por todo o Brasil, estádios e ginásios eram construídos utilizando o concreto armado. A medida da grandiosidade refletia nas multidões que afluíam aos espetáculos esportivos. Estádios como o Maracanã no Rio de Janeiro, e o Mineirão, em

²⁵ VARGAS, Milton (Org.). **Introdução**. IN: VARGAS, Milton. **História da técnica e da tecnologia no Brasil**. São Paulo: Editora UNESP/CEETEPS, 1994, p. 22.

²⁶ VARGAS, Milton (Org.). **A tecnologia na Engenharia Civil**. IN: VARGAS, Milton. **História da técnica e da tecnologia no Brasil**. São Paulo: Editora UNESP/CEETEPS, 1994, p. 227.

Belo Horizonte, recebiam com frequência públicos superiores aos 100 mil espectadores para as partidas de futebol.

Era o desenvolvimento do campo esportivo na industrialização brasileira. Os novos estádios e ginásios alcançavam novos padrões de construção, aumentando sua capacidade de acomodação e melhorando também os padrões de conforto e facilidades aos frequentadores.

Os exemplos acima descritos se constituem como aproximações feitas a partir de investigações preliminares sobre os esportes e a cidade de Belo Horizonte entre 1950 e 1965, e fazem emergir algumas questões importantes para a configuração desse estudo. Quais as relações estabelecidas entre a tecnologia e as cidades na manifestação de sua cultura esportiva? Como perceber essas representações a partir da construção dos estádios esportivos? De que forma a construção desses espaços influenciou nos costumes e nos modos de vida da população?

Acreditamos que, para tentar responder às questões levantadas, investigar o período compreendido entre 1950 e 1965 se constitui num caminho viável. A escolha do período se deu a partir das datas de inauguração dos maiores e mais importantes estádios de Belo Horizonte. O período entre a inauguração do Independência (1950) e do Mineirão (1965) é marcado por grandes transformações em Belo Horizonte que vão consolidar a capital de Minas Gerais como a terceira do país.

Além disso, o período também é relevante para o desenvolvimento da industrialização brasileira, podendo então ser fértil para investigações acerca das relações entre esporte e tecnologia. Durante esse período, fábricas de materiais e produtos ligados ao esporte chegam ao país²⁷. Tal apontamento merece destaque, pois pode evidenciar não só o desenvolvimento

²⁷ A chegada das fábricas estrangeiras ou abertura de empresas brasileiras é particularmente percebida no caso das bicicletas e do ciclismo. Cabe investigar também como isso ocorreu em outros esportes, levando também em consideração a possibilidade de licença para produção de produtos estrangeiros no Brasil. Em 1948, por exemplo, a fábrica brasileira Caloi e a sueca Monark começam a produzir em São Paulo as primeiras bicicletas em território nacional. PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. **Ciclovias cariocas**. Rio de Janeiro: Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos, 2005. p. 143.

do campo esportivo no país, como também a participação (mesmo que mínima, em termos econômicos) do esporte nos números do comércio de bens e serviços.

Destacamos mais uma vez as provocações de Pierre Bourdieu, que instiga a investigação deste quadro:

Acho que deveríamos nos perguntar primeiro sobre as condições históricas e sociais da possibilidade deste fenômeno social que aceitamos muito facilmente como algo óbvio, o "esporte moderno". Isto é sobre as condições sociais que tornam possível a constituição do sistema de instituições e de agentes diretamente ou indiretamente ligados à existência de práticas e de consumos esportivos, desde os agrupamentos "esportivos", públicos ou privados, que têm como função assegurar a representação e a defesa dos interesses dos praticantes de um esporte determinado e, ao mesmo tempo, elaborar e aplicar as normas que regem estas práticas, até os produtores e vendedores de bens (equipamentos, instrumentos, vestimentas especiais, etc.) e de serviços necessários à prática do esporte (professores, instrutores, treinadores, médicos especialistas, jornalistas esportivos, etc.) e produtores e vendedores de espetáculos esportivos e de bens associados (malhas, fotos dos campeões ou loterias esportivas, por exemplo)²⁸.

Alguns dos exemplos apresentados nessa introdução mostram como a constituição do campo esportivo e a formação de uma cultura esportiva são importantes para o estudo das culturas urbanas. O esporte acompanha a cidade em seu processo de radicalização dessas relações, como podemos perceber em alguns exemplos atuais.

Candidato derrotado na disputa para sediar a Copa do Mundo de Futebol de 2022, o Japão prometeu à Federação Internacional de Futebol Amador (FIFA) a transmissão dos jogos em tempo real para estádios do mundo inteiro via hologramas²⁹. Ainda no campo da tecnologia, videogames com sensores de movimento³⁰ e conectados via internet reproduzem os movimentos das modalidades esportivas e colocam jogadores de diferentes localidades em competição.

Outro exemplo está nos modos – ou na moda – de se vestir. A chamada “sport wear” veste habitantes da cidade com roupas desenvolvidas para a alta performance esportiva. Porém,

²⁸ BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1983. p. 137.

²⁹ LANCENET. **Tecnologia é trunfo japonês para levar a Copa de 2022**. Disponível em: http://www.lancenet.com.br/minuto/Tecnologia-trunfo-japones-levar-Copa_0_382161889.html. Acesso em 15/01/2011.

³⁰ Como o Nintendo Wii e o Xbox com Kinect, que dispensa o uso de joysticks.

muitas dessas pessoas nunca foram praticantes de nenhuma modalidade. É comum encontrarmos lojas de surf em cidades do interior do Brasil, lojas de esportes de inverno em Búzios, no Rio de Janeiro; roupas para skatistas, camisas esportivas de tecidos sintéticos que evaporam o suor rapidamente, tênis impermeáveis para trekking, mochilas de montanhismo e uma infinidade de outros artigos para o desempenho esportivo. Todos eles sendo utilizados não somente para a prática esportiva, mas em grande medida para ir ao trabalho, à escola, no dia a dia das grandes cidades.

Para que os aparatos tecnológicos do esporte passem a fazer parte do cotidiano das pessoas, uma série de valores são destacados pela indústria que produz esses equipamentos, como o conforto e o desempenho (esportivos) que nem sempre precisam ser transferidos para o dia a dia das pessoas³¹. Mas as relações entre a cultura esportiva e a cultura urbana vão ainda mais além.

A violência das torcidas organizadas de futebol dita a alguns moradores das cidades cores de roupas permitidas ou proibidas em alguns eventos³². Jogos de futebol e eventos esportivos alteram o trânsito da cidade e de alguns de seus bairros, são fatores decisivos na escolha do trajeto de alguns moradores, e na decisão de sair ou ficar em casa.

A cultura esportiva desenvolve também um forte viés econômico e governamental, a partir dos projetos dos chamados megaeventos esportivos. Nesses projetos o discurso técnico aflora e exacerba a ideia de legitimidade para tomada de decisões, a partir do discurso sobre o “legado” que esses eventos trariam às cidades realizadoras. No que tange aos estádios, agora os mesmos são denominados “arenas” multiuso, congregando centros de convenções, shopping centers, museus, espaços para shows, transformando mais uma vez a experiência de se

³¹ Muitas pessoas, por exemplo, não se submetem às exigências físicas de uma corrida, mas utilizam camisas que evaporam o suor próprias para a atividade por questões estéticas ou de conforto. Da mesma forma, a indústria automobilística, que lança linhas de carros sob o rótulo de “adventure”: carros equipados com acessórios para estradas de terra e trilhas off-road, mas que serão utilizados apenas no asfalto das cidades.

³² Em Porto Alegre, por exemplo, a cor azul é proibida no estádio do clube de futebol Internacional, bem como o vermelho (cor do Inter) é proibido no estádio de Grêmio de Futebol Porto Alegrense.

acompanhar um espetáculo esportivo. Os serviços agregados e o valor comercial tendem a afastar as camadas populares de uma de suas mais tradicionais diversões, uma vez que os espetáculos esportivos tiveram um valor econômico agregado ao mesmo. À medida que o estádio tenta extirpar a violência – nem sempre logrando sucesso – e se torna o espaço da “família”, esse processo seleciona por critérios sociais e econômicos qual o tipo ou quais as famílias agora frequentam os estádios esportivos.

Os apontamentos levantados até o momento apresentam nosso tema de pesquisa e demonstram sua relevância e atualidade. Para prosseguirmos com o aprofundamento das discussões, precisamos primeiro apresentar algumas construções teórico metodológicas que serviram como base em nossa investigação.

O caminho da pesquisa: justificativa, escolhas e abordagens teórico-metodológicas

Os argumentos e discussões apresentados nesta introdução foram a base para definição do tema e de seu recorte temporal. Além disso, foi necessário também efetuar algumas escolhas do ponto de vista teórico e metodológico, que explicitam algumas de nossas opções de abordagem sobre determinados conceitos.

Ao longo deste trabalho utilizamos de forma corrente os termos **campo esportivo** e **cultura esportiva**. O primeiro, diz respeito ao conceito apresentado por Pierre Bourdieu, que diz que

(...) o sistema de instituições e de agentes vinculados ao esporte tende a funcionar como um campo (...) de práticas específicas que é dotado de suas lutas próprias, suas regras próprias, e onde se engendra e se investe toda uma cultura ou uma competência específica (...) ³³.

³³ BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1983. p. 137.

Portanto, ao longo do texto utilizamos o termo “campo esportivo” quando estamos nos referindo a esse sistema dos clubes, estádios, federações, confederações, bem como sua organização em campeonatos, torneios etc.

Já o termo **cultura esportiva** é utilizado neste trabalho quando nos referimos *aos costumes e modos de vida ligados ao esporte, ao conjunto das produções e significações que os habitantes das cidades conferem aos elementos constitutivos do campo esportivo*. Por entendermos que a cultura esportiva é uma das muitas culturas urbanas, seu conceito está intimamente ligado à experiência da cidade. Fazem parte da cultura esportiva o ato de ir a o estádio, de se vestir com roupas esportivas, de comprar ingressos nas bilheterias dos estádios e ginásio ou com cambistas, de assistir programas esportivos, etc.

Sobre o esporte como objeto da história, cabe ressaltar o crescimento de estudos do gênero, podendo falar inclusive sobre seu processo de consolidação enquanto sub área de estudos no Brasil. Victor Melo identifica alguns elementos que reforçam essa afirmação, tais como a abertura de espaços constantes para a discussão em eventos científicos; o incentivo à publicação em periódicos nacionais, e o aumento do número de grupos de pesquisa³⁴. Este estudo prossegue nesse caminho, buscando contribuir para o crescimento e consolidação do campo de estudos sobre a história do esporte a partir da proposição de uma nova possibilidade de investigação.

Vale também chamar atenção para as contribuições de outros olhares acerca de um mesmo objeto. Assim, estudar os esportes a partir da construção dos estádios e ginásios, da exaltação de uma cultura esportiva, tem como relevante a contribuição de um outro olhar sobre

³⁴ MELO, Victor Andrade de. **Por uma história comparada do esporte**: possibilidades, potencialidades e limites. IN: MELO, Victor Andrade de (Org.). **História Comparada do Esporte**. Rio de Janeiro: Shape, 2007. Podemos complementar a afirmação do autor citando, no contexto da UFMG, a realização de GTs sobre história do esporte e das práticas corporais no último Encontro Regional da Anpuh-MG, em 2008, e no Encontro da Associação Brasileira de História Oral realizado no mês de outubro deste ano.

as cidades e a cultura urbana. Da mesma forma, é recíproca a contribuição dos estudos sobre culturas urbanas e a sua influência em diversos aspectos da cultura esportiva.

Em um contexto onde o debate contemporâneo acerca de temas como as transformações nas cidades que recebem os chamados megaeventos esportivos, a tecnologia nos esportes e na sociedade, bem como modernização e construção de estádios e ginásios esportivos se encontram latentes, torna-se relevante desenvolver uma pesquisa sobre o tema. Acreditamos que a realização desse estudo sobre as relações entre cultura urbana e cultura esportiva a partir de um olhar sobre os estádios e ginásios esportivos entre os anos 1940-1965 pode contribuir para ampliar a compreensão sobre campo esportivo no Brasil, bem como para as investigações sobre as cidades.

Sendo assim, esse trabalho tem como objetivo investigar as relações entre cultura esportiva e cultura urbana em Belo Horizonte, tendo como objeto de pesquisa a construção dos estádios do Independência (1950) e Mineirão (1965). A partir desse objetivo geral, desdobram-se outros específicos, a saber:

- a) Investigar as transformações nos costumes e modos de vida da população a partir do eixo do esporte;
- b) Buscar captar através do contato com as fontes, a conformação de uma cultura esportiva como parte de uma cultura urbana na cidade de Belo Horizonte;
- c) Buscar captar as relações entre o processo de industrialização e a prática esportiva nas cidades;
- d) Investigar como a tecnologia se relacionou com a cultura esportiva, a partir do surgimento de novos materiais, meios de comunicação e equipamentos esportivos.

Contribuíram para a construção do quadro teórico desta pesquisa estudos nas áreas de história e historiografia, esporte, cidades, entre outros. Nos deteremos inicialmente sobre os estudos sobre o esporte, destacando os trabalhos de Pierre Bourdieu, especialmente por suas

contribuições para a constituição do esporte como um objeto de estudos e do conceito de campo esportivo, base importante para esse trabalho.

Bourdieu aponta para o conceito de campo esportivo inclusive como fator chave para o trabalho do historiador, como fez em um texto para a conferência da International Association for the History of Physical Education and Sport (HISPA), em 1978

(...) a história do desporto é uma história relativamente autônoma que, ainda quando é escandida pelos grandes acontecimentos da história econômica e política, tem o seu próprio ritmo, as suas próprias leis de evolução, as suas próprias crises, em suma a sua cronologia específica³⁵.

Nesse mesmo sentido, as relações entre a história e o esporte no âmbito acadêmico desencadearam em um novo campo de estudos, notadamente, o da história do esporte e das práticas corporais institucionalizadas. Como ressalta Victor Melo

o que tenho chamado de “história das práticas corporais institucionalizadas” abarcaria, em um mesmo campo de investigação, sem excluir outras possibilidades de diálogos, práticas sociais como o esporte, a capoeira, a dança, a ginástica, as relativamente recentes práticas físicas “alternativas” (antiginástica, eutonia, etc.), a Educação Física (entendida enquanto uma disciplina escolar e como uma área de conhecimento), as práticas específicas de períodos anteriores à Era Moderna (da Antiguidade e da Idade Média), entre outras³⁶.

O autor destaca ainda as relações estabelecidas entre os estudos da história do esporte e outras ciências sociais, especialmente a sociologia, percebidas a partir das contribuições de Bourdieu, Norbert Elias e Eric Dunning, por exemplo.

As relações entre a história e outras ciências sociais nos levam a outras opções teórico-metodológicas. Sob o ponto de vista historiográfico, optamos pelo diálogo com a história cultural, acreditando que através dela possamos levantar e analisar as relações entre a cultura esportiva e a cultura urbana nas cidades brasileiras, a partir da construção dos estádios e ginásios.

³⁵ BOURDIEU, Op. cit., 137.

³⁶ MELO, Victor Andrade de. **É possível (e válido) pensar em uma história do(s) conceito (s) esporte (sport, desporto)? Apontamentos iniciais.** No prelo.

Para o presente trabalho – inserido na linha de pesquisa *História Social da Cultura*, deste Programa de Pós Graduação – uma abordagem historiográfica baseada nos diálogos com a história social e cultural certamente se faz necessária. Afinal, tanto o esporte se constituiu como um fenômeno moderno marcante em nossa cultura, como também podemos dizer que a tecnologia é cultura, a expressão das produções e significações humanas em suas relações com a ciência e os meios de produção. Como destaca Lynn Hunt:

Nos últimos anos, contudo, os próprios modelos de explicação que contribuíram de forma mais significativa para a ascensão da história social passaram por uma importante mudança de ênfase, a partir do interesse cada vez maior, tanto dos marxistas quanto dos adeptos dos Annales, pela história da cultura³⁷.

Dessa forma, a autora nos mostra como a história cultural também nos permite permanecer em um espaço de diálogos com outras áreas de conhecimento.

Assim como os historiadores não precisam escolher entre sociologia e antropologia, ou entre antropologia e teoria da literatura para conduzir suas pesquisas, também não precisam fazer uma escolha definitiva entre as estratégias interpretativas baseadas no desvelamento do significado, por um lado, e as estratégias desconstrutivas baseadas no desvelamento dos modos de produção do texto, por outro³⁸.

A afirmação nos ilumina acerca do percurso aqui construído, onde pretendemos buscar relações com áreas do conhecimento que nos possibilitem o alcance dos objetivos da pesquisa. Os estudos de história do esporte têm sido encaminhados a partir de contribuições diversas. Apesar de um diálogo mais profícuo com a sociologia, outros campos como a sociologia e os estudos culturais têm também participado neste processo.

Finalmente, mais especificamente para o contexto deste trabalho, estudos que caracterizam o processo de industrialização no Brasil, como o de Sônia Draibe³⁹ nos fornece um direcionamento para o período proposto nesta pesquisa. No que tange à história da técnica

³⁷ HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 5.

³⁸ HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 21.

³⁹ DRAIBE, Sônia. **Rumos e Metamorfoses: um estudo sobre a constituição do Estado e as alternativas da industrialização no Brasil, 1930-1960**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

e da tecnologia no Brasil, temos como ponto de partida as contribuições de Milton Vargas, e de um grupo de professores que se dedica ao estudo do tema⁴⁰.

Investigar as relações entre esporte e tecnologia a partir da construção dos estádios nos permitiu fazer também algumas escolhas que dizem respeito à metodologia de trabalho com as fontes que contribuíram com esta pesquisa. Essa escolha teve como base dar conta das relações com os elementos centrais desse trabalho – cultura esportiva e cultura urbana – além de afirmar algumas abordagens teórico-metodológicas relacionadas aos objetivos propostos.

Detalhamos agora nossa escolha – já apresentada nessa introdução – dos estádios do Independência e do Mineirão, que consideramos importantes e cujas datas de inauguração compõem o recorte temporal deste trabalho⁴¹.

O Estádio do Independência foi construído por ocasião da realização da Copa do Mundo de Futebol de 1950 no Brasil. Localizado no bairro do Horto, era de propriedade do clube Sete de Setembro, presidido em 1950 por Antônio Lunardi, também vereador e presidente da Câmara Municipal de Belo Horizonte. Possuía capacidade para 30 mil pessoas e recebeu o nome oficial de Raimundo Sampaio, em homenagem a um ex-presidente do clube. Em 1997 o América Futebol Clube – que já explorava o estádio em sistema de comodato desde 1989 – a incorpora o Sete de Setembro, passando a ser o dono do Independência. No ano de 2012 o estádio passou por uma grande reforma, recebendo cadeiras e sendo ajustado aos novos padrões comerciais ditados pelas grandes organizações do futebol. Atualmente, sua capacidade é de 25 mil espectadores⁴².

⁴⁰ VARGAS, Milton (Org.). **História da técnica e da tecnologia no Brasil**. São Paulo: Editora UNESP/CEETEPS, 1994.

⁴¹ Ao longo deste trabalho apresentamos também algumas fontes de um período pouco anterior ao ano de 1950, com o intuito de melhor contextualizar o período proposto. Para contextualizar a ciclo de desenvolvimento econômico experimentado por Belo Horizonte nas décadas de 1950 e 1960, por exemplo, trazemos algumas investigações sobre a administração municipal de Juscelino Kubitschek (1945-1951).

⁴² Site Oficial do América Futebol Clube. Disponível em: <http://www.americamineiro.com.br/clube/patrimonio>. Acesso em 25 de maio de 2014.

Completa nossa lista o Estádio Governador Magalhães Pinto, conhecido popularmente como Mineirão, em Belo Horizonte⁴³. Seu projeto de construção data do ano de 1959, mas dificuldades financeiras fizeram com que o estádio fosse inaugurado no ano de 1965. Era oficialmente chamado de “Estádio Minas Gerais” até o ano de 1966, quando recebeu o nome do governante responsável pela conclusão e inauguração da obra. Localizado no bairro da Pampulha, tinha capacidade para 130 mil espectadores, sendo considerado à época o segundo maior estádio coberto do mundo, atrás apenas do Maracanã, no Rio de Janeiro. Assim como o Independência, o estádio também passou por uma grande reforma. Com a modernização, o estádio teve a sua capacidade reduzida para 62.160 espectadores⁴⁴.

Os estádios foram construídos em um intervalo relativamente curto – apenas 15 anos – e marcam um importante momento de consolidação de Belo Horizonte no cenário nacional. Nesse período de tempo, a população da cidade passa de 338.585 para 812.000⁴⁵ habitantes; O crescimento populacional é também espacial, e ocorre a conurbação de Belo Horizonte com as cidades vizinhas como Sabará e Contagem. Nessa última, o desenvolvimento da Cidade Industrial faz aumentar sobremaneira o papel da indústria no desenvolvimento econômico e geração de empregos da capital. Setores como a construção civil, saneamento, transportes, comércio e serviços se desenvolvem, fazendo com que Belo Horizonte integrasse um lugar de destaque no cenário nacional. A cidade é um local privilegiado para investigações acerca tanto dos elementos constitutivos do poder como da vida cultural da população que vivenciava os avanços da tecnologia e da industrialização.

Nos ocuparemos, portanto, de compreensões sobre as relações entre o esporte e a cultura urbana, a partir da construção dos estádios nesta cidade. Acreditando ser esse o melhor caminho

⁴³ Ao longo do trabalho, mais especialmente ao nos dedicarmos à Copa do Mundo de 1950, apresentamos também fontes referentes ao Estádio do Independência. O estádio foi inaugurado às vésperas da competição, e pertencia ao time do Sete de Setembro.

⁴⁴ Site oficial da Minas Arena, empresa que administra o estádio. Disponível em: <http://www.minasarena.com.br/faq/>. Acesso em 25 de maio de 2014.

⁴⁵ PATARRA, 2004, p. 262.

para o alcance dos objetivos propostos, optamos então por centrar nossas investigações em alguns jornais e revistas, detalhados abaixo:

a) O jornal **Estado de Minas** foi o principal jornal escolhido para a coleta de informações acerca do tema deste trabalho. O jornal foi fundado em 1928, e a partir de 1929, pertencente ao grupo *Diários Associados*. Constituiu-se como o maior jornal de Minas Gerais.

b) A **Revista Alterosa** foi editada entre 1939 a 1964. Apesar de não possuir uma coluna específica sobre esportes até a década de 60, o mesmo esteve presente em quase todos os seus números seja através de anúncios ou em matérias ligadas a saúde, moda, comportamento e colunas sociais. A publicação foi disponibilizada digitalmente na internet pelo Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte.

c) Utilizamos ainda, de forma complementar e pontual, informações advindas do jornal **Diário da Tarde** – de Belo Horizonte –, do **Jornal do Brasil** e da **Revista O Cruzeiro** – os dois últimos do Rio de Janeiro. No Diário da Tarde buscamos pontualmente informações sobre os jogos da Copa do Mundo de Futebol de 1950 em Belo Horizonte, suprimindo uma lacuna de exemplares do Estado de Minas na Biblioteca Nacional. Já no Jornal do Brasil e na Revista O Cruzeiro, buscamos informações complementares que nos auxiliaram a estabelecer as relações entre o desenvolvimento da cultura esportiva de Belo Horizonte com o quadro nacional. Essa opção se fez necessária especialmente para o período da Copa do Mundo, realizada em mais 5 cidades além de Belo Horizonte, e também ao abordarmos o Estádio do Mineirão, que constantemente era comparado nas reportagens dos jornais mineiros com o estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro.

Nosso contato com as fontes nos levou à seguinte linha de investigação: Nos jornais, nos dedicamos especialmente aos fatos ligados à construção e inauguração destes estádios, buscando o diálogo com aspectos que se mostraram relevantes, referentes ao esporte, a tecnologia, e às transformações nos costumes e modos de vida da população advindos desses

acontecimentos. Em menor medida, também nos dedicamos também notícias sobre a cultura esportiva de maneira geral.

Já nas revistas fizemos uma abordagem mais ampla, pesquisando a cultura urbana e esportiva de maneira geral (e não somente ligada aos estádios e ginásios) entre os anos de 1950 a 1965. Acreditamos que dessa forma conseguimos apresentar um panorama da cultura urbana em suas relações com a cultura esportiva na cidade.

Esse trabalho encontra-se dividido em quatro capítulos. No primeiro, fazemos uma breve contextualização da cidade de Belo Horizonte. Trazendo alguns apontamentos sobre a sua inauguração e anos iniciais, nos detemos mais aprofundada no período entre 1950 e 1965, foco deste estudo. Trazemos aspectos relativos à política, economia, os avanços tecnológicos e ao contexto histórico de maneira geral, que servirão de base para conhecermos essa Belo Horizonte em suas relações com os esportes.

O segundo capítulo é dedicado à cultura esportiva como cultura urbana. Nele mostramos como o desenvolvimento do esporte em Belo Horizonte transforma os costumes e modos de vida de seus habitantes, fazendo surgir um estilo de vida pautado pelos valores do fenômeno esportivo.

No terceiro capítulo entram em cena os estádios. Sua construção e inauguração, transformando-os em espaços privilegiados da manifestação da cultura esportiva. Nesse momento destacamos alguns aspectos políticos que envolveram o contexto da sua construção, e abordamos também outros pontos: o discurso sobre a ciência e a tecnologia envolvidas em sua construção, suas relações com o espaço da cidade e com a industrialização pesada a partir da ideia das grandes obras.

Ainda sob a ótica dos estádios, no quarto capítulo buscamos dar voz às multidões: os trabalhadores que participaram da construção dos estádios, atletas que foram consagrados nesses espaços e as multidões de torcedores que afluíam a esses gigantes de concreto. Nesse

sentido, destacamos também dois grandes momentos desses estádios: a Copa do Mundo de Futebol de 1950 – que marca a inauguração do estádio do Independência – e os jogos e festejos de inauguração do Mineirão, em 1965.

Ao final desse trabalho apresentamos nossas considerações finais acerca das relações entre a cultura esportiva e a cultura urbana de Belo Horizonte, estabelecidas entre 1950 e 1965 e tendo como marco a construção dos seus dois grandes estádios esportivos.

Capítulo 1 – A moderna capital: Belo Horizonte entre as décadas de 1950-60

Ao optarmos por fazer uma investigação sobre a cultura esportiva e suas relações com a cultura urbana, estamos também traçando um horizonte de abordagens e escolhas para a pesquisa. Este capítulo é fruto dessa escolha. Conhecer Belo Horizonte no período estudado é necessário, e nos ajudará a compreender melhor as relações da cultura esportiva com a cultura urbana na cidade.

Tentar abarcar toda a complexidade de fatores – sociais, culturais, políticos, econômicos... – da cidade seria uma tarefa provavelmente pretensiosa, quiçá desnecessária. Consideramos ser mais interessante, portanto, abordar alguns temas e eixos de análise que acreditamos ser importantes para a construção de uma ambiência. A partir de alguns apontamentos, apresentaremos ao longo deste capítulo um panorama da cidade de Belo Horizonte nas décadas de 1950 e 1960, e dessa forma entendermos um pouco do contexto sob o qual a cultura esportiva se relacionará com essas cidades e seus habitantes.

Inicialmente nos dedicamos a uma breve apresentação da cidade: sua inauguração e os anos iniciais, até se consolidar como 3ª capital do país. Nesse sentido, centraremos análises mais detalhadas sobre sua economia e política nas décadas de 1950 e 1960. Com isso mostraremos a base na qual se desenvolveram muitas das ações apresentadas nesta tese. As relações do desenvolvimento de determinadas práticas culturais, as escolhas de projetos de desenvolvimento para a cidade estão também relacionadas ao seu momento político e suas possibilidades econômicas.

Posteriormente, nos dedicamos às grandes construções da capital mineira – das quais os estádios também fazem parte, mas comporão um capítulo à parte. Partimos do entendimento de que um estádio, monumentos, grandes edifícios, bairros, etc. não são construções em si mesmas. Apesar de sobreviverem e se modificarem ao longo dos anos, tem sua data de nascimento – ou

inauguração – localizada. Fazem parte de uma cidade, produzem sentidos e significados não somente para seus frequentadores, mas sim, para todos que nela habitam. Veremos o surgimento dos arranha-céus e das grandes obras possibilitadas pelos avanços da engenharia, e respaldadas pelos investimentos econômicos advindos do projeto de industrialização pesada para o país.

A tecnologia que possibilitou as grandes construções continua como uma das protagonistas desse capítulo, quando passamos a nos dedicar à alguns costumes e modos de vida dos habitantes de Belo Horizonte. Os novos eletrodomésticos, as relações com o trabalho e com o lazer fecham esse capítulo e apontam para a vivência dos esportes nesse contexto.

Essas análises corroboram com o recorte temporal escolhido para este trabalho, mostrando que a construção de grandes estádios como o Independência e o Mineirão se fizeram possíveis em 50 e 65 respectivamente, devido a condições diversas – econômicas, estruturais, políticas e do próprio campo esportivo. Dessa forma, a cultura urbana e a cultura esportiva de Belo Horizonte entre 50 e 65 estão contextualizadas neste trabalho. Vale lembrar que em 1950, a capital mineira ainda era uma jovem cidade, com apenas 53 anos de vida. Cabe portanto compreender, em linhas gerais, um pouco do seu contexto de fundação e anos iniciais.

A cidade de Belo Horizonte foi uma das primeiras capitais planejadas do país. Inaugurada em 1897, foi concebida a partir dos ideais republicanos e progressistas. Seu traçado esquadrinhado, planejado para substituir a então capital Ouro Preto, de traços coloniais. Tito Flávio Rodrigues de Aguiar afirma que a construção da nova capital – chamada entre 1897 e 1900 de *Cidade de Minas* – fazia parte de todo um plano de ações para o Estado. A partir dos objetivos de melhorar a circulação e trocas comerciais com parceiros americanos e europeus, colocando Minas Gerais na rota do comércio, a construção de uma nova capital cumpriria parte desse novo papel.

(...) a construção da nova cidade capital, que anunciava a modernização em bases urbanas, através da industrialização e da urbanização e por meio de um plano de cidade, elaborado em

1895 por Aarão Reis, trabalho de engenharia, desenvolvido em bases que se pretendiam científicas e rigorosamente técnicas⁴⁶.

Contudo, os primeiros anos da capital foram de transição da estrutura de Ouro Preto para a nova cidade, bem como de dificuldades financeiras. Tal fato poderia ser de certa forma esperado, uma vez que um projeto tão grandioso levasse algum tempo para sua implementação. Era necessário dinheiro para as transformações estruturais das quais a cidade também necessitava. Após alguns anos de dificuldades, a cidade finalmente começaria a experimentar o projeto de industrialização pensado desde o seu planejamento e inauguração.

Os anos JK: construindo uma outra cidade

A partir da leitura de diversos autores que se dedicaram ao estudo da história de Belo Horizonte, pudemos perceber entre os mesmos algumas concordâncias. A primeira delas é sobre o papel da administração municipal de Juscelino Kubitschek (entre 1940 e 1945) no processo de industrialização de Belo Horizonte. Autores como Marcelo Cedro e Samantha Moreira destacam esse processo, mostrando que os “anos JK” podem ser compreendidos como um período de início de investimentos, e que Belo Horizonte viria experimentar as consequências desse projeto de forma intensa a partir da década de 1950.

Como ressaltado na introdução deste trabalho, a figura de Juscelino Kubitschek foi de extrema importância para o processo de industrialização de Belo Horizonte. Primeiramente por implementar ao longo de toda a sua carreira política ações voltadas para o desenvolvimento econômico e industrial. E além disso, por ter passado não só pela prefeitura de Belo Horizonte,

⁴⁶ AGUIAR. Tito Flávio Rodrigues de. **Vastos subúrbios da nova capital: formação do espaço urbano na primeira periferia de Belo Horizonte**. Belo Horizonte, 2006. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006. p. 32.

mas também pelo governo do Estado, onde muitas de suas ações beneficiaram diretamente a capital mineira e as cidades da região metropolitana.

Mas este não era o quadro inicial encontrado por JK quando de sua chegada à prefeitura de Belo Horizonte. Desde a fundação da cidade até o final da década de 30, o modelo econômico estava centrado na exportação de produtos agrícolas.

Pensar os rumos da economia belo Horizontina a partir dos fins dos anos 30 e, principalmente, no pós-guerra, é supor a ruptura com a estrutura anterior; é entender as modificações verificadas com a industrialização e os consequentes desafios colocados ao comércio. Na década de 30, torna-se explícita a fragilidade de uma economia eminentemente agroexportadora. Impulsionada pelas relações com o café, pelos choques externos e, posteriormente, pela iniciativa estatal, a indústria segue seu curso, consolidando a tendência vigente nos países centrais quanto à urbanização e à perda de importância das atividades primárias⁴⁷

JK foi prefeito de Belo Horizonte de 1940 a 1945, com um projeto desenvolvimentista baseado no investimento em industrialização pesada, tendo como base as áreas de energia e transportes. Posteriormente, Juscelino deu continuidade a este projeto tanto no governo estadual (1951 a 1955) quanto na presidência da república (1956 a 1961).

O projeto de industrialização que JK implementou em Belo Horizonte ajudou a direcionar os rumos do crescimento da cidade. Os investimentos mais maciços foram na área de siderurgia, e atraíram uma série de outros serviços complementares, como a instalação de novas indústrias e o desenvolvimento do comércio.

A expansão da siderurgia mineira estimulará o desenvolvimento, em Belo Horizonte, das funções de centro supridor de produtos de consumo, de entreposto comercial e de centro financeiro. A ênfase dada à industrialização fez com que Belo Horizonte, nos anos 40, se lançasse no enalço de medidas que tornassem possível a instalação de novas indústrias no seu município. Em 19 de junho de 1941, inaugura-se em Contagem, na periferia de Belo Horizonte, a “cidade industrial” – marco importante e divisor de águas no desenvolvimento da Capital –, que se torna, então, o eixo da economia mineira, passando a oferecer um complexo de serviços⁴⁸.

⁴⁷ FECOMERCIO. **Belo Horizonte & o comércio**: 100 anos de história. Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais: Belo Horizonte, 1997. p. 195.

⁴⁸ Idem, p. 81.

Mas as ações do governo de Juscelino não pararam por aí. Além das indústrias, o prefeito abriu avenidas, construiu bairros e investiu em infraestrutura. Os relatórios da Prefeitura de Belo Horizonte do ano de 1942 mostram números impressionantes, como 8.380 metros de redes de esgoto particulares construídas⁴⁹ e 20.003 novas redes de saneamento na cidade⁵⁰. E as obras continuavam:

Terraplanagem e saneamento: suportes para uma cidade moderna. Assim como ocorreu nas obras de calçamento, também houve um recorde nos serviços de terraplanagem. A terraplanagem, aliás, era exigência quase natural da topografia da cidade, na qual existiam muitas depressões e córregos. Em Belo Horizonte, até o ano de 1937, houve remoção de 1.023.548 m³ de terra. O ano de 1940 atingiu, só ele, a marca de 671.837.580 m³ de terra removida. Marca tão grande foi consequência, principalmente, dos serviços realizados na construção da Avenida Pampulha (atual Otacílio Negrão de Lima); no prolongamento da Avenida Amazonas, na qual existia uma grande depressão; na abertura de novas avenidas como Francisco de Sá, Teresa Cristina e Silviano Brandão, que necessitavam de aterro de córregos ali existentes. (...) As obras de terraplanagem também correspondiam ao discurso do governante acerca do progresso da cidade, relacionando-o, também, ao argumento de maior eficiência do tráfego urbano⁵¹.

A construção da Pampulha, parceria entre Juscelino e Oscar Niemeyer, seguiria os princípios da Carta de Atenas⁵², documento produzido a partir do Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM), em 1933. O bairro ainda abrigaria, a partir de 1965, o estádio do Mineirão, e até hoje se constitui como um espaço do esporte e do lazer na cidade.

A Pampulha tinha como objetivo dotar a cidade de uma área turística e de lazer. A Carta de Atenas pressupunha a criação de lagos artificiais, de áreas verdes para a prática de esportes que tivessem como objetivo compensar a população pelo trabalho desgastante do cotidiano. Todavia tais áreas de maior beleza deveriam ser reservadas aos bairros residenciais e afastadas do centro, porém criando-se nova via de acesso. No caso da Pampulha houve a construção da Avenida Pampulha (atual Antônio Carlos), planejada de acordo com ideário moderno: grande, larga retilínea, com árvores e postes para o seu embelezamento. Juscelino Kubitschek, desde o projeto inicial da Pampulha, teve como objetivo incentivar a construção de residências de luxo ao redor da lagoa. O conjunto arquitetônico da Pampulha baseado na busca da pureza das formas, remodelou e inseriu esteticamente Belo Horizonte no mundo arquitetônico internacional⁵³.

⁴⁹ CEDRO, Marcelo de Araujo Rehfeld. **JK desperta BH (1940-1945): a capital de Minas Gerais na trilha da modernização**. São Paulo: Annablume, 2009. p.72.

⁵⁰ Idem. p. 71.

⁵¹ Idem, p. 69.

⁵² A Carta de Atenas é um documento redigido por arquitetos e urbanistas do início do século XX ao final do Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos de Monumentos Históricos que teve lugar em Atenas, na Grécia, em outubro de 1931. Seu conteúdo está disponível no endereço eletrônico: <http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=233>

⁵³ CEDRO, Marcelo de Araujo Rehfeld. **JK desperta BH (1940-1945): a capital de Minas Gerais na trilha da modernização**. São Paulo: Annablume, 2009. p.59.

Os anos de Juscelino frente à Prefeitura de Belo Horizonte foram intensos e marcaram uma nova etapa para a cidade. Mas a implementação de tamanhas modificações na cidade certamente geraria impacto sobre seus habitantes. Nesse sentido, grande também foi o trabalho da administração de JK no processo de convencimento da população sobre seu projeto. Isso ocorreu tanto através da imprensa como dos próprios órgãos de informação da prefeitura. Como podemos perceber logo no ano de 1941, quando o prefeito mostra em uma carta à população o andamento de seus planos para a capital mineira:

Quem acompanha a evolução de Belo horizonte compreende que o progresso não permite à administração pública permanecer inativa. O crescimento constante da cidade é fator que reclama do poder municipal permanente atividade [...]. Assim, atacamos, na medida do possível, os serviços que nos parecem mais urgentes, a fim de que a cidade contasse com novas fontes de progresso. E dentro dessa orientação, procuramos alargar o calçamento, não só levando-o a zonas até então sem pavimentação, mas também substituindo alguns tipos inadequados para uma capital moderna. Para melhoria dos meios de comunicação do centro com os bairros e entre estes, traçamos um plano de abertura de novas avenidas – as avenidas radiais – totalizando, entre todas, uma extensão que destaca o esforço da municipalidade. Por sua vez, os trabalhos de saneamento da cidade, dentre eles o de canalização dos córregos e ribeirões, foram e continuam sendo atacados. Como resultante, ou melhor como preparo para essa série de serviços públicos municipais, os trabalhos de terraplanagem atingiram elevado vulto. Voltamos nossa atenção para as obras de embelezamento da capital, levando avante o conjunto urbanístico da Pampulha, onde temos procurado criar para BH o que há muito se reclamava e que, hoje, em todas as grandes cidades é preocupação dos governos – a atração para o turista⁵⁴.

As obras geram diversos transtornos para a cidade, além da desconfiança da população até a sua efetiva conclusão. Para um governo que se propõe a tantas ações de transformação na cidade em tão pouco tempo, o trabalho junto à imprensa parece ter surtido efeito. Segundo Marcelo Cedro, os jornais divulgavam as obras da cidade, quase sempre ratificando a proatividade do “prefeito-furacão” e o seu projeto de modernização e embelezamento de Belo Horizonte.

O ufanismo era marca presente na maior parte das reportagens que divulgam as ações do prefeito como necessárias à modernização de Belo Horizonte. A crítica era praticamente inexistente, o que favorecia o direcionamento da opinião pública em favor do projeto modernizante da cidade. Em decorrência, foi quase impossível encontrar reações divergentes e opositoras no que se refere à administração de Juscelino frente à prefeitura de Belo Horizonte. Não foi possível localizar, por exemplo, qualquer crítica à desapropriação dos moradores da Pedreira Prado Lopes ou à

⁵⁴ PREFEITURA DE BELO HORIZONTE, 1941. IN: CEDRO, Marcelo de Araujo Rehfeld. **JK desperta BH (1940-1945):** a capital de Minas Gerais na trilha da modernização. São Paulo: Annablume, 2009. p.63.

construção da Pampulha. Ao contrário, tais iniciativas foram objetos tão somente de exaltação e elogios⁵⁵.

Obviamente um projeto que se propõe ao “embelezamento da cidade” pressupõe também a retirada de muitas casas e pessoas alocadas nos espaços das obras planejadas. Veremos ao longo desse capítulo que a quase unanimidade sobre as ações de JK gerou alguns – ou muitos – “órfãos da modernidade”, tendo consequências para o processo de desenvolvimento da cidade.

Apesar disso, a maioria dos autores⁵⁶ que se dedicam a estudar Belo Horizonte no período da administração de Juscelino Kubitschek mostram – com maior ou menor atenção às dissonâncias – que as apreensões gerais ligadas à época são de transformação nos rumos de desenvolvimento da cidade, alinhados agora com um projeto nacional de modernização através da industrialização.

Durante a administração de JK, entre os anos de 1940 e 1945, uma outra representação, uma nova imagem moderna da cidade vai sendo construída, baseada nos propósitos de desenvolvimento e industrialização, por sua vez distintos daqueles adotados pela Comissão Construtora de Belo Horizonte, no fim do século XIX. Com o ideal de modernizar a Capital, o “prefeito furacão”, como ficou conhecido Juscelino, não se limitou a pequenas intervenções. Sua administração realizou obras por toda a cidade e promoveu desenvolvimento nos setores industrial, comercial e de serviços⁵⁷.

Para os objetivos deste trabalho, é importante marcar o início dos anos 40 – e como parte dele, a administração de Juscelino Kubitschek – como o momento onde a cidade de Belo Horizonte irá definir os rumos de seu crescimento, e a entrada no rol das capitais mais importantes economicamente para o Brasil, juntamente com Rio de Janeiro e São Paulo. Outro fator importante nessas transformações é a afirmação de Belo Horizonte como uma cidade

⁵⁵ CEDRO, Marcelo de Araujo Rehfeld. **JK desperta BH (1940-1945):** a capital de Minas Gerais na trilha da modernização. São Paulo: Annablume, 2009. p.47.

⁵⁶ CEDRO, Marcelo de Araujo Rehfeld. **JK desperta BH (1940-1945):** a capital de Minas Gerais na trilha da modernização. São Paulo: Annablume, 2009. MOREIRA, Samantha Cidaley de Oliveira. **Interiores de Casas Residenciais em Belo Horizonte:** a década de 1950. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2006.

⁵⁷ MOREIRA, Samantha Cidaley de Oliveira. **Interiores de Casas Residenciais em Belo Horizonte:** a década de 1950. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2006. p. 32.

planejada, que sobreviveu às dificuldades de seus anos iniciais e abandonara a sombra de Ouro Preto para se tornar protagonista no cenário de Minas Gerais e do Brasil.

A partir dos anos 30 e, sobretudo da década de 40, a cidade mantém uma auto-representação de espaço moderno, entretanto, a ideia de moderno vai ser outra. Nesse momento, não havia mais a necessidade de construir a cidade moderna, como se fez em fins do século XIX, mas de conectá-la a um ritmo de vida mais dinâmico, decorrência, essencialmente, do desenvolvimento da indústria, da expansão dos meios de comunicação e das mudanças nas relações sociais, econômicas e de trabalho⁵⁸.

A afirmação da autora é corroborada por algumas fontes do período. Ao que tudo indica o conjunto de ações do governo JK em prol da industrialização e as profundas transformações da cidade chegavam às percepções de seus habitantes de alguma forma. Um texto publicado na Revista Alterosa em 1942 nos permite compreender alguns indícios e discursos propalados para o momento vivido por Belo Horizonte.

Contrariando a velha rotina que só procura mostrar a nossa Capital como a cidade das arvores, das flores e dos jardins, para não falar do clima ameno e saluberrimo que a natureza nos concedeu, queremos fixar aqui, em rápidas linhas, o extraordinário surto de progresso material por que Belo Horizonte vem passando, especialmente nessa última década. Ao completar 44 anos, em Dezembro último, a nossa majestosa Capital, sem embargo de sua curta existencia, já se pode enfileirar entre as maiores metrópoles do país, em todos os setores da atividade humana. A sua cultura constitue um dos mais justificados motivos de vaidade para a gente mineira, como atestam as confortadoras estatísticas sobre o grão de frequencia dos nossos numerosos estabelecimentos publico e particulares, primarios, secundarios, técnicos e superiores. O seu comercio, dos mais florescentes de todo o país, vale por uma segura afirmativa do potencial economico da cidade, desdobrando-se em lojas e escritorios modernos e caprichosamente instalados, oferecendo à população tudo o que se pode desejar em um grande centro civilisado. A sua indústria, de ha muito colocada em primeiro plano no Estado, quer pelo número de seus estabelecimentos, quer pelo volume e valor de sua produção, demosntra cabalmente o crescente otimismo de quantos acompanham a nossa gigantesca evolução economica. A sua vida social, refletida pelos numerosos clubes a associações que encontram o seu paradigma nessa extraordinária realização que é o Minas Tennis Clube, equivale, em brilho e fulgor, aos mais adiantados centros de civilização do continente. E ao lado de suas incontáveis riquezas naturais, onde se contam todas as maravilhas que Deus colocou no mundo para o encantamento e a beleza da criação, a Capital mineira de hoje pode oferecer aos olhos de seus visitantes o atestado vivo de sua integração no século do ferro e do cimento, cortando os céos com seus magníficos edificios publicos e particulares, deliciando o homem com o espetáculo de suas belissimas praças, suas largas e bem calçadas avenidas, suas modernas e confortáveis casas de diversões e todo esse gigantesco aparelhamento que a mão do homem sabe levantar, para a satisfação absoluta de suas necessidades no vertiginoso tempo em que vivemos⁵⁹.

⁵⁸ Idem, p. 31

⁵⁹ **Belo Horizonte espelha a intensidade da vida hoje em Minas Gerais.** Revista Alterosa, janeiro de 1942, págs. 74 e 75. Matéria não assinada. Grifos meus.

O texto exemplifica o discurso dos adeptos ao projeto de industrialização de Belo Horizonte e as aspirações para a capital. A exaltação do “surto de progresso material” do “século do ferro e do cimento” mostram que Belo Horizonte havia iniciado um ciclo de transformações que a separaria de seus primeiros anos como capital, rumo ao crescimento econômico e à industrialização.

Com investimento na indústria e na infraestrutura da cidade, Belo Horizonte agora não só fazia parte de um esforço de modernização e industrialização, como também reunia condições de desenvolvimento que a tornariam a terceira capital brasileira, atrás do Rio de Janeiro e São Paulo. Mas ainda faltava um longo caminho à cidade, que seria vivenciado ao longo das décadas de 50 e 60.

Política, economia e Industrialização: nasce a metrópole 1950-1965

É o que afirma Regina Helena Alves da Silva em seu trabalho *Cidade de Minas*. Segundo a autora, “A partir dos anos 50, o termo “moderno”, que fizera parte do imaginário urbano da capital, dos anos 20 até a década de 40, é substituído pela ideia de modernização”⁶⁰. Nessa mesma época os governos, tanto na esfera federal, quanto estadual e municipal, realizam uma série de investimentos em infraestrutura, especialmente nos setores de energia em transportes. Belo Horizonte, por sua vez, se reforçaria como polo político e econômico.

As ações da administração de Juscelino Kubitschek faziam parte de um projeto para Belo Horizonte – e também para o Brasil, nas outras esferas administrativas –, que continuou a ser implementado nas administrações de Otacílio Negrão de Lima (1947 – 1951), Américo Renee Gianetti (1951 a 1954), Celso Melo de Azevedo (1955 a 1959), Amintas Ferreira de

⁶⁰ SILVA, Regina Helena Alves da. **A cidade de Minas**. Belo Horizonte, 1991. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Departamento de Ciência Política, 1991. p. 143.

Barros (1959 a 1963) e Jorge Carone Filho (1963 a 1965). Se na década de 40 as ações tinham caráter embrionário, ao longo da década as mesmas foram ganhando força, para experimentar entre 1950 e 1965 um período de crescimento expressivo, em diversos aspectos.

Américo Renê Giannetti, por exemplo, foi o principal mentor do Plano de Recuperação Econômica e Fomento da Produção e do Plano de Eletrificação. As ações tiveram amplitude estadual, mas foram polarizadas em Belo Horizonte, e foram de grande importância para o processo de desenvolvimento industrial de Minas Gerais ao longo da década de 50⁶¹.

O falecimento de Giannetti em 6 de setembro de 1954 fez com que Sebastião de Brito tivesse uma rápida passagem pela prefeitura de Belo Horizonte, apenas até o ano de 1955, quando assume Celso Melo de Azevedo, que administraria a cidade até 1959. Azevedo, por sua vez, continua as intervenções na cidade pautadas pelo processo de industrialização.

Celso Melo de Azevedo assume a administração municipal (1955-1959), dando continuidade, em sua gestão, às propostas iniciadas por Giannetti, tais como a reorganização e a modernização da estrutura administrativa e o desenvolvimento do planejamento municipal. Além disso, adota uma política de desfavelamento, orientada pelo recém-criado Departamento Municipal de Bairros Populares. No entanto, frente ao déficit de moradias para as populações carentes, o número de unidades construídas durante sua gestão não chega a ser expressivo, e o programa do DBP não tem continuidade na administração seguinte.⁶²

Mais do que destacar a atuação de cada prefeito, nos interessa demonstrar, de forma geral, como as décadas de 50 e 60 foram importantes para o processo de industrialização e transformação da cidade de Belo Horizonte. O conjunto de investimentos no esforço de industrialização, aliados ao contexto político da cidade resultaram em um aumento de indicadores demográficos e econômicos.

Na década de 50, Minas Gerais viverá uma expansão industrial efetiva, em consonância com o processo nacional de Industrialização. A cidade Industrial, que no período imediatamente posterior à sua criação – no início da década de 40 – apresentara um baixo dinamismo, terá novo ímpeto com a instalação de várias empresas e a ampliação significativa do nível de emprego. Com a aceleração da industrialização, Belo Horizonte vivencia os

⁶¹ FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **Saneamento básico em Belo Horizonte: trajetória em 100 anos: os serviços de água e esgoto.** Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1997. p. 163.

⁶² Idem, p. 169.

processos correlatos de concentração demográfica, crescimento da cidade e conurbação com as cidades vizinhas, delineando-se a estrutura da atual Região Metropolitana⁶³.

Entendemos que toda mudança de natureza política e econômica traz consigo transformações sociais. Da mesma forma, as transformações sociais também podem provocar as mudanças de natureza econômica e política. Mas, corroborando com nosso objetivo de abordar as transformações nos costumes e modos de vida sob a ótica da cidade, trataremos inicialmente algumas transformações no espaço urbano de Belo Horizonte, para depois apresentarmos alguns desdobramentos de ordem social.

Dessa forma, alguns dados demográficos e econômicos podem nos ajudar a dimensionar o já falado processo de crescimento de Belo Horizonte nas décadas de 50 e 60. O primeiro deles, obviamente, é a evolução da população da cidade e a questão da moradia.

TABELA 1 – População de Belo Horizonte 1940-1965

Ano	Nº de habitantes
1940	177.004
1950	338.585
1960	642.912
1965	812.000

Fonte: Censo IBGE, apud PATARRA, 2004, p. 262; MINAS GERAIS 1966, p.18

Podemos perceber que a população de Belo Horizonte cresce de forma expressiva entre as décadas de 1940 e 1960. O crescimento entre 1940 e 1950 é de 91,28%, e entre os anos de 1950 e 1965, a população mais do que dobra. Nesse contexto, a questão da moradia e das transformações no espaço físico da cidade tornam-se centrais. Para dar conta de tamanho crescimento, a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte aprovou 59.747 loteamentos entre os anos de 1946 e 1963, conforme tabela abaixo.

TABELA 2 – Número de loteamentos aprovados em Belo Horizonte (1946-1963)

⁶³ FECOMERCIO. **Belo Horizonte & o comércio**: 100 anos de história. Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais: Belo Horizonte, 1997. p. 115.

Ano	Nº de lotes aprovados
1946	316
1947	4.160
1948	15.064
1949	3.718
1950	18.061
1951	1.567
1952	1.462
1953	2.082
1954	4.058
1955	2.223
1956	383
1957	3.237
1958	942
1959	-
1960	1.350
1961	464
1962	-
1963	688

Fonte: PLAMBEL – O Mercado da Terra na RMBH, 1977.

Destacam-se os anos de 1948 e 1950, com 15.064 e 18.061 lotes aprovados, respectivamente. A grande maioria dos loteamentos estava localizada em bairros na periferia da cidade, próximos às cidades vizinhas e às zonas industriais, que alojavam grande parte dos trabalhadores.

Nesse mesmo sentido, a indústria e o comércio também cresciam, e passavam a empregar uma parcela cada vez maior da população. A Cidade Industrial, criada em 1941, dá um salto na geração de empregos a partir da década de 50, como nos mostra a tabela apresentada por Maria Auxiliadora de Faria.

TABELA 3 – Estabelecimentos Instalados na Cidade Industrial – 1950-61⁶⁴

Ano	Estabelecimentos	Operários
1950	16	1.268
1952	21	2.850
1954	-	3.609
1957	38	-
1961	87	-

Fonte: PLAMBEL – O Mercado da Terra na RMBH, 1977.

Os dados estão incompletos, mas podem ser complementados por outros estudos. Segundo a FECOMERCIO, a Cidade industrial contava com cerca de 15 mil trabalhadores no ano de 1960⁶⁵. Em um âmbito mais amplo (para além dos estabelecimentos alocados na Cidade Industrial), os dados do censo mostram como Belo Horizonte experimentou uma explosão no desenvolvimento e participação econômica do comércio e indústria entre as décadas de 40 e 60.

TABELA 4 - Participação do comércio e da indústria na geração de receita e emprego em Belo Horizonte – 1940/1980

Anos	Emprego Industrial	Emprego Comercial	Receita Comercial (mil cruzeiros correntes)	Valor da Produção
1940	12816	8792	489726	149.171

⁶⁴ FARIA, Maria Auxiliadora de; PLAMBEL. **O processo de desenvolvimento de Belo Horizonte: 1897-1970.** Belo Horizonte: PLAMBEL, 1979. 2v.

⁶⁵ FECOMERCIO. **Belo Horizonte & o comércio: 100 anos de história.** Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais: Belo Horizonte, 1997. p. 199.

1950	15227	13061	3.442.143	927.921
1960	19515	19616	32.937.766	11.100.607
Fonte: IBGE: Censo comercial, Minas Gerais, 1940;1950;1960.				

A indústria experimentou um aumento de 52,27% do número de trabalhadores empregados entre os anos de 1940 e 1960. O comércio, no mesmo período, aumentou em 123% o número de empregados na capital. Esse aumento fez disparar os valores da receita comercial e o valor da produção industrial na capital mineira valor da produção.

Os números destacam o importante desenvolvimento na economia da cidade. Mas para muito além deles, a cidade e seus habitantes se transformavam a partir das ações implementadas em prol da industrialização.

A criação de empresas públicas foi uma das ações em âmbito federal e estadual para sair da exclusividade do modelo econômico agroexportador, investindo também na geração de energia, tratamento e transformação de matéria prima e produção de bens de consumo. A tabela abaixo mostra algumas das empresas criadas em Minas Gerais entre as décadas de 1950 e 1960.

TABELA 5 - Empresas Estatais Mineiras entre 1951 e 1961⁶⁶

Empresa	Ano de criação
Companhia Energética de Minas Gerais (CEMIG)	1951
Departamento de Estradas e Rodagens (DER)	1951
Frimisa	1953
Fertilizantes Minas Gerais (Fertisa)	1953
Usiminas	1956
Casemg	1957
Metamig	1961

⁶⁶ FECOMERCIO. **Belo Horizonte & o comércio: 100 anos de história.** Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais: Belo Horizonte, 1997. p. 199.

O capital estrangeiro também chega à Belo Horizonte para apoiar setores estratégicos para a industrialização. Isso pode ser percebido no investimento estrangeiro seja em empresas estatais – como a Usiminas, que recebeu capital japonês – ou estrangeiras, como a alemã Manesmann e uma série de empresas americanas e europeias que se instalaram na Cidade Industrial (FECOMERCIO p. 199).

Com tantas empresas e trabalhadores, o Estado, bem como os setores privados da Indústria e do Comércio precisavam se organizar. O rápido crescimento trazia desafios estruturais, e também outros ligados à preparação, qualificação e controle da força de trabalho.

Nesse momento diversas ações são implementadas. Com o objetivo de preparar os trabalhadores para atuar no comércio e na indústria, foram criadas várias escolas e centros de formação técnica.

Ainda na década de 50 foi criada a Escola Técnica Municipal, mais tarde transformada no Instituto Municipal de Administração e Ciências Contábeis (Imaco), situado nos terrenos do Parque Municipal e responsável pela formação técnica de inúmeros profissionais que, provavelmente, foram absorvidos pelas lojas da Capital. Além do Imaco, outras instituições similares encontravam-se em funcionamento no final dos anos 50: Escola Técnica de Belo Horizonte, Escola Técnica de Comércio de Minas Gerais, Escola Técnica de Comércio Brasileira, Escola Técnica de Comércio Visconde de Cairu, Escola de Comércio Profissional Feminina, Escola de Formação Profissional Mário Castilho, Escola Técnica Getúlio Vargas Filho⁶⁷.

No âmbito da formação industrial vale destacar ainda a inauguração da unidade do bairro Nova Suíça, em 1958, do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). Para qualificar e controlar os trabalhadores já empregados, as empresas do “sistema S” surgiam. Em 1947, o Serviço Social do Comércio (SESC) e o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac) são criados em Belo Horizonte.

p. 119 Por essa época, em decorrência direta dos princípios contidos na Carta da Paz Social a Confederação Nacional do Comércio deliberou criar dois serviços de significativa importância para manter o equilíbrio entre empregadores e empregados: o serviço Social do Comércio - Sesc,

⁶⁷ FECOMERCIO. **Belo Horizonte & o comércio**: 100 anos de história. Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais: Belo Horizonte, 1997. p. 130.

e o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial - Senac. Na reunião semanal de 6 de fevereiro de 1947, a Diretoria da AC Minas anuncia para breve a inauguração dos dois serviços em Belo Horizonte e informa que a Federação do Comércio estaria contando com a prestimosa colaboração de todos os empresários⁶⁸.

Além do Sesc e do Senac, o Serviço Social da Indústria chega a Belo Horizonte no ano de 1946, quando a Cidade Industrial já funcionava plenamente, congregando indústrias e trabalhadores. Além disso, vale lembrar que Belo Horizonte possuía ainda outras zonas industriais, como a zona norte da cidade, além de indústrias em cidades da região metropolitana⁶⁹.

A industrialização e o crescimento da cidade modificavam a paisagem de Belo Horizonte. Novos bairros surgiam, outros tinham suas ruas e avenidas asfaltadas, ampliadas, modificadas.

A industrialização acelerada trouxe uma rápida urbanização. Intensificou a concentração demográfica nas grandes capitais, trazendo desequilíbrios, exigindo e desafiando o planejamento urbano. Belo Horizonte cresceu celeremente, ultrapassando limites, ocupando novos espaços, construindo novos “corredores comerciais”, efetuando a conurbação com as cidades vizinhas⁷⁰.

O processo de crescimento da cidade de Belo Horizonte entre 1950 e 1965 está ligado a uma série de fatores. Para os objetivos deste trabalho, escolhemos primeiro destacar a partir de alguns apontamentos o contexto dentro de uma opção política por um projeto de industrialização para a cidade. Agora, faz-se necessário seguir com a investigação para “dentro da cidade”. Esse projeto de industrialização encontra uma cidade e seus habitantes em movimento. Cabe, portanto, perceber como a cidade de Belo Horizonte e seus habitantes se

⁶⁸ PEREIRA, Lúcia Maria Leite; FÁRIA, Maria Auxiliadora de; ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE MINAS. **Associação Comercial de Minas: uma história de pioneirismo e desenvolvimento - 1901-2001**. Belo Horizonte: Associação Comercial de Minas, 2001. p. 119.

⁶⁹ Citar a indústria de cimentos em Pedro Leopoldo e outras em Santa Luzia etc.

⁷⁰ FECOMERCIO. **Belo Horizonte & o comércio: 100 anos de história**. Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais: Belo Horizonte, 1997. p. 200.

modificam ao longo desse período: suas ruas, sua paisagem, seus habitantes, o interior de suas casas, seus costumes e modos de vida.

As ruas e os transportes: os caminhos da cidade

O investimento na industrialização, o crescimento do comércio, do emprego e da população impactavam na cidade. Os números da economia são importantes, mas ainda “frios” de certa maneira. Analisar de forma mais detalhada os caminhos do crescimento de Belo Horizonte e os costumes e modos de vida da população nos permitem ampliar nosso olhar para o contexto do período. Como essa cidade que crescia rapidamente se (des)organizou?

Os novos caminhos de Belo Horizonte passaram obviamente pelas ruas da cidade. Os investimentos na indústria e no comércio exigiram ações em diversos níveis. Para a comunicação de Belo Horizonte com o restante do estado e do país, foram necessários os investimentos em rodovias (o que aconteceu tanto no plano estadual como federal). Segundo a FECOMERCIO, na década de 50, foram construídos 3.725 quilômetros de rodovias pelo Estado⁷¹, melhorando bastante o transporte de mercadorias e a comunicação de Belo Horizonte com o restante do país.

As estradas construídas ou asfaltadas permitiram maior articulação e intercâmbio com o interior mineiro; na segunda metade da década, a inauguração das rodovias ligando a Capital a São Paulo e ao Rio de Janeiro ampliou seu contato com os Estados mais importantes da Federação. Sem contar ainda com a construção de Brasília, que tornou Belo Horizonte passagem obrigatória para o interior do País.

A cidade está mais movimentada, e isso também se reflete no seu interior. A forma e os sentidos de se deslocar na cidade vão se alterando. Vale destacar a pavimentação e abertura de avenidas na cidade durante a administração municipal de Juscelino Kubitschek. A tabela

⁷¹ FECOMERCIO. **Belo Horizonte & o comércio**: 100 anos de história. Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais: Belo Horizonte, 1997. p. 115.

seguinte foi desenvolvida por Marcelo Cedro⁷², a partir de uma reportagem do jornal O Estado de Minas de 12 de dezembro de 1942, e mostra a importância das novas avenidas para a cidade.

TABELA 6 – Prolongamento e abertura de novas avenidas em Belo Horizonte em 1942.

AVENIDAS	PROLONGAMENTO E/OU ABERTURA DE NOVAS AVENIDAS	EXTENSÃO DAS OBRAS
Afonso Pena	Pavimentação/prolongamento até o alto do Cruzeiro, devido à demanda para quem ia à Serra do Curral.	800m
Amazonas	Prolongamento realizado da Avenida Barbacena até a Gameleira.	3.000m
Francisco Sá	Abertura dessa avenida devido à canalização e ao aterro do Córrego dos Pintos para o prolongamento da avenida Amazonas.	704m
Getúlio Vargas (atual Otacílio Negrão de Lima)	A maior avenida construída durante a administração municipal de Juscelino Kubitschek. Tinha como objetivo permitir a circulação ao redor da lagoa da Pampulha	18.300m
Pampulha (atual Pres. Antônio Carlos)	A construção dessa avenida teve como objetivo ligar a Pampulha ao centro de Belo Horizonte.	8.500m
D. Pedro II	A canalização do córrego do Pastinho permitiu a extensão desta avenida com objetivo de ligar o centro ao aeroporto do Caiçara, além de ligar ruas do Carlos Prates com a Avenida D. Pedro II.	4.000m foram concluídos (até este momento: 3.000)
Silviano Brandão	Aterro do Córrego da Mata, construção da avenida por cima dele para que houvesse a ligação entre Horto florestal, Renascença, Floresta e Vila Concórdia.	4.000m
Teresa Cristina	As obras do Arrudas permitiram a abertura da avenida de duas pistas com o ribeirão ao centro.	5.000m
		TOTAL 43.304m
DADOS: Estado de Minas, 12/12/1942		

Foram mais de 43 quilômetros de avenidas pavimentadas, o que não só ampliou a capacidade de circulação de automóveis e mercadorias, como também interligou diversos locais da cidade e permitiu novos eixos de crescimento, surgimento de novos bairros, etc. Das

⁷² CEDRO, Marcelo de Araujo Rehfeld. **JK desperta BH (1940-1945): a capital de Minas Gerais na trilha da modernização.** São Paulo: Annablume, 2009. págs. 66 e 67.

avenidas para as ruas, a cidade continua a se transformar. Muitas ruas ganharam calçamento, e outras tiveram a substituição do calçamento por asfalto. O crescimento da cidade fez aumentar as distâncias e transformou as percepções sobre o que é longe e o que é perto. Surgiam novas ruas, novos caminhos, e caminhos antes tradicionais também eram alterados. A cidade que substituiu suas ruas de terra por calçamento, o calçamento por asfalto, amplia suas ruas e avenidas, e se prepara para os tempos do automóvel.

Mas as ações que representam um projeto de desenvolvimento para a cidade são assimiladas de maneiras diversas por seus habitantes. Os bondes que reinaram como o principal meio de transporte na década de 40, passam a dividir espaço com o serviço de auto-ônibus até o ano de 1963, quando as últimas linhas da cidade são desativadas. Esse processo mostra também o aumento da participação do automóvel no trânsito de Belo Horizonte ao longo deste mesmo período. Apesar disso, a cidade ainda se movimentava de maneira diversa. Nos anos 50, muitas carroças⁷³ ainda circulavam pelas novas e velhas ruas da cidade, levando lenha para abastecer os fogões das casas e do comércio⁷⁴, levando pão e leite de porta em porta, fazendo mudanças e carretos.

Se no cotidiano a cidade se ajustava aos poucos aos seus novos caminhos, pode-se dizer que estes já estavam direcionados para um destino final: a cidade moderna. A convivência das ruas com diversos atores e meios de transporte era inevitável. Mas toda a concepção dos novos caminhos era para uma cidade maior, mais rápida, mais veloz.

Nesse sentido, carroças, bicicletas, e bondes – estes últimos, até o ano de 1963 – continuariam convivendo e utilizando as ruas de Belo Horizonte. Mas agora eles dividiriam o espaço com os novos protagonistas do trânsito das cidades. Se no início eles ainda eram poucos,

⁷³ O serviço de “carretos” utilizando veículos de tração animal resistiu ao tempo e ainda existe na cidade, apesar de em pequena escala.

⁷⁴ FECOMERCIO. **Belo Horizonte & o comércio: 100 anos de história.** Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais: Belo Horizonte, 1997. p. 98.

a história mostra que a concepção das ruas e caminhos da cidade foram feitas para eles: os caminhões, ônibus e automóveis. Um pouco dessa convivência pode ser percebida na crônica de Milton Costa, publicada na Revista Alterosa em dezembro de 1960.

A PLEBÉIA DO TRÂNSITO

Milton Costa, Revista Alterosa (“Páginas Escolhidas”), dezembro de 1960

Sempre que a encontro pela manhã, encostada à parede, cuido descobrir-lhe uma expressão de tristeza no guidão descaído. Examino-lhe os pneus, ponho as presilhas e saio. O selim, agora tão velho e apodrecido pelas chuvas e pelos sóis, faz-me pensar, amiúde, em um sapo amassado. Não há manápuas. A catraca estala na corrente, entre as conexões substituídas e os elos gastos. O eixo da frente geme nas esferas. Está velha, muito velha, a minha bicicleta.

Quando a comprei, contudo, não sabia que iria servir-me tanto. De madrugada, durante o dia ou à noite, ela está sempre à minha espera, ora semi-tombada numa sarjeta, ora apoiada num poste. Gemendo e estalando, subindo ou descendo, leva-me, paciente, pelas artérias movimentadas.

Sempre tive pena dela, como tenho pena dos pobres. Na interminável hierarquia dos veículos, uma bicicleta representa a classe menos favorecida. É a plebéia do trânsito. Tem que ir constantemente junto aos meios-fios, como quem pede esmolas nas portas das casas. É perigoso dar uma guinada à esquerda; o cadilque luxuoso que vem atrás não a respeita e não a vê. Precisa vigiar duplamente os transeuntes, que lhe passam à frente sem receio, pois ela é pequena e leve – alguns canos, duas rodas, um selim. Várias vezes, num só quarteirão, tem que deter sua marcha, aqui para evitar a criança que atravessa calmamente a rua, **ali para não ser esmagada na sarjeta pelo Mercedes Benz que lhe fecha a dianteira sem cerimônia**, acolá para não ferir o cão que a persegue latindo e mordendo-lhe os pedais.

Minha bicicleta, agora, tem biografia e experiência. Pode contar muitas histórias às bicicletas neófitas que andam aèreamente pelas ruas, como baratas tontas, como meninos pobres que não temem os ricos, menosprezando os grandes ônibus e os enormes caminhões, confiando mais nos freios alheios do que na sua própria perícia.

Fala-se, no entanto, em regras de trânsito. Mão e contra-mão. Preferenciais. Sinais semafóricos. Pura ingenuidade: uma bicicleta pode ir pela direita, que mesmo assim estará sempre contra a mão. Não há, para ela, vias preferenciais. **E, conquanto os semáforos indiquem verde ou amarelo, ela pode continuar esperando que os carros passem primeiro, pois a sua côr é sempre de perigo, vermelha, vermelha, bem vermelha.** As bicicletas novatas obedecem aos sinais luminosos das esquinas, mas a minha é velha e já sabe “não distinguir” as côres; é a prudência daltônica peculiar às bicicletas anciãs.

Muitas vezes, muitas vezes mesmo, a plebéia percebe que **o FNM vem contra a mão, vem em cima dela, vai parar à porta de algum armazém para descarregar**, pois de fato é muito trabalhoso, para um caminhão tão grande, fazer um “balão” na esquina próxima. Não há, então, saída para ela, senão a calçada. Ir para a frente, para o suicídio? Desviar para a esquerda? Parar? Pode bem ser que venha, atrás dela, no momento, um coletivo monstruoso. Escondida pelo FNM, prestes a surgir, é capaz de estar uma “perua” traiçoeira. Neste ínterim, enquanto a bicicleta se debate em dúvidas, **o motorista do FNM, refestelado na boléia, sossegado como um animal bem alimentado, livre de riscos e incertezas, contempla o mundo com otimismo e pachôrra, como um burguês fazendo a sesta na varanda envidraçada de sua casa.**

Minha bicicleta sabe que tem que se acautelar contra tudo e contra todos. Ninguém a acata. Ninguém lhe foge. Pesados veículos e fogosos semoventes passar-lhe-iam em cima se ela não saísse da frente. **As motocicletas lançam-lhe insultos e ameaças no ronco dos motores. Lambretas sussurram presunções.** Tudo e todos parecem querer seu fim. Um buraco na rua pode quebrar-lhe raios ou entortar-lhe um aro. Se, para seu dono conversar com alguém, ela está na calçada, os guardas a enxotam, furibundos, alegando que ela atrapalha os pedestres. **Na rua, perturba o trânsito, a velocidade dos esganados de riqueza ou dos “play-boys”, a pressa das ambulâncias e da rádio-patrolha.** Por que, afinal, inventaram as bicicletas?

Apesar de tudo, gosto de minha bicicleta. Velha e frágil, gemendo ou estalando, é um veículo individual e me permite, não obstante todos os impecilhos, estar comigo mesmo, sozinho com as minhas saudades e as minhas esperanças. Posso estar sozinho, sim, que ninguém quer ir sentado no cano, quase todos têm medo de cair de costas na rua...

Na grande árvore genealógica dos veículos, entre os automóveis de alta linhagem e os carros de anilina nobreza e linhas aerodinâmicas, a bicicleta é a plebéia, a plebéia do trânsito. Há, para elas, luzes vermelhas em todos os cantos, mas subsiste, conduzindo os operários ou os escolares, como uma engrenagem indispensável do progresso⁷⁵.

Mais do que mostrar as dificuldades de se andar de bicicleta e a desvalorização desta máquina como meio de transporte, a crônica de Milton Costa mostra uma outra cidade, que emergiu ao longo das últimas décadas. A cidade dos caminhões e carros, das ambulâncias e radiopatrolhas, do ronco dos motores das motocicletas e lambretas. Entre as décadas de 40 e 60, suas ruas se transformaram sobremaneira. As bicicletas, assim como a carroça e os bondes – e porque não, o pedestre – andavam agora nas ruas feitas para “a velocidade dos esganados de riqueza”. E junto às ruas de Belo Horizonte estavam agora outras casas, outras pessoas, outros costumes e modos de vida.

As transformações nas ruas de Belo Horizonte mostravam uma cidade mais veloz quando comparada aos seus anos anteriores. Mas as mudanças não paravam por aí. Além de mais rápida, a cidade estava maior, e porque não dizer, mais alta. Para perceber esse novo eixo de crescimento e transformações da cidade, saímos de suas ruas, e buscamos uma visão privilegiada. As transformações de Belo Horizonte podem também ser vistas de cima.

⁷⁵ **Bicicleta, a plebeia do trânsito.** REVISTA ALTEROSA n° 366, dezembro de 1960, p. 8. Texto: Milton Costa.

A vida vista de cima: dos arranha-céus, morros e favelas

O processo de industrialização que acelerou o crescimento da cidade e seu número de habitantes foi também responsável por uma reorganização espacial em Belo Horizonte. Não só através do surgimento de novas ruas, avenidas e bairros, mas também, por transformações nas construções e nas formas de se morar na cidade.

Dentro desse conjunto de transformações, destacamos primeiro o processo de verticalização das construções tanto residenciais quanto comerciais. Tal medida estava prevista na legislação urbanística da cidade já na década de 1920 e 1930⁷⁶. Mas foi no início da década de 40 que os primeiros edifícios de apartamentos começaram a surgir na capital.

Os primeiros edifícios de apartamentos surgiram em Belo Horizonte entre o final da década de 30 e o início da década de 40 – ou mais precisamente em 1939, ano da aprovação dos três primeiros projetos de “casas de apartamentos”, como eles eram também denominados –, época em que se iniciou também o processo de verticalização das edificações, no centro da cidade. Ao longo da década de 40, diversos edifícios, não só de apartamentos mas também de escritórios, foram construídos e os “arranha-céus” se proliferaram, modificando a paisagem da cidade e os hábitos de seus moradores⁷⁷.

Mais uma vez, os esforços iniciados sob a administração de Juscelino Kubitschek entre 1940 e 1945 renderam frutos e foram aumentados ao longo das décadas e administrações seguintes. Com o Decreto-Lei n. 84, de 21 de dezembro de 1940, foi permitida a construção de sobrelojas nos estabelecimentos comerciais. Foram construídos no centro da cidade “diversos edifícios tipo arranha-céu, que apresentavam função comercial, compondo-se, de maneira geral,

⁷⁶ Leis nº 226, de 02 de outubro de 1922 publicada no Minas Gerais, 2-3 de outubro de 1922, p. 2-3 e Lei nº 363, de 04 de setembro de 1930, no Minas Gerais de 08 de setembro de 1930, p. 7-25, e o Decreto nº 165, de 1º de setembro de 1933, passaram a proibir a construção de edificações com menos de três pavimentos, isentando de tributos aqueles que construíssem arranha-céus, permitindo ainda, o grande aproveitamento dos lotes. MOREIRA, Samantha Cidaley de Oliveira. **Interiores de Casas Residenciais em Belo Horizonte: a década de 1950.** Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2006. p. 29.

⁷⁷ PASSOS, Luiz Mauro do Carmo. **Edifícios de apartamentos; Belo Horizonte, 1939-1976: formações e transformações tipológicas na arquitetura da cidade.** Belo Horizonte: AP Cultural, 1998. p.17.

de lojas e sobrelojas no térreo e salas nos andares superiores⁷⁸”. Além dos edifícios comerciais, os arranha-céus também abrigavam residências, transformando a forma de se morar na cidade.

Celina Borges Lemos, em seu trabalho sobre o centro da cidade de Belo Horizonte, mapeou os principais edifícios da cidade, compilando-os na tabela abaixo.

TABELA 7 - Edifícios de apartamentos e escritórios construídos nas décadas de 1940 e 1950⁷⁹.

EDIFÍCIOS	LOCALIZAÇÃO	DATA
Cruzeiro (escritórios/lojas)	Av. Afonso Pena	Década 40
Mariana (escritórios/lojas)	Av. Afonso Pena	Década 40
Rio de Janeiro (escritórios/lojas)	Av. Afonso Pena	Década 40
Acaiaca (cinema/escritórios/lojas)	Av. Afonso Pena	1943
Banco Financial	Av. Afonso Pena	Década 40
SULACAP (escritórios/moradia)	Av. Afonso Pena	1941
Randrade (moradia)	Praça Raul Soares	Década 40
Conjunto JK (moradia/lojas)	Praça Raul Soares	1951
Banco do Brasil	Rua Espírito Santo	1942
Banco da Lavoura	Praça Sete de Setembro	1950
Nossa Senhora de Fátima (residência)	Rua Tupis	1958
Banco de Crédito Real	Rua Espírito Santo	Década 40
Hotel Normandy	Rua Tamoios	1949
Banco Nacional	Rua Espírito Santo	1952
Hotel Itatiaia	Praça Rui Barbosa	1951

⁷⁸ FECOMERCIO. **Belo Horizonte & o comércio: 100 anos de história.** Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais: Belo Horizonte, 1997. p. 84.

⁷⁹ LEMOS, Celina. **Determinações do espaço urbano: a evolução econômica urbanística e simbólica do centro de Belo Horizonte.** 1988. 2v., enc.: Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. p.192.

Mas as construções não paravam por aí. Entre as décadas de 1940 e 1960, muitos arranha-céus e edifícios menores foram construídos Belo Horizonte. Para se ter uma ideia desse processo de verticalização intenso, o Plambel fez um levantamento dessas construções entre os anos de 1952 e 1964, apresentados na tabela abaixo.

TABELA 8 – Construções de Edifícios em Belo Horizonte entre 1952 e 1964.

Ano	Número de pavimentos			Total
	1	2	3 e +	
1952	1.228	160	43	1.431
1953	1.573	217	54	1.884
1954	1.582	213	67	1.862
1955	1.518	271	123	1.912
1956	1.480	142	79	1.701
1957	991	110	95	1.196
1958	1.104	127	155	1.386
1959	993	95	101	1.189
1960	1.197	123	121	1.441
1961	998	94	130	1.222
1962	1.038	119	174	1.331
1963	1.064	104	178	1.346
1964	833	81	72	986
Total	15.599	1.856	1.392	18.974

Nos 12 anos contemplados pela tabela, foram construídos 1392 edifícios de 3 ou mais pavimentos, média de 116 por ano. Se ampliarmos nossas análises para edifícios com 2 pavimentos, temos 270 edifícios construídos por ano na cidade, entre os anos de 1952 e 1964.

Se o centro da cidade era o lugar dos arranha-céus, os bairros do entorno, como Floresta, Funcionários, Lourdes, Savassi e Serra recebiam um sem-número de edifícios pequenos, com até 3 pavimentos. É o que nos mostra o trabalho de Luiz Mauro do Carmo Passos, que analisou a construção de edifícios de apartamentos em Belo Horizonte entre os anos de 1939 e 1976.

Mais do que números nos relatórios da Prefeitura, a construção de edifícios na cidade impressionava a população e os meios de comunicação, virando inclusive medida indicativa do desenvolvimento e modernização da cidade. Em uma reportagem especial da Revista Alterosa

sobre o aniversário de 50 anos de Belo Horizonte, a verticalização e as obras na cidade eram exaltadas.

Em 1939, concluíram-se em Belo Horizonte nada menos de 835 prédios. De 1940 a 1945, em plena guerra, a cidade edificou nada menos de 3850 prédios, com uma área total de piso de 525.110 metro quadrados! E isso com a falta de cimento, com o racionamento do ferro e todos os demais óbices que todos conhecem. Atualmente, a nossa Capital dispõe de 37.525 prédios, entre os quais se contam numerosos arranha-céus de dez a quinze andares. Mais de 60 novos arranha-céus estão com suas obras iniciadas, alguns dos quais com mais de 20 andares! O movimento diário de plantas que entram em nossa Prefeitura, para novas edificações, demonstra que a cidade entrou em um ritmo de construções jamais igualado em toda a sua existência!⁸⁰

Os edifícios transformavam a paisagem da cidade, mudavam a forma de se morar e se relacionar das pessoas. Belo Horizonte ainda possuía muitas casas, sejam mais simples ou mais espaçosas, mas o centro da cidade tornava-se o local da escolha pela moradia e trabalho em edifícios. Um local dinâmico que congregava comércio, serviços e expressava a modernidade tão almejada pelos administradores da cidade. De certa forma, era também o local onde os habitantes da cidade viviam a modernidade também desejada por eles.

(...) tudo faz crer que a casa de apartamento vencerá. Para o futuro, será a residência ideal. É confortável, limpa e sadia. Quase sempre no centro. O ‘bungalow’ está perdendo o coração. O arranha-céu, cheio de andares, cômodo, elegante, suntuoso, moderno, abrigando dezenas de casais, é bem a construção característica do nosso século⁸¹.

Morar em uma “construção característica do século” tinha seu preço. Para os que podiam pagar, edifícios com um ou dois apartamentos por andar. À medida que diminuía o poder aquisitivo, sacrificava-se o espaço – coisa que as gerações que cresceram morando em casas não estavam acostumadas. Para as classes médias, edifícios com três ou quatro apartamentos por andar; e para estudantes, trabalhadores temporários ou pessoas com menor poder aquisitivo,

⁸⁰ **Belo Horizonte**. REVISTA ALTEROSA nº 76, agosto de 1946, p. 135. Matéria não assinada.

⁸¹ **Belo Horizonte e o arranha céu**. IN: MEMORIA da economia da cidade de Belo Horizonte. Belo Horizonte: BMG, 1987. p.36.

edifícios com quatro ou mais apartamentos por andar. Esses últimos tiveram papel importante na economia do centro da cidade⁸².

São os edifícios do tipo quarto-sala que vão criar novas representações no centro. Os prédios de apartamento, como o Maleta e o Araguaia, considerados moradia de baixo custo, vão atender a uma clientela variada que também vem procurar no centro as facilidades de uma região centralizadora de atividades. A importância da construção desses prédios foi principalmente viabilizar e oferecer moradias funcionais no centro para grupos em caráter muitas vezes temporário. Veja a seguir os principais prédios construídos nas décadas de 50 e 60⁸³.

O centro da cidade na década de 60 havia se consolidado como local mais efervescente de Belo Horizonte. Muito visitado não só por moradores que buscavam artigos de comércio, mas também por aqueles necessitados de uma série de serviços como cartórios, bancos, despachantes, entre outros. Em um cenário onde a cidade moderna é também uma cidade veloz, morar próximo, ou melhor, no centro da cidade passava a ter um significado importante.

Morar num prédio de apartamentos, cheio de andares, cômodo, elegante, suntuoso, moderno, abrigando dezenas de casas, conforme descreve Dijalma Andrade, significava participar do progresso. De certo modo, habitar um arranha-céu tornara-se fator de status social⁸⁴.

As formas de se morar transformavam não somente o centro da cidade, mas Belo Horizonte como um todo. O centro da cidade tinha seu tamanho limitado, o que gerou forte especulação imobiliária e aumento de preços na região. Além disso, a cidade se expandia e novos bairros foram criados. Como terceiro fator, as diversas intervenções urbanas, grandes obras, e as forças políticas e administrativas mexeram bastante com sua conformação espacial. Com semelhante velocidade em que subiam os arranha-céus, aumentavam também as favelas da cidade.

⁸² LEMOS, Celina. **Determinações do espaço urbano**: a evolução econômica urbanística e simbólica do centro de Belo Horizonte. 1988. 2v., enc.: Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. p. 233.

⁸³ Idem, p. 234.

⁸⁴ PASSOS, Luiz Mauro do Carmo. **Edifícios de apartamentos; Belo Horizonte, 1939-1976**: formações e transformações tipológicas na arquitetura da cidade. Belo Horizonte: AP Cultural, 1998. p.25.

Por mais que a imprensa e as classes dominantes pudessem ter aprovado os projetos que as beneficiavam diretamente, o processo de industrialização, verticalização e obras na cidade ocorreu com resistências. Se a classe média se encantava com as grandes obras, as novas ruas e avenidas, novos bairros, os arranha-céus e as comodidades dos produtos e novidades tecnológicas, as camadas populares percebiam essas mudanças sob outra perspectiva. Obviamente também afetadas por todo o processo de industrialização sob o qual a cidade se submeteu, coube aos trabalhadores pobres da cidade alguns ônus.

O principal deles se deu sob a ótica das transformações do espaço urbano. Como mostrado no início desse capítulo, as inúmeras transformações nas ruas da cidade, o surgimento de vários bairros e, principalmente, a valorização e recuperação de certas áreas da capital ocorreram às custas de desapropriações dos espaços de moradia das camadas populares.

Marcelo Cedro cita, por exemplo, as desapropriações ocorridas em 1942 na Fazenda Estrela Dalva, feitas para a construção da cidade universitária, além do terreno no bairro Nova Suíça, para a construção da Escola Técnica Federal⁸⁵, além de outras intervenções na cidade que envolveram diretamente o espaço de moradia das camadas populares.

O saneamento de áreas pobres e a remoção de habitantes estão contidos na remodelação urbana da cidade moderna. A Pedreira Prado Lopes, que sempre foi habitada por um aglomerado de operários que extraíam pedras para a construção de Belo Horizonte, tornou-se *habitat* para a população operária e desempregada. Juscelino acabou com as quatrocentas e oitenta e três cafuas da Pedreira Prado Lopes e determinou a construção, em colaboração com o Instituto de Aposentadoria e Pensões Industriários, de um edifício em blocos com capacidade para 3.000 pessoas, entre elas, industriários e funcionários da prefeitura⁸⁶.

Ações como essa seguiam por toda a cidade ao longo das décadas de 50 e 60. O processo na verdade reflete a história de uma cidade que foi planejada pensando-se apenas nas elites e camadas médias da população. Os trabalhadores que construía Belo Horizonte tiveram de procurar seu espaço e se organizar à sua própria maneira.

⁸⁵ CEDRO, Marcelo de Araujo Rehfeld. **JK desperta BH (1940-1945): a capital de Minas Gerais na trilha da modernização**. São Paulo: Annablume, 2009. p. 61.

⁸⁶ Idem, p.60.

Deve-se considerar que a elitização do território urbano era uma tendência anunciada desde a fundação da cidade, em 1897, quando se registra espaço de moradia apenas para os funcionários do Estado que se deslocariam de Ouro Preto. O operário ficou obrigado a construir sua moradia na periferia. O poder público representou a cidade como espaço da higiene e da ordem, sendo as edificações operárias repelidas para a zona suburbana⁸⁷.

O processo de remoção das camadas populares para a periferia seguia no mesmo acelerado ritmo em que se expandia a cidade. Como resultado disso, observa-se um grande aumento do número de habitantes nas favelas que surgiam em Belo Horizonte.

TABELA 9 – Habitantes em favelas em Belo Horizonte (1955-1965)⁸⁸

Ano	Nº de habitantes
1955	36.432
1958	41.303
1961	70.000
1965	119.799

Observamos através da tabela que em 1955 os moradores de favelas representavam 10,76% da população de Belo Horizonte, então com 338.585 habitantes. Em 1964, os moradores de favelas representavam 14,75% da população. Ou seja, enquanto a população da cidade cresceu 2,4 vezes em 10 anos, o número de habitantes moradores das favelas cresceu 3,29 vezes.

Os números, por sua vez, se traduzem em embates. A questão da moradia tornava-se central, e mesmo com menor poder frente aos projetos da administração da cidade, as camadas populares se organizaram e resistiram como puderam diante do processo de desapropriações em massa.

Foi assim que surgiu, em 1959, a Federação dos Trabalhadores Favelados de Belo Horizonte. Segundo Samuel Rodrigues de Oliveira, a federação reuniu e difundiu as Uniões de Defesa Coletiva, Comitês de Defesa Coletiva, ou Associações de Defesa Coletiva, nas diversas favelas de Belo Horizonte.

⁸⁷ OLIVEIRA, Samuel Rodrigues de. “A favela vem à cidade e não é para sambar”: O movimento de favelas de Belo Horizonte (1959-1964). Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2008. p. 26.

⁸⁸ Idem, p. 24.

O tipo e organização civil difundida em Belo Horizonte na formação do movimento de favelas foi a “Associação de Defesa Coletiva” ou “União de Defesa Coletiva”. Tal entidade teve sua origem na Vila dos Marmiteiros, em 1948, quando os moradores mobilizaram-se para lutas contra a ação de despejo empreendida pela empresa Mineira de Terrenos e por outros particulares representados pelo advogado Délcio Alves Martins. A defesa da posse da terra e da moradia contra as entidades desenrolou-se até 1957, quando a prefeitura comprou o terreno em litígio⁸⁹.

Para além de lutar efetivamente contra os processos de desapropriação de terra na capital, a criação do movimento explicita um embate entre o projeto de industrialização e transformação do espaço urbano das elites dirigentes e as camadas populares. Muitos desses inclusive, trabalhadores que colocavam em prática as obras em Belo Horizonte.

A ocupação elitista do solo reforçava as estratégias desenvolvidas pelos imigrantes pobres. Da década de 1940 à década de 1960, o crescimento acelerado da cidade criou grande pressão sobre o valor da habitação e do lote, em constante alta. Os lotes vagos eram valorizados em função do aumento da procura, intensificando o processo de acumulação de terrenos em áreas próximas ao centro de Belo Horizonte ou zonas que viriam a ser urbanizadas⁹⁰.

O embate, portanto, não era velado. A especulação imobiliária e riqueza dos arranha-céus influenciaram no crescimento das favelas. Uma “cidade jardim” não poderia compactuar com locais aglomerados habitados pelas camadas populares, próximos aos novos bairros de classe média que cresciam.

No ano de 1956, essa tensão é percebida através da mídia impressa. De um lado, o jornal O Estado de Minas expõe sua “preocupação” com a beleza da cidade, obviamente prejudicada pela presença das favelas

(...)Há um contraste chocante entre as favelas e os traços urbanísticos que compõem o panorama das cidades modernas. Não é, porém, esse detalhe de ordem estética que mais preocupa aqueles que se empenham na solução do problema criado pelas centenas de rústicas habitações que se erguem nos arredores das metrópoles. Em Belo Horizonte, por exemplo, o número de favelados atingiu, no início deste ano 40 mil. **É uma legião de criaturas humanas vivendo a margem da sociedade, em casebres infectos, dentro de um sistema de vida flagrantemente incompatível com a evolução da Capital. Atestado vivo do desnível social, esse aglomerado de barracões é, ainda,**

⁸⁹ OLIVEIRA, Samuel Rodrigues de. “A favela vem à cidade e não é para sambar”: O movimento de favelas de Belo Horizonte (1959-1964). Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2008. p. 28.

⁹⁰ Idem, p. 25.

foco de surtos endêmicos, palco de sofrimentos humanos e quase sempre refúgio de degenerados. Bastaria isso para nos convenceremos de que uma favela, onde centenas de pessoas desprovidas de recursos procuram abrigar-se, há também o perigo da escola do vício. Aí está, aliás, um dos aspectos mais graves⁹¹(...)

Dessa forma se propagava o discurso que expulsava os pobres para a periferia. Em nome da “preocupação” saúde, empurrava-se para a periferia o que julgavam ser “incompatível com a evolução da Capital”.

Mas do outro lado, como vimos, a população das favelas não só crescia como também se organizava. No ano de 1962 – 3 anos após a criação da Federação dos Trabalhadores Favelados de Belo Horizonte – o Jornal o Binômio dava voz aos habitantes da favela, através de uma nota intitulada “*O Barraco*”.

Precisamos é de mais favelas. Aos habitantes da “cidade” a favela pode parecer o fim do mundo, lugar de facínoras e ladrões que precisa ser limpadado pela polícia. Mas os fatos demonstram que se na favela habita um ou outro marginal deve-se às próprias vantagens conseguidas pelos habitantes da “cidade”. Grandes números de pessoas não podem mesmo morar em favela e moram debaixo do viaduto, de marquises e edifícios, no conjunto Kubitschek ou onde quer que achem lugar que os salve da inclemência do tempo e dos maus que lhes jogam tocos de cigarro, água fria, etc. Segundo estatística da Secretaria do Trabalho de Minas Gerais, existem seiscentas famílias no município de Belo Horizonte em condições de “subfavelamento”. Portanto, a polícia deve dirigir seus olhos contra outros lugares, bem mais próximos às agradáveis habitações dos banqueiros e comerciantes desta próspera (para eles) cidade, onde os marginais encontram melhor pasto para sua atuação, e não contra humildes operários(...)⁹²

A nota mostra não só a organização dos moradores das favelas em Belo Horizonte, como também as tensões entre membros da elite dominante e as camadas populares. Mais do que isso, o que estava em jogo era também a compreensão sobre a forma como a cidade crescia. Seja do alto dos arranha-céus ou dos morros e favelas, os desafios de uma cidade em expansão estavam colocados. A cidade vista de cima se expandia, alcançando os limites com as cidades vizinhas.

⁹¹ O ESTADO DE MINAS, 17 de outubro de 1956, p. 4.

⁹² **O Barraco.** IN: **Binômio**, Belo Horizonte, 15 de outubro de 1962, Caderno2, p.6.

Mas as transformações nos costumes e modos de vida dos habitantes da cidade ainda podiam ser percebidas sob outros pontos de vista. Se nas ruas e vista do alto Belo Horizonte se transformava, o mesmo também acontecia dentro de casa.

A vida dentro de casa – conforto e tecnologia

Junto às novas formas de se morar vieram também as novas formas de se vestir e se comportar, novidades tecnológicas, novos materiais que passaram a fazer parte da vida privada dos habitantes de Belo Horizonte. Assim como o tipo de casa escolhida para a moradia, a sua decoração e seu interior passaram a fazer parte de um conjunto de códigos e valores, que poderiam dizer sobre o estilo de vida de seus moradores. Mais do que isso, uma série de novos aparatos agora deveriam fazer parte da vida cotidiana e do interior das casas dos moradores da cidade.

No caso das camadas médias e mais abastadas da cidade isso é bastante perceptível, como nos mostra Samantha Moreira, em seu trabalho sobre o interior das casas em Belo Horizonte nos anos 50.

No decorrer da década de 1950, a casa se constituiu como extensão da cidade abrigando, através das peças de mobiliário – o que incluía os eletrodomésticos -, tecnologia disponível no período. Nas revistas da época, percebe-se que os hábitos, o vestuário e a decoração dos ambientes domésticos foram inspirados nos modos de vida norte americano. A variedade de materiais e o desenvolvimento de uma estética adequada ao processo de fabricação em série favoreceram a ampliação da produção e do consumo de artefatos diversos. De um modo geral, há a supervalorização das novidades tecnológicas aplicadas, dentre outros, aos eletrodomésticos. Acompanhando o processo de industrialização, o ritmo de vida, urbano e doméstico, torna-se mais intenso, tornando-se necessário adequar os espaços a uma nova funcionalidade⁹³.

Uma breve folheada pelas revistas de sociedade – como a Revista Alterosa, de Belo Horizonte – pode indicar como os modos de vida norte-americano haviam definitivamente

⁹³ MOREIRA, Samantha Cidaley de Oliveira. **Interiores de Casas Residenciais em Belo Horizonte: a década de 1950.** Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2006. p. 28.

substituído a influência francófila da transição do século XIX para o XX. Um dos grandes responsáveis por essa mudança parece ter sido o cinema. Os filmes de Hollywood se propagavam mundo afora, mostrando um novo jeito de se vestir e os valores do “american way of life”. Os carros, os cigarros, a atitude, tudo era mostrado nas páginas da revista, direto dos estúdios de cinema de Hollywood para inspirar leitores e leitoras da cidade.

Mas a vida dentro de casa trazia importantes mudanças. Muitas novidades para a vida doméstica que surgiram timidamente nos anos 30 e 40 foram melhoradas e se difundiram e ganharam mais adeptos nos anos 50 e 60, especialmente com a gradual queda nos custos de produção e nos preços. É o caso da enceradeira, do ventilador, do ferro elétrico e da vitrola portátil. Os fogões e fogareiros a gás chegavam pouco a pouco, ainda sendo objeto de luxo dentro de algumas residências, enquanto a maioria ainda usava os fogões à lenha⁹⁴.

Os refrigeradores evoluíram bastante. O anúncio da geladeira GE no ano de 1945 fazia uma comparação entre dois modelos para mostrar os avanços na tecnologia do produto: mostrava um desenho com a legenda “um dia em 1925”. No desenho, um modelo de geladeira do referido ano, com sistema antigo de tranca na porta. Ao lado, um desenho do novo modelo, acompanhado do texto que evidencia os avanços da tecnologia e o contexto da época.

Chegou ao Brasil um aparelho novo: o refrigerado G.E. hermeticamente fechado. Não uma simples geladeira elétrica mas, sim, algo que representava muitos anos de pesquisas.” O Novo Refrigerador chegou e venceu. Apreciado e popularizado, confirmou a tradição do monograma G-E e ocupou, no seu lar, um lugar difícil de substituir. Trate-o com a consideração que lhe merece um amigo fiel e dedicado e assim ele o servirá por muito mais tempo, mesmo porque - no momento - a General Electric ainda está mobilizada para o esforço de guerra. Encabece sua lista de compras com um refrigerador G-E de após-guerra, no qual serão incorporados os aperfeiçoamentos técnicos que a ciência obteve nestes últimos anos⁹⁵.

Com o fim da II Guerra Mundial as empresas de eletrodomésticos já divulgavam seus novos produtos, fruto do desenvolvimento da tecnologia e dos novos materiais. Junto com os

⁹⁴ FECOMERCIO. **Belo Horizonte & o comércio**: 100 anos de história. Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais: Belo Horizonte, 1997. p. 98.

⁹⁵ REVISTA ALTEROSA n° 67, novembro de 1945, p. 13.

refrigeradores, o liquidificador também contribuiria para transformações nos hábitos alimentares. Além disso, a banha de porco começa a ser substituída pelos óleos, e proliferam os alimentos enlatados⁹⁶.

A higiene e os cuidados com o corpo também haviam ganho muitos aliados. Para os homens, as lâminas de barbear Gillette, que substituíram as navalhas. Para as mulheres, o conforto dos absorventes íntimos e lenços de papel. Para ambos, o chuveiro elétrico automático. A limpeza e organização do espaço doméstico se tornam mais fáceis com o uso do aspirador de pó, da enceradeira e do exaustor. A máquina de costura elétrica portátil ganha um concorrente de peso nas lojas da cidade: as roupas de meia-confecção, uma “transição entre o alfaiate e a ‘roupa comprada pronta’, facilidade diante do ritmo de vida moderno⁹⁷”.

Para a praticidade e a velocidade que a vida moderna exigiam, o isqueiro automático, a caneta esferográfica e o relógio de pulso. Para o lazer e o conforto do lar, as lâmpadas fluorescentes e o toca discos portátil e ventiladores. O interior das casas dos moradores de Belo Horizonte – especialmente, os pertencentes às camadas mais abastadas da população – se tornava um espaço mais atraente. Apesar do luxo sempre ter existido nos objetos e aparatos das famílias de elite, o conforto ainda era um aspecto bem relativo. Com a chegada dos novos aparatos, isso sofreu uma melhora considerável.

Dentre as novidades que modificaram a vida privada dos habitantes da cidade estão os meios de comunicação. Nos anos 50 uma grande novidade causaria grande impacto: a chegada da televisão.

Em setembro de 1950, o Brasil ganha sua primeira imagem de televisão com a inauguração, em São Paulo, da TV Tupi. Em Belo Horizonte, a emissora pioneira foi a TV Itacolomi, inaugurada em 1955. A imagem invade as casas e passa, gradativamente, a preponderar sobre o som trazido pelo rádio nas décadas anteriores; os ouvintes vão se transformando em telespectadores⁹⁸.

⁹⁶ FECOMERCIO. **Belo Horizonte & o comércio: 100 anos de história.** Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais: Belo Horizonte, 1997. p. 99.

⁹⁷ Idem, p. 99.

⁹⁸ Idem, p. 120.

A chegada da televisão impressionava sob o ponto de vista da tecnologia. As imagens antes reproduzidas nas salas de cinema, agora eram transmitidas, dos estúdios para dentro da casa dos moradores da cidade. Apesar disso, a televisão era ainda um aparelho muito caro, acessível a poucas pessoas, e seu uso só seria generalizado cerca de 20 anos mais tarde, na década de 70. Enquanto isso, o rádio ainda reinaria por bons anos como principal meio de comunicação. E agora, não mais apenas dentro das casas. Em 1956 – um ano depois da inauguração da TV Itacolomi, em Belo Horizonte – era inventado o transistor, e com ele, o “radinho de pilha”⁹⁹. O rádio agora deixava o interior das casas, e acompanhava os habitantes ao centro, ao comércio, aos estádios.

E as novidades não paravam por aí. No final da década de 50 e início da década de 60. Os lançamentos das décadas anteriores, antes caros e para poucos, se popularizavam, ganhando também os lares das classes médias e, a depender do artefato, também das camadas mais populares. E continuavam chegando outras inovações, seguindo a mesma lógica:

Ainda nos anos 50 se consolidará a inclusão do fogão a gás entre os eletrodomésticos. Em 1955, a Liquegás oferecia “gás lacrado, peso exato e garantido”. A lavadora Brastemp e o aspirador de pó foram algumas das grandes novidades depois que a geladeira se estabelecera. Pelos anúncios, por volta de 60, foram os móveis de fórmica – a “maravilha do século XX” – o novo sonho das donas de casa. Para os homens, a “Gillette” foi substituída pelo barbeador eletrônico “Philishave”. Entre os carros, o “novo líder 65” era o Aero Willys¹⁰⁰.

Todas as novidades que agora povoavam – em maior ou menor medida – o interior das casas dos habitantes de Belo Horizonte não eram apenas aparelhos ou objetos em si. Muitos desses objetos poderiam demonstrar status, estilo de vida, mas acima de tudo, novos hábitos. O conforto e a praticidade dentro de casa eram necessários para uma vida veloz e dinâmica fora

⁹⁹ Idem, p.121.

¹⁰⁰ FECOMERCIO. **Belo Horizonte & o comércio: 100 anos de história.** Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais: Belo Horizonte, 1997. p. 134.

dela. A quantidade de novos produtos para a casa mostrava como a vida estava agitada do lado de fora.

A vida fora de casa – a rua, o trânsito, o comércio e os encontros.

O conforto e as novidades que povoavam as casas. Além do trabalho, o lazer e as diversões também convidavam os habitantes de Belo Horizonte à rua. As lojas, cafés, os cinemas, teatros, os esportes e o comércio deixavam a vida na cidade mais atrativa do que nos primeiros anos da capital. A cidade havia crescido e os transportes eram mais eficientes do que nos primeiros anos. O belo-horizontino finalmente ocupara as ruas. Se nos bairros a movimentação ainda era tímida, o centro da cidade, a Savassi, e em alguma medida o bairro da Floresta, eram espaços de muita movimentação.

Todos esses novos produtos mencionados eram encontrados no comércio de Belo Horizonte, que vivia dias agitados. Os eletrodomésticos poderiam ser encontrados nos grandes magazines do centro da cidade. Em 1956, rádios e inclusive televisores já poderiam ser adquiridos nas Lojas Mesbla, localizadas na rua Curitiba¹⁰¹. Outra opção eram as Casas Arthur Haas, situada na rua Alagoas, que também vendia eletrodomésticos.

¹⁰¹ REVISTA ALTEROSA, junho de 1956, p. D.

imagem perfeita... som incomparável... móvel atraente...

Reunidos nos insuperáveis receptores TV **Radiola***

Os receptores TV - Radiola, produtos da RCA - Victor - primeira em Televisão - oferecem-lhe o máximo em qualidade: imagem mais nítida e mais luminosa... som incomparável... móvel de estilo moderno, vistoso... e reúne, também, os mais avançados aperfeiçoamentos da técnica eletrônica. Ao adquirir o seu receptor TV exija a marca Radiola para a sua completa satisfação!

TV de meso-mod. BR-211550
Tela de 21 polegadas
Móvel em madeira ou marfim.

TV console-mod. BR-211560
Tela de 21 polegadas
Móvel em madeira ou marfim.

TV conjugado-mod. BR-211591
Tela de 21 polegadas
Toca-discos automático de 3 velocidades. Rádio de ondas curtas e longas. Móvel em madeira ou marfim.

* Marca registrada pela Radio Corp'n of America e fabricada pela RCA-VICTOR RÁDIO S. A.

MESBLA
Fundada em 1912
RUA CURITIBA, 444
BOM FIM
1001-1002
1003-1004
1005-1006

A VENDA NAS BONS CASAS DO RAMO

D

ALTEROSA

15 DE JUNHO DE 1956

FIGURA 1 – Anúncio das lojas Mesbla, 1956.

Fonte: Revista Alterosa

A forma de se pagar por esses produtos também evoluía. Um dos fatores que permitiu uma transformação no comércio e o acesso da população às novidades tecnológicas foi o acesso ao crédito. O “crédito direto ao consumidor”, também essencial para a ampliação do consumo de novos produtos, era explicitado nas propagandas desde a década de 50. A Inglesa Levy, por exemplo, oferecia a venda por meio de 5, 10, 15 ou 20 pagamentos, a Mobiliadora Inglesa anunciava o Plano Leão: pagamento em 16 meses sem entrada, sem fiador, e a Bemoreira, em 1966, oferecia 40 meses para pagar¹⁰².

O sistema de compras à prestação se ampliava para todos os tipos de bens de consumo, como automóveis e inclusive, na década de 60, para as cadeiras cativas do estádio Governador

¹⁰² FECOMERCIO. **Belo Horizonte & o comércio: 100 anos de história.** Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais: Belo Horizonte, 1997. p. 132.

Magalhães Pinto, o Mineirão. Mas a novidade exigia também uma nova organização por parte dos comerciantes. Segundo a FECOMERCIO,

Em 1957, havia sido criada a União dos Revendedores de Aparelhos Elétricos (Urapel), que desenvolveu um trabalho pioneiro, qual seja, a organização de um fichário contendo os maus pagadores em Minas. A partir dessa experiência, um grupo de lojistas planejou um centro de informações creditícias como mecanismo de proteção aos riscos relativos à venda a prazo. Assim foram criados, em 1960, o CDL e, no ano seguinte, o SPC¹⁰³.

Além disso, as compras do dia-a-dia também ganharam uma grande novidade na década de 50. “Os primeiros supermercados da capital de que se tem registro escrito foram o Supermercado Granjas Reunidas, na rua Espírito Santo, 1009, inaugurado em maio de 1956, e o Supermercado Nossa Senhora de Lourdes, que iniciou suas atividades em setembro de 1957, na rua Curitiba”¹⁰⁴.

Produtos etiquetados com o preço nas prateleiras, organizados e ao alcance dos clientes, com pagamento na hora era uma grande novidade para o belorizontino. Os moradores da cidade sempre estiveram acostumados com as “vendas” e armazéns dos bairros. Mais do que isso, o sistema “pegue e pague” também inovava, pois mesmo tendo dinheiro para pagar, era comum no comércio de venda de produtos alimentícios e de limpeza o sistema de caderneta. Nele, os donos dos estabelecimentos anotavam as compras dos fregueses, que por sua vez, faziam pagamento semanal ou mensalmente.

Mesmo surgindo como novidade, o supermercado só foi se estabelecer como um dos principais espaços de compras na década de 70. Mas a mudança representava uma grande transformação nos costumes e modos de vida dos habitantes da cidade: ela acabava pouco a pouco com a figura do “dono” da venda ou do armazém, que guardava uma relação de confiança com o freguês, geralmente conhecido e morador da região, dando lugar às relações mais impessoais, na figura do vendedor ou do gerente.

¹⁰³ Idem, p. 133.

¹⁰⁴ Idem, p. 121.

Outro fator que pouco a pouco inviabilizava o sistema de caderneta era a inflação, fazendo da prática de pagar na hora uma necessidade devido aos aumentos sucessivos do preço dos produtos. Inclusive, o próprio supermercado, assim como todas as novidades tecnológicas e novos serviços que surgiam, eram privilégio das classes mais abastadas.

Mas as camadas populares também experimentavam novas relações com o comércio e o abastecimento da cidade. No ano de 1958 – dois anos após a instalação do primeiro supermercado da cidade – a Prefeitura de Belo Horizonte inaugurou o seu supermercado na Avenida Barbacena, entre a Avenida do Contorno e a Rua Goitacazes¹⁰⁵. Mas outras iniciativas ainda seriam necessárias para abastecer a cidade que crescia com a industrialização.

A década de 50 foi, entretanto, também caracterizada por uma crise de abastecimento. Para enfrenta-la, o Poder Público diversifica sua participação na comercialização, na distribuição e no armazenamento de alimentos. Essa ação tinha como objetivo básico oferecer produtos abaixo do preço de mercado à população de menor poder aquisitivo. Várias experiências e projetos foram criados ou incentivados pela Prefeitura, além das feiras livres, regulamentadas no final da década anterior (...) Com a colaboração da Prefeitura, foi construído, pela Beneficência dos Empregados Municipais, um mercadinho localizado na Avenida Antônio Carlos, nas proximidades do conjunto IAPI. Destinava-se ao abastecimento da zona norte, possuindo 30 lojas e 30 bancas cobertas. Nele, os pequenos produtores aportavam, trazendo suas mercadorias em cestas e balaios¹⁰⁶.

Além disso, outras medidas foram necessárias para suprir a população. Os armazéns reguladores municipais foram criados “para a oferta a baixo custo de gêneros de primeira necessidade¹⁰⁷”. Além deles, iniciativas estatais como o Serviço de Alimentação e Previdência Social (Saps), responsável por uma rede de 11 postos de “subsistência”, a Companhia de Abastecimento e Preço (Coap), a Superintendência Nacional de Abastecimento (Sunab) atuavam no sentido de abastecer a cidade e seus habitantes. O crescimento da cidade trazia consigo alguns desafios, mas também, outras novidades nas formas de viver e experimentar o espaço.

¹⁰⁵ FECOMERCIO. **Belo Horizonte & o comércio: 100 anos de história.** Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais: Belo Horizonte, 1997. p. 122.

¹⁰⁶ Idem, p. 124.

¹⁰⁷ Idem, p. 125.

Com muitos novos habitantes, o comércio aquecido e oferecendo uma série de serviços e empregos, a cidade crescia e se movimentava. Se as pessoas agora estavam nas ruas, um dos aspectos que merece destaque são seus passos. O *footing* praticado pelos habitantes da cidade desde a década de 20 ganhava outros contornos nas décadas de 40 e 50. Apesar de seu caráter esportivo, o *footing* era uma atividade mais complexa. A caminhada envolvia algumas regras socialmente construídas a partir da relação dos seus praticantes com o espaço da cidade.

O *footing* da Avenida Afonso Pena era em frente à Casa Guanabara e à Casa Slopper adquiriu caracteres de centralidade nos anos 40 e 50. Em diferentes temporalidades, convergiam para o centro frequentadores da zona urbana e da periferia, definindo a Avenida como lugar-síntese da convivência. O *footing* acontecia aos sábados e domingos no período da noite, sendo que, no lado da Casa Guanabara, circulavam os negros e as empregadas domésticas e, no lado direito circulava a elite que morava no centro e que vinha dos bairros contíguos. O *footing* era designado também como “o da calçada do Cine Glória”. “Porque ali, entre outros prédios estava o da famosa casa de espetáculos cinematográficos. Na tela a beleza morena e sensual de Hedy Lamar; o *aplomb* de Barbara Stanwick (...); o gênio inconfundível de Charles Chaplin; a presença marcante de Humphrey Bogart(...)”¹⁰⁸.

Além da caminhada, o *footing* poderia envolver também a conversa, o flerte, o momento do café. Mais uma vez a divisão além de espacial era também social, com grupos distintos ocupando diferentes espaços da capital. Mas a prática do *footing* revelava um pouco da relação dos habitantes com a cidade. Uma cidade que se modernizava, mas ainda convidava seus habitantes a uma volta, à conversa, ao flerte no espaço da rua, ao encanto do comércio. O *footing* vai perdendo suas características e desaparecendo – inclusive no emprego da palavra – no final da década de 50 e início da década de 60. Seu tradicional espaço de acontecimento, o centro da cidade, agora estava mais cheio e ocupado com outras funções. Segundo Celina Borges Lemos, nos anos 60, “a função do Centro como prestador de serviços irá superar a sua função comercial. O comércio reduz sua participação percentual em relação às atividades financeiras e de representação, transformando a região em um centro executivo financeiro”¹⁰⁹.

¹⁰⁸ LEMOS, Celina. **Determinações do espaço urbano**: a evolução econômica urbanística e simbólica do centro de Belo Horizonte. 1988. 2v., enc.: Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. p. 210.

¹⁰⁹ LEMOS, Celina Borges. **Savassi**: a consolidação de um centro urbano. Belo Horizonte: 1985. 150p.

Mas o *footing* não era a única atividade que levava os belo-orientinos às ruas. Como já apontado, os cinemas também eram grande atração do período, a serviam inclusive como referência de localização na cidade. Em 1946 a cidade contava com 20 salas de cinema, somando acomodações para 20 mil pessoas. Ao longo das décadas, alguns cinemas foram se consolidando como espaço de encontro em diversos pontos da cidade, como no Cine Pathé (inaugurado em 1948), na Savassi, o Cine Theatro Brasil (de 1932), na Avenida Afonso Pena, e o Cine Odeon, na Floresta.

A rua ainda convidava a outros passeios e diversões, cotidianas e sazonais. Belo Horizonte tinha além dos cinemas, teatros, circos e “dancings”¹¹⁰. No carnaval, na década de 50, era a época da folia nas ruas da cidade.

O Carnaval, uma atividade do mundo não-habitual, mas já inserida no calendário anual do belo-orientino, mantinha a tradição. Fora dos clubes, o Carnaval acontecia principalmente na Rua da Bahia e Avenida Afonso Pena. O curso, a batalha de confetes e os carros alegóricos mobilizavam os foliões provenientes de pontos da cidade. Como festa, o Carnaval era um jogo, “mas solene, regrado, significativo, imagem do que não é comum.” Alguns blocos de bairro convergiam para o centro, que se transformava em um palco de competição, com presença de torcidas. Todo esse jogo era definido por regras e critérios, sempre sendo acirrada a disputa entre grupos de torcedores e concorrentes¹¹¹.

Nas ruas dos bairros era possível encontrar os estabelecimentos comerciais de pequeno porte, alguns serviços de venda de porta em porta, a brincadeira das crianças e a rotina para as escolas. No centro da cidade via-se a agitação das ruas, dos automóveis e das diversões. Alguns autores tentam resgatar um pouco desse encontro nas ruas da cidade, mostrando a partir da memória um pouco da vida em Belo Horizonte.

A vida urbana era ainda a de uma cidade plantada de magnólias, onde o descer e o subir eram ações que não se circunscreviam aos bondes. “ Tinham conotação própria, designando o ato de ir até o centro e dele regressar”. A paquera acontecia nos footings ou nos percursos de automóvel: era o Buick possante, o Packard majestoso ou baratinhas. “Namorar era sair do *footing* e ir passear do outro lado, sozinho com a menina, sentar-se com ela na matinê do cinema”¹¹².

¹¹⁰ **Belo Horizonte**. REVISTA ALTEROSA n° 76, agosto de 1946, p. 135. Matéria não assinada.

¹¹¹ LEMOS, Celina. **Determinações do espaço urbano**: a evolução econômica urbanística e simbólica do centro de Belo Horizonte. 1988. 2v., enc.: Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. p. 209.

¹¹² Idem, p. 206.

As ruas da cidade estavam definitivamente mais agitadas, lembrando pouco da mansidão e quietude dos primeiros anos da capital. De fato, a partir da década de 50 essas ruas tomariam um caminho sem volta. Seja com o comércio e as diversões, seja com os serviços e afazeres do mundo do trabalho, os habitantes da cidade agora caminhavam, corriam, dirigiam pelas ruas de uma Belo Horizonte que se consolidara como a terceira capital do país.

Nesse processo, a cidade vista de cima, de dentro de suas casas e das ruas necessita ainda de seus últimos contornos. Mostramos ao longo deste capítulo o crescimento de Belo Horizonte sob a ótica de seu processo de industrialização. Essa opção deixou mais evidente um caminho ligado à prosperidade da cidade, aos avanços tecnológicos e as benesses do progresso. Todos esses aspectos obviamente existiram, mas é também importante apontar outros, ligados ao “preço” pago por pelo rápido crescimento da cidade.

Belo Horizonte encontrava no crescimento acelerado da cidade os mais diversos desafios. Além das reorganizações espaciais que privilegiavam as elites em detrimento das camadas populares – que mostramos ao abordar o surgimento das favelas e de algumas iniciativas de repressão às camadas populares – outros fatos ainda matizariam a prosperidade e modernidade almejada pela capital mineira.

A cidade enfrentou longos anos com problemas em seu abastecimento de água, por exemplo. A rede de água e esgoto que foi construída para um número reduzido de moradores, estava agora sobrecarregada com a presença dos edifícios e arranha-céus. No ano de 1956 o déficit de consumo de água alcançou a marca de 50 milhões de litros diários, e os habitantes inclusive da região central eram acometidos com a sua falta.

A cidade crescia, portanto, nas tensões entre o projeto de industrialização pensado para seu desenvolvimento e as relações com seus habitantes. Belo Horizonte era a Cidade Jardim, da Pampulha, dos arranha-céus e do centro agitado. Cidade do comércio, do cinema, dos

automóveis, do supermercado e dos cafés. Mas Belo Horizonte ainda era, ao mesmo tempo, a cidade dos fogões à lenha e das carroças, dos centros populares de abastecimento e das favelas.

Buscamos a partir de alguns apontamentos evidenciar as transformações na cidade de Belo Horizonte, especialmente entre 1950 e 1965. Além de passar por alguns aspectos econômicos e políticos, procuramos conduzir esta análise sob o ponto de vista da cidade. O seu processo de industrialização, as transformações nas ruas, o surgimento de novos bairros, os arranha-céus e as favelas. Da cidade para os seus habitantes, vimos como também se modificaram o interior das casas, as relações de consumo frente às novidades do pós guerra, bem como os locais de passagem, de encontro da cidade.

De maneira proposital, deixamos de abordar um importante aspecto para este trabalho. As novas formas de se relacionar produzidas neste período fizeram emergir dentro da cultura urbana uma série de novas formas de se relacionar com a cidade. Na cidade em que cresciam os gigantes – arranha-céus, estradas, viadutos e estádios – se transformavam as multidões e seus corpos. Belo Horizonte via emergir uma nova forma de se relacionar com o esporte. Seus habitantes viam emergir novas formas de se relacionar com essa prática e com seus corpos.

Capítulo 2 - A cultura esportiva como cultura urbana

Neste capítulo buscamos apresentar, analisar e discutir aspectos sobre a cultura esportiva relacionados à cultura urbana na cidade de Belo Horizonte. Pra isso, elencamos alguns elementos da cultura urbana que foram influenciados pela cultura esportiva e vice-versa. Procuramos ao longo do texto mostrar que o surgimento e constituição de uma cultura esportiva – enquanto uma das muitas culturas urbanas – foi marcado por tensões. Buscamos direcionar as discussões não de forma a particularizar a cultura esportiva, mas sim discutir a emergência e estabelecimento desta sob a ótica da cidade. Ou seja, ela influencia e é influenciada pela cidade. Seu funcionamento não é autônomo nem tão pouco se coloca em uma relação de maior importância sobre outros aspectos da cultura urbana. Constitui-se, pois, em mais uma das muitas formas de se ler a cidade, de se olhar a cidade e tentar compreendê-la em toda a sua complexidade.

E daí parte a nossa ideia da constituição de uma cultura esportiva. O termo não é de todo novo, se assemelha a ideia de campo esportivo apresentado por Bourdieu¹¹³, mas aqui é apresentado como um conjunto de costumes e modos de vida ligados a esse campo e que passam a ser vivenciados no espaço da cidade. Para além de nominar um conjunto de práticas e modalidades, o esporte denomina uma cultura, um conjunto de produções e significações. Veremos através das fontes como essa cultura se relaciona com a cidade a partir de alguns apontamentos.

Os exemplos apresentados neste capítulo se referem à cidade de Belo Horizonte entre as décadas de 1950 e 1960¹¹⁴. Optamos por organizar o texto a partir de elementos importantes

¹¹³ BOURDIEU, Pierre. **Programa para uma sociologia do esporte** IN: BOURDIEU, Pierre: **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

¹¹⁴ Utilizamos de forma pontual alguns exemplos da cidade do Rio de Janeiro, com objetivo de matizar e contextualizar a situação de Belo Horizonte. Capital da República até abril de 1960, a cidade era constantemente citada em reportagens dos jornais mineiros como modelo de desenvolvimento econômico e cultural a ser

para a cultura esportiva, tais como as novas práticas, os novos padrões corporais, a presença das mulheres, das elites e das camadas populares na prática esportiva, entre outros. Para cada um deles, recorreremos às fontes pesquisadas.

Esporte, Cidade, Modernidade

Iniciamos nossa investigação apontando algumas relações entre o esporte, a cidade e a modernidade. No contato com as fontes, buscamos mostrar como o desenvolvimento de Belo Horizonte sob a égide dos discursos sobre a modernidade e sobre o desenvolvimento industrial perpassa também sob a questão do esporte, das práticas corporais e do desenvolvimento físico.

Como ponto de partida, precisamos localizar o fenômeno esportivo, estabelecendo suas relações com a cidade e a Modernidade, em uma breve contextualização. Apesar da historiografia esportiva mundial pouco a pouco consolidar a ideia da origem moderna do esporte, ainda se faz necessário alguns esclarecimentos sobre esta posição. Ou seja, concordamos com diversos autores¹¹⁵ que entendem o surgimento do esporte enquanto um fenômeno moderno, obviamente sem ignorar todo o conjunto de práticas corporais que acompanha o homem ao longo de sua história.

Temos então como um marco na historiografia, a Inglaterra dos fins do século XVIII e início do XIX, no contexto da Revolução Industrial, do advento do capitalismo, como berço do surgimento do esporte moderno. Através da regulamentação, sistematização e adaptação de inúmeras práticas culturais da antiguidade (jogos, lutas, danças, festejos e brincadeiras), foram criados então surgir diversos *sports* (palavra de origem inglesa), tais como o boxe, o futebol, o

alcançado. Da mesma forma, trazemos também informações e dados de âmbito nacional que influenciaram a cultura esportiva na cidade de Belo Horizonte.

¹¹⁵ BOURDIEU, Pierre. **Como é possível ser esportivo?** IN: BOURDIEU, Pierre: **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1983. p. 136–153. ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992. MELO, Victor Andrade de. **Esporte e Lazer: conceitos**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

tênis, entre outros¹¹⁶. O esporte surge enquanto um estilo de vida associado às elites e à nova burguesia emergente na Europa nos fins do século XVIII e início do XIX. Desde então as compreensões acerca do termo “esporte” foram se transformando, mantendo algumas características, ganhando tantas outras.

Por mais que a ideia de diversão, jogos, festejos, etc. estivesse sempre presente na história da humanidade, interessa-nos aqui compreender o esporte sobre a ótica da cidade moderna, mais especificamente entre 1950 e 1965, período da construção dos grandes estádios de Belo Horizonte e também de grandes investimentos em um modelo de industrialização. Como mostrado no capítulo 1, apesar das tensões na constituição dos projetos de desenvolvimento para o país, entendemos que se consolida o projeto baseado na industrialização e no desenvolvimento de tecnologia. Com isso, Belo Horizonte passa a orientar as ações para seu desenvolvimento, passa a construir conceitos e formas de pensar a partir da desta ótica¹¹⁷.

Seja a partir da compreensão da Modernidade enquanto “o transitório, o efêmero, o contingente, é a metade da arte, sendo a outra metade o eterno e o imutável¹¹⁸” – e dessa forma a mesma seria atemporal; ou como “estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que posteriormente se tornaram mais ou menos

¹¹⁶ BOURDIEU, Pierre. **Programa para uma sociologia do esporte** IN: BOURDIEU, Pierre: **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 207–220.

¹¹⁷ Isso se dá nas mais diversas esferas, inclusive com aspectos que parecem por vezes distantes da ideia de cidade. Basta lembrar que o próprio conceito de natureza, e às vezes do mundo rural, neste momento é constituído a partir da ótica do urbano. O discurso de “fuga da cidade”, do stress, do mundo do trabalho e do capitalismo desenfreado se dá a partir de uma idealização da natureza, bela, contemplativa, relaxante. Como nos mostra Cleber Dias, é justamente neste momento e a partir da ideia de “fuga da cidade” que observamos uma “explosão” dos chamados esportes da natureza, ou esporte de aventura, como a escalada, o surfe, o montanhismo, rafting, entre muitos outros. DIAS, Cléber Augusto Gonçalves. **Urbanidades da natureza: os esportes e a cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 2007. Dissertação (Mestrado em História Comparada) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

¹¹⁸ BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a Modernidade: o pintor da vida moderna**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. p. 24.

mundiais em sua influência¹¹⁹”, percebemos que muitas das características definidoras da Modernidade são também definidoras do esporte. Como nos mostra Victor Melo:

É fato que uma das marcas do ideário e imaginário da modernidade é tanto maior presença na cena pública quanto maior interesse pelo corpo. Essas relativamente novas dimensões (se se considerar que, no formato atual, se estruturaram apenas desde o final do século XVIII) tem relação com uma série de mudanças articuladas: o desenvolvimento de um novo modo de produção (o fabril), o crescimento das cidades, a emergência de novas classes sociais (a burguesia e o operariado), a valorização da tecnologia, o desenvolvimento do pensamento científico (e a conseqüente redução de injunções de natureza religiosa), a estruturação de uma indústria do entretenimento, a configuração da imagem e do espetáculo como noções fundamentais na estruturação do novo *modus vivendis*. É nesse cenário que o esporte moderno se define, logo sendo um dos principais indicadores da complexidade desse novo quadro¹²⁰.

O esporte se constitui, portanto, como uma das formas de se experimentar a modernidade. Abandona-se o termo “esporte moderno” passando a se utilizar apenas a palavra “esporte” a partir do entendimento de que essa nova cultura que emergia adquiria características próprias daquele tempo, não podendo então compará-las ou agrupá-las sob o mesmo conceito de outras práticas corporais da antiguidade – por mais que algumas se assemelhem a alguns esportes atuais, diferiam e muito os seus sentidos e significados.

Por sua relação e contemporaneidade, esporte e Modernidade dividem alguns códigos, alguns conjuntos de valores que são caros a ambos. A ideia de mobilidade, de exaltação de características tais como a velocidade, o domínio sobre as variáveis de controle de desempenho, sobre a ciência e o progresso; técnicas de controle e mensuração de tempo e espaço.

Obviamente, esses valores estiveram presentes no contexto de Belo Horizonte, entre os anos de 1950 e 1965. Como vimos no capítulo anterior, nesse período, a cidade já começava a experimentar de forma mais intensa das benesses presentes nas grandes cidades da Europa e

¹¹⁹ GIDDENS, Anthony. **As Consequências da Modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991, p. 11.

¹²⁰ MELO, Victor Andrade de. **O corpo esportivo nas searas tupiniquins** – panorama histórico. In: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia. *História do Corpo no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2011. pp. 507-529.

Estados Unidos desde a transição do século XIX para o XX, além é claro, de uma série de novidades tecnológicas advindas do pós-guerra.

Com tantas novidades, o dinamismo é discurso comum em diversas esferas da vida cotidiana. A sensação de mobilidade e velocidade tão presentes nos esportes toma conta das cidades, sob os avanços das novas tecnologias e materiais.

As práticas físicas desposam as máquinas de sua época neste começo do século XX, e os materiais novos também, a passagem da madeira ao aço, por exemplo, que já tinha começado para o esporte no final do século anterior: o recurso aos canos de ferro para a base dos aparelhos de ginástica, ao aço alongado para a elasticidade das barras fixas, ao duralumínio para diminuir o peso dos motores de competição. E isso transforma ainda as motricidades, entregues mais às velocidades, aos impulsos, às agilidades¹²¹

Cabe lembrar que esses materiais que transformavam a prática esportiva transformavam também o cotidiano das cidades. E nesse processo, a velocidade era um valor exaltado e tido como primordial para a sociedade. Anúncios de produtos que agora chegavam aos moradores das grandes cidades nos dão uma ideia dessa dimensão. Máquinas de escrever para agilizar o trabalho nos escritórios; para chegar mais rápido, automóveis; para ir mais longe, os voos nacionais e internacionais das companhias aéreas; e para ficar sabendo de todas as novidades, rádios modernos e potentes.

O tempo agora era um bem valioso, e os habitantes das cidades passavam a perceber cada vez mais a sua importância. Nesse momento, uma invenção do século XIX era aprimorada através dos novos materiais e técnicas de produção, tornando-se mais preciso, barato, e popularizando-se entre os homens: o relógio de pulso. Esse artefato ajuda a representar o novo ideário de uma cidade moderna, e também esportiva. O anúncio do modelo da marca suíça Eska trazia desenhos de pessoas em um aeroporto, acompanhado dos seguintes dizeres:

Quando UM MINUTO é fator decisivo.

¹²¹ VIGARELLO, Georges; COURTINE, Jean-jacques. **História do Corpo Vol. 3 – As mutações do olhar: o século XX**. Petrópolis: Editora Vozes, 2008. p. 207.

Se usamos o avião para ganhar tempo em viagens rapidíssimas, não se explica que se perca tempo pela inexatidão. Seja moderno também no uso dos relógios. Use Eska. Eska, relógio suíço antimagnético, de modelos distintos e elegantes, é preferido pelas pessoas que cultivam a pontualidade. Chegue sempre na hora exata, usando um Eska¹²².

Quando UM MINUTO é fator decisivo!

Se usamos o avião para ganhar tempo em viagens rapidíssimas, não se explica que se perca tempo pela inexatidão. Seja moderno também no uso dos relógios. Use Eska. Eska, relógio suíço antimagnético, de modelos distintos e elegantes, é preferido pelas pessoas que cultivam a pontualidade. Chegue sempre na hora exata, usando um Eska.

Eska
RELÓGIO SUÍÇO ANTIMAGNÉTICO

PANAM Casa de Amigos

30 ALTEROSA * ABRIL DE 1947

FIGURA 2 – Anúncio dos relógios Eska, 1947.

Fonte: Revista Alterosa

O anúncio exalta o avião como meio de transporte que nos permite ganhar o tempo cada vez mais precioso nas grandes cidades, e chama os homens à modernidade através do uso dos relógios de pulso. Neste momento, os valores da modernidade sob a égide da tecnologia se mostram no cotidiano das grandes cidades. Por conseguinte, o mesmo se percebe nos esportes: se um minuto poderia ser um fator decisivo na vida das pessoas, nos esportes essa busca pela precisão era radicalizada, fazendo dos segundos e décimos de segundo medidas decisivas para os grandes feitos, quebras de recordes e melhoras no desempenho esportivo. O uso dos relógios

¹²² REVISTA ALTEROSA nº 84, abril de 1947, p. 30. Destaque do anúncio.

e cronômetros crescia, e contribuíam para o seu consumo o estilo de vida das grandes cidades, bem como as necessidades de mensuração impostas pela prática esportiva.

As relações entre esporte/modernidade/tecnologia se desenvolvem na cidade viva, no cotidiano de seus moradores. Os records, e avanços do esporte, bem como sua relação com a tecnologia são próprios de uma sociedade industrial, que mensura, divide, metodiza. Mensurar, avaliar e quantificar as marcas esportivas, os progressos científicos, econômicos e culturais era hábito comum, parte integrante da divulgação do estilo de vida moderno. Na cidade de Belo Horizonte, assim como em outras grandes cidades no Brasil e no mundo, o esporte era considerado também como elemento indicador de uma cidade moderna, industrializada e com sucesso no campo econômico. Isso pode ser percebido no discurso que mostram o crescimento e o avanço dessas capitais brasileiras.

No ano de 1942, Belo Horizonte experimentava o crescimento econômico, o aumento populacional e consequente ampliação dos espaços de convivência na cidade. Dentre essas transformações, estava também a maior participação feminina na sociedade – também impulsionada pela 2ª Guerra Mundial¹²³ –, inclusive, no campo esportivo. A Revista Alterosa dava conta dessa nova mudança da cidade e da presença do esporte nesse contexto:

Belo Horizonte, cidade moderna, em todos os magníficos aspectos de sua vida, tinha, forçosamente, que ser desportiva, preparando o vigor e a força física de sua juventude, com esse mesmo entusiasmo com que cuida de seu desenvolvimento e progresso espiritual. Daí as lindas e majestosas piscinas, que adornam as suas ricas praças de esportes, onde desfilam, nas manhãs quentes de sol, a graça e a poesia das montanhas e onde os corpos atléticos dos jovens se douram da luz forte dos dias estivais. Constitue um espetáculo sadio a perfeição harmoniosa dos corpos moços, palpitantes de saúde e vitalidade, dominando o lençol azul das águas lípidas das piscinas, e movimentando-se, elásticos e musculosos, felinos e ardentes, em esplêndidas exposições esportivas, como se pode notar agora que se inicia a estação estival¹²⁴(...)

¹²³ Durante a Segunda Guerra, com a mobilização e saída de muitos homens para servir ao exército, bem como com o crescimento econômico proporcionado pela industrialização, a mulher brasileira foi chamada a ocupar mais espaço na sociedade, ocupando mais cargos no mercado de trabalho e transformando seu papel social.

¹²⁴ **A mulher mineira no Esporte.** REVISTA ALTEROSA nº 22. Janeiro de 1942, p. 34. Matéria não assinada. Grifos meus.

O trecho da reportagem que fala sobre a chegada do verão na cidade pode ser analisado por diferentes maneiras. Os clubes e a sociedade mineira da década de 40 finalmente colocaram em prática o projeto de uma cidade desportiva. Ainda que “forçosamente”, o esporte finalmente figurava de maneira mais intensa e presente na cultura urbana da cidade¹²⁵. Além dos aspectos práticos – Belo Horizonte tinha agora mais espaços e equipamentos esportivos – crescia também a força do discurso que colocava o esporte como fonte de beleza, saúde e progresso. Os “corpos moços, palpitantes de saúde e vitalidade” nos mostram como o esporte modificava alguns valores da época.

Em 1946, as vésperas de completar 50 anos, foi feito um balanço do desenvolvimento de Belo Horizonte. Os dados escolhidos pela revista para apresentar o desenvolvimento da cidade no seu primeiro cinquentenário incluíam a quantidade de prédios altos construídos, quantidades de salas de cinema, dados sobre transportes, e também, um panorama do desenvolvimento do esporte na cidade.

Em 1939, concluíram-se em Belo Horizonte nada menos de 835 prédios. De 1940 a 1945, em plena guerra, a cidade edificou nada menos de 3850 prédios, com uma área total de piso de 525.110 metro quadrados!(...) Atualmente, a nossa Capital dispõe de 37.525 prédios, entre os quais se contam numerosos arranha-céus de dez a quinze andares. Mais de 60 novos arranha-céus estão com suas obras iniciadas, alguns dos quais com mais de 20 andares!”

Também os esportes e a cultura física encontraram em Belo Horizonte um dos centros mais adiantados do Brasil. Dispomos atualmente de 8 grandes clubes esportivos, magnificamente aparelhados, e dezenas de clubes menores. Nove quadras de tênis, 6 quadras de bola ao cesto. Sete para volei. Um moderníssimo campo para ginástica e brinquedos infantis. Um campo gramado para ginástica e jogos. Cinco piscinas (não contando as particulares) 3 grandes estádios de futebol, 1 pista de atletismo, 1 ring para luta livre, 1 stand para tiro ao alvo e outro para tiro ao voo. Nada menos de 21.449 pessoas se acham inscritas nas associações de cultura física de nossa Capital. E já que falamos nos esportes, convém não esquecer que os belo-orientinos são os campeões nacionais de natação infanto-juvenil do país, por sete vezes consecutivas. E este ano, sagraram-se também campeões brasileiros de volei masculino e feminino¹²⁶.

¹²⁵ Estudos mostram a presença do esporte na capital mineira desde os seus primeiros anos. Contudo, as práticas esportivas não lograram muito sucesso e não conseguiram se firmar nos primeiros anos de Belo Horizonte. Para saber mais sobre os primórdios do esporte na capital ver RODRIGUES, Marilita Aparecida Arantes. **Constituição e enraizamento do esporte na cidade** uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894-1920). Tese (Doutorado em História) – Belo Horizonte: UFMG, 2006.

¹²⁶ **Belo Horizonte**. REVISTA ALTEROSA n° 76, agosto de 1946, p. 135. Matéria não assinada. Grifos meus.

Os dados apresentados pela revista mostram os esportes junto a outras variáveis que indicavam o desenvolvimento econômico da cidade de Belo Horizonte. Além deles, dados oficiais do Governo Federal servem como indício do desenvolvimento das cidades no campo esportivo.

No ano de 1948 foram arrolados no país os locais (públicos e privados) destinados à prática de esportes. Foram contabilizados 4924 espaços¹²⁷ no Brasil, dos quais 1121 estavam nas capitais. As cidades do Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte, possuíam respectivamente, 277, 248 e 75 espaços esportivos, ou seja, 53,5% da soma de todas as capitais¹²⁸.

Outro dado relevante diz respeito à capacidade dos espaços destinados à prática esportiva no Brasil¹²⁹. Dos 4924 listados no ano de 1948, apenas 19 possuíam arquibancadas com capacidade acima de 10 mil pessoas, e todos eles estavam localizados na cidade do Rio de Janeiro (então Distrito Federal, com 11 locais), ou nos estados de São Paulo (com 6 locais), e Minas Gerais (com 2 locais)¹³⁰.

O campo esportivo se desenvolvia prontamente nas grandes cidades, e passava também a responder por uma parcela, mesmo que pequena, na economia do país. Na década de 1950 os números ainda eram tímidos, e a maioria dos produtos ainda era importada. Mas na década de 60 a oferta desses produtos no comércio tornava-se mais farta. As fábricas de materiais

¹²⁷ Os espaços estavam divididos em: campos de futebol, campos de golfe e campos de hipismo; quadras de pouso (aeroclubes), basquete e voleibol, e tênis; stands de tiro, e piscinas; os demais espaços foram agrupados sob a categoria "outras")

¹²⁸ SERVIÇO DE ESTATÍSTICA DA EDUCAÇÃO E SAÚDE. Tabela XII — Cultura Física, Segundo as Unidades da Federação – 1948. Tabela extraída de: Anuário estatístico do Brasil 1951. Rio de Janeiro: IBGE, v. 12, 1952. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/seculoxx/arquivos_xls/associativismo/1951/assoc1951m_aeb_193.xls Acesso em 25 de setembro de 2012.

¹²⁹ Os espaços não foram identificados, apenas agrupados de acordo com a capacidade de acomodação nas arquibancadas. Podem figurar entre esses espaços campos de futebol, hipódromos, autódromos, ginásios etc.

¹³⁰ SERVIÇO DE ESTATÍSTICA DA EDUCAÇÃO E SAÚDE. Tabela XII — 2. Instalações Existentes nos Recintos Arrolados Destinados à Prática de Esportes – 1948. Tabela extraída de: Anuário estatístico do Brasil 1951. Rio de Janeiro: IBGE, v. 12, 1952. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/seculoxx/arquivos_xls/associativismo/1951/assoc1951m_aeb_194.xls Acesso em 25 de setembro de 2012.

esportivos se instalavam timidamente pelo país. Mas, se na produção industrial a parcela do esporte era pequena, no setor de comércio experimentava uma realidade mais otimista. Antes comercializados apenas em casas importadoras, as lojas exclusivas de materiais e artigos esportivos se popularizavam à medida em que também se enraizava a cultura esportiva. Inicialmente possuíam a maioria de seus produtos importados, mas depois, passaram a contar também com artigos nacionais. Um entusiasta dos esportes, morador de Belo Horizonte no ano de 1960, podia facilmente conseguir artigos esportivos na Casa Ranieri, localizada à rua Curitiba nº 317. A Casa anunciava: “tudo para esportes pelo reembolso postal – compre pelos preços do balcão. Peçam catálogos de preços de artigos para futebol, voleibol, basquetebol, natação, etc.;¹³¹”

Esse conjunto de possibilidades relacionadas às práticas corporais e aos artigos esportivos tornava cada vez mais fácil e acessível a sua vivência no cotidiano das cidades. Mas o desenvolvimento da cultura esportiva não foi um processo marcado apenas pela exaltação de aspectos positivos, do progresso e da modernidade. A transformação dos modos de vida na cidade obviamente foi um processo eivado de tensões. As inovações da ciência e da tecnologia não trouxeram apenas benefícios, traziam também problemas, controvérsias ou faziam surgir condições que demandavam atenção por parte do Estado e da sociedade. Em 1961, a revista *Alterosa* trazia uma reportagem sobre os malefícios causados pelo uso de estimulantes, prática que havia se tornado comum àquela época.

Os universitários usam êsses comprimidos para atravessar as noites decorando, durante os períodos cruciais dos exames. Os viciados em comprimidos para fazer dormir usam-nos para galvanizar suas forças, a fim de sair de suas ébrias obliterações mentais. Motoristas de caminhão, trabalhadores noturnos, artistas, profissionais e homens de negócio engolem-nos para evitar a fadiga e se afinar segundo um diapasão além de suas capacidades normais. Os presidiários engolem comprimidos contrabandeados ou abusam de inaladores para amortecer as frustrações da vida na prisão ou se animarem a desordens e fugas. A estimulação de cavalos e cães de corrida com anfetamina transformou-se em tamanha ameaça a êsses esportes, que agora são feitos exames de urina do animal vencedor antes que os resultados da corrida se tornem oficiais. Mais recentemente, os adolescentes têm tomado anfetamina para ficar "chumbados" e também para "festas eletrizantes". Não faz muito tempo, explodiu uma tempestade nas primeiras

¹³¹ REVISTA ALTEROSA, dezembro de 1960, p. 136.

páginas dos jornais americanos, quando o dr. Herbert Berger, Presidente do comitê da Sociedade Médica do Estado de Nova Iorque sobre Viciamento em Narcóticos e Álcool, disse numa convenção da Associação médica Americana que havia razão para se acreditar que a anfetamina estava sendo largamente usada por atletas, para melhorar suas marcas olímpicas¹³².

A década de 60 foi marcada mundialmente por uma série de transformações ligadas aos padrões de comportamento. Algumas dessas mudanças diziam respeito à novas formas de experimentar o corpo e as sensações físicas, o que podia explicar o juízo de valor quanto aos adolescentes “chumbados” e suas “festas eletrizantes”. Apesar disso, o uso de estimulantes seja para busca da ampliação da consciência, dependência química ou para dar conta das exigências do mundo do trabalho era preocupante, inclusive no campo esportivo. Muitas vezes mascarada essa tecnologia aplicada ao esporte também envolve o estudo de substâncias para melhorar o desempenho dos atletas (humanos ou animais), sempre na busca por se tornarem mais rápidos, mais fortes e mais eficientes. Os métodos de controle antidoping e os estudos de novos métodos de treinamento e substâncias que escapem a esse controle caminham lado a lado.

Dividindo alguns valores e tensões próprias do seu tempo, o esporte e a modernidade ganham ainda mais espaço em Belo Horizonte a partir da década de 40. Mais do que isso, em uma cidade que experimentava o desenvolvimento econômico e grandes transformações nos costumes e modos de vida, a cultura esportiva ganha também os seus habitantes.

O modo de vida esportivo: outros corpos para uma outra cidade

Com as transformações em curso na cidade, transformavam-se também os costumes e modos de vida da população. Veremos, através das fontes pesquisadas, que a cultura esportiva

¹³² **A terrível ameaça dos estimulantes.** REVISTA ALTEROSA, nº 339, março de 1961, p. 58. Matéria não assinada.

que se desenvolvia na Belo Horizonte em processo de industrialização implicou diretamente na transformação dos corpos de seus habitantes. De novas práticas e costumes, passando inclusive por um novo padrão de beleza, o desenvolvimento de uma cultura esportiva como parte da cultura urbana transformou fez surgir na cidade corpos orientados sob novos valores. Como ressalta Vigarello:

O mundo do trabalho e da indústria com seus ritmos acelerados, o ambiente das repartições e dos escritórios com seus códigos de adaptabilidade orientam cada vez mais o tônus e a esbelteza. O mundo do lazer com novas ocasiões de fuga valoriza mais o dia claro e o movimento. Da mesma forma vão mudando as grandes referências culturais com o triunfo do “cidadino”, com, sobretudo, o aumento do “tempo livre”, do turismo, dos passeios; **a musculatura perde os seus antigos traços operários, o bronzado perde suas antigas feições camponesas**¹³³.

A afirmação do autor também se aplica ao contexto belorizontino das décadas de 50-60. Em um momento de tamanhas transformações nas cidades, nada mais natural que se transformassem também os corpos de seus habitantes. Buscava-se a distinção, portanto, na natureza do trabalho corporal. O trabalho braçal podia ainda ser desqualificado, mas estava definitivamente massificado com o desenvolvimento da indústria, como vimos no capítulo anterior. Os corpos agora eram produto de um novo estilo de vida, mais esportivo de maneira geral. As fontes nos dão bons indícios dessas transformações, advindas de vários campos de influência.

Tomemos como exemplo a indústria farmacêutica, que sempre se pautou pelo discurso da saúde e das ciências médicas para a venda de seus produtos, e agora valorizava também os aspectos estéticos. A propaganda do regulador intestinal Gynestol, veiculada em Belo Horizonte no ano de 1945¹³⁴, dá uma ideia de como essa relação entre saúde e beleza ocorria. O anúncio mostra uma mulher em trajes esportivos, curtos, comemorando ao cruzar a linha de

¹³³ VIGARELLO, Georges; COURTINE, Jean-jacques. **História do Corpo Vol. 3 – As mutações do olhar: o século XX**. Petrópolis: Editora Vozes, 2008. p. 215.

¹³⁴ REVISTA ALTEROSA nº 68, dezembro de 1945, p. 165.

chegada de uma competição esportiva. Junto à imagem, os dizeres: “Garante a saúde e a alegria da mulher!” Uma análise nos permite perceber não só a mensagem direta da saúde e alegria ligada ao uso do produto, mas dá indícios do novo padrão de beleza corporal feminina. O corpo feminino estava agora muito mais exposto do que em anos anteriores, graças aos trajes esportivos. A prática esportiva também tornara esse corpo mais esbelto, saudável e tonificado.



FIGURA 3 – Anúncio do regulador Gynestol, 1945.
Fonte: Revista Alterosa

As referências ao novo corpo feminino continuam em outros anúncios de vários produtos farmacêuticos. Mostrando uma mulher magra pedalando em sua bicicleta, vestida com short e blusa curta, que deixava sua barriga descoberta, o anúncio do Leite de Colônia – “O embelezador da mulher” – dizia:

Agora que as manhãs de luz convidam à praia e aos passeios ao ar livre, resguarde sua pele de sardas, queimaduras e manchas provocadas pelo sol intenso. Proteja-a com Leite de Colônia! **Antes de sair para a praia... esportes ou pic-nic** - e logo que regressar a o lar - aplique Leite de Colônia sobre sua epiderme¹³⁵.(...)

O anúncio do Leite de Colônia foi veiculado na Revista Alterosa, que circulava em Belo Horizonte, onde provavelmente uma boa parcela das mulheres não tivesse acesso às viagens para a praia, mas sim aos esportes e também aos clubes esportivos. Tanto a praia – de forma mais acentuada¹³⁶ – quanto os clubes são espaços onde a relação com o corpo e com os esportes são privilegiadas. Espaços onde seus frequentadores se vestem de maneira geralmente diferente de suas roupas habituais, além da prática esportiva, que exige também vestimentas mais curtas e mais leves.

As mulheres eram agora estimuladas a saírem às ruas, mas para isso, seus corpos deveriam estar bem cuidados, saudáveis, e obedecer a um novo padrão de beleza. Ainda no campo da indústria farmacêutica, temos o exemplo mais marcante sobre os novos corpos femininos das cidades modernas. Os anúncios do produto Leanogim, um “composto de extratos glandulares, essências de algas marinhas e de vegetais terrestres” que prometia acabar com o excesso de gordura corporal, foram veiculados na Revista “O Cruzeiro” de 1940. Os anúncios

¹³⁵ REVISTA ALTEROSA nº 82, fevereiro de 1947, p. 41. Grifos meus.

¹³⁶ Já abordamos neste estudo como a cidade do Rio de Janeiro – então capital federal – tinha grande influência em Belo Horizonte, no que diz respeito aos costumes e modos de vida da população. No Rio de Janeiro temos a praia como um local privilegiado para a prática esportiva. Desde a chegada dos esportes náuticos no início do século XX com o desenvolvimento e popularização do remo na cidade, a praia só viu aumentar a concorrência de praticantes para os mais diversos tipos de atividades esportivas.

simulavam pequenas reportagens, trazendo longos textos que apresentavam aos consumidores o novo padrão de beleza da sociedade moderna.

Alguns povos bárbaros apreciam, como *typos* de beleza feminina, as mulheres gordas e de formas avantajadas. Entre os civilizados, porém, o conceito de *belleza* é diametralmente oposto. Para o homem de apurado gosto estético, o *typo* ideal de *belleza* é o que se consubstancia na proporcionalidade das diferentes partes do corpo, na harmonia de linhas, na gracilidade do aspecto geral e ainda na normal distribuição dos diferentes tecidos do organismo. Somente as mulheres que se enquadram dentro destes cânones merecem o título de *bellas*¹³⁷.

Um corpo (feminino) belo era, portanto, um corpo harmonioso, gracioso, e especialmente, livre do excesso de gordura. A partir de agora, aquelas que por ventura fugissem ao novo padrão corporal da cidade moderna, estariam sujeitas ao julgamento de todos àqueles que agora viviam sob os novos preceitos e padrões de beleza. É isso que mostra outro anúncio do mesmo produto, que apresentava o “código moderno do bello aplicado à arte”:

As pessoas excessivamente gordas podem ser consideradas fora não só das leis de Hygiéa, a festejada rainha da medicina na Mythologia grega, como do código moderno do bello aplicado à Arte. E a advertência constante a respeito desta má situação se faz sentir nas ruas, nos *auto-omnibus*, nas praias de banho, por toda a parte, enfim, *victimias* que são de olhares indiscretos, irônicos, e até de *commentarios* mordazes dos que se divertem com os males alheios¹³⁸.

As novas regras dos cuidados com o corpo e os também novos padrões de beleza não atingiam apenas as mulheres. Para corpo masculino, entrava em cena o aspecto da força, especialmente voltada para o mundo do trabalho e da produtividade. Esse aspecto é de grande valia, uma vez que os músculos – por serem o principal sinal de trabalho braçal – eram antes mal vistos por membros das elites e altas camadas da sociedade. Porém, com o desenvolvimento da cultura esportiva nas cidades, o corpo musculoso agora passava a ser sinônimo de saúde e beleza masculina.

É o que podemos ver com a realização do “1º Campeonato Nacional de Levantamento de Pesos e o campeonato para escolha do melhor físico de 1950¹³⁹” acontecido no Rio de

¹³⁷ **Os homens preferem as magras.** O CRUZEIRO, 28 de setembro de 1940, p. 58.

¹³⁸ **A corpulência exaggerada é um martyrio.** O CRUZEIRO, 31 de agosto de 1940, p. 52.

¹³⁹ **Músculos em revista.** O CRUZEIRO, 26 de agosto de 1950, p. 87. Fotos e textos de João Martins.

Janeiro. O evento, no qual “forçados e “bonitões demonstraram suas qualidades¹⁴⁰” nos dá uma ideia da transformação do ideal de corpo que já vinha em curso nas grandes cidades industrializadas.

O CAMPEONATO PARA ESCOLHA DO MELHOR FÍSICO

Se as provas de levantamento de pesos atraíram uma boa assistência, na qual se notavam muitas representantes do sexo “frágil”, o campeonato para a escolha do Apolo Brasileiro de 1950 fez superlotar o antigo “grill” do Casino Atlântico. E dessa vez, como é fácil imaginar, o elemento feminino ocorreu em massa.

Perante a comissão julgadora, constituída por esportistas e artistas, os “bonitões” exibiram as suas possantes musculaturas, enquanto lá dentro, nos bastidores e camarins outrora ocupados pelas coristas do Cassino, os que se preparavam para ir ao palco davam os últimos retoques na camada de óleo destinada a realçar os bíceps, peitorais, tríceps e deltóides. Havia diversas classificações: Seria escolhido “o melhor braço”, “o melhor peito”, “a melhor perna”, “o melhor abdômen”, “as melhores costas”, “o mais musculoso” e, finalmente, “o melhor físico”, ou seja, o que reunisse o melhor conjunto, sagrando-se assim o Apolo Brasileiro de 1950.

As provas foram longas e exaustivas, sob um calor de rachar. Os atletas tiveram que se exibir individualmente, depois aos pares, depois em grupos de três, de cada vez dotando as mais diversas poses a fim de permitir aos juizes uma apreciação detalhada e justa. A assistência, por seu lado, se manifestava com ruído, enquanto no palco os músculos se enovelavam, se retezavam, se contraíam em contorções incríveis.

Tratando-se de um campeonato aberto, havia 21 participantes, alguns dos quais provenientes do Rio Grande do Sul, Bahia, São Paulo, Pernambuco e Estado do Rio. Por fim, os representantes da Liga Brasileira de Halterofilismo, organizadora do concurso, proclamaram os vencedores: O melhor braço: João Werneck Soares; O melhor peito: Zenildo Alves Ferreira; O mais musculoso: Zenildo Alves Ferreira; A melhor perna: Gerson Dória; O melhor abdômen: Gerson Dória; As melhores costas: Agenor Barbosa; O melhor físico de 1950: João Werneck Soares, do Ginásio Apolo¹⁴¹.

O corpo masculino também obedecia a lógica industrial, da linha de produção. Estava agora segmentado, dividido em músculos e membros. O melhor braço, a melhor perna, o melhor abdômen, estavam agora dentro de novos padrões de trabalho, de beleza, e de exigência física. O concurso era apenas o primeiro, e pode parecer que era algo ainda muito incipiente na sociedade brasileira. Mas na verdade trata-se de um momento que contribuiu para fortalecer um grupo social já institucionalizado em uma Liga Nacional, e com representantes de diversos

¹⁴⁰ **Músculos em revista.** O CRUZEIRO, 26 de agosto de 1950, p. 87. Fotos e textos de João Martins.

¹⁴¹ **Músculos em revista.** O CRUZEIRO, 26 de agosto de 1950, p. 104. Fotos e textos de João Martins.

estados brasileiros. E, se o halterofilismo ainda era um esporte novo e com poucos praticantes, a cultura física masculina já se difundia com maior expressão e chegava à população em geral.

Isso é o que podemos perceber com a ajuda de outras fontes. Um bom exemplo desse novo corpo masculino está no programa de exercícios de Charles Atlas, fisiculturista italiano que ficou famoso nos Estados Unidos por criar um método de exercícios e comercializá-lo através dos correios, investindo bastante em campanhas publicitárias em jornais e revistas, como vemos abaixo:

O “Raquítico” de 44 quilos que se transformou no “Homem mais bem desenvolvido do Mundo”. “Provar-lhe-ei em 7 dias que o Senhor também pode ser este HOMEM NOVO” – Charles Atlas. Quando afirmo que o Senhor pode se transformar num homem forte e cheio de energia sei o que digo. Já vi como o meu novo sistema de Tensão Dinâmica transformou em Campeões Atlas centenas de homens mais fracos e raquíticos que o Senhor. Eu mesmo, por exemplo, pesava 44 quilos e o meu físico inspirava compaixão. Mas um dia descobri a Tensão Dinâmica que me proporcionou um corpo que ganhou duas vezes o título de ‘O Homem mais bem desenvolvido do Mundo’. Tensão Dinâmica fará no Senhor a mesma transformação. Estou tão certo do que digo que lhe faço esta surpreendente oferta: por minha conta PROVAREI que apenas em 7 dias posso transformá-lo num HOMEM NOVO. Começarei a treina-lo sujeito a sua aprovação. Se não notar nenhuma mudança real e efetiva dentro de uma semana não me dê nada. Não há meios termos. Diga-me em que parte do corpo quer músculos de aço. É gordo e mole? Delgado e débil? Fatiga-se depressa e não tem energia? Fica resignado permitindo que os outros conquistem as moças mais bonitas e os melhores empregos? Dê-me só 7 dias! E PROVAR-LHE-EI que posso fazer do Senhor um VERDADEIRO HOMEM: **saudável, cheio de confiança em si próprio e na sua força.** Tensão Dinâmica é um sistema completamente NATURAL. Não exige aparelhos mecânicos que possam afetar o seu coração ou outros órgãos vitais. Não exige pílulas, alimentação especial ou outros artifícios. Apenas uns minutos por dia dos seus momentos de ócio são suficientes – é na realidade uma recreação¹⁴².

O método de Tensão Dinâmica consistia em exercícios em sua maioria isométricos¹⁴³ e sua propaganda mostrava o homem como alvo exclusivo do programa de atividades físicas. As campanhas publicitárias de Charles Atlas mostram essa transformação nos corpos do novo homem: do padrão franzino, “raquítico” do século XIX para um homem forte e musculoso na década de 50. Assim como as mulheres que não se exercitavam, os homens “gordos, moles, delgados e débeis” também perdiam espaço nas grandes cidades modernas.

¹⁴² O CRUZEIRO, 02 de setembro de 1950, p. 96. Grifos meus. Destaques do anúncio.

¹⁴³ Os exercícios isométricos se caracterizam por ativar a musculatura sem que haja movimento das articulações do corpo, como por exemplo, empurrar uma parede, apertar objetos maciços etc.

Um corpo forte, saudável e musculoso era interessante para as grandes cidades brasileiras, nas quais era implementado em grande escala o trabalho industrial. Como nos mostra Georges Vigarello,

O corpo se vê aqui, da cabeça aos pés, “tecnicizado”, sempre mais atravessado pelos modelos da sociedade industrial. Daí esta relação inédita com a motricidade, este paradoxo mesmo, já por demais estudado: submissão às regras máximas de eficácia biomecânica em primeiro lugar, segundo um cálculo sofisticado de vetores, de forças, de durações, mas também atenção sempre mais viva aos erros e aos imprevistos em seguida, aqueles que a prática lúdica não pode evitar totalmente¹⁴⁴.

Podemos perceber essa preocupação com o corpo do trabalhador da indústria brasileira a partir de algumas ações, como os programas de ginástica laboral, o Serviço Social do Comércio (SESC), Serviço Social da indústria (SESI) e o Serviço de Recreação Operária (SRO). Em todas essas iniciativas a prática esportiva se dava com o intuito de cuidar e preparar os corpos para que os mesmo alcançassem o máximo de rendimento nas funções do trabalho.

Mais uma vez percebemos o discurso sobre o corpo visto tal como uma máquina, valorizando o tempo e a necessidade de aproveitá-lo de forma produtiva. E mais uma vez podemos evocar as propagandas da época, que viam no esporte uma das possibilidades de difundir esse ideal.

Em 1950, o laboratório Bayer veiculou uma série cinco propagandas nas revistas, utilizando momentos esportivos aliados à ideia do aproveitamento e da importância de cada instante. As peças publicitárias eram compostas de desenhos de diferentes momentos decisivos do esporte, tais como o de um goleiro fazendo uma defesa em um jogo de futebol¹⁴⁵, a chegada de uma corrida de automobilismo¹⁴⁶, um homem executando um golpe de raquete no tênis¹⁴⁷, a foto da chegada “apertada” de uma corrida de cavalos¹⁴⁸, e um corredor transpondo um

¹⁴⁴ VIGARELLO, Georges; COURTINE, Jean-Jacques. **História do Corpo Vol. 3 – As mutações do olhar: o século XX**. Petrópolis: Editora Vozes, 2008. p. 208.

¹⁴⁵ O CRUZEIRO, 07 de janeiro de 1950, p. 60.

¹⁴⁶ O CRUZEIRO, 28 de janeiro de 1950, p. 70.

¹⁴⁷ O CRUZEIRO, 11 de fevereiro de 1950, p. 60.

¹⁴⁸ O CRUZEIRO, 25 de fevereiro de 1950, p. 60.

obstáculo numa prova de corrida com barreiras no atletismo¹⁴⁹. Todas as propagandas tinham como título a frase “*Instante Decisivo*”, e logo abaixo aos desenhos os dizeres: “*Também num instante INSTANTINA corta os resfriados*”.

Os anúncios da indústria farmacêutica vinculados nas revistas da época nos permitem perceber as relações estreitas estabelecidas ente o esporte, a atividade física de maneira geral, e a saúde. Isso se deu pela histórica relação entre a prática esportiva e o discurso médico higienista. Afinal, o esporte moderno surge amparado e legitimado pelo discurso da ciência, através de áreas de conhecimento como a fisiologia, a biologia, a higiene, anatomia, entre outras.

A ciência desenvolvia novos medicamentos e através de seu conhecimento ditava as normas para a prática esportiva. Os novos corpos que surgiam nas cidades eram assistidos de perto pelo conhecimento científico, desde a infância, como percebemos nos anúncios vinculados nas revistas. Em 1950, a propaganda de um composto alimentar infantil mostrava uma criança desanimada ao tentar levantar uma barra de halteres utilizada para a prática de fisiculturismo, sendo observada ao fundo por um adulto bem forte e musculoso.

O Esporte da criança não é o mesmo do adulto... e também o fortificante. Para as crianças do Brasil só o TÔNICO INFANTIL. Preparado especialmente para as crianças, o TÔNICO INFANTIL é o único que contém em sua formula perfeita, os elementos indispensáveis aos organismos infantis. Para que seus filhos fiquem mais sadios, mais robustos e alegres, de-lhes o fortificante adequado que a moderna ciência recomenda – TÔNICO INFANTIL¹⁵⁰!

O esporte era, portanto, prática recomendada para todos: homens e mulheres, adultos e crianças. Mas sempre seguindo os ditames recomendados pela moderna ciência, seja para a prática esportiva em si ou também para os outros momentos da vida dos habitantes das cidades.

Para além dos programas de exercícios, dos remédios, compostos e produtos de beleza vendidos nas farmácias, o estilo de vida esportivo envolvia outros costumes. Na hora de se

¹⁴⁹ O CRUZEIRO, 11 de março de 1950, p. 50.

¹⁵⁰ O CRUZEIRO, 04 de março de 1950, p. 31. Grifos meus.

alimentar, por exemplo, deveria deixar de lado as comidas pesadas e saborear algum dos “menus esportivos”, sugeridos pela revista O Cruzeiro. O cardápio do dia poderia variar entre “hamburguezas com pasta, cadeias de batatas, supremo hamburguez¹⁵¹”. Um praticante de atividades esportivas poderia ainda se utilizar de produtos indicados especialmente para ele, que se submetia o seu organismo a “emoções violentas e rápido desgaste de energias”.

DESPORTISTA!...

As atividades esportivas sujeitam o organismo a emoções violentas e a um rápido e intenso desgaste de energias. Para manter uma saúde perfeita, e estar sempre em forma, tome TODDY, o sadio e equilibrado complemento alimentar de fácil digestão e perfeita assimilação. TODDY é saboroso, pode ser tomado a qualquer instante, e alimenta por 4 e ½ horas¹⁵².

O anúncio em questão mostrava, junto com o texto, o desenho de um homem de perfil, em posição de corrida, trajando short e camiseta, destacando os seus músculos. Podemos perceber como a cultura esportiva que se desenvolvia nas cidades movimentava não só o campo da saúde e da ciência, como também um amplo mercado de consumo que passava a desenvolver produtos específicos, indicados e anunciados para os adeptos do esporte.

Com atividade física, uma alimentação mais saudável e menos gordura corporal, o modo de vida esportivo exigia também novas vestimentas, que realçavam o movimento e a atividade corporal. Além das roupas, novos produtos, acessórios voltados para os esportes também eram anunciados. A propaganda dos óculos escuros Polaroid destacava: “Para uso na praia, na cidade, no campo, nos esportes¹⁵³”.

¹⁵¹ **Menus Esportivos.** O CRUZEIRO, 24 de fevereiro de 1940, p. 56.

¹⁵² O CRUZEIRO, 08 de julho de 1950, p. 74.

¹⁵³ REVISTA ALTEROSA n° 80, dezembro de 1946, p. 183.

O óculo moderno para sol POLAROID

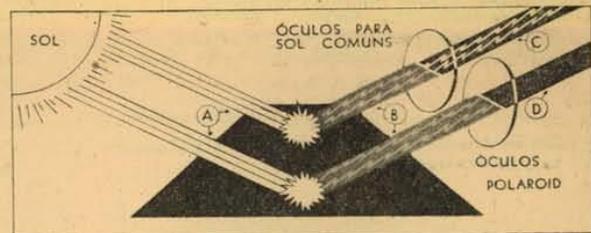
“a defeza contra o deslumbramento
da luz refletida”



INQUEBRAVEL

Para uso na praia, na cidade, no campo, nos esportes.

Os óculos POLAROID são construídos com um elemento controlador da luz. Este elemento contém milhões de pequeninos cristais precisamente alinhados, que neutralizam o deslumbramento da luz refletida, só permitindo a passagem da luz útil. A neutralização do deslumbramento permite a boa visão dos detalhes e da riqueza das cores.



A — a intensa luz do sol incide sobre uma superfície — água, areia, asfalto, vidraças, etc. B — Alguns raios ricocheteiam, produzindo o deslumbramento (reflexo); outros iluminam a superfície, revelando-lhe os detalhes (luz útil). C — com os óculos comuns para sol, tanto o reflexo como a luz útil são igualmente diminuídas na sua intensidade, porém, como o reflexo persiste, o seu deslumbramento prejudica a visão dos detalhes e das cores. D — Os óculos POLAROID neutralizando o deslumbramento do reflexo, dão conforto aos olhos porque permitem a boa visão dos detalhes e da riqueza dos coloridos.

EXPERIMENTE-OS... E VEJA A DIFERENÇA!

POLAROID*

*  T.M. REG. U.S. PAT. OFF BY POLAROID CORP. MARCA REGISTRADA

DIST. EXCLUSIVO: POLIMERCANTE DO BRASIL LTDA. — RUA DA ASSEMBLEIA, 104 - CAIXA POSTAL 3108 - RIO

ALTEROSA * DEZEMBRO DE 1946

vaga publicidade

183

FIGURA 4 – Anúncio dos óculos de sol Polaroid, 1946.
Fonte: Revista Alterosa

A propaganda ainda destaca o caráter moderno do produto. Feito com material “inquebrável”, seu uso seria apropriado tanto para praia, quanto na cidade, no campo e inclusive nos esportes. Em uma época onde as novidades tecnológicas eram exaltadas, a propaganda também explica de forma detalhada os mecanismos científicos de propagação da luz, bem como da ação dos óculos diminuindo os efeitos dos reflexos da luz solar. Os óculos escuros passavam a fazer parte dos acessórios da moda, que além das vestimentas para as ocasiões do dia-a-dia, ganhava também uma vertente para os interessados pelos esportes.

A moda esportiva chegava com força nas grandes cidades, com a ajuda de um importante veículo de propaganda: o cinema norte-americano. As revistas *Alterosa* e *O Cruzeiro* tinham seções exclusivas sobre cinema, onde eram frequentes as reportagens sobre o vestuário das estrelas dos estúdios de Hollywood. Em muitas dessas reportagens estava a indicação de vestimentas esportivas. Em 1940, por exemplo, a revista *O Cruzeiro* mostrava “uma surpreendente toilette para tennis, da Adrian, desenhada para uma das figurantes de ‘Mulheres’, da Metro Goldwin¹⁵⁴”. Em outra edição, uma foto da atriz Ann Sheridan acompanhada de sua bicicleta, com a vestimenta “apropriada” para a prática da atividade¹⁵⁵. Já a Revista *Alterosa* trazia em 1946 uma matéria mostrando modelos de maiôs utilizados por atrizes dos estúdios da Columbia, em Hollywood. Na matéria, Leslie Brooks e Marguerite Chapman posavam com modelos que serviram de inspiração para muitas brasileiras nas praias e clubes.

¹⁵⁴ **Tennis.** O CRUZEIRO, 16 de março de 1940, p. 41.

¹⁵⁵ Na foto, a atriz usa um vestido, que não é a utilizado em competições ou na prática do ciclismo, mas sim, sugere a peça como vestimenta elegante para pequenos passeios do cotidiano. **O Sport da moda.** O CRUZEIRO, 18 de maio de 1940, p. 45.

LESLIE BROOKS, a loura encantadora da Colúmbia, apresenta um modelo verdadeiramente revolucionário de maillot... Gostam?

Chegarah of MAILLOTS

E éste? Simplemente maravilhoso, não? É ainda Leslie quem o apresenta, radiosa na sua beleza loura e esvoaçante...

120

ALTEROSA * DEZEMBRO DE 1946

FIGURA 5 – Os “maillots”, vestimenta da mulher moderna, 1946.
 Fonte: Revista Alterosa



LESLIE BROOKS, ainda... Agora, um *maillot* negro, contrastando com a alvura da epiderme da areia... Para que flexas, Leslie? Não bastam o olhar e o *maillot*!...

MARGUERITE CHAPMAN, também da Colúmbia, oferece um belo tipo de *maillot* e mostra o símbolo eterno do amor: o laço, que prende e, às vezes, enforca...

FIGURA 6 – Os “maillots”, vestimenta da mulher moderna, 1946 (continuação).
Fonte: Revista Alterosa

Além da questão da própria vestimenta, é importante ressaltar uma nova postura com relação à exposição do corpo. Mesmo se tratando de atrizes estrangeiras, a sua forma de vestir e o seu padrão de corpo eram disseminados pelas revistas e pelo cinema, e mesmo que não fossem amplamente copiadas pelas brasileiras nas praias e clubes, certamente serviam de inspiração. Outro aspecto importante é o padrão de corpo e de beleza das atrizes, que também era difundido, e se assemelha ao padrão corporal que pudemos observar em outros anúncios das revistas: mulheres brancas, com corpo mais esbelto, com menos gordura.

Apesar de ter o cinema de Hollywood como seu principal difusor, a moda na década de 50 já transitava entre as metrópoles mundiais. Chegava às páginas da Revista Alterosa a reportagem intitulada “Silhuetas Esportivas”, onde desenhos e uma foto apresentam trajes e um “encantador conjunto esportivo, criação de Veneziani (Milão).¹⁵⁶”

A vestimenta esportiva, portanto, se modificava bastante daquela usada pelos primeiros “sportsmen” do século XIX. Especialmente porque passaram a vestir também as mulheres. Alguns modelos esportivos ainda não eram exclusivamente para a prática de atividades físicas, mas tinham como característica serem vestimentas mais curtas e leves, que permitissem a livre movimentação. As imagens da matéria – tanto a foto quanto os desenhos – mostram que permanece o padrão do corpo magro e elegante. Mostram também uma mulher pronta para ganhar as ruas da cidade, pois a vestimenta esportiva era concebida para as atividades ao ar livre. As mulheres, portanto, conquistaram mais espaço na sociedade ganhando as ruas da cidade, parte do mercado de trabalho e um papel social mais atuante quando comparado ao início do século. Tais reportagens obviamente ajudavam a propagar não só a moda esportiva, como também os costumes e modos de vida norte-americanos (especialmente), que naquele momento, representavam um conjunto de características que deveriam ser buscado também pelos brasileiros.

¹⁵⁶ **Silhuetas esportivas.** REVISTA ALTEROSA nº 239. Agosto de 1956, p. 77. Matéria não assinada.

Silhuetas Esportivas



Encantador conjunto esportivo, criação de Veneziani (Milão), com «slacks» em tecido de algodão cõr de laranja e uma jaqueta com quadrados amarelos e alaranjados. Os laços à altura dos quadris servam para dissimular os bolsos. (Foto de J. Dworkine).

1 DE AGOSTO DE 1956

ALTEROSA

77

FIGURA 7 – Silhuetas esportivas femininas, 1956.
Fonte: Revista Alterosa

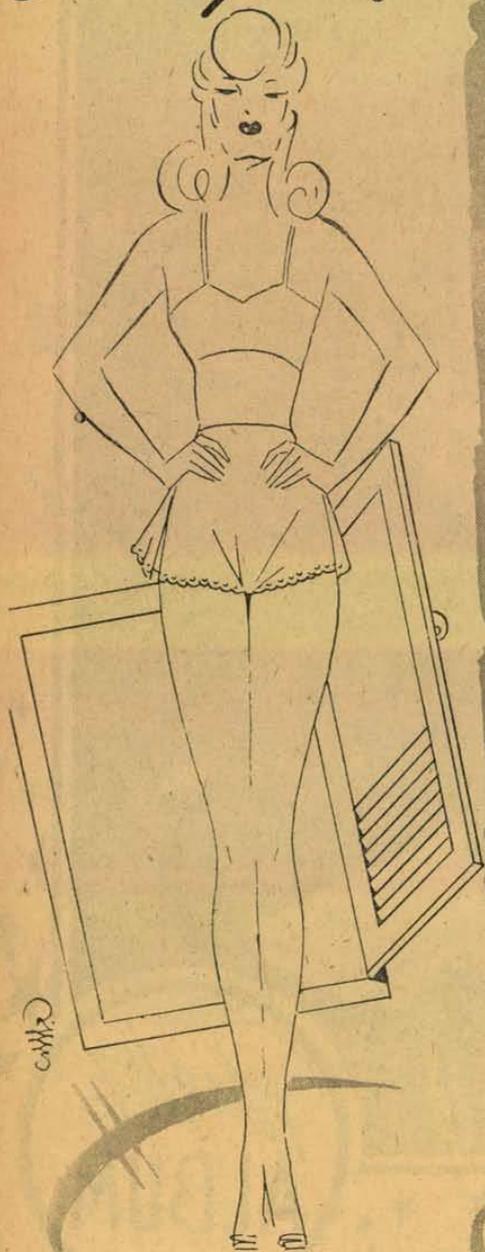
O estilo esportivo de se vestir era facilmente identificado, e as vestimentas poderiam apresentar uma dupla função: inicialmente foram desenvolvidas especificamente para a prática de esportes, mas logo deixaram de se restringir apenas a essa atividade. Deixaram de ser exclusividade dos campos, pistas e quadras, e passaram a compor um conjunto de produtos destinados ao dia-a-dia dos habitantes das cidades.

Além de novas formas de se vestir e de uma alimentação mais saudável, o novo corpo das cidades modernas deveria ser transformado também pela atividade física. Se o esporte era o caminho para um corpo saudável, nas páginas das revistas de sociedade isso se convertia em uma série de matérias dedicadas à saúde e beleza da mulher. Em outubro de 1945, por exemplo, a revista explicava às mulheres “como e porque se deve praticar a ginástica respiratória”. Os exercícios eram indicados a todas as mulheres, para “aumentar a opulência do busto” e “conseguir mais harmonioso desenvolvimento da caixa torácica¹⁵⁷”.

As ilustrações da reportagem mostram mulheres em maiôs, e biquínis e trajes íntimos, e destacam pontos que seriam essenciais para um corpo belo. Afirma que “por mais que os seios estejam harmoniosamente conformados, pouco ou nada se sobressairão se a caixa torácica estiver insuficientemente desenvolvida”. A ginástica respiratória consistia em nada mais do que exercícios posturais e respiratórios. O aspecto da saúde aliada à beleza era exaltado e respaldado pelo discurso especialista – nesse caso, dos médicos – ao elencar a forma de atuação da ginástica respiratória sobre o organismo, “de acordo com as mais abalizadas opiniões médicas”.

¹⁵⁷ **Como e porque se deve praticar a ginástica respiratória.** REVISTA ALTEROSA, n° 66, outubro de 1945, p. 86. Matéria não assinada.

Como e porque se deve praticar



CRESCE SENSIVELMENTE o número das mulheres que se queixam da "pobreza" de seus bustos. No que concerne às medidas para corrigi-los, deve se levar em conta que a aparência do busto não depende apenas da opulência dos seios, mas que existe outro fator importante a considerar: a caixa torácica.

Por mais que os seios estejam harmoniosamente conformados, pouco ou nada se sobressairão se a caixa torácica estiver insuficientemente desenvolvida.

Se não houvesse também outras poderosas razões das mais diversas naturezas, a que aludimos — fator da maior transcendência estética para a mulher — bastaria por si só para comprovar a extraordinária utilidade da ginástica respiratória, um dos recursos mais eficientes de que dispõe a mulher para conseguir harmonioso desenvolvimento da caixa torácica.

COMO ATUA A GINASTICA RESPIRATORIA

A ginástica respiratória é, sob todos os pontos de vista, precioso aliado da saúde e da estética feminina. Se afirmarmos que, salvo honrosas exceções, a maioria das mulheres a desconhece por completo, justificaremos melhor estas linhas.

A ação benéfica da ginástica respiratória sobre todo o organismo, se exerce, de acordo com as mais abalizadas opiniões médicas, da seguinte maneira:

- 1 — Melhorando a beleza do torax, como já o afirmamos.
- 2 — Estimulando sensivelmente a circulação e realizando verdadeira massagem no coração.
- 3 — Ativando as funções da nutrição, ou seja, o metabolismo.
- 4 — Exercendo uma ação estimulante sobre todos os órgãos abdominais, por intermédio do diafragma, que, ao subir e ao descer, massagem o fígado, o estômago e os intestinos, ajudando a combater a preguiça intestinal, tão nociva à saúde.
- 5 — É importante fator de equilíbrio nervoso e normalização das diversas funções do organismo.

A MULHER RESPIRA MAL

Por todas as razões expostas, a ginástica respiratória contribui para a harmonia e o equilíbrio orgânico. É portanto fator vital de saúde e beleza que não se leva em con-



FIGURA 8 – Como e porque se deve praticar a ginástica respiratória, 1945.
Fonte: Revista Alterosa

a ginástica respiratória !

ta mas que é preciso utilizar. Uma das maiores desvantagens que o organismo feminino, em confronto com o do homem, apresenta, é o seu tipo respiratório. Porque a mulher respira da pior maneira possível, ou seja, respira somente com a parte superior do tórax.

Observando-se, por exemplo, como respira um menino ou um gato, notar-se-á que o abdômen se distende, à inspiração, e retorna à sua posição normal, à expiração. Com as mulheres, na sua imensa maioria, não ocorre o mesmo movimento abdominal. Nelas, somente a parte superior do tórax é que sobe e desce, permanecendo o abdômen imóvel. Na respiração natural, fisiológica, o diafragma tem ação importante. Quando o ar entra nos pulmões, o diafragma desce, fazendo pressão sobre o conteúdo abdominal e, em consequência, o abdômen se distende. O inverso ocorre quando o ar sai: o diafragma sobe, cessando a pressão e, assim, a parede abdominal volta à sua posição natural. Isto quando a respiração é normal, correta, isto é, tipo abdominal.

A RESPIRAÇÃO ABDOMINAL

Praticar a ginástica respiratória é tarefa facilíma e agradável. Para começar, o melhor é praticá-la com o corpo estendido em decúbito dorsal. Quando o ar penetra nos pulmões, o abdômen se sobressairá; à expiração, abaixará. Enquanto isso, o tórax pouco ou nada se movimentará. Para algumas criaturas será difícil, no início, inverter assim totalmente o ritmo de sua função respiratória, mas não tanto como supõem. Com a prática, virá o hábito e então será simples fazê-lo sentadas ou de pé. E logo se habituarão a praticar conscientemente a respiração abdominal em todos os momentos de lazer. Por fim, essa respiração se processará *inconscientemente*.

A INSUFICIÊNCIA RESPIRATÓRIA

Agravando o inconveniente do tipo torácico, a mulher possui outra deficiência que reside na *insuficiência respiratória*: respira pouco, mal, e possui os pulmões insuficientemente desenvolvidos. E essa insuficiência de que se ressentem a mulher se caracteriza geralmente pelo que se denomina de "falta de busto" que ocasiona ou propicia toda uma série de perturbações orgânicas, além do dano que causa à estética feminina.

(Conclui na página 130)

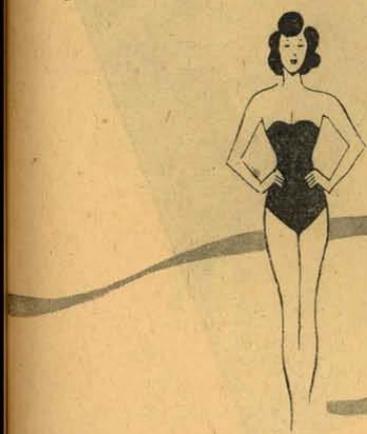
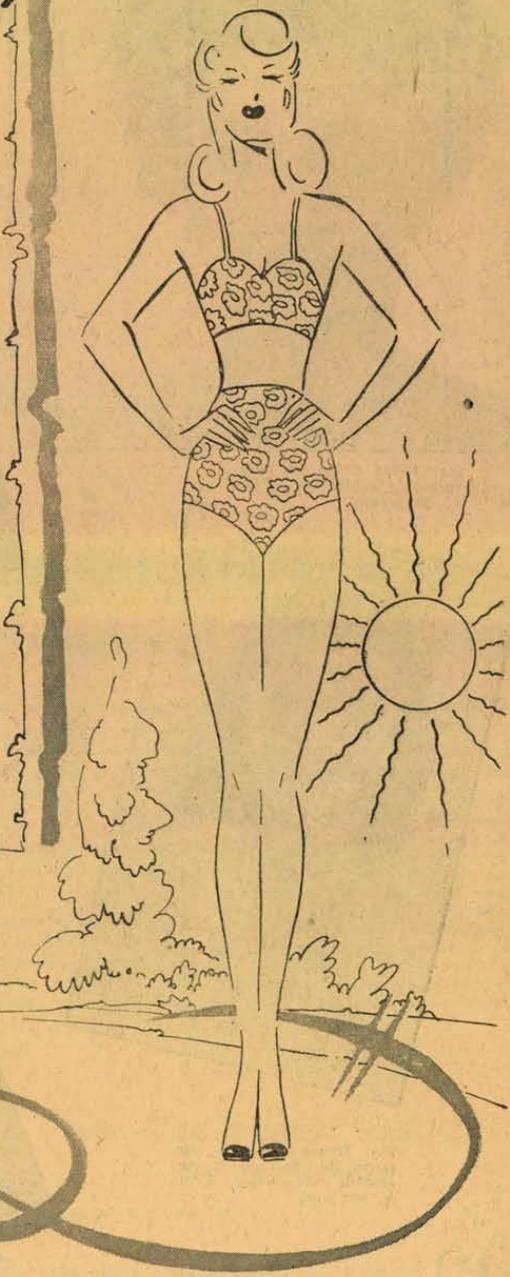


FIGURA 9 – Como e porque se deve praticar a ginástica respiratória, 1945 (continuação).
Fonte: Revista Alterosa

Outras dicas de beleza eram apresentadas às mulheres sob a forma de receitas ou prescrição de exercícios físicos. Em 1956, a revista Alterosa indicou “seis exercícios fáceis, destinados a afinar os joelhos e, em consequência, valorizar o contorno das pernas e das coxas¹⁵⁸”. Para as interessadas, bastava seguir as indicações, todas acompanhadas de desenhos ilustrando as posições para a realização dos exercícios.

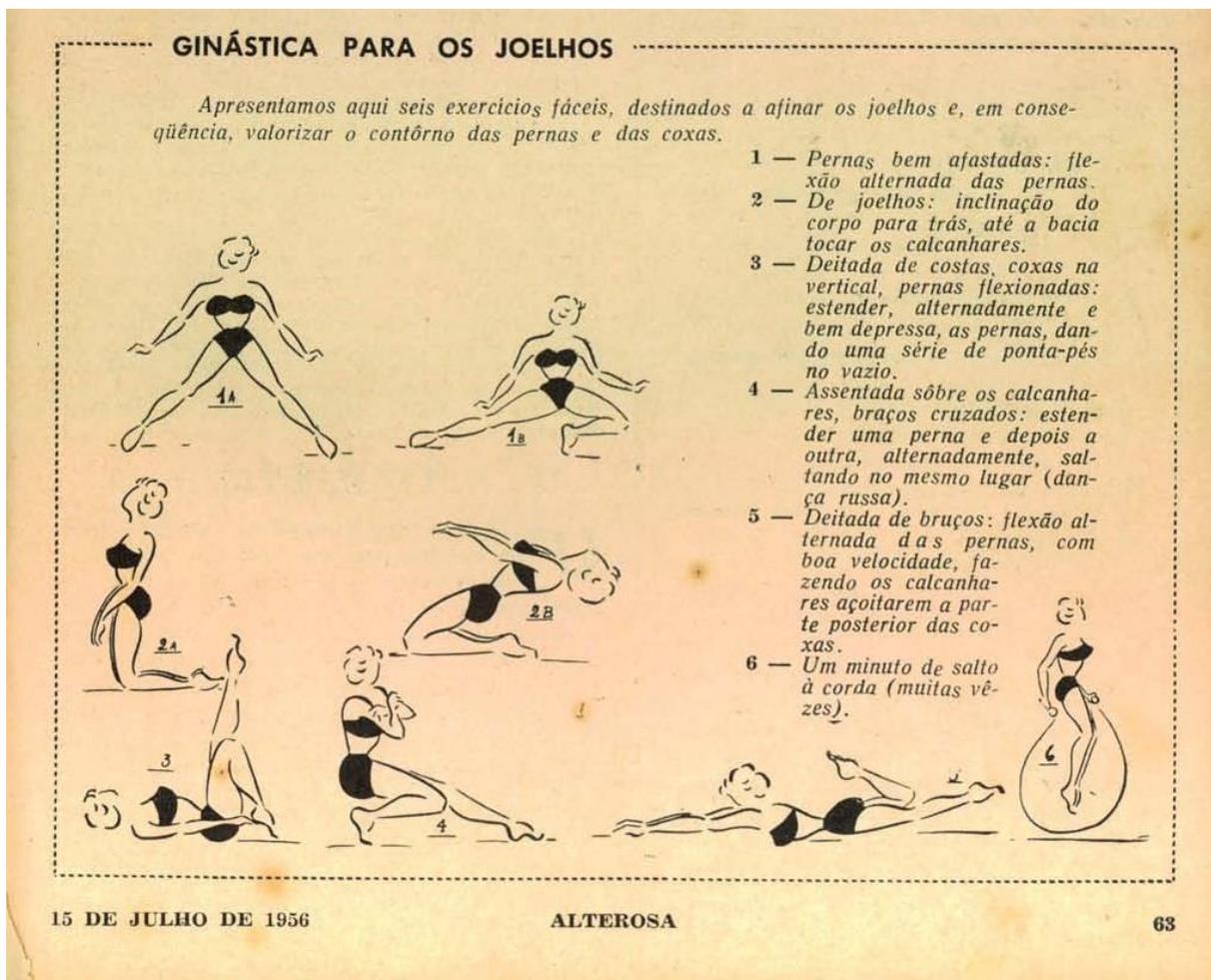


FIGURA 10 – Ginástica para os joelhos, 1956.

Fonte: Revista Alterosa

1 - Pernas bem afastadas: flexão alternada das pernas. 2 - De joelhos: inclinação do corpo para trás, até a bacia tocar os calcanhares. 3 - Deitada de costas, coxas na vertical, pernas flexionadas: entender, alternadamente, e bem depressa as pernas, dando uma série de ponta-pés no vazio. 4 - Assentada sobre os calcanhares, braços cruzados: estender uma perna e depois a outra, alternadamente, saltando no mesmo lugar (dança russa). 5 - Deitada de bruços: flexão alternada das pernas, com boa velocidade, fazendo os calcanhares açoitarem a parte posterior das coxas. 6 - Um minuto de salto à corda (muitas vezes)¹⁵⁹.

¹⁵⁸ **Ginástica para os joelhos.** REVISTA ALTEROSA n° 238. Julho de 1956, p. 63. Matéria não assinada.

¹⁵⁹ **Ginástica para os joelhos.** REVISTA ALTEROSA n° 238. Julho de 1956, p. 63. Matéria não assinada.

A reportagem mostra que a exaltação da beleza e saúde femininas, bem como a indicação de esportes e atividades físicas são uma prática antiga na imprensa. Os moldes da matéria da Revista Alterosa não diferem muito do que é apresentado atualmente nas revistas especializadas em saúde e beleza, com exceção apenas aos recursos gráficos.

Vimos até o momento um conjunto de fatores que transformaram os corpos dos habitantes de Belo Horizonte, a partir do desenvolvimento e da ampliação da cultura esportiva. Ser esportivo passava por um conjunto de valores que envolviam alimentação, saúde, moda, consumo e inclusive, a prática esportiva. O fenômeno que começara na Europa em meados do século XVIII como prática exclusiva das elites, agora era praticado e incentivado aos habitantes da cidade.

Todos ao esporte: da alta sociedade às camadas populares

E como acontecia a relação dos habitantes de Belo Horizonte com o esporte? A cultura esportiva se desenvolvia nos mais diversos espaços e sob as mais variadas influências. A partir de nosso contato com as fontes podemos traçar um panorama das variadas formas nas quais os moradores da capital mineira poderiam vivenciar o esporte.

A cultura esportiva na cidade exaltava um novo tipo de corpo: mais forte, belo, ágil, que se alimentava de forma diferente, vestido com roupas leves, mais curtas, que valorizavam as novas formas desse corpo e seus movimentos. Provavelmente esses corpos não eram maioria, mas os valores de uma cultura esportiva estavam cada vez mais presentes na cultura urbana de Belo Horizonte.

Além do futebol, que já figurava como esporte mais popular da cidade, a cultura esportiva do belorizontino incluía uma série de outras atividades. O Parque Municipal, que

desde os primeiros anos da capital se estabeleceu como local das práticas esportivas e de lazer, continuava a congregar esportistas na década de 50:

Os domingos de manhã eram do *footing* no Parque Municipal, após a missa das dez na Igreja São José. Perto do quiosque, havia música de piano ao vivo para animar a festa. **Aqueles que não circulavam, jogavam bola e peteca nas quadras ou andavam de barco.** O Parque Municipal propiciava lazer para aqueles que moravam ou iam ao centro¹⁶⁰.

Além do *footing* – prática corporal repleta de conotações sociais, abordadas no capítulo anterior – o jogo de futebol, a peteca, os passeios de barco eram algumas das atividades praticadas pelos frequentadores do parque. A cultura esportiva do morador de Belo Horizonte poderia envolver atividades variadas. Ainda no centro, o ginásio Paissandu era outro espaço que congregava uma série de “esportes especializados”, como o basquete, as lutas de boxe, entre outros.

(...) foi construído um ginásio coberto, o Paissandu, que funcionava também como cinema e onde se realizavam animadas partidas de esportes especializados. Grande parte dos jovens belo-horizontinos, organizados em torcidas, assistia a partidas de vôlei, basquete etc.¹⁶¹

Espaços como o Parque Municipal, o Ginásio Paissandu e eventualmente algumas praças e calçadas reservadas ao *footing* eram alguns dos espaços públicos onde o esporte era vivenciado na cidade. Porém, a cidade de Belo Horizonte se destacou a partir da década de 50 pela prática de atividade física e o convívio social em espaços que lograram de tamanho prestígio, que chegaram a fazer parte da identidade de muitos habitantes da cidade: os clubes esportivos.

Os clubes esportivos são instituições presentes desde o século XVIII no Brasil, com a chegada das primeiras modalidades esportivas. Os clubes eram de fato o lugar privilegiado para a prática esportiva nas grandes cidades. Nos fins do século XIX eram instituições frequentadas

¹⁶⁰ LEMOS, Celina. **Determinações do espaço urbano**: a evolução econômica urbanística e simbólica do centro de Belo Horizonte. 1988. 2v., enc.: Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, p. 207.

¹⁶¹ Idem., p. 208.

majoritariamente pelas camadas abastadas da população. Esses espaços de sociabilidade das altas camadas perduram até os dias de hoje. Porém, ao longo das décadas de 50 e 60, com o desenvolvimento da industrialização nas grandes cidades, surgiram e se multiplicaram diversos clubes e associações que fizeram parte do cotidiano de grande parte dos trabalhadores.

Os clubes de elite ganham destaque nos jornais e revistas justamente por serem o espaço de sociabilidade das camadas altas da população. Governantes, banqueiros, empresários, pessoas influentes nos espaços de poder da cidade tinham o esporte como prática incentivada e distintiva. Além disso, os clubes eram o espaço da sociabilidade, e além da prática esportiva, seus associados se encontravam para reuniões, festas, bailes, jantares, exposições artísticas e musicais, estreitando os laços e as relações entre pessoas importantes na vida pública da cidade.

Por tamanha importância, os clubes mais tradicionais se transformaram em espaços das colunas sociais. A revista O Cruzeiro trazia em 1950 uma coluna chamada, “O Jockey Club Mundano”, que contava sobre a vida social desse importante espaço da alta sociedade do Rio de Janeiro. Em Belo Horizonte, o clube que acumulava glórias esportivas e também se vangloriava de ter entre seus associados “a fina flor da elite social” era o Minas Tênis Clube. Em 1941, a revista Alterosa publicava uma longa reportagem dedicada à cobertura do seu 6º aniversário de fundação:

Quando o turista alonga os olhos do alto e fixa o retângulo azul da piscina sugindo da onda verde das relvas não póde calar a interjeição que brota instintivamente ao estase da visão magica, ante a força e a sugestão do espetáculo. **O Minas Tênis Club é um empreendimento que honra, que ilustra a civilização e o progresso dos montanhezes, revelando uma das mais belas, das mais perfeitas praças de sports do continente americano.**

Constitue mais uma das iniciativas que perpetuará para sempre o nome do Governador Valadares Ribeiro na estima e na admiração dos mineiros. O transcurso do sexto aniversário de fundação da aristocratica praça de esportes, ocorrida no mês expirante mereceu as mais carinhosas referencias não apenas da nossa imprensa, mas de todo o Brasil. Realmente, o seu prestígio de grande parque esportivo irradiou-se, repentinamente, angariando um fulgurante renome para essa que poderíamos qualificar uma das muitas maravilhas de Minas.

Num dos mais aprazíveis recantos da capital montanheza, no bairro de Santo Antônio, a sua area que rasga uma clareira luminosa na floresta do casario abriga, nas manhãs alouradas do verão, à orla de sua piscina que mais parece um retalho de céu estival, aquilo que Belo Horizonte chama a fina flor de sua elite social, o que temos de mais representativo em nossa alta sociedade. (...) **Com a sua praça de esportes maravilhosa, a visão panorâmica de seu melodioso**

conjunto de instalações fantásticas, a sua organização magnífica, o Minas Tennis Club é incontestavelmente uma expressão do progresso e da civilização da terra mineira¹⁶².

Primeiro o destaque à grandiosidade do clube, no que diz respeito à sua estrutura. O discurso típico de exaltação das obras e feitos de uma cidade que estava seguindo os rumos da industrialização pesada, a partir das grandes construções. Além disso, a reportagem que cobre de glórias o clube mineiro nos dá indícios sobre o papel dos clubes de elite na cidade. E segue apontando alguns aspectos importantes:

(...)A sua sede social, **onde se realizam mensalmente algumas das mais elegantes soirées dansantes** que animam a alta vida mundana de Belo Horizonte, possui instalações luxuosas e modernas em que o fausto e o bom gosto se harmonizam num concerto de elegância e magnificência, da mais alta beleza e distinção¹⁶³.

Cabe sempre destacar o papel dos clubes esportivos enquanto espaço de lazer de seus associados – neste caso, a elite belorizontina. O clube como espaço de encontro, onde se estabelecem relações políticas e de trabalho, apesar de se constituir formalmente como um ambiente de lazer. O espaço da festa, da dança, do encontro, é também um espaço de negócios.

Mas a reportagem destaca ainda outro aspecto, central em nossas discussões sobre o esporte no período:

(...) Os seus sucessos consecutivos, obtidos nos setores da natação, evidenciam a pujança de seus atletas de ambos os sexos, em disputas sensacionais, de repercussão continental, **onde o vigor da nossa raça** e a destreza de nossos desportistas ficaram patenteadas, com o mais raro esplendor e a mais justa glória para os mineiros. (...) Inumeros e variados são os departamentos que integram a sua vigorosa organização. Citemos o Departamento Feminino, Aquático de Educação Física Feminina, Departamento de Xadrez, Departamento Infantil, Departamento Social Medico, com seções de Fisioterapia, Departamento Esportivo, todos desenvolvendo uma eficiente movimentação de ritmos de atividades. **Eis o que vem a ser o Minas Tennis Club, a que a imprensa, por unanimidade de vozes, qualificou uma "escola de brasilidade", quando aquela soberba praça de esportes comemorou, vitoriosa, a passagem de seu sexto aniversário de fundação.** E aos triunfos que a poderosa entidade reúne numa rutilante exposição de troféus, para sempre ficará, também ligado o nome do Major Ernesto Dorneles, seu atual Presidente, um dos mais robustos incentivadores de sua grandeza e o construtor esplendido e impar de sua vitória definitiva. Efemeride significativa para a vida da possante

¹⁶² **O sexto aniversário do Minas Tênis Club** REVISTA ALTEROSA nº 21, dezembro de 1941, pp. 90-91. Matéria não assinada. Grifos meus.

¹⁶³ **O sexto aniversário do Minas Tênis Club** REVISTA ALTEROSA nº 21, dezembro de 1941, pp. 90-91. Matéria não assinada. Grifos meus.

organização, a passagem de seu sexto aniversário de fundação foi comemorado com extraordinário brilhantismo. Concorreu valorosamente para seu maior rebrilho a presença, nesta capital, das representações esportivas de numerosas cidades montanhezas que vieram para disputa do 1º Campeonato Estadual de Basquete e Voleibol. Moças e rapazes de nossos principais núcleos de civilização emprestaram às solenidades comemorativas um invulgar realce, concorrendo sobremodo para o maior esplendor de todas as festas. O Minas Tennis Club teve assim o seu dia de glória, um dia que será caro à sua vida de entidade triunfante, pela alta compreensão pública que logrou obter, desde o seu início, firmando-se, em definitivo, como **elemento vital da grandeza de Minas, na preparação da juventude, no fortalecimento físico da raça de que dependerá a vitória das futuras gerações**¹⁶⁴.

A visão de esporte, destacada no texto, é pautada pelos valores do progresso e da eugenia, tão caros à modernidade, aos quais nos dedicaremos com mais profundidade ao longo deste capítulo. Mas vale ressaltar como os ideais de “vigor e fortalecimento físico da raça”, e de uma “escola de brasilidade” eram formados a partir da elite da cidade. Na visão da reportagem – e de muitos governantes da época – eram os valores dessa elite que deveriam ser disseminados para a construção do país.

Os clubes de elite tiveram denotada importância no cenário esportivo das grandes cidades, especialmente por se tratarem de associações pioneiras, ligadas ao modo de vida esportivo. Com o desenvolvimento das grandes cidades enfatizado ao longo deste trabalho, porém, essas instituições exclusivas da elite brasileira passaram a dividir espaço com uma grande quantidade de clubes e associações esportivas voltadas para as camadas médias e populares.

Além de tradicionais e antigos clubes da cidade, como o Minas Tênis Clube, O Atlético Mineiro, O América Futebol Clube e o Cruzeiro Esporte Clube, podemos destacar alguns clubes, de classes sociais variadas, inaugurados entre os anos de 1950 e 1965 em Belo Horizonte.

¹⁶⁴ **O sexto aniversário do Minas Tênis Club** REVISTA ALTEROSA n° 21, dezembro de 1941, pp. 90-91. Matéria não assinada. Grifos meus.

TABELA 10 – Clubes Esportivos de Belo Horizonte (1951-1962).

Clube	Bairro	Ano de Fundação
Clube Campestre Belo Horizonte	Nova Lima	1951 ¹⁶⁵
Associação Atlética dos Funcionários do Banco do Estado de Minas Gerais	Ouro Preto	1953 ¹⁶⁶
Associação Atlética do Banco do Brasil – Belo Horizonte	Pampulha	1953 ¹⁶⁷
Clube dos Viajantes e Vendedores Comerciais (atual Clube Recreativo Mineiro)	Carmo	1954 ¹⁶⁸
Círculo Militar	Gutierrez	1954 ¹⁶⁹
Barroca Tênis Clube	Gutierrez	1957 ¹⁷⁰
Clube do Ipê (Belgo Mineira)	São Luiz	1959 ¹⁷¹
Pampulha Iate Clube	Pampulha	1961 ¹⁷²
Jaraguá Club	Jaraguá	1961 ¹⁷³
Oasis Clube	Santa Tereza	1962 ¹⁷⁴

Além de clubes de elite, alguns desses clubes eram ligados à indústrias, associações comerciais, bancos, grupos de trabalhadores das classes médias da cidade. Essas instituições fazem parte de uma característica muito presente no século XIX e ainda existente na atualidade: a associativismo.

¹⁶⁵ Disponível em: <http://cebh.com.br/>. Acesso em 27/07/2014.

¹⁶⁶ Disponível em: <http://aasbemge.com.br/plus/modulos/conteudo/?tac=o-clube>. Acesso em 27/07/2014.

¹⁶⁷ Disponível em: <http://belohorizonte.aabb.com.br/historia/>. Acesso em 27/07/2014.

¹⁶⁸ Disponível em: <http://cluberecreativo.com.br/web/index.php/o-clube/>. Acesso em 27/07/2014.

¹⁶⁹ Disponível em: <http://www.circulomilitarbh.com.br/paginas/institucional.asp>. Acesso em 27/07/2014.

¹⁷⁰ Disponível em: <http://barroca.com.br/site/institucional/>. Acesso em 27/07/2014.

¹⁷¹ Disponível em: <http://www.clubedoipe.com.br/o-clube>. Acesso em 27/07/2014.

¹⁷² Disponível em: <http://www.pic-clube.com.br/novo/clube/institucional.html>. Acesso em 27/07/2014.

¹⁷³ Disponível em: <http://www.jaraguclub.com.br/o-clube/>. Acesso em 27/07/2014.

¹⁷⁴ Disponível em: <http://www.oasisclube.org.br/2010/index.php?modulo=1&codigo=4>. Acesso em 27/07/2014.

Ampliando um pouco mais nossas análises podemos ter uma ideia do aumento no acesso da população ao esporte em Belo Horizonte – seja em sua vertente competitiva ou como lazer. Os dados nacionais do IBGE sobre o associativismo esportivo entre 1957 e 1964 nos permitem analisar o crescimento e o desenvolvimento de uma cultura esportiva nacional, a partir do crescimento da participação da população brasileira nos clubes e associações esportivas.

No ano de 1957 a cidade de Belo Horizonte contava com 101 associações esportivas e recreativas, ficando atrás apenas da cidade do Rio de Janeiro e São Paulo, que possuíam 272 e 160 associações, respectivamente. Possuía 52.008 pessoas inscritas nessas associações, sendo 42.386 homens e 9.622 mulheres.¹⁷⁵ Naquele ano o número de associações deste tipo no Brasil era de 5.816, e as três maiores capitais brasileiras respondiam por 47,8% do total de associações.

No ano de 1964, foram computadas apenas as associações esportivas, e os números mostram crescimento. Sete anos depois, a capital mineira contava com 114 associações desportivas. O número de associados registrados havia saltado: 111.747, sendo 81.870 homens e 29.877 mulheres. A tabela ainda apresentava outros dados, como o número de desportistas entre os associados, e sua condição como praticante de atividades. Belo Horizonte tinha naquele ano 38.040 atletas, dentre os quais, 97 profissionais¹⁷⁶.

¹⁷⁵ SERVIÇO DE ESTATÍSTICA DA EDUCAÇÃO E CULTURA. Tabela extraída de: Anuário estatístico do Brasil 1959. Rio de Janeiro: IBGE, v. 20, 1959. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/seculox/arquivos_xls/associativismo/1959/assoc1959m_aeb_093.xls Acesso em 25 de setembro de 2012.

¹⁷⁶ SERVIÇO DE ESTATÍSTICA DA EDUCAÇÃO E CULTURA. Tabela extraída de: Anuário estatístico do Brasil 1967. Rio de Janeiro: IBGE, 1967. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/seculox/arquivos_xls/associativismo/1967/assoc1967m_aeb_279.xls Acesso em 25 de setembro de 2012.

TABELA 11: Número de Associações e Associados por Unidades da Federação e Municípios das Capitais - 1957

SITUAÇÃO CULTURAL

395

ASSOCIAÇÕES CULTURAIS E DESPORTIVAS
I — NÚMERO DE ASSOCIAÇÕES E DE ASSOCIADOS, POR UNIDADES DA
FEDERAÇÃO E MUNICÍPIOS DAS CAPITAIS — 1957

UNIDADES DA FEDERAÇÃO E CAPITAIS	ASSOCIAÇÕES CULTURAIS				ASSOCIAÇÕES DESPORTIVAS E RECREATIVAS			
	Associações	Associados			Associações	Associados		
		Total	Homens	Mulheres		Total	Homens	Mulheres
Rondônia.....	2	210	63	147	15	1 532	1 503	29
Porto Velho.....	2	210	63	147	10	859	943	16
Acre.....	—	—	—	—	14	1 234	1 115	119
Rio Branco.....	—	—	—	—	5	582	535	47
Amazonas.....	7	454	367	87	78	19 254	15 571	3 683
Manaus.....	7	454	367	87	47	17 100	13 585	3 515
Rio Branco.....	—	—	—	—	6	878	860	18
Boa Vista.....	—	—	—	—	6	878	860	18
Pará.....	22	2 439	1 977	462	133	24 237	20 320	3 917
Belém.....	8	1 115	949	166	14	10 629	9 081	1 548
Amapá.....	2	91	65	25	25	2 353	1 999	354
Macapá.....	2	91	65	25	15	1 820	1 531	289
Maranhão.....	8	894	548	256	21	4 244	3 904	340
São Luís.....	8	894	548	256	8	3 149	3 058	61
Piauí.....	11	715	471	244	33	5 074	3 531	1 543
Teressina.....	5	406	294	112	7	2 124	1 421	703
Ceará.....	45	6 217	5 194	1 123	60	20 350	20 107	243
Fortaleza.....	15	2 674	2 181	493	18	14 506	14 364	142
Rio Grande do Norte.....	8	722	595	127	38	6 338	6 193	145
Natal.....	3	344	306	38	11	3 625	3 572	53
Paraíba.....	16	1 368	957	411	74	13 429	12 933	496
João Pessoa.....	8	882	497	385	12	5 246	5 231	15
Pernambuco.....	100	16 696	14 268	2 328	189	92 219	85 461	6 758
Recife.....	30	9 019	7 358	1 661	26	52 663	48 881	3 682
Alagoas.....	26	3 083	2 371	712	43	7 491	7 337	154
Maceió.....	14	1 783	1 356	427	12	3 675	3 665	10
Sergipe.....	12	1 811	1 525	286	49	7 399	6 895	504
Aracaju.....	7	1 511	1 227	284	20	3 487	3 428	59
Bahia.....	168	29 100	23 977	5 223	212	54 128	45 491	8 637
Salvador.....	32	10 435	8 768	1 667	48	30 603	23 607	6 995
Minas Gerais.....	131	19 693	17 745	1 948	785	200 848	174 754	26 094
Belo Horizonte.....	32	11 193	10 072	1 121	101	62 008	42 385	9 622
Espírito Santo.....	22	2 892	2 163	729	117	23 657	21 619	2 038
Vitória.....	13	2 467	1 759	708	24	10 409	8 904	1 505
Rio de Janeiro.....	84	12 243	10 698	1 545	638	148 542	130 859	17 683
Niterói.....	16	2 808	2 241	567	58	28 732	19 934	8 798
Distrito Federal.....	51	45 085	40 091	4 994	272	311 466	246 549	64 917
São Paulo.....	297	97 227	(1) 87 131	10 096	1 283	574 300	(2) 495 075	79 225
São Paulo.....	43	59 999	(1) 54 760	5 239	169	207 767	163 796	45 001
Paraná.....	30	6 508	5 422	1 086	362	120 051	117 197	2 854
Curitiba.....	16	3 522	2 768	514	91	62 143	60 652	1 491
Santa Catarina.....	41	8 363	8 094	299	388	71 052	68 970	2 082
Florianópolis.....	11	1 217	1 064	153	33	7 957	7 505	454
Rio Grande do Sul.....	124	32 121	27 621	4 500	960	251 483	235 091	15 492
Porto Alegre.....	21	11 980	8 792	3 188	85	77 459	73 162	4 277
Mato Grosso.....	6	1 215	1 021	194	82	16 008	14 561	1 447
Cuiabá.....	3	570	481	95	10	1 773	1 581	212
Goiás.....	6	344	323	21	50	8 335	7 474	861
Goiânia.....	5	330	309	21	11	2 397	2 184	213
BRASIL.....	1 220	209 411	282 558	36 853	5 616	1 988 202	1 746 288	239 933
Capitais (3).....	362	168 925	146 255	22 670	1 114	613 037	759 393	153 644

FONTE — Serviço de Estatística da Educação e Cultura.

(1) Inclusive 23 364 associados sem especificação de sexo. — (2) Inclusive 270 associados sem especificação de sexo. — (3) Inclusive o Distrito Federal

TABELA 12: Desportos: Associações e associados por Unidade da Federação e Municípios das Capitais – 1964.

SITUAÇÃO CULTURAL

711

5.2.3 — DESPORTOS

a) Associações em funcionamento e associados, por Unidades da Federação e Municípios das Capitais — 1964

UNIDADES DA FEDERAÇÃO E CAPITAIS	NÚMERO DE ASSOCIAÇÕES	NÚMERO DE ASSOCIADOS								Profissionais
		Total	Homens	Mulheros	Desportistas					
					Total	Segundo a idade		Segundo o sexo		
					Maiores de 18 anos	Menores de 18 anos	Homens	Mulheros		
Rondônia.....	13	1 195	1 159	35	603	494	109	585	18	—
Porto Velho.....	5	548	538	10	232	191	31	222	—	—
Acre.....	16	1 945	1 845	100	324	299	34	324	—	—
Rio Branco.....	5	1 124	1 118	6	108	108	—	108	—	—
Amazonas.....	67	18 013	16 693	1 350	3 005	2 211	794	2 532	173	72
Manaus.....	36	14 635	13 715	921	1 907	1 547	460	1 906	91	72
Roraima.....	12	2 440	2 141	299	1 027	709	318	895	132	—
Boa Vista.....	11	2 200	1 991	209	959	659	300	827	132	—
Pará.....	187	28 784	24 753	4 031	6 883	5 622	1 261	6 695	277	117
Belém.....	22	11 090	10 353	1 297	1 570	1 347	229	1 484	92	96
Amapá.....	24	2 834	2 553	271	1 030	895	165	969	61	—
Macapá.....	15	2 359	2 161	198	877	740	137	823	54	—
Maranhão.....	19	1 784	1 489	295	772	598	174	689	92	108
São Luís.....	9	738	662	76	248	186	62	248	—	108
Piauí.....	35	7 783	6 883	920	1 255	1 077	178	1 183	72	77
Teresina.....	10	4 442	4 097	345	422	349	73	412	10	64
Ceará.....	77	44 878	43 073	1 805	5 028	3 745	1 283	4 389	648	626
Fortaleza.....	26	36 817	35 810	1 007	3 083	2 573	510	2 616	467	397
Rio Grande do Norte.....	65	15 739	15 401	338	4 154	3 208	946	3 955	198	69
Natal.....	15	9 193	9 141	52	2 638	2 016	622	2 467	171	52
Paraíba.....	95	21 471	20 892	600	4 177	3 024	1 153	4 024	153	134
João Pessoa.....	10	3 675	3 592	83	759	378	381	753	6	46
Pernambuco.....	198	66 992	62 920	4 072	9 059	6 807	2 252	8 716	343	342
Recife.....	25	27 683	25 650	2 033	1 805	1 613	282	1 696	229	95
Alagoas.....	45	12 293	12 058	235	2 752	2 752	—	2 263	489	—
Maceió.....	15	6 079	6 000	118	1 559	1 559	—	1 070	489	—
Sergipe.....	46	10 889	8 271	2 588	2 138	2 138	—	2 116	22	—
Araçuaia.....	13	6 817	4 435	2 382	877	877	—	855	22	—
Bahia.....	393	87 735	69 840	26 896	14 899	11 847	3 252	18 637	1 262	150
Salvador.....	51	49 088	29 062	20 026	3 903	2 924	979	3 825	378	124
Minas Gerais.....	960	317 304	262 548	54 758	131 065	72 802	58 462	99 221	31 844	872
Belo Horizonte.....	114	111 747	81 870	29 877	38 049	22 432	15 608	26 239	11 991	97
Espirito Santo.....	134	29 094	27 032	2 062	5 911	5 468	443	5 762	149	478
Vitória.....	29	15 369	13 812	1 557	1 659	1 567	92	1 627	52	128
Rio de Janeiro.....	636	224 011	203 541	20 470	38 308	27 681	10 627	35 529	2 788	78
Niterói.....	45	35 429	32 013	3 416	4 212	3 024	1 188	3 840	372	26
Guanabara.....	329	548 024	444 470	103 554	44 192	32 089	12 103	28 813	5 379	366
São Paulo.....	1 778	1 033 094	847 980	185 114	196 895	127 718	69 178	167 905	28 991	2 101
São Paulo.....	345	431 354	322 475	108 878	84 252	51 963	32 289	68 403	15 349	254
Paraná.....	448	209 029	192 097	16 932	31 607	23 387	8 220	28 634	2 973	849
Curitiba.....	97	117 159	105 094	11 456	12 120	10 236	1 884	10 780	1 340	182
Santa Catarina.....	444	108 617	105 621	2 996	25 993	25 477	486	24 115	1 848	1 127
Florianópolis.....	31	12 765	12 327	428	1 393	1 585	8	1 573	20	72
Rio Grande do Sul.....	1 492	496 414	459 573	36 841	104 545	103 081	1 464	96 752	7 793	467
Porto Alegre.....	169	143 749	127 445	16 304	18 417	18 632	365	17 291	1 216	164
Mato Grosso.....	108	22 254	19 744	2 510	6 411	5 317	1 094	6 079	332	11
Cuiabá.....	9	4 224	3 180	1 044	839	644	195	785	54	—
Goiás.....	162	28 661	22 538	6 123	5 196	3 415	1 781	4 569	606	287
Goiânia.....	11	9 868	7 812	2 056	535	343	192	596	29	120
Distrito Federal.....	24	16 087	14 034	2 053	1 877	1 533	344	1 714	163	34
BRASIL.....	7 677	3 357 325	2 980 667	476 658	649 047	472 956	176 091	562 241	86 866	8 256
Capitais (1).....	1 424	1 623 485	1 314 054	309 441	228 859	160 535	68 324	190 463	38 386	2 497

FONTE — Serviço de Estatística da Educação e Cultura.
(1) Inclusive o Estado da Guanabara e o Distrito Federal.

Mesmo com possíveis inconsistências e com a separação entre as associações esportivas e recreativas no ano de 1964, os dados apresentados corroboram para demonstrar a o papel do associativismo em Belo Horizonte, bem como o valor dos clubes esportivos enquanto expressão da cultura esportiva de seus habitantes. Com um número tão elevado de associações, percebemos que o pertencimento a um clube esportivo não era mais exclusividade das classes abastadas. Alguns clubes aqui apresentados – como o Recreativo e o Clube do Ipê – eram associações criadas para atender aos trabalhadores de diversos setores da indústria ou comércio da capital. Além disso, muitas outras associações de pequeno porte congregavam trabalhadores em torno da prática esportiva e do lazer.

A ideia de associativismo – que não era restrita ao esporte – foi muito cara ao desenvolvimento das mais variadas culturas urbanas. O surgimento dos clubes, partidos, sindicatos, associações mutualistas em geral foram importantes para marcar as identidades de classe, étnicas, sociais. No âmbito geográfico, ressaltaram as identidades nacionais, regionais, locais, e de forma especial para as cidades, as identidades de bairro. Podem já ter sido mais fortes, mais demarcadas, porém, pode-se observar que as identidades de bairro ainda subsistem em alguns bairros das grandes cidades, que ao longo do tempo construíram uma simbologia que confere aos seus moradores uma identificação que passa por distinções não só econômicas como também culturais. Em Belo Horizonte, por exemplo, existem diferentes características atribuídas aos diferentes bairros, como a agitação e o comércio da Savassi, o clima interiorano e afeito às artes de Santa Tereza¹⁷⁷. Muitas vezes essas características – juntamente com os aspectos econômicos – costumam criar uma relação entre a identidade dos bairros e o estilo de vida de seus moradores.

¹⁷⁷ Tal fato também pode ser percebido em outras grandes cidades brasileiras onde são criadas identidades do bairro com seus moradores, como por exemplo o bairro da Tijuca ou de Copacabana, no Rio de Janeiro, ou ainda bairros como a Mooca e o Brás, em São Paulo.

Fato é que a constituição de clubes e associações variadas nas cidades ajudou na constituição de redes de relacionamento, não só entre as elites, mas também entre as camadas populares. A cultura esportiva era vivenciada também pelos trabalhadores das capitais brasileiras. Um dos exemplos é a criação, no ano de 1943, do Serviço de Recreação Operária (SRO), pelo Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio. Segundo Angela Brêtas, o SRO era

destinado a organizar o lazer dos trabalhadores e de suas famílias tinha o objetivo de coordenar os meios de recreação da classe operária, prestando aos sindicatos assistência e colaboração. Possibilitando aos trabalhadores sindicalizados e suas famílias o acesso a atividades culturais diferenciadas, tais como música, literatura, teatro, cinema, dança, excursões e esportes, o SRO lhes proporcionava a entrada em um universo de outros saberes que, de certo modo, poderiam lhes dar novas chances de melhor compreender o mundo¹⁷⁸.

Iniciativas congêneres surgiram em outros setores organizados da produção, como por exemplo, o Serviço Social da Indústria (SESI) e o Serviço Social do Comércio (SESC), ambos fundados em 1946. Todos baseados em oferecer uma variada gama de serviços de assistência aos seus associados, dentre elas as atividades esportivas, seja através de clubes esportivos e recreativos ou de outras ações pontuais em diversos espaços da cidade.

Ações como o SRO, SESI e SESC tinham alguns pontos comuns, como a tentativa de controle do tempo de lazer de seus associados, indicação de conteúdos e atividades que consideravam importantes, disseminação de valores, enfim, uma série de “cuidados” que objetivavam não só a formação de seus associados, mas o aumento dos índices de produção, diminuição dos acidentes ou afastamentos do trabalho por ordem médica, entre outros. Obviamente essa questão não era desconhecida dos trabalhadores, afinal, as tensões nas relações de trabalho estão colocadas desde a implementação das primeiras indústrias e as primeiras organizações de operários.

¹⁷⁸ SANTOS, Angela Brêtas Gomes dos. “**Nem só de pão vive o homem**”: criação e funcionamento do Serviço de Recreação Operária (1943-1945). Rio de Janeiro, 2007. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.p. 21.

As tensões apontadas podem ser consideradas normais dentro do processo de constituição de grupos, do desenvolvimento da cidade a partir dos interesses múltiplos de seus habitantes. Obviamente os interesses também não se excluam: muitos trabalhadores que lutavam pela redução da jornada de trabalho, que se organizavam em partidos e sindicatos, também tinham como reivindicação o direito à organização e participação das ligas esportivas, antes restritas aos membros das elites. E, para além disso, o esporte sempre foi uma prática aglutinadora. Se por um lado surgia a ideia de que a prática esportiva poderia alienar e desmobilizar os trabalhadores, por outro, esses trabalhadores tinham na prática esportiva um momento para encontro fora do ambiente de trabalho. Dessa forma, à medida em que a cidade crescia e se desenvolvia uma cultura esportiva, os trabalhadores construíram os estádios, vivenciavam e queriam vivenciar os esportes, e também se organizaram politicamente.

E assim não foi diferente entre as décadas de 40 e 60 no Brasil, quando a industrialização se encontrava em crescimento. A controversa relação entre os objetivos políticos de uma ação e os resultados alcançados a partir de sua implementação pode ser percebida no exemplo a seguir. Sobre a relação estabelecida entre os objetivos das ações do Estado e a recepção das mesmas pelos trabalhadores, concordamos com Angela Brêtas em suas reflexões sobre a implantação do Serviço de Recreação Operária durante o Estado Novo.

...não operamos com a visão de que entre Vargas e o povo brasileiro a relação de dominação fosse completa, ou que fosse direta e linear, no sentido de o presidente ser a expressão do dominante e o povo, uma massa dominada, passível de manipulação e submetida a um poder absoluto. De acordo com o conceito de tática desenvolvido por Certeau (2004), acreditamos que há sempre uma margem para movimentos de oposição, de resistência e de re-significação de ordens de valores, o que nos faz supor que, em relações tensas, há espaços para transformações e movimentos daqueles que se pretende dominar. Portanto, não há garantias de que os objetivos do SRO, ao abrir a possibilidade da vivência de atividades culturais e desportivas, fossem os mesmos dos operários ao fruí-las. Entre a imposição de um produto e a maneira de empregá-lo, existe uma distância que é preenchida pelas práticas cotidianas dos usuários que se reapropriam do que lhes é imposto/oferecido em seu próprio benefício, segundo suas próprias leis e de acordo com suas próprias regras. Daí que a mudança da ordem lúdica pretendida pelo Regime não estava assegurada em sua imposição¹⁷⁹.

¹⁷⁹ SANTOS, Angela Brêtas Gomes dos. “**Nem só de pão vive o homem**”: criação e funcionamento do Serviço de Recreação Operária (1943-1945). Rio de Janeiro, 2007. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. p. 24.

Mesmo com a diferença da significação das ações por parte do Estado e dos trabalhadores, o fato é que ações como o Serviço de Recreação Operária e os Serviços Sociais da Indústria e do Comércio proporcionaram a muitos trabalhadores e suas famílias a possibilidade da prática esportiva, seja nas vivências de lazer, ou mesmo em torneios esportivos.

Essas ações nacionais também foram experimentadas em Belo Horizonte, e os trabalhadores foram fortemente incentivados à prática esportiva. Clubes esportivos e recreativos cresciam tanto na iniciativa pública quanto privada. Em uma das áreas que o Brasil mais se desenvolvia, a siderurgia, o esporte chegava com força total. Em 1958, era realizada a II Olimpíada Siderúrgica Belgo Mineira.

A Exemplo do que aconteceu no ano passado, os empregados da Belgo-Mineira, integrando representações esportivas das Usinas de Monlevade e Siderúrgica, assim como dos Escritórios de Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e do Departamento de Terras, Matas e Carvão (Várzea da Palma, Coronel Fabriciano e Governador Valadares), realizaram, neste ano, em Sabará, por ocasião das festas de 1º de maio, a sua Segunda Olimpíada Siderúrgica. Três centenas de atletas da grande empresa siderúrgica participaram dos jogos da Olimpíada, num ambiente de entusiasmo e conagração. O certame foi assinalado ainda com a inauguração do sistema de iluminação do estádio do Siderúrgica, que durante as quatro noites da Olimpíada esteve feèricamente iluminado e repleto de milhares de pessoas, principalmente de Sabará, que vieram prestigiar com a sua presença o desenrolar das partidas. A Olimpíada, inaugurada na noite de 30 de abril, terminou na noite de 4 de maio, quando foram proclamados os vencedores e entregues as taças, troféus e medalhas¹⁸⁰.

Os clubes esportivos deixavam de ser uma exclusividade das elites e agora eram também espaço de lazer e prática esportiva das classes médias e camadas populares brasileiras. Muitos clubes esportivos cresciam agora sob a chancela das indústrias, que buscavam por sua vez tentar controlar o tempo livre de seus funcionários, além de desenvolver estratégias para melhorar a produtividade dos mesmos. Em Belo Horizonte e adjacências, times como o Renascença – da

¹⁸⁰ **A maior festa esportiva da mocidade operária de Minas Gerais.** REVISTA ALTEROSA n° 283, 1º de junho de 1958, p. 87. Matéria não assinada.

fábrica de tecidos que levava o mesmo nome – e o Siderúrgica, de Sabará, são alguns exemplos de clubes esportivos com seus esportes formados por trabalhadores da indústria.

Outra observação importante diz respeito aos clubes e a participação feminina nos esportes, que vimos aumentar ao longo dos anos. Incentivadas também pelas revistas femininas, crescia o número de mulheres esportistas. Mas esse número ainda era muito pequeno quando comparado aos homens. Apesar disso, as análises referentes à participação feminina nos esportes devem levar em conta o contexto da época, sendo encaminhadas sob um olhar qualitativo.

A Revista Alterosa, por exemplo, era uma publicação voltada majoritariamente ao público feminino, e o primeiro aspecto a ser destacado em nossas análises é a presença e participação feminina nos espaços e práticas esportivas da cidade de Belo Horizonte. Vale lembrar que neste momento (a partir da década de 40) a participação feminina nos esportes já havia aumentado consideravelmente, apesar de ainda estar muito aquém da participação masculina. Basta lembrar que já haviam se passado oito anos da ida da primeira mulher brasileira a uma edição dos Jogos Olímpicos¹⁸¹ e que, quatro anos antes esse número havia subido para seis representantes¹⁸².

E foi justamente uma dessas representantes, Sieglinda Lenk, que foi a personagem de uma entrevista da revista em agosto de 1939. Para além de falar sobre a participação em campeonatos nacionais e internacionais, Sieglinda era uma representante da alta sociedade, e nadadora do Minas Tênis Clube, o mais tradicional clube esportivo da capital¹⁸³.

A prática esportiva feminina crescia em Belo Horizonte, mas ainda não era vista com naturalidade. É o que nos indica o sugestivo título de outra reportagem: “O feminismo

¹⁸¹ A nadadora Maria Lenk, nos Jogos Olímpicos de Los Angeles, em 1932.

¹⁸² A delegação feminina da natação contava com Maria Lenk, Sieglinda Lenk, sua irmã, Piedade Coutinho, Scylla Venâncio e Helena de Moraes Salles. A esgrima levou Hilda von Puttkammer como representante. Disponível em: http://www.cob.org.br/brasil_jogos/edicao_interna.asp?id=13. Acesso em 08 de maio de 2012.

¹⁸³ **Sieglinda Lenk é assim...** REVISTA ALTEROSA nº 01, agosto de 1939, p. 120. Matéria não assinada.

marcha!”, que colocou em foco as mulheres da equipe de atletismo do América, clube centenário da capital mineira.

O America dispensa especial carinho para com o seu Departamento Feminino. As senhorinhas, que o compõem, todas da melhor sociedade mineira, exercitam, no estadio rubro todos os esportes, e, recentemente, foi realizado um festival interno de atletismo. Dessa festa, ALTEROSA registra em suas páginas os flagrantes neste "pars-partout", onde se vêem as moças do club rubro saltando obstaculos e dando saida ás maratonas em volta do estadio "Otacilio Negrão"¹⁸⁴.

Pouco a pouco conquistando maior espaço na sociedade, algumas mulheres agora iam às ruas, trabalhavam, praticavam esportes, estampavam as revistas que eram lidas por outras mulheres, e podiam também inspirar outras mulheres. Vale destacar o desenvolvimento do esporte feminino dentro dos clubes. Alguns deles, como o América e o Minas Tênis Clube, contando inclusive com um departamento exclusivo para as mulheres. Outra observação importante: quando a revista destaca a prática esportiva feminina em Belo Horizonte, a mesma acontece sempre sob a chancela dos clubes esportivos.

Mas além dos clubes esportivos populares e das elites, além da prática esportiva proporcionada por políticas de Estado e as práticas apoiadas pelas empresas, o esporte se desenvolvia ainda em outros espaços da cidade e em outras instâncias da vida da população.

Na capital mineira, a Pampulha foi o espaço da natação e dos esportes náuticos. Além disso, os lotes vagos e campos de várzea – que resistem até os dias atuais – eram uma boa opção para a prática do futebol, de jogos e brincadeiras. Os campos de várzea se tornaram uma opção constante das camadas populares – e muitas vezes reprimidas pelos governantes –, e de alguns deles se organizaram times populares dos bairros periféricos de Belo Horizonte.

Outro importante espaço responsável pela massificação da prática esportiva foi a escola. Dentro do conjunto de reformas na educação implementadas a partir do ano de 1942 – que ficaram conhecidas como Reforma Capanema –, estava a obrigatoriedade da disciplina de

¹⁸⁴ **Feminismo Marcha!** REVISTA ALTEROSA nº 01, agosto de 1939, p. 52. Matéria não assinada.

Educação Física nos estabelecimentos de ensino para todos os alunos até 21 anos de idade¹⁸⁵. Obviamente sob a preocupação de formar o corpo do cidadão brasileiro para as exigências de uma sociedade que se industrializava – e que também precisava se defender das reais ou eminentes guerras – a Educação Física escolar levava ao grande conjunto da população infantil e jovem as práticas esportivas.

O início da prática esportiva, o surgimento das primeiras modalidades, competições e organização de suas práticas em escolas, clubes, estádios e ginásios é um exemplo de como a cultura esportiva se organiza nas cidades, convidando seus habitantes à vida pública, e como esta vai ganhando outros significados. Esse processo pode ser percebido a partir de transformações nos meios de transporte, como no caso dos bondes, nos espaços de convivência coletiva como as praças e passeios públicos; nos espaços de diversão como os cafés, teatros, cinemas e estádios esportivos.

Ao falar da América Latina, o historiador José Luiz Romero nos mostra como as transformações nas cidades incluíram diversas formas de diversão, como os esportes e o cinema. Para o autor, essas duas atividades tiveram papel central no que tange à participação das camadas populares na vida das cidades.

Para aprender e para se divertir as pessoas iam ao cinema, programa que nas primeiras décadas do século começou a ser a atração de um imenso público de todas as classes sociais. E enquanto subsistia a aristocrática devoção pela esgrima e pelo tênis, esportes populares como o futebol começavam a reunir multidões nos estádios esportivos, cada vez maiores, nos quais se percebia cada vez mais claramente o surgimento de atitudes inusitadas nas aglomerações que os povoavam nos dias de grandes espetáculos¹⁸⁶.

Se o esporte surge como prática das elites, a cultura esportiva – inclusive algumas modalidades, como o futebol – se populariza rapidamente. Elites e camadas populares buscaram

¹⁸⁵ CASTELLANI FILHO, Lino. **A Educação Física no Brasil: a história que não se conta**. Campinas: Editora Papirus, 2010. 18ª Edição. p. 73.

¹⁸⁶ ROMERO, José Luiz. **América Latina: as cidades e as ideias**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004. p. 331.

sempre se diferenciar a partir da preferência por algumas práticas culturais. O poder aquisitivo podia eventualmente limitar o encontro entre elites e camadas populares nas cidades, mas a prática nos mostra que essa divisão não era o desejo da totalidade de seus habitantes. Obviamente elites e camadas populares protagonizaram trocas culturais intensas, a despeito de suas práticas distintivas. Naquele momento, a presença em espetáculos esportivos era uma diversão, concorria diretamente com a frequência nos teatros, cafés, concertos musicais. Muitos espaços de diversão – especialmente os estádios – eram segmentados, com locais destinados às elites (tribunas, camarotes), camadas médias (arquibancadas e cadeiras) e populares (entrada geral, posteriormente conhecida nos estádios apenas como “geral”), vendidas a preços diferenciados. Em cidades que convidavam cada vez mais sua população à convivência pública, obviamente aumentam as trocas entre elites e camadas populares.

O café-concerto, o cabaré ou, apenas, o prostíbulo deram liberdade aos jovens desregrados. Ali entraram em contato com prostitutas, jogadores trapaceiros, tratadores de cavalos de corrida, às vezes com traficantes de escravas brancas ou com delinquentes. O pequeno universo da tourada, do turfe e do jogo colaborava com o estabelecimento dessas relações perigosas, cuja frequência concedia ao burguês libertino o título de estróina, o que nunca chegou a ter um significado de todo pejorativo, ao contrário, entranhava uma margem de elogio¹⁸⁷.

O lícito e o ilícito – apesar de combatido pelo Estado – estão em íntima relação nas cidades. Marilita Rodrigues mostra ao estudar o esporte em Belo Horizonte, como os campos de várzea e o futebol praticado nos lotes vagos da nova capital mineira foram perseguidos pela polícia, na mesma medida em que o mesmo futebol era exaltado na imprensa enquanto prática dos jovens sadios da elite belorizontina¹⁸⁸. O carnaval, a capoeira, a briga de galo, as lutas, as apostas, enfim, mostram as mais variadas formas de relações estabelecidas entre a cultura urbana e a cultura esportiva.

¹⁸⁷ ROMERO, José Luiz. **América Latina: as cidades e as ideias**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004. p. 323.

¹⁸⁸ RODRIGUES, Marilita Aparecida Arantes. **Constituição e enraizamento do esporte na cidade** uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894-1920). Tese (Doutorado em História) – Belo Horizonte: UFMG, 2006.

O jogo de futebol era programa para todas as classes. Através do noticiário esportivo pode-se perceber que grande contingente da população movimentava-se para assistir as partidas. Os clubes de segunda divisão (maioria no subúrbio) tinham quase o mesmo espaço nas crônicas esportivas, o que permite deduzir que havia uma demanda por estas notícias, diferentemente do que ocorre nos dias atuais¹⁸⁹.

O modo de vida e práticas surgidas nas camadas altas da sociedade, o modo de vida esportivo se populariza rapidamente, apreendido das mais diversas formas. Mais uma vez, José Luiz Romero nos mostra, a partir do processo de massificação do esporte, um dos canais de desenvolvimento da cultura esportiva nas cidades.

O cinema e os esportes foram os símbolos mais típicos da transformação das cidades, pois revelam a presença de certas classes populares de aspecto diferente da tradicional. Agora, não só a procissão do Senhor dos Milagres ou a peregrinação ao santuário de Guadalupe congregavam multidões, também uma luta de boxe ou a partida final de um campeonato de futebol reuniam milhares de pessoas que, evidentemente, queriam escapar da rotina do trabalho e usufruir da vida, expressar os seus sentimentos e as suas opiniões e casualmente dar liberdade, num domingo, a certa quota oculta de rebeldia. Era como as touradas, cada vez mais quente nas praças e mais apaixonada. E posteriormente nas tavernas suburbanas e nas esquinas dos bairros, cada um defendia as suas opiniões coletivas como se fossem as suas opiniões particulares. Uma crescente tendência das classes populares no sentido de sua integração e um marcado propósito de cada um de seus membros de afirmar a sua personalidade estavam latentes nas mudanças que desencadearam na transformação das cidades¹⁹⁰.

A Belo Horizonte que presenciara a chegada do esporte como prática das elites, e que vivera também as práticas das camadas populares, experimentaria no período entre as décadas de 50 e 60 a consolidação e ampliação do esporte como um dos elementos da sua cultura urbana. A cultura esportiva estava presente e era incentivada aos seus habitantes, das elites às camadas populares.

Uma reportagem da Revista *O Cruzeiro* de 1940 pode exemplificar o discurso com objetivo de propagação da cultura esportiva na cultura urbana da cidade. A reportagem mostra os hábitos esportivos do então presidente Getúlio Vargas. Intitulada “O presidente joga Golf”,

¹⁸⁹ SILVA, Lúcia. **Luzes e Sombras na Cidade:** no rastro do Castelo e da Praça Onze 1920/1945. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro/Secretaria Municipal de Culturas, 2006. p. 68.

¹⁹⁰ ROMERO, José Luiz. **América Latina: as cidades e as ideias.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2004. p. 331.

a reportagem apresenta fotos de Vargas executando movimentos e tacadas do esporte, e diz em um trecho:

“ter um sport” deveria ser a preocupação de todos. Não admirar, apenas, as manifestações sportivas e repetir a phrase latina do Juvenal, phrase demasiado batida para que ainda seja necessário, para lembrá-la, mais do que a primeira palavra, “*mens.*”

Deveria ser preocupação de cada um ter um Sport, pois elle, qualquer que seja, muito mais do que um passatempo, é uma preparação à actividade séria, um importante relaxamento espiritual. E toda nacção pode tomar como prova do que afirmamos a actividade golfista do presidente Vargas.(...) Requerido a todos os instantes pelos relevantes problemas da administração, transportando-se frequentemente aos pontos mais afastados do território nacional; cercado pelas grandes responsabilidades do seu alto posto, mesmo assim, sempre que pode, o presidente da república deixa passar horas reparadoras taco de golf à mão, chapéu protegendo-o dos raios de sol... **Não há, portanto, desculpa para que cada um não tenha o seu Sport.** Tanto maiores forem as responsabilidades, tanto mais se afirmará a importância da adopção do meio de se descansar o espírito para voltar com forças novas ao trato dos problemas graves de todos os dias¹⁹¹.

Do presidente aos trabalhadores, todos, sem excepção deveriam praticar esportes. Se até o chefe da nação – com sua vida atribulada pelas mais importantes tarefas – conseguia encontrar tempo para a prática sportiva, o mesmo deveria ocorrer com todos os brasileiros.

O discurso da reportagem levanta o aspecto já abordado da relação entre a prática sportiva e a necessidade de controle do tempo livre dos trabalhadores por parte das indústrias. Tal aspecto corrobora com os investimentos da política trabalhista de Vargas, fundamental para o desenvolvimento da industrialização brasileira. Mas, além disso, mostra também o processo de massificação da prática sportiva, a exemplo do que já acontecia nas outras grandes cidades mundo afora.

Esse discurso se propagou pelas décadas de 50 e 60, caracterizadas pelo investimento na indústria, o crescimento das cidades e do número de trabalhadores. O esporte agora passava a abarcar as mais diversas camadas sociais da população. Obviamente com elementos distintivos: se o golfe, a vela e a equitação eram esportes caros, exclusivos das elites, as camadas

¹⁹¹ **O presidente joga golf.** O CRUZEIRO, 30 de novembro de 1940, p. 28. Matéria não assinada. Grifos meus.

populares se dedicavam ao futebol, às lutas e ao basquete, entre outros. Mais importante do que as modalidades em si, o que estava em jogo eram os valores propagados pelo esporte, que iam cada vez mais se fazendo presente na cultura urbana da população das cidades industrializadas.

Os valores esportivos: eugenia e progresso físico e espiritual

Sendo assim, vale destacar a importância dada ao esporte durante o governo Vargas enquanto uma política nacional ligada à eugenia e à formação moral dos cidadãos. Como nos mostra Maurício Drummond, a utilização do esporte como política de Estado no governo Vargas buscou

... uma identificação, por vezes direta, do regime com o sucesso obtido no campo esportivo. Outro ponto importante foi a formação eugênica da juventude de uma nova nação. Para tal, a aproximação do governo com o esporte não competitivo foi importante e se deu através de uma educação física, moral, cívica e eugênica¹⁹².

Além dessas ações, vale ressaltar ainda a criação, em 1941, do Conselho Nacional de Desportos (CND). O órgão estava vinculado ao Ministério da Educação e Saúde e tinha como função “*orientar, fiscalizar e incentivar a prática dos desportos em todo o país*”¹⁹³. Veremos ao longo deste trabalho outras iniciativas do governo Vargas em relação ao esporte, mas podemos dizer que o mesmo – por fazer parte de seu programa de governo –, teve papel importante na implementação do projeto de industrialização brasileira.

Em um momento em que se exaltavam os valores da modernidade e do progresso, nada mais natural do que o esporte também tomar parte neste processo. Mesmo porque, o esporte como fenômeno moderno¹⁹⁴, compartilha diversas características próprias de seu tempo.

¹⁹² DRUMOND, Maurício. **Nações em jogo: esporte e propaganda política em Vargas e Perón**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008, p. 75.

¹⁹³ DECRETO-LEI Nº 3.199, de 14 de abril de 1941. **Diário Oficial da União**, 16 de abril de 1941.

¹⁹⁴ Concordamos com estudiosos como Norbert Elias e Pierre Bourdieu, adeptos do entendimento de esporte enquanto um fenômeno moderno. O esporte moderno surge então na Inglaterra, nos fins do século XVIII e início do XIX, através da regulamentação, sistematização e adaptação de inúmeras práticas culturais da antiguidade

Podemos perceber nas fontes como fica claro o discurso do esporte como elemento constitutivo do progresso nacional. No caso de Belo Horizonte, por exemplo, temos um anúncio da Loteria Mineira, promovida pelo Governo de Minas, publicado nas páginas da *Revista Alterosa*.

Prestigiae a grande obra de educação e cultura que o Governo de Minas vem realizando com absoluta firmeza, adquirindo os bilhetes da Loteria Mineira. Am. parareis, assim, o futuro da nossa terra, porque esse futuro depende dos homens de amanhã, isto é, da mocidade que está aprimorando o espirito e o corpo nas nossas escolas e nos nossos campos de esporte.

EXTRAÇÕES
ÀS
SEXTAS-FEIRAS
60-80-100-120-150 e 300
CONTOS DE REIS

LOTERIA DO ESTADO DE MINAS GERAIS

A NOSSA LOTERIA

FIGURA 11 – Anúncio da Loteria do Estado de Minas Gerais, 1939.
Fonte: Revista Alterosa

(jogos, lutas, danças, festejos e brincadeiras), fazendo então surgir diversos *sports* (palavra de origem inglesa), tais como o boxe, o futebol, o tênis, entre outros. Para saber mais consultar ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992. BOURDIEU, Pierre. **Programa para uma sociologia do esporte** IN: BOURDIEU, Pierre: **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 207-220.

Prestigia e a grande obra de educação e cultura que o Governo de Minas vem realizando com absoluta firmeza, adquirindo os bilhetes da Loteria Mineira. **Amparareis, assim, o futuro da nossa terra, porque esse futuro depende dos homens de amanhã, isto é, da mocidade que está aprimorando o espírito e o corpo nas escolas e nos nossos campos de esporte.**¹⁹⁵

Apesar de enfatizar que o futuro de nossa terra depende dos homens de amanhã, o anúncio era ilustrado com o desenho de uma mulher (principal público da revista) realizando o movimento de arremesso de peso. Além disso, o texto destacado permite diferentes interpretações: na primeira, o esporte estaria colocado em pé de igualdade com a educação, servindo como forma de aprimoramento corporal e espiritual. Mas o texto permite também inferir sobre uma importância relativizada do esporte, mostrando o entendimento de que havia espaços e momentos distintos para a educação do espírito e do corpo.

De qualquer forma, o esporte estava no rol das práticas imprescindíveis para aqueles que queriam alcançar o progresso e a saúde. Um pouco mais tarde, em 1945, a *Revista Alterosa* apresentava “conselhos às jovens que desejam vencer na vida”. Entre dicas como alimentação moderada, estudos e higiene, estava também a prática esportiva regular.

A proeficiência em esporte ao ar livre é sempre um ativo na conta da jovem que deseja progredir em sua carreira. O esporte, além de desenvolver harmoniosamente o físico, quando praticado com método, ainda auxilia a relaxar a tensão nervosa tão frequente nas pessoas de grandes aspirações.¹⁹⁶

O esporte tornava-se também um elemento distintivo para aqueles que queriam alcançar o sucesso pessoal e profissional. Valores como a busca pela vitória (mas não a vitória a qualquer custo), respeitando as regras do jogo e seus adversários eram transportados para o mundo do trabalho, do desenvolvimento das grandes cidades. De certa forma, esporte e modernidade partilhavam alguns ideais e valores. Como nos mostra Georges Vigarello

¹⁹⁵ REVISTA ALTEROSA n° 01, agosto de 1939, p. 22. Grifos meus.

¹⁹⁶ **Candidatas à Glória – conselhos às jovens que desejam vencer na vida.** REVISTA ALTEROSA, n° 67, novembro de 1945, p.86 e 94(continuação). Matéria não assinada. Grifos meus.

O esporte ajuda a crer: permite sonhar com uma perfeição social, sem levar em conta as complicações obscuras, as proteções. Ilustraria a possibilidade de se chegar à vitória contando só consigo mesmo¹⁹⁷.

Da mesma forma, o discurso crescente nas grandes cidades era de que o trabalho e o esforço individual levariam ao sucesso do trabalhador e contribuiriam para o progresso da nação. Se no âmbito do trabalho isso está ligado à produção dos trabalhadores, no âmbito esportivo está ligado ao desempenho dos atletas. O esporte seria então um mecanismo para elevação espiritual de uma nação. Os atletas, exemplos perfeitos de uma raça melhorada, deixavam multidões boquiabertas com seus feitos. Nas palavras de Georges Vigarello, “a visibilidade do campeão passa a ser como nunca a de uma nação que empenha vigor e saúde¹⁹⁸”. É o que podemos ver com as fontes que apresentamos até o momento: o discurso de que uma nação que pratica esportes é uma nação progressista. E, além disso, o discurso de que uma nação bem sucedida nos esportes seria também uma nação bem sucedida em outros setores¹⁹⁹.

Nesse processo, nação e corpo se encontram a partir de uma corrente de pensamento que dominava o contexto da época: a eugenia²⁰⁰. No caminho para promoção de uma sociedade moderna e progressista, outro aspecto importante era a exaltação do discurso eugênico sobre o

¹⁹⁷ VIGARELLO, Georges; COURTINE, Jean-jacques. **História do Corpo Vol. 3 – As mutações do olhar: o século XX**. Petrópolis: Editora Vozes, 2008. p. 454.

¹⁹⁸ VIGARELLO, Georges; COURTINE, Jean-jacques. **História do Corpo Vol. 3 – As mutações do olhar: o século XX**. Petrópolis: Editora Vozes, 2008. p. 459.

¹⁹⁹ Podemos perceber a presença desse discurso em torno dos países escolhidos para sediar os chamados megaeventos esportivos. O país escolhido para sediar competições esportivas como a Copa do Mundo de Futebol e os Jogos Olímpicos destacam não somente a importância de mostrar ao mundo que pode receber um evento desse porte e seus visitantes, mas também, mostrar que pode estar bem colocados nos quadros de medalhas das competições.

²⁰⁰ Nos referirmos à eugenia como uma corrente de pensamento que dominou os círculos de poder desde o início do século XX, e a exemplo do papel representado pela Higiene na transição dos séculos XIX e XX, foi mais um movimento que conquistou pessoas influentes no campo político, ganhando espaço em países como os Estados Unidos e a Alemanha na administração pública. Segundo Edwin Black, a eugenia conquistaria a partir de um discurso pseudocientífico grande espaço e poder político, e viria experimentar o auge de suas teorias racistas pouco tempo mais tarde, no Reich de Adolf Hitler. Segundo o autor, “(...) a eugenia infestou por completo importantes movimentos de ação social e outros voltados para a saúde pública. As causas que foram poluídas pela eugenia incluíam os movimentos de assistência infantil, a reforma das prisões, a melhoria da educação, a saúde pública, a psicologia clínica, os tratamentos médicos, a paz mundial e os direitos dos imigrantes, a assistência social e todo tipo de empreendimentos” (p. 219). BLACK, Edwin. **A Guerra contra os Fracos: a eugenia e a campanha dos Estados Unidos para criar uma raça dominante**. São Paulo: A Girafa Editora, 2003.

esporte, tão difundido a partir da década de 20 e exacerbado com os ideais propagados pela Alemanha durante a Segunda Guerra.

No Brasil também se percebe esse processo a partir de algumas ações. A influência do militarismo nos mais diversos setores do Estado, por exemplo, mostra como o discurso eugênico se engendra nos espaços de poder. O Decreto-Lei nº 2.072, de 8 de Março de 1940 que torna obrigatório para infância e a juventude o ensino da Educação cívica, moral e física, como destacado no seu capítulo I

CAPÍTULO I DA EDUCAÇÃO CÍVICA MORAL E FÍSICA DA INFÂNCIA E DA JUVENTUDE

Art. 1º A educação cívica, moral e física é obrigatória para a infância e a juventude de todo o país, nos termos do presente decreto-lei.

Art. 2º A educação cívica visará a formação da consciência patriótica. Deverá ser criado, no espírito das crianças e dos jovens, o sentimento de que a cada cidadão cabe uma parcela de responsabilidade pela segurança e pelo engrandecimento da pátria, e de que dever de cada um consagrar-se ao seu serviço com maior esforço e dedicação.

Parágrafo único. É também papel da educação cívica formar nas crianças e nos jovens do sexo masculino o amor ao dever militar, a consciência das responsabilidades do soldado e o conhecimento elementar dos assuntos militares, e bem assim dar às mulheres o aprendizado das matérias que, como a enfermagem, as habilitem a cooperar, quando necessário, na defesa nacional.

Art. 3º A educação moral visará a elevação espiritual da personalidade, para o que buscará inculcar nas crianças e nos jovens a confiança no próprio esforço, o hábito da disciplina, o gosto da iniciativa, a perseverança no trabalho, e a mais alta dignidade em todas as ações e circunstâncias.

Parágrafo único. A educação moral procurará ainda formar nas crianças e nos jovens de um e outro sexo os sentimentos e os conhecimentos que os tornem capazes da missão de pais e de mães de família. As mulheres dará de modo especial a consciência dos deveres que as vinculam ao lar, assim como o gosto dos serviços domésticos, principalmente dos que se referem à criação e à educação dos filhos.

Art. 4º A educação física, a ser ministrada de acordo com as condições de cada sexo, por meio da ginástica e dos desportos, terá por objetivo não somente fortalecer a saúde das crianças e dos jovens, tornando-os resistentes a qualquer espécie de invasão mórbida e aptos para os esforços continuados, mas também dar-lhes ao corpo solidez, agilidade e harmonia.

Parágrafo único. Buscará ainda a educação física dar às crianças e aos jovens os hábitos e as práticas higiênicas que tenham por finalidade a prevenção de toda a sorte de doenças, a conservação do bem-estar e o prolongamento da vida. Será, neste particular, objeto de especial

atenção o esclarecimento do papel que, na manutenção da saúde, desempenha a alimentação, e bem assim dos preceitos que sobre ela devam ser continuamente observados²⁰¹.

Em seu 2º capítulo, o decreto dispõe ainda sobre a criação da Juventude Brasileira²⁰², que seria a instituição responsável pela organização da Educação cívica, moral e física da infância e da juventude. Nesse sentido, Maurício Parada nos mostra em seu estudo, como o discurso eugênico passava a figurar na educação do país.

O tema do adestramento físico e da disciplina moral será recorrente nos discursos e nas práticas em que a figura do “jovem nacional” esteja de alguma forma presente. A criação da Juventude Brasileira, em março de 1940, colocava em questão a construção de um personagem modelar: o jovem escolar nacional²⁰³.

Apesar do projeto da Juventude Brasileira não ter vingado, o discurso eugênico já estava engendrado na sociedade brasileira. As orientações presentes no Decreto-Lei nº 2.072 estiveram presentes nas escolas, através de disciplinas como a Educação Moral e Cívica e a própria Educação Física. Ao analisar o período, Lino Castellani Filho mostra como a prática esportiva nas escolas estava em consonância com os ideais defendidos pelos eugenistas.

Destinava-se, portanto, à Educação Física, nessa questão da eugenia da raça, um papel preponderante. O raciocínio era simples: mulheres fortes e sadias teriam condições de gerarem filhos saudáveis, os quais, por sua vez, estariam mais aptos a defenderem a construir a Pátria, no caso dos homens, e de se tornarem mães robustas, no caso das mulheres²⁰⁴.

²⁰¹ DECRETO LEI Nº 2.072 DE 08 DE MARÇO DE 1940. Disponível em: <http://www2.camara.gov.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-2072-8-marco-1940-412103-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em 07 de outubro de 2012. Grifos meus.

²⁰² Segundo Lino Castellani Filho, a juventude brasileira era uma instituição nacional “submetida ao Ministério da Educação e Saúde e ao da Guerra, tinha por objetivo, conforme palavras do próprio presidente Vargas, ‘... incrementar a educação cívica das novas gerações, organizando a juventude por forma a constituir reserva facilmente mobilizável, sempre que houver objetivo patriótico a alcançar...’. Inspirado em instituições congêneres existentes na Itália (os Balilla e os Avanguardisti) e na Alemanha (a Juventude Hitlerista), a Juventude brasileira, mesmo não chegando a consolidar-se na prática, refletiu os anseios dos militares e da classe dirigente que nela depositavam suas esperanças de construção de um país de jovens afinados com a ideologia dominante”. CASTELLANI FILHO, Lino. **A Educação Física no Brasil: a história que não se conta**. Campinas: Editora Papyrus, 2010. 18ª Edição. p. 69.

²⁰³ PARADA, Maurício. **Corpos infantil e nacional: políticas públicas para a criança durante o Estado Novo**. p. 355. In: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia. **História do Corpo no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2011. 568p.

²⁰⁴ CASTELLANI FILHO, Lino. **A Educação Física no Brasil: a história que não se conta**. Campinas: Editora Papyrus, 2010. 18ª Edição. p. 43.

Mesmo com o fim da Segunda Guerra, os ideais eugênicos ainda perduraram por muito tempo, e eram frequentemente relacionados à prática esportiva. É o que podemos constatar em um evento que aconteceu em Belo Horizonte em novembro de 1959. A *II Ginástica Feminina da Primavera* era um festival de ginástica, que reuniu delegações de cidades como Ubá, Rio de Janeiro e Belo Horizonte em torno da prática esportiva.

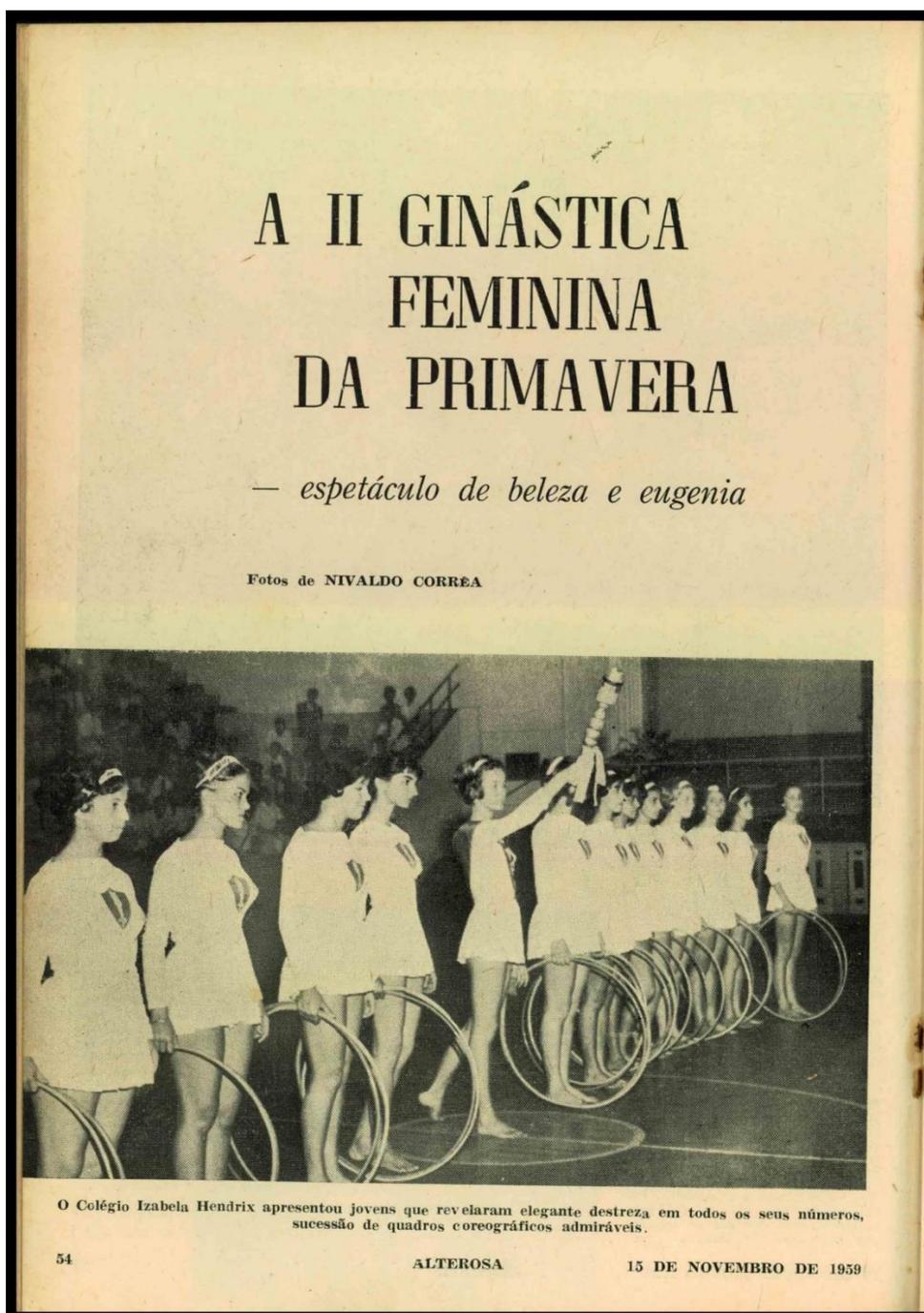


FIGURA 12 – Foto da II Ginástica Feminina da Primavera, 1959.
Fonte: Revista Alterosa

Aos olhos encantados do grande público que acorreu para prestigiar as equipes integrantes - desfilaram, em números aplaudidos, jovens que bem expressam, na exuberância de seu aprimoramento físico e beleza feminina, o esplendor da nova geração brasileira²⁰⁵. (...) Todas as equipes se caracterizaram pela homogeneidade de movimentos coreográficos e alto índice de beleza física, numa comprovação dos benefícios resultados da ginástica moderna. **Foi, na realidade, festa de eugenia e beleza, evidenciando a eternidade da legenda helênica: mens sana in corpore sano, que deveria ser o roteiro da mocidade universal para a elevação espiritual dos povos**²⁰⁶.

Os ideais eugênicos estiveram em voga durante muito tempo no Brasil e no mundo. Apesar de muito ligado à força e à participação masculina, as mulheres também participavam através da ginástica, modalidade feminina que demonstraria além de graça e beleza, a organização e disciplina diante das tarefas executadas. A foto da reportagem nos mostra como, em 1959, as mulheres já haviam alcançado maior acesso à prática esportiva, inclusive com eventos destinados a elas. Além disso, as vestimentas utilizadas – mais curtas, mostrando mais o corpo – diferem dos trajes do início do século. E, finalmente, alguns elementos como a organização em fila – tipicamente militar – permitem perceber a conotação do evento. O esporte seria também responsável pelo desenvolvimento do corpo e o aprimoramento da raça, que deveria ser dotado de força, utilidade e beleza. Os valores esportivos se disseminaram mundo afora, o que contribuiu para que ele se tornasse uma das práticas mais massificadas do planeta.

* * *

O esporte, que chegara ao Brasil no século XIX como prática da nobreza, passou de espetáculo popular à prática popularizada e massificada. Antes, prática excêntrica de pequenos grupos da elite brasileira, e agora ganhava definitivamente o espaço da cidade. Nas palavras de Georges Vigarello, a cultura esportiva se identificaria com a “manifestação mais alta da cultura corporal” nas décadas de 50 e 60.

²⁰⁵ **II Ginástica Feminina da Primavera** REVISTA ALTEROSA nº 318, agosto de 1959, p. 56. Matéria não assinada. Fotos de Nivaldo Correa.

²⁰⁶ **II Ginástica Feminina da Primavera** REVISTA ALTEROSA nº 318, agosto de 1959, p. 58. Matéria não assinada. Fotos de Nivaldo Correa. Grifos meus.

Aumento decisivo dos praticantes, corroboração decisiva do universo legendário, o esporte entrou definitivamente, com a década de 1950, nas representações e na mitologia de nosso tempo²⁰⁷.

Os exemplos apresentados ao longo deste capítulo corroboram com a afirmação do autor. Os novos corpos que surgiam em Belo Horizonte e em outras grandes cidades industrializadas marcavam também as transformações dos costumes e modos de vida. De um lado, amparados pela ciência e a tecnologia para alcançarem novos padrões produção para o trabalho, desempenho esportivo, saúde e beleza. Do outro, carregados de valores que construiriam o período da industrialização brasileira: a eugenia, a moral, o nacionalismo e o progresso.

Belo Horizonte crescia e almejava se tornar uma grande metrópole. Nesse caminho, via no fenômeno esportivo mais uma possibilidade de manifestar os grandes feitos. E para isso, precisaria também de espaços apropriados. Os estádios esportivos que nasceram no intervalo de quinze anos na cidade eram acompanhados do discurso de imponência da cidade através de sua economia, da construção civil e da industrialização. Os estádios do Independência e do Mineirão se tornariam os principais espaços para o esporte na cidade.

²⁰⁷ VIGARELLO, Georges; COURTINE, Jean-jacques. **História do Corpo Vol. 3 – As mutações do olhar: o século XX**. Petrópolis: Editora Vozes, 2008. p. 235.

Capítulo 3 – Os gigantes

Muito além das práticas, no entanto, é o espetáculo esportivo que se impõe, instalando a imagem dos esportes como uma evidência e também como ideal compartilhado. Eis uma mudança notável no pós-guerra: estádios exibindo mais que nunca a cultura popular, campeões irradiando mais que nunca entusiasmo e identidade²⁰⁸.

Neste capítulo nos dedicamos aos dois maiores estádios de Belo Horizonte, inaugurados respectivamente em 1950 e 1965. Parte integrante e marcante da paisagem da cidade, palco de importantes competições esportivas, locais de divertimento, protestos, shows, da fruição da cultura esportiva de seus habitantes.

A partir de nosso contato com as fontes e corroborando com os objetivos deste trabalho, decidimos investigar o Estádio do Independência, palco mineiro da Copa do Mundo de 1950, e o Estádio Governador Magalhães Pinto – o Mineirão – inaugurado em 1965, tornando-se na época o segundo maior estádio coberto do mundo.

O Independência é o nome popular dado ao estádio Raimundo Sampaio. Era de propriedade do clube Sete de Setembro, e construído em 1950 na gestão do presidente Antônio Lunardi. Localizado no bairro do Horto, possuía capacidade estimada em cerca de 15 mil espectadores, e recebeu três partidas da Copa do Mundo de 1950. Foi entre 1950 e 1964 o principal palco do futebol da capital.

O Mineirão é o nome popular do Estádio Governador Magalhães Pinto, nome oficial recebido em 1966. Inaugurado um ano antes sob o nome “Estádio Minas Gerais”, foi à época o segundo maior estádio coberto do mundo, com capacidade para cerca de 130 mil espectadores. Desde a sua inauguração, se constitui no principal estádio da cidade de Belo Horizonte.

²⁰⁸ VIGARELLO, Georges; COURTINE, Jean-Jacques. **História do Corpo Vol. 3 – As mutações do olhar: o século XX**. Petrópolis: Editora Vozes, 2008. p. 233.

Inicialmente, nos dedicamos ao período final da construção e a preparação da inauguração desses estádios, analisando o que isto representou para a cidade: a expectativa para a finalização de uma grande obra e a sua exaltação no contexto do esporte nacional, a importância dos estádios para as cidades e para o projeto de desenvolvimento do Brasil, além dos desafios para a construção dos gigantes de concreto.

Posteriormente, nos dedicamos aos jogos inaugurais desses estádios, com destaque para as partidas da Copa do Mundo de 1950 – realizadas no Independência – e os jogos dos festejos de inauguração do Mineirão em 1965.

Além disso, buscamos investigar e retratar também as relações desses estádios com a cidade. Como sua construção afetava a cultura esportiva da cidade, os deslocamentos de seus habitantes, as percepções sobre o esporte em Belo Horizonte.

A presença nos estádios e ginásios esportivos fez destes locais um espaço de afirmação de personalidade das camadas populares. A partir da constituição do esporte como um grande espetáculo – e muitos deles caíram no gosto e foram se voltando para as massas – percebemos os estádios como tendo papel central na relação entre Belo Horizonte e o esporte. A construção desses espaços está inserida em um contexto de aumento da popularidade do esporte e transforma a vida e os costumes do belorizontino. Construir um estádio é erguer um monumento, criando um espaço carregado de significados para a capital mineira.

Lúcia Silva ressalta a importância em se estudar também os aspectos físicos da cidade, uma vez que os mesmos carregam através de seus significados relações diretas com a história de seus habitantes: “creio que os marcos edificadas só se tornam túmulos se os desconectamos da história presente, as relações sociais que construímos em nosso cotidiano trazem consigo as marcas de uma batalha que foi e ainda é espacializada²⁰⁹.”

²⁰⁹ SILVA, Lúcia. **Luzes e Sombras na Cidade**: no rastro do Castelo e da Praça Onze 1920/1945. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro/Secretaria Municipal de Culturas, 2006. p. 43.

Por toda a ligação da população com a cultura esportiva, os estádios estão intimamente conectados tanto com o passado quanto com o presente. O Estádio do Independência marcaria a participação de Belo Horizonte no evento esportivo de maior importância já recebido pelo Brasil, a Copa do Mundo de Futebol. O Estádio do Mineirão, quando da época de sua inauguração, era o segundo maior estádio coberto do mundo. A medida da grandeza aumenta ao tomarmos contato com as reportagens, filmes, a crônica esportiva que cobriu os grandes acontecimentos que levavam multidões a esses espaços. Os estádios e ginásios esportivos são o espaço de uma relação privilegiada entre a cidade e o esporte²¹⁰.

Deriva-se então dessa ideia a compreensão sobre esporte que utilizamos nesta tese. Estamos, portanto, a afirmar que o esporte é um fenômeno tipicamente urbano, e os estádios e ginásios enquanto locais *sui generis* dessa relação esporte e cidade.

Mas como surgiram os dois grandes estádios de Belo Horizonte? Ao longo das próximas páginas vamos mostrar, a partir das fontes, algumas especificidades e semelhanças no processo de construção dos estádios do Independência e do Mineirão. A construção dos mesmos é separada por um intervalo de 15 anos, além de guardarem contextos históricos, políticos e econômicos específicos.

²¹⁰ Ainda que tenhamos a transmissão de jogos nas mais diversas mídias, a presença de público nos estádios é sempre exaltada pela imprensa. Da mesma forma, muitos habitantes da idade ressaltam a diferença de assistir a um evento esportivo *in loco*.

A concentração: expectativa no campo esportivo

No período que antecede uma partida de futebol, ficou comum entre as equipes deste esporte no Brasil a utilização de uma prática denominada “concentração”. Como o nome sugere, a concentração consiste no isolamento do grupo de jogadores e comissão técnica, com o objetivo de pensar apenas no jogo vindouro. Nesse momento, além dos treinos, são realizadas reuniões, estudos sobre a técnica e tática do adversário. Muitos times de futebol se utilizam dessa prática em seu dia-a-dia, e especialmente antes dos jogos mais importantes. O tempo de concentração pode variar de acordo com a importância da partida, às vezes também de acordo com a situação do time no campeonato.

A partir do contato com as fontes percebemos que a metáfora da concentração também pode ser utilizada para o momento que antecede a inauguração dos grandes estádios de Belo Horizonte. O anúncio de sua construção é digno de notas nos jornais, bem como eventuais reportagens, encontradas de maneira mais esparsa nos anos seguintes. Porém, à medida que se aproxima – ou se adia, como veremos – a data para sua inauguração, as notícias vão se multiplicando, fruto obviamente da expectativa da inauguração de uma grande obra para a cidade.

Como já apontamos ao longo deste trabalho, as construções grandiosas ultrapassam o seu tamanho físico. Transformam o espaço da cidade, mas representam também projetos políticos, com implicações nos costumes e modos de vida de seus habitantes. Especialmente no caso dos estádios, instauram um conjunto de novas práticas em torno da cultura esportiva da cidade.

O primeiro passo para a construção de uma grande obra é demonstrar, comprovar ou justificar a sua necessidade²¹¹. As grandes competições esportivas – como a Copa do Mundo de 1950 – foram a principal justificativa para a construção do Estádio do Independência em Belo Horizonte. A cidade possuía alguns campos de futebol, como o campo do Atlético Mineiro e do América, mas ambos sem estrutura e capacidade suficiente para receber os jogos do Campeonato Mundial. Dessa forma, a possibilidade de sediar os jogos estaria atrelada à oferta de um estádio que reunisse espaço e estruturas adequadas. Sendo assim, era necessário um estádio para abrigar os jogos da Copa do Mundo de Futebol.

Além disso, o interesse crescente envolvimento das massas e a presença mais acentuada da cultura esportiva dentro da cultura urbana – como demonstrado no capítulo anterior – também figuravam na lista de elementos que demonstravam a “necessidade” de novos estádios. A população de Belo Horizonte havia crescido, e também, a ligação de seus habitantes com o esporte, em especial o futebol.

E foi justamente esse argumento que justificaria a necessidade de um segundo estádio para Belo Horizonte, quinze anos após a construção do Independência. De fato, os números relativos ao crescimento da cidade apresentados no primeiro capítulo deste trabalho mostram que a explosão demográfica dos anos 50 e 60 trouxe diversas transformações na cidade. Da mesma forma, a vivência do belorizontino em torno de práticas ligadas à cultura esportiva – também destacadas no capítulo anterior – nos fazem perceber que a mesma se manifestava de maneira mais abrangente na cidade.

O período de concentração em torno das obras do estádio do Independência e do Mineirão se deu de maneira mais incisiva no ano de sua inauguração – 1950 e 1965,

²¹¹ O mesmo pôde ser percebido recentemente no Brasil, a partir de outubro de 2007, quando foi confirmada a escolha do país como sede para a Copa do Mundo de Futebol de 2014. A escolha do país como sede e os padrões internacionais de estádios exigidos pela FIFA foram as principais justificativas para reformas e construções de novos estádios.

respectivamente. Nesse período os jornais traziam notícias quase diárias sobre o andamento das obras e as perspectivas de inauguração.

O primeiro aspecto que nos pareceu comum na construção dos grandes estádios de Belo Horizonte foi justamente a exaltação da grandeza, tecnologia e importância dos estádios. O discurso mais uma vez nos remete ao conjunto de transformações na cidade abordado no primeiro capítulo deste trabalho. A importância dos números, do uso das técnicas mais modernas da engenharia bem como dos mais modernos equipamentos, aliados à capacidade empreendedora de uma administração voltada para o progresso e a modernidade.

No Mineirão a exaltação de grandeza e tecnologia ganhava contornos ainda maiores, uma vez que o próprio projeto do estádio possuía maiores dimensões. Apesar de construído em torno da prática do futebol, o estádio não se resumia apenas a um espaço para a prática desta modalidade. O projeto completo envolvia um complexo esportivo com estrutura para várias modalidades, construído no terreno da Universidade de Minas Gerais, atual Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em troca da doação do terreno para construção do estádio, que pertencia à Universidade.

O Estádio Minas Gerais, que é o segundo do Brasil, vai custar cinco bilhões de cruzeiros, incluindo seu Conjunto Esportivo Externo, que deve ser usado pelos estudantes universitários e os times de várzea, de acordo com um convênio feito entre o Governo de Minas e o Ministério da Educação e Cultura (Reitoria da UMG). O Conjunto Esportivo Externo terá: seis campos de futebol, cinco quadras de tênis, duas piscinas, oito quadras de vôlei e oito de basquete, uma Escola de Educação Física, um Ginásio e um Departamento de Esportes Náuticos. O Reitor da UMG, Prof. Aluísio Pimenta, sempre tem reafirmado seu apoio à construção do Estádio Minas Gerais, que vai prestar benefícios também à classe universitária²¹².

O conjunto esportivo externo – atual Centro Esportivo Universitário – seria de uso da comunidade universitária. E apesar de outras atividades além do futebol estarem planejadas para a área do estádio, era sem dúvida o futebol o centro das atenções. Os números que envolviam a obra continuavam a ser divulgados. Todas as estatísticas, e informações que

²¹² **Como está o Estádio.** O Estado de Minas, 5 de janeiro de 1965, p. 1. Matéria não assinada.

dessem conta da grandiosidade das obras e da tecnologia empregada nas mesmas eram exaltadas pela imprensa. Os números do Mineirão ficaram famosos, e espantavam.

Essa obra do Governo Magalhães Pinto vai gastar quarenta mil metros cúbicos de concreto, 250 mil sacos de cinco e quatro milhões de quilos de ferro. O Estádio Minas Gerais, com capacidade para 130 mil pessoas, terá seis vestiários para homens, quatro para mulheres, três elevadores, 36 bares, 86 conjuntos de instalações sanitárias e parque de estacionamento para cinco mil carros. (...)o administrador organizou um esquema especial de trabalho, dividindo os mil operários em diversas turmas (...) A admissão de mais quinhentos ou oitocentos operários, para aumentar o ritmo dos trabalhos, está condicionada a um financiamento bancário de um bilhão e duzentos milhões de cruzeiros, já autorizado pelo Governador Magalhães Pinto²¹³.

Os números são grandiosos, mas ainda assim inferiores aos 500 mil sacos de cimento utilizados na obra do Maracanã em 1950²¹⁴. Mas, em 1965, passados 15 anos da construção do maior estádio do mundo, o Mineirão era então a maior construção esportiva feita no Brasil desde o estádio do Rio de Janeiro.

Mensurar e transformar obras, trabalho e pessoas em números cumpria uma função específica. Além de informar a quem pudesse se interessar por tais números, mostrava como o progresso e a tecnologia seguiam em curso em um país que almejava se aproximar de outras grandes nações mundiais. Porém, tais números não davam conta de mensurar as transformações na cidade, nos costumes e modos de vida da população, que eram maiores.

Mas se os números eram grandes, na mesma proporção eram as dificuldades para transformar o projeto em obra. A construção e inauguração dos dois maiores estádios de Belo Horizonte foram cercadas de grande entusiasmo e minuciosa cobertura por parte da imprensa. No período de construção as notas eram um pouco mais esparsas, noticiando etapas do processo e acompanhamento das obras. Posteriormente, as notícias tornaram-se cada vez mais frequentes à medida em que se aproximava o término das obras e a data de inauguração dos estádios.

²¹³ Idem.

²¹⁴ Confederação Brasileira de Desportos – **IVº Campeonato Mundial de Futebol – Taça Jules Rimet 1950**. p. 77.

Em janeiro de 1950, os jornais noticiavam o andamento nas obras do estádio do Independência.

Está concluído o plantio do gramado do Estádio Independência, do Sete de Setembro. Os operários da Prefeitura realizaram um trabalho excelente e, sobre tudo, rápido. Sim, apenas um mês e pouco levou o serviço de plantação da relva. A reportagem do ESTADO DE MINAS esteve no Independência na manhã de domingo, podendo ver de perto como ficou belo o tapete verde setembrino. Esta semana, segundo nos informou o presidente Antônio Lunardi, serão colocadas as duas traves, devendo o campo ser marcado com grama branca. A foto fixa um aspecto que colhemos por ocasião do início da plantação, quando diversos caminhões traziam placas de gramado para serem plantadas²¹⁵.

A nota nos permite destacar alguns pontos importantes. Talvez o maior deles, seja a realização de uma obra particular com operários da prefeitura. Vale lembrar que o estádio pertencia ao Sete de Setembro, clube presidido pelo vereador Antônio Lunardi. Do ponto de vista das obras, o plantio do gramado e colocação das traves costumam ser serviços relativamente mais simples e rápidos do que a construção e acabamento de arquibancadas, vestiários e demais estruturas físicas. Se os jornais ainda não falavam em atrasos, veremos que alguns transtornos ainda caberiam à construção do Independência.

No Mineirão, as obras também eram acompanhadas de perto pela imprensa. Em 1965, os jornais davam notícias sobre o andamento das obras, cuja previsão de término seria em maio do mesmo ano.

Atualmente, o Estádio já tem o gramado pronto, as gerais concluídas, 4 setores de arquibancadas prontos e 21 iniciados. Os refletores já estão sendo colocados. Mil operários trabalham nas obras, revezando-se em três turnos de 8 horas cada um²¹⁶.

As obras corriam contra o tempo, o orçamento, e também as condições climáticas. O período do verão, caracterizado por chuvas na região sudeste, parecia não atrapalhar as obras, uma vez que ainda haviam alguns serviços a serem executados.

CHUVAS NÃO PREJUDICAM AS OBRAS DO ESTÁDIO

As chuvas que caem sobre a cidade, desde o início de dezembro, não conseguiram prejudicar o ritmo das obras de construção do Estádio Minas Gerais, porque o administrador organizou um esquema especial de trabalho, dividindo os mil operários em diversas turmas, e encarregando-

²¹⁵ **Pronto o gramado do Independência.** O Estado de Minas, 17 de janeiro de 1950, p. 10. Matéria não assinada.

²¹⁶ **Mais recursos.** O Estado de Minas, 1 de janeiro de 1965, p. 3. Matéria não assinada.

os de outros serviços nas gerais, arquibancadas, cadeiras e na pista de atletismo, enquanto não é possível a concretagem de novos setores das arquibancadas e marquise²¹⁷.

Se as chuvas pareciam não prejudicar o ritmo da construção, outras necessidades se impunham. Muitos serviços ainda eram necessários, e mais uma vez os jornais nos dão os indícios. Isso porque, além de noticiar o processo das obras, os jornais foram também um veículo que de certa forma contribuiu para o andamento das mesmas. Os jornais foram espaço de anúncios de alguns dos serviços necessários a cada etapa da obra. Foi o que ocorreu na busca por fornecedores de cadeiras – para as futuras cadeiras cativas do estádio.

GOVERNO MAGALHÃES PINTO
CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DO ESTÁDIO <<MINAS GERAIS>>
CADEIRAS PARA O ESTÁDIO “MINAS GERAIS”

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DO ESTÁDIO “MINAS GERAIS” chama a atenção dos interessados, para a concorrência administrativa que fará realizar, e que tem por objetivo o fornecimento de CADEIRAS para o Estádio “Minas Gerais”, em construção em Belo Horizonte na Pampulha.

Esclarece, outrossim, que na próxima segunda-feira, dia 26 de abril de 1965, às 14 (quatorze) horas, na sede da Administração do Estádio “Minas Gerais” – Rua da Bahia, 1.032 – 11º andar – haverá uma reunião preliminar com os interessados em participar da concorrência acima citada, para discussão de detalhes.

Maiores esclarecimentos poderão ser obtidos no ESCRITÓRIO CENTRAL da Administração do Estádio “Minas Gerais” (ADEMG), no endereço acima, de 14 (quatorze) às 16 (dezesesseis) horas, ou no Escritório de Obras, junto à construção do Estádio, na Pampulha, no horário de 9 (nove) às 11 (onze) horas.

Belo Horizonte, 20 de abril de 1965.

Engenheiro LUIZ PINTO COELHO – (Presidente do Conselho de Administração do Estádio “Minas Gerais”).

Engenheiro GIL CESAR MOREIRA DE ABREU – (Administração do Estádio “Minas Gerais”)²¹⁸.

O projeto das cadeiras cativas do Estádio do Mineirão será detalhado a seguir, pois está diretamente relacionado às dificuldades financeiras para a execução das obras. O papel da imprensa, porém, continuava. Próximo ao término das obras, o Jornal O Estado de Minas

²¹⁷ **Chuvas não prejudicam as obras do estádio.** O Estado de Minas, 5 de janeiro de 1965, p. 1. Matéria não assinada.

²¹⁸ **Cadeiras para o Estádio “Minas Gerais”.** O Estado de Minas, 23 de abril de 1965, p. 2. Grifos do anúncio.

reproduzia um anúncio do Governo do Estado para a contratação de serviços de acabamento para as obras.

GOVERNO MAGALHÃES PINTO
CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DO ESTÁDIO <<MINAS GERAIS>>
SERVIÇOS DE ACABAMENTO

O Conselho de Administração do Estádio “Minas Gerais” chama a atenção dos EMPREITEIROS DE ACABAMENTO, para se inscreverem, com urgência, nas concorrências que fará realizar entre 8 e 15 do corrente.

Inscrições na secretaria da Administração do Estádio “Minas Gerais”, à Rua da Bahia, 1032 – 11º Andar, no horário de 9 às 11 e de 14 às 17 horas.

Belo Horizonte, 3 de Maio de 1965.

ENG^o. LUIZ PINTO COELHO – Presidente do Conselho de Administração do Estádio do Estádio “Minas Gerais”.

ENG^o. GIL CÉSAR MOREIRA DE ABREU – Administração do Estádio “Minas Gerais”²¹⁹.

A imprensa, portanto, não só acompanhava de perto o andamento das obras, como por diversas vezes foi um instrumento impulsionador das comunicações oficiais do governo relativas às obras e serviços necessários na construção dos estádios. A construção dos estádios de Belo Horizonte parece ter passado por outros percalços que merecem atenção.

Outro aspecto comum na construção dos grandes estádios de Belo Horizonte – e talvez comum à boa parte das grandes construções nas cidades – diz respeito às dificuldades financeiras para viabilizar as obras. Nesse sentido, a vontade política de realização do empreendimento parecia vir antes de estudos sobre a viabilidade financeira do mesmo. Ou ainda, a disparidade entre o orçamento planejado e o orçamento executado provocava inúmeros transtornos, e por vezes adiou ou colocou em risco o cumprimento do cronograma. Fato é que, tanto para o Estádio do Independência – que pertencia ao clube Sete de Setembro – quanto para o Mineirão – que pertencia ao Estado de Minas Gerais – as dificuldades financeiras foram responsáveis pelo atraso das obras.

No ano de 1950, o jornal O Estado de Minas entrevistou o prefeito Otacílio Negrão de Lima, sobre o andamento das obras e suas perspectivas de conclusão:

²¹⁹ **Serviços de acabamento.** O Estado de Minas, 4 de maio de 1965, p. 1. Grifos do anúncio.

AS OBRAS DO ESTÁDIO DO SETE DE SETEMBRO

Aproveitamos a oportunidade e fizemos ao prefeito mais algumas perguntas com relação às obras do estádio do Sete de Setembro, onde serão disputados os jogos do Campeonato Mundial de Futebol. Nossas perguntas e as declarações do prefeito foram as seguintes:

- Quais foram as últimas providências da Prefeitura para prosseguimento das obras do Estádio do Sete de Setembro?
- “Estarão concluídas em 30 de maio”.
- O estádio ficará pronto para as disputas da Copa do Mundo, que terão início a 15 de junho?
- “Sim, a primeira parte dos trabalhos ficará concluída até 30 de maio, permitindo o ingresso de 30.000 espectadores”.
- A Prefeitura vai elaborar algum programa especial para recepcionar as delegações estrangeiras que visitarão a nossa capital?
- “Sem dúvida, em colaboração com o Dr. Mário Gomes e presidente dos grandes clubes”²²⁰.

Destaco a “resposta” dada pelo prefeito quando perguntado sobre as medidas tomadas pela prefeitura para o prosseguimento das obras do estádio. As repetitivas falas de Otacílio Negrão de Lima sobre a data de conclusão das obras parecem, em alguma medida, ter o objetivo de “acalmar” a preocupação da imprensa – e provavelmente de parte da população – quanto a essa questão. Mas ao mesmo tempo, expõem o problema das dificuldades financeiras e do pouco tempo para conclusão das obras até a Copa do Mundo de Futebol.

A realização dos jogos do Campeonato Mundial de Futebol pareciam adicionar um elemento especial ao contexto da construção do estádio. Não só pelo prazo e a pressão de tempo, mas também pelo aspecto político. Analisando as reportagens sobre a construção do estádio, bem como o discurso das autoridades e da própria imprensa, percebemos alguns indícios interessantes. Do ponto de vista dos governantes, parecia importante assegurar a conclusão do estádio a qualquer custo, mesmo que apenas através do discurso, sem maiores detalhes ou informações, como mostra a entrevista do prefeito de Belo Horizonte.

Não temos indícios concretos para afirmar que a influência política orientou a atuação de parte da imprensa com relação à cobertura das obras do estádio e a realização dos jogos da Copa do Mundo em Belo Horizonte. Mas podemos sim dizer, através da análise das fontes consultadas, que a imprensa atuou de forma específica – e interessante – com relação às notícias

²²⁰ **As obras do estádio Sete de Setembro.** O Estado de Minas, 29 de Abril de 1950, p. 8. Matéria não assinada.

sobre o estádio. As reportagens sobre as obras no estádio do Independência se limitavam a noticiar os fatos, sem qualquer emissão de opinião editorial por parte do jornal. Vejamos por exemplo uma nota emitida no dia 29 de abril de 1950.

O ESTADO DE MINAS tem acompanhado de perto o desenvolvimento das obras de construção do Estádio Independência, do Sete de Setembro. **Os serviços estão adiantados, consoantes temos anunciado**, sendo que o gramado está pronto há muito tempo²²¹.

O jornal anunciava que os serviços das obras estavam adiantados. Junto a isso, noticiou – sem qualquer posicionamento – a declaração do prefeito de que o prazo para entrega do estádio no dia 30 de maio de 1950 seria cumprido. E finalmente, 18 dias após a nota que dizia sobre o adiantamento das obras, o jornal publica uma reportagem com novas informações sobre o estádio.

As obras de construção do Estádio Independência do Sete de Setembro, prosseguem em ritmo acelerado. **Conforme ficou resolvido, não será fechada a cabeceira nas imediações da Estação do Horto. Apenas será concluído o muro de arrimo. Em cima deste serão erguidos apenas seis ou sete degraus provisórios, desde que não há mais tempo para a armação de concreto armado, cujos trabalhos consumiriam tempo enorme.** Aproveitando o levantamento dos aludidos degraus, já se está construindo os vestiários para os jogadores. Aliás, esta parte já está quase pronta acreditando-se que a sua conclusão se dê no princípio da semana vindoura. Concluídos estes dois pormenores, estará o Estádio do Independência em condições de ser aberta ao público²²².

Com detalhes de acabamentos faltando e sem o fechamento completo do arco de arquibancadas, o estádio do Independência foi entregue às vésperas da Copa do Mundo de forma incompleta. A reportagem mais uma vez apenas expõe o fato sem qualquer tipo de posicionamento.

²²¹ **A 15 de maio, o primeiro treino do Independência.** O Estado de Minas, 29 de abril de 1950, p. 9. Matéria não assinada. Grifos meus.

²²² **Quase prontos os vestiários do Independência.** O Estado de Minas, 17 de maio de 1950, p. 9. Matéria não assinada. Grifos meus.

Mas se os atrasos e falhas na conclusão do estádio não eram divulgados com alarde pela imprensa, a situação não poderia passar sem impacto para a organização dos jogos da Copa do Mundo. Cientes da situação do estádio e das condições da cidade para receber jogos importantes do campeonato, a FIFA toma a decisão de retirar de Belo Horizonte a partida entre Inglaterra e Espanha. O jornal, que sempre se limitou a noticiar os fatos, desta vez emitiu um forte posicionamento quanto à decisão dos organizadores da Copa.

TEMOS CASA PARA QUALQUER HÓSPEDE – A notícia do deslocamento do clássico Inglaterra x Espanha, de Belo Horizonte para o Rio, ou São Paulo, teve a mais decepcionante repercussão na Capital. Não se esperava nunca tamanho despreço da Confederação Brasileira para com Minas Gerais. **A alegação pueril de que a cidade não possui condições materiais para pugna de tal expressão chega até a doer aos olhos de quem lê semelhante tolice.** Ademais, tem-se a considerar que o próprio presidente Rivadavia Corrêa Meyer, quando esteve entre nós, assumiu um compromisso, ou melhor, assinou um contrato com o prefeito Octacílio Negrão de Lima, prometendo fazer realizar no estádio do Sete de Setembro três pelepas de expressão. Agora que o sorteio dos grupos apontou para Belo Horizonte as pelepas das seleções dos Estados Unidos, Espanha, Chile e Inglaterra, **a entidade suprema vem com a balela de que não possuímos condições materiais.** O contrato firmado com a municipalidade previa uma cota de um milhão e quinhentos mil cruzeiros, caso as pelepas não atingissem essa cifra. Além disto, haverá um adiantamento de 400 e poucos mil cruzeiros para outras despesas. Agora perguntamos, o que teme a CBD? Não estão garantidas todas as possibilidades contra um fracasso de bilheteria? Então, por que este ato de desconsideração? Depois, ninguém lembrou que o Estádio Independência poderá perfeitamente oferecer uma arrecadação mínima de 700 mil cruzeiros no já famoso cotejo Espanha x Inglaterra. Tiraríamos por base a receita do jogo Minas Gerais x Distrito Federal realizado aqui, que ofereceu uma renda de mais de 400 mil cruzeiros. E convém lembrar que esta pelepas foi efetuada no campo do América, que, perde longe em matéria de capacidade de lotação para o do Sete, sem dúvida nenhuma duas vezes maior. Deem uma olhada no clichê e compreenderão se estamos ou não com a razão. O Presidente da Federação Italiana, Sr. Otavio Baratti, virá por estes dias a Belo Horizonte para vistoriar o Independência e então veremos qual o seu parecer. **Quando ele esteve aqui no ano passado, ficou maravilhado com o estádio do Sete (nesta ocasião as obras estavam atrasadíssimas) chegando mesmo a compará-lo com um dos maiores existentes na Europa, cujo nome nos foge da memória no momento.** A foto que ilustra estas linhas foi feita ontem pela manhã. Nela vemos a grandiosidade indiscutível do Independência, muito justamente apontado como o terceiro do Brasil. Portanto, temos casa para qualquer hóspede...²²³

Obviamente a questão financeira era central na decisão da CBD. A partida entre Espanha e Inglaterra envolvia duas seleções de importância mundial, e tinha condições de angariar grande público, tanto no estádio do Pacaembu – cuja capacidade era de 40 mil

²²³ **Temos casa para qualquer hóspede.** O Estado de Minas, 26 de maio de 1950, p. 8. Matéria não assinada. Grifos meus.

espectadores –, quanto no Maracanã, que chegou a comportar até 200 mil espectadores em jogos da Copa do Mundo. Mas a falta de condições materiais da cidade não chegava a ser uma “alegação pueril” como ressaltava a reportagem. O problema estava diretamente ligado ao fato do estádio ser entregue incompleto, o que acarretaria em prejuízos não só para a imagem do país enquanto organizador dos jogos, como eminentemente financeiros. Só o fechamento completo da arquibancada aumentaria a capacidade do estádio, e por conseguinte aumentando a arrecadação.

Vale destacar ainda o forte posicionamento do jornal, se valendo inclusive mais da defesa política de Belo Horizonte como sede da partida do que de argumentos concretos, como por exemplo, a referência ao estádio europeu com o qual o Independência se assemelhava²²⁴. Belo Horizonte crescia, possuía um belo estádio, de grandes proporções. Mas também era verdade que este estava sendo entregue de forma incompleta – o que definitivamente tem um peso político na imagem da cidade –, e que Rio de Janeiro e São Paulo possuíam estádios de proporções maiores, e por isso, com maior capacidade de renda para um jogo entre Espanha e Inglaterra.

Como destacado no primeiro capítulo deste trabalho, Belo Horizonte começaria a vivenciar na década de 50 um crescimento mais expressivo advindo dos investimentos em industrialização. Porém, tal crescimento veio a partir do enfrentamento de muitas dificuldades financeiras para atacar os problemas que assolavam a cidade naquele período. Se por um lado algumas dessas dificuldades não permitiram que o Independência sediasse um jogo de maior importância, por outro, os avanços da cidade permitiram que Belo Horizonte tivesse um estádio como sede de três partidas da Copa do Mundo de Futebol em 1950. A preocupação central das autoridades – que em certa medida era compartilhada pela imprensa – era de que os atrasos e

²²⁴ Posteriormente, na edição de 3 de junho, o jornal resgata a matéria e afirma que o Independência se assemelharia ao estádio do Genova, na Itália. **O Sr. Otorino Barassi virá vistoriar o Independência.** O Estado de Minas, 3 de junho de 1950, p. 8.

dificuldades estruturais pudessem, na última hora, fazer com que Belo Horizonte fosse excluída como uma das sedes do evento, ficando apenas as duas maiores cidades do país como sedes dos jogos da Copa do Mundo de Futebol.

Quinze anos depois e com um projeto consideravelmente maior do que o primeiro grande estádio, os problemas financeiros também interferiram sobremaneira, atrasando as obras para a construção do Estádio Minas Gerais.

Este era o nome provisório do Estádio Governador Magalhães Pinto, posteriormente batizado pela população como Mineirão. O projeto do estádio data de 1960, e depois de uma série de percalços e dificuldades, sua construção seria finalmente terminada em 1965.

Projetado como o segundo maior estádio coberto do mundo, o Estádio Minas Gerais teria capacidade para 130 mil pessoas, sendo menor apenas do que o Estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro, cuja capacidade era de 150 mil espectadores. Para custear parte das obras, estava prevista a venda de cadeiras cativas para a população. A iniciativa já havia sido implementada durante a construção do estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro, e inclusive em Belo Horizonte. É o que mostra a propaganda veiculada na Revista Alterosa ainda no ano de 1958 (FIGURA 13).

O projeto do “Grande Estádio Belo Horizonte” não avançou, e foi substituído, em 1960, pelo estádio Minas Gerais. A propaganda nos dá indícios das dificuldades em angariar recursos, e que o projeto de um grande estádio para a cidade já estava em curso há algum tempo. A comercialização de cadeiras cativas, portanto, continuou sendo uma opção para a construção do Estádio Minas Gerais, mas o projeto foi colocado em prática no ano de 1965. Para ajudar a custear os gastos com as obras, o Governo de Minas seguiu o exemplo tomado na construção do Maracanã, e lançou efetivamente a campanha de aquisição de cadeiras cativas no estádio. A iniciativa foi parte de um programa de investimentos para obtenção de fundos para a construção do estádio. Neste processo a imprensa teve papel fundamental na promoção e divulgação do

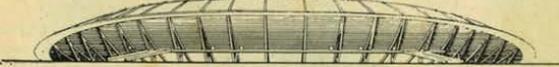
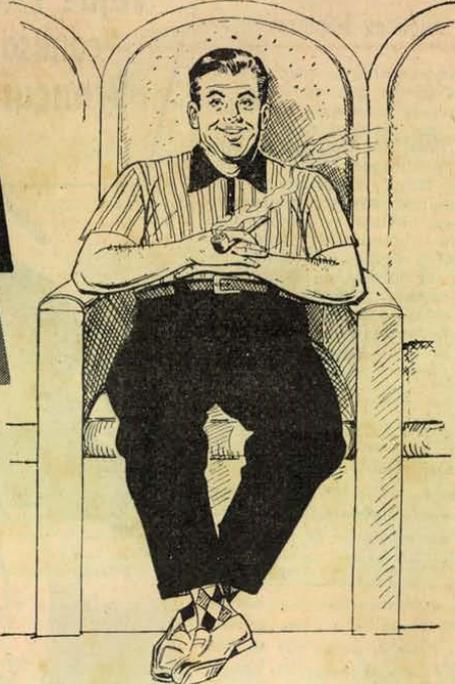
plano de venda das cadeiras cativas. Analisando algumas reportagens sobre o assunto podemos compreender melhor esse projeto.

Reserve agora sua

CADEIRA CATIVA

OU PERPÉTUA

**NO FUTURO
GRANDE ESTÁDIO
BELO HORIZONTE**



Você terá também sua cadeira reservada para assistir seus jogos favoritos no Estádio mais moderno do mundo. Os recursos da técnica foram mobilizados para que os mineiros tenham sua grande praça de esportes o mais breve possível.

- Uma cadeira cativa vale por 5 anos – você paga Cr.\$2.700,00 de entrada e o restante em prestações de Cr.\$500,00 e uma de Cr.\$800,00.
- As cadeiras perpétuas valem por toda a vida do Estádio – paga-se Cr.\$7.200,00 de entrada e o restante em prestações de Cr.\$1.000,00.
- Ao adquirir uma cadeira, você não estará apenas zelando pelo seu conforto – estará dando um passo certo para o progresso de nosso futebol.

VENDE E INFORMAÇÕES
CÂMARA DE COMÉRCIO
Latino-Americana

Matriz – Av. Rio Branco, 177 – 3.º andar – Fone 32-2633
Rio de Janeiro
Sucursal – Rua Tupis, 203 – S/loja de “O Globo” – Fone 4-8465
B. Horizonte

O Estádio Belo Horizonte é iniciativa da Federação Mineira de Futebol e ficará localizado em ampla área do Km. 4 da BR-3. Terá acomodações para 80.000 pessoas.

PUBLICIDADE DANILO VALLE

6 ALTEROSA 1 DE NOVEMBRO DE 1958

FIGURA 13 – Anúncio de cadeira cativa do futuro estádio, 1958.
Fonte: Revista Alterosa

ESTÁDIO EM MARCHA - PROPOSTAS PARA VENDA DAS CADEIRAS SERÃO RECEBIDAS NO PRÓXIMO DIA VINTE

A Caixa Econômica do Estado de Minas Gerais, representando o Conselho de Administração do Estádio Minas Gerais, publicou no Minas Gerais, o edital de concorrência para a venda de três mil cadeiras cativas do Estádio Minas Gerais; as propostas serão recebidas pela comissão julgadora no dia 20 de janeiro, das 14 às 15 horas, no 24º andar do Edifício do Banco Mineiro da Produção.

Com a venda das três mil cadeiras cativas, que vão colocar à disposição do Conselho de Administração recursos superiores a 2 bilhões de cruzeiros, o Governo de Minas poderá cumprir o seu plano de entregar o Estádio ao povo no próximo ano. (...)

MAIS RECURSOS

As cadeiras cativas do Estádio Minas Gerais custam Cr\$ 500 mil cruzeiros à vista, mas podem ser adquiridas com financiamento, por Cr\$ 850 mil cruzeiros, na seguinte base: entrada de Cr\$ 100 mil cruzeiros e 30 prestações de Cr\$ 25 mil cruzeiros, ou então, entrada de Cr\$ 100 mil cruzeiros e 25 prestações de Cr\$ 30 mil cruzeiros. Com estes recursos, o Conselho de Administração poderá acelerar ainda mais o ritmo das obras, cumprindo o desejo do governador Magalhães Pinto, que é de entregar o Estádio de Minas Gerais em maio²²⁵.

Os dois bilhões de cruzeiros esperados representavam 40% do custo previsto do estádio em seu projeto²²⁶. O preço de alguns produtos e serviços na época nos dá ideia do valor do preço das cadeiras. Em 1965, o salário mínimo correspondia ao valor de 66 mil cruzeiros. Uma cadeira cativa no novo estádio custaria portanto, cerca de 7,6 salários mínimos à vista e quase 13 salários mínimos à prazo.

Mas como seu número era reduzido – três mil no total – esperava-se uma venda rápida de todas as unidades. Para se encarregar do processo de escolha da empresa responsável pela venda das cadeiras, o Governador de Magalhães Pinto nomeou uma comissão, composta por nomes como Custódio Antunes Fonseca, Tarcísio Carlos de Almeida Cunha, Paulo de Souza Ribeiro, Lauro Bracarense, Luís Pinto Coelho, Osvaldo Faria e Benedito Adami de Carvalho²²⁷.

Após a concorrência, no dia 09 de fevereiro de 1965, foi assinado o contrato com a firma Itamarati, representada pelos empresários José de Oliveira Vaz, Helvécio Ferreira de Carvalho e Antônio Bicalho²²⁸. Mas os problemas e desafios para a construção do estádio ainda estavam

²²⁵ **Estádio em marcha.** O Estado de Minas, 1 de janeiro de 1965, p. 3. Matéria não assinada.

²²⁶ **Como está o estádio.** O Estado de Minas, 5 de janeiro de 1965, p. 1. Matéria não assinada.

²²⁷ **Concorrência.** O Estado de Minas, 1 de janeiro de 1965, p. 3. Matéria não assinada.

²²⁸ **Impulsão às obras.** O Estado de Minas, 10 de fevereiro de 1965, p. 1. Matéria não assinada.

por começar. O processo das cadeiras cativas causou desconfiança, em primeiro momento, na imprensa. Além disso, serviu para levantar algumas questões relativas ao processo de construção do estádio.

Após questionamentos por parte do jornal *O Estado de Minas* sobre os critérios para a escolha da Itamarati como responsável pela venda das cadeiras, o Governo do Estado divulgou uma extensa nota de esclarecimentos. A reprodução da nota na íntegra se faz necessária para que o documento possa ser compreendido como um todo. Porém, destacamos alguns aspectos dignos de análise, que colocam à luz não só o processo de venda das cadeiras como a própria construção do estádio:

ESCLARECIMENTOS SOBRE A VENDA DAS CADEIRAS

À direção deste matutino, assinada pelos Srs. Luiz Pinto Coelho e Gil César Moreira de Abreu, presidente do Conselho de Administração e Administrador do Estádio Minas Gerais, respectivamente, foi enviada a seguinte carta:

I – “O Estado de Minas” de ontem, em sua coluna “Notas de um Repórter Social” fez comentários sobre a venda de cadeiras cativas do “Estádio Minas Gerais”, que mereceram deste Conselho e desta Administração, o mais apurado estudo, e sobre as quais sentimo-nos no dever de esclarecer a V. Sa. o seguinte:

1 – Em 04/01/1961, em relatório encaminhado a S. Exa. o Sr. Governador do Estado, a Comissão Especial integrada pelos Conselheiros Armando Cordeiro Mendes Júnior e José Flávio Dias Vieira, com a colaboração dos Conselheiros Dr. Said Paulo Arges e Nilson Gontijo dos Santos, sugeriu a S. Exa., como última alternativa e como medida final a ser posta em prática para o término do Estádio, a venda de “cadeiras cativas”;

2 – Graças as providências outras determinadas por S. Exa. o Senhor Governador do Estado, **após estudos detidos do problema financeiro, providências essas compreendendo modificação dos planos da Loteria do Estado, com excelentes resultados, e financiamento bancário**, conseguiram o Conselho e a Administração do Estádio protelar a aplicação daquela medida de venda de cadeiras, visando essencialmente:

a – adiantar a obra, não somente com o intuito de melhor impressionar o público e aos compradores, em potencial, mas, ainda, de somente se lançar mãos dos recursos da venda de cadeiras nas etapas finais:

b – consequentemente, conseguir-se preços mais atualizados para as cadeiras;

c – finalmente, **fazer com que os recursos oriundos da venda de cadeiras venham a ser empregados efetivamente “no término da obra”²²⁹.**

²²⁹ **Esclarecimentos sobre a venda das cadeiras.** O Estado de Minas, 20 de janeiro de 1965, p. 1. Matéria não assinada. Grifos meus.

O primeiro trecho da nota expõe as dificuldades financeiras para a construção do estádio. Com um período de 5 anos transcorridos para a realização de uma grande obra, obviamente surgiram inúmeras disparidades entre o orçamento previsto e o orçamento realizado para o estádio. Já o “intuito de melhor impressionar o público e aos compradores” poderia ser traduzido também como “vencer a desconfiança da população”. Afinal, investir uma quantia considerável de dinheiro em uma obra que demorava tanto tempo para ser concluída parecia não ser algo interessante para os possíveis interessados. A nota de esclarecimento prossegue, desvelando mais detalhes sobre a construção do estádio:

3 – Acentuamos que todos esses trabalhos preliminares, efetuados através de comissão especial constituída pelos membros do Conselho, Srs. Deputado Hélio Garcia, José Flávio Dias Vieira, Armindo Cordeiro Mendes Júnior e Nilson Gontijo dos Santos, foram precedidos de exaustivas pesquisas, **possuindo a Administração completo dossiê sobre o problema, em especial sobre o caso similar do Maracanã.** Podemos até informar sobre a afluência do público às cadeiras, durante determinado período de jogos, em levantamento feito pela Administração, graças a cópias de “bordereaux” fornecidos pela Federação Carioca e pela Federação Paulista de Futebol.

4 – De posse de todos esses elementos, devidamente credenciado pelo Conselho, fez o Administrador exposição aos Clubes e à crônica especializada, conforme cópia anexa, tendo sido a mesma exposição aprovada por unanimidade de acordo com o expediente enviado a S. Exa. o Senhor Governador por aquelas Entidades.

5 – A seguir, determinou o Senhor Governador que os referidos estudos fossem enviados ao Sr. Secretário do Trabalho, o qual, após detido exame em reuniões com membros do C. A. e representantes da Caixa Econômica, pronunciou-se junto ao Senhor Governador, em parecer que aprovava a venda de cadeiras. Finalmente, ainda por determinações de S. Exa. o Senhor Governador, foi ouvida a Secretaria das Finanças, que também emitiu parecer aprovando a medida.

6 – Todas essas determinações constaram de 3 (três) Resoluções do Conselho, homologadas por S. Exa. o Senhor Governador, e uma delas condicionada à prévia aprovação do Tribunal de Contas do Estado, o que foi feito em 28/12/1964.

7 – **Todas essas providências, pela sua complexidade, demandaram tempo maior que o esperado,** significando entretanto, no nosso entender, conseqüente aprimoramento e maior precisão nas resoluções tomadas²³⁰.

²³⁰ **Esclarecimentos sobre a venda das cadeiras.** O Estado de Minas, 20 de janeiro de 1965, p. 1. Matéria não assinada. Grifos meus.

Apesar da distância de 15 anos entre a inauguração do estádio do Maracanã e o Estádio Minas Gerais, ficou indicada a “adaptação” do modelo de venda das cadeiras cativas vindo do estádio do Rio de Janeiro. A construção do Maracanã também passou por problemas relativos às finanças e especialmente ao curto prazo de conclusão das obras para a realização da Copa do Mundo de Futebol. Sem a pressão de tempo para conclusão das obras para a realização de uma competição, as providências necessárias para o Estádio Minas Gerais “demandaram um tempo maior que o esperado”. Mas o fator tempo poderia ser mobilizado de diversas maneiras, como demonstra o final da nota do Governo:

8 – Havendo S. Exa. o Senhor Governador do Estado designado uma comissão especial (vide anexo) para estabelecer condição, examinar e julgar a concorrência pública destinada à venda das cadeiras, elaborou a mesma comissão o edital e as instruções da concorrência, e bem assim o esclarecimento publicado no “Minas Gerais” de 15/01/1964, todos também inclusos a este.

9 – Pela simples leitura das citadas resoluções, do edital e instruções da concorrência, que integram o edital e do esclarecimento público referido, este publicado já há três dias, os vários quesitos formulados e dúvidas levantadas pelo colunista já não têm procedência, enquanto que outros se acham fartamente esclarecidos.

10 – Sobre as referências feitas pelo colunista a respeito de possível rigor havido naquele edital, cabe-nos lembrar que o Conselho, ao tomar suas resoluções e a Comissão, ao elaborar as normas da concorrência, visaram precipuamente aos interesses do Estádio, criando condições que dificultem o comparecimento à licitação de firmas não credenciadas.

11 – Quanto às referências feitas ao crédito de concorrências, compra de material e realização de serviços, compra de material e realização de serviços adotados pela ADEMG, o que nos cabe dizer é que esse critério visa única e exclusivamente ao interesse da obra. Valendo-se a Administração dos preceitos legais que regulam a matéria, fazemos realizar concorrências públicas e administrativas e, ainda, coletas de preços. A descontinuidade de recursos financeiros, **o atraso na entrega de alguns materiais e outros fatores imprevisíveis nos obrigam a fazer inúmeras compras em regime de urgência, a fim de impedir a paralização dos trabalhos. Entretanto, todas essas compras são examinadas por comissão especial do Conselho e encaminhadas, conforme preceitua a lei, ao Tribunal de Contas do Estado, que já aprovou as contas do períodos de 60/61/62 e que se encontra examinado a documentação referente ao exercício de 1963**²³¹.

O mesmo tempo que foi indicado como necessário ao aprimoramento e maior precisão nas resoluções tomadas para viabilizar a concorrência para o processo de venda das cadeiras

²³¹ **Esclarecimentos sobre a venda das cadeiras.** O Estado de Minas, 20 de janeiro de 1965, p. 1. Matéria não assinada. Grifos meus.

cativas era mobilizado, em caráter de urgência, para compra de materiais e equipamentos. Era necessário não interromper as obras que já haviam sido paradas por inúmeros fatores, tais como a “descontinuidade de recursos financeiros”, o “atraso na entrega de alguns materiais”, além é claro, de “fatores imprevisíveis”, aos quais qualquer obra está sujeita.

Em 1965 o futebol já estava consolidado como esporte nacional. O Brasil já havia conquistado por duas vezes a Copa do Mundo, e a cultura esportiva no país estava em alta, como destacado no capítulo anterior. Mas talvez o preço das cadeiras cativas fosse realmente alto para os padrões e o número de pessoas das classes mais abastadas. Junto a isso todo o moroso processo de construção do estádio, que vinha desde 1960, parecia aumentar a desconfiança de possíveis compradores.

Dessa forma, a venda das cadeiras cativas exigiu um esforço maior por parte do Governo, e contou também com forte divulgação nos meios de comunicação. Em fevereiro de 1965, um texto publicado no Estado de Minas buscava enumerar as vantagens em adquirir uma cadeira cativa no novo estádio de Belo Horizonte:

Você tem, agora, um encontro marcado com todas as grandes emoções do futebol, em um lugar privilegiado e exclusivamente seu, para o resto da vida – a sua cadeira cativa no Estádio Minas Gerais!

- **Visibilidade perfeita** – A localização de sua cadeira cativa – bem no centro do Estádio – e tão boa que V. tem a impressão de estar dentro do gramado, tomando parte no jogo! E V. estará realmente pertinho dos jogadores: basta dizer que a cadeira da última fila (a mais distante) fica a 54 metros do campo, sem qualquer obstáculo à sua frente!
- **V. não entra na fila** – Nada de correr atrás do ingresso: V. pode chegar ao Estádio um minuto antes do jogo... porque lá estará o seu lugar reservado para os grandes jogos!
- **Elevador privativo** – O acesso à sua cadeira é feito por elevador privativo: para entrar ou sair tudo se torna muito mais fácil para Você!
- **Máximo conforto** – O prazer do futebol se completa com o conforto exclusivo que V. terá como dono de uma cadeira cativa: lá estão à sua disposição um ótimo restaurante: bar, salas de estar privativas, e toailete masculino e feminino.
- **Estacionamento para carros** – Para estacionar não há problema – já existe um lugar reservado também para seu carro!
- **30 meses para pagar** – O pagamento é super facilitado em até 30 meses, com vários planos à sua escolha!

- **Posse imediata** – Você usa a sua cadeira cativa a partir da data da inauguração do Estádio, durante 30 anos!
- **Valorização imediata** – Comprando sua cadeira V. estará fazendo o melhor negócio do ano, de valorização instantânea! E mais: seu título de propriedade é negociável a qualquer momento que V. desejar, sem problemas!
- **Assim será o Estádio Minas Gerais** – O majestoso Estádio Minas Gerais será inaugurado em maio próximo. Com capacidade para 120 mil espectadores, será o segundo estádio do mundo, palco de grandes jogos entre as maiores equipes brasileiras e do futebol internacional²³².

As novidades prometiam um conforto nunca antes visto nos estádios de Belo Horizonte: estacionamento, restaurantes, sala de estar, elevador e ausência de filas. Além disso, 30 meses paga pagar e título de propriedade por trinta anos. Apesar de todas as vantagens, a venda das cadeiras demorou um pouco para alavancar, o que exigiu maior esforço de divulgação. O desempenho das vendas era acompanhado de perto pelos jornais, e à medida em que as cadeiras iam sendo adquiridas, as parciais de vendas eram atualizadas.

CADEIRAS CATIVAS

Na oportunidade, os cronistas, por iniciativa dos Srs. Luiz Pinto Coelho e Gil César Moreira de Abreu, tomaram conhecimento de uma comunicação do Sr. José Vaz, da “Itamarati”, ao Sr. Rodrigo Mineiro, chefe do Serviço de Imprensa do Palácio da Liberdade, que será encaminhada ao Governador Magalhães Pinto, a propósito de como se vem processando a campanha de venda de cadeiras cativas. Foi iniciada em 24 de fevereiro – salienta o dirigente da “Itamarati” – e até a última quarta-feira, computando-se os Planos “A”, “B” e “C”, do total de 3.000, já foram colocadas 1.038 cadeiras, ou seja, 36%. Considerando a absoluta precariedade de material de vendas diz – bem como o período do Carnaval, seguida de época ruim para tal empreendimento, parece-nos, por conseguinte, que os resultados obtidos, são bastante auspiciosos, e, de nossa parte continuamos plenamente confiantes no sucesso final²³³.

A venda de 1038 cadeiras em um período de 33 dias era a marca importante do moroso processo que foi a construção do Estádio Minas Gerais. Como parte da continuidade da

²³² **Na grande emoção do futebol...** O Estado de Minas, 14 de fevereiro de 1965, p. 1. Matéria não assinada. Grifos e destaques da matéria.

²³³ **Cadeiras cativas.** O Estado de Minas, 27 de março de 1965, p. 2. Matéria não assinada. Grifos meus.

divulgação das vendas, outra prática foi divulgada pela imprensa: o sistema de vendas em grupo. Foi assim que a Bemoreira Máquinas adquiriu 12 cadeiras cativas no ano de 1965.

BEMOREIRA adquire cadeiras cativas do Estádio Minas Gerais – Uma nova etapa na colocação das cadeiras cativas no Estádio Minas Gerais foi iniciada esta semana, com a introdução do sistema de vendas em grupo, que vem tendo excelente receptividade junto às grandes organizações mineiras. A primeira firma a adquirir cadeiras cativas, dentro do novo sistema, foi Bemoreira Máquinas S.A., que ficou com 12 para seus dirigentes e funcionários. (...) Novos negócios estão encaminhados dentro do novo sistema de vendas e serão concluídos nos próximos dias²³⁴.

As cadeiras cativas do estádio iam sendo vendidas, e pouco a pouco as obras se encaminhavam para o final. O prazo prometido para a entrega – maio de 1965 – mais uma vez não havia sido cumprido. Mas desta vez o estádio seria terminado. No mês de junho, um importante momento do ponto de vista simbólico. A foto abaixo, seguida de sua legenda, mostra os últimos testes realizados antes da inauguração do estádio, que aconteceria no mês de agosto.



FIGURA 14 – Foto do teste para as arquibancadas do Mineirão, 1965.
Fonte: O Estado de Minas

²³⁴ **BEMOREIRA adquire cadeiras cativas do Estádio Minas Gerais.** O Estado de Minas, 11 de abril de 1965, p. 3. Matéria não assinada.

TESTE PARA ARQUIBANCADAS – Foi excelente o resultado obtido com a prova de carga feita, há dias, nas arquibancadas do Estádio “Minas Gerais”. Para testar a segurança dos diversos setores, os responsáveis técnicos pela obra reuniram, pela manhã, os operários que trabalham nos dois turnos, cerca de 2.000, em um dos setores das arquibancadas já pronto, fazendo com que os mesmos pulassem seguidamente sobre os degraus. Os testes foram acompanhados pelo prof. Mário Fox Drummond, da Escola de Engenharia da UMG, com aparelhos apropriados (deflectômetro), que acusaram a perfeita estabilidade da estrutura. Este teste foi feito seguidamente nos demais setores já prontos, todos apresentando o mesmo resultado do primeiro²³⁵.

A foto nos dá a dimensão do estádio, bem como do espaço ocupado pelos cerca de 2 mil operários em suas arquibancadas. O texto de sua legenda coloca à luz diversos aspectos importantes do processo de construção dos estádios. O discurso técnico/tecnológico próprio de um período onde a industrialização se torna o principal projeto de desenvolvimento para a cidade e o país. A presença dos especialistas – na figura do engenheiro – e seus equipamentos tecnológicos apropriados deveriam ser exaltados – apesar de grande parte da população desconhecer a utilidade ou funcionamento de um deflectômetro, cuja função não foi explicada na reportagem. Os exemplos apresentados nos evocam as ideias de Adrián Gorelik em seu estudo sobre Buenos Aires. O autor ressalta que o discurso técnico é também político, pois é carregado de intenções e serve a determinado projeto de desenvolvimento²³⁶ – no caso deste texto, nos exemplos dos estádios e ginásios esportivos.

Mas, além dos especialistas, estavam lá os operários. Membros das “multidões” empregadas pela indústria da construção civil, trabalhadores que eram responsáveis por colocar de pé o gigante de concreto armado da Pampulha. O grande número, cerca de dois mil, mostra um esforço característico do processo de atraso das grandes obras, também observado na construção do Independência, e de outros estádios pelo Brasil, seja na década de 50, seja nos

²³⁵ **Teste para as arquibancadas.** O Estado de Minas, 17 de junho de 1965, p. 5. Matéria não assinada.

²³⁶ GORELIK, Adrián. **Miradas sobre Buenos Aires:** Historia Cultural e crítica urbana. Buenos Aires: Siglo XXI, 2004.

dias atuais. Vale lembrar que no início do ano o efetivo de operários para as obras do estádio era de mil homens²³⁷.

À medida em que se aproximava a conclusão dos estádios, entrava em cena uma parte importante dos últimos acertos: os preparativos para a inauguração do estádio. Tanto no caso do Estádio do Independência como do Mineirão, o roteiro parecia seguir a mesma linha do período das obras: com muitos imprevistos, reviravoltas e expectativas por parte da imprensa e da população da cidade.

A entrega do estádio do Independência de forma incompleta e às vésperas do início da Copa do Mundo de Futebol não impediram que o mesmo tivesse uma festa de inauguração programada. Mesmo porque, se as autoridades divulgavam que o estádio seria concluído em tempo hábil, nada mais natural que seus jogos inaugurais fossem planejados. Um fato curioso é que, mesmo antes da inauguração oficial já se planejava o uso do estádio, como mostram algumas reportagens.

Segundo ficamos sabendo ontem na Floresta, é pensamento da diretoria do Sete de Setembro fazer realizar no Estádio Independência, na próxima semana, um jogo amistoso entre a Associação Mineira de Cronistas Esportivos e o Centro Mineiro de Cronistas Esportivos. Este cotejo seria efetuado num domingo pela manhã, sendo precedido de uma preliminar entre os veteranos do Sete e do Cruzeiro, o Raposão. A direção do Sete poria à disposição dos jornalistas dois barris de chopp destinados ao time vencedor, é lógico²³⁸.

Como o gramado do estádio já havia ficado pronto desde o início de abril, planejava-se o uso do estádio mesmo com as obras em andamento. Obviamente uma partida amistosa entre os cronistas esportivos não só agradaria a imprensa, como também renderia repercussão sobre a construção do estádio.

Mas a vontade de se utilizar o estádio parecia maior do que as suas reais condições de uso. Os jornais não trazem nenhuma menção à realização da partida entre os cronistas

²³⁷ **Chuvas não prejudicam as obras do estádio.** O Estado de Minas, 5 de janeiro de 1965, p. 1. Matéria não assinada.

²³⁸ **Os cronistas jogarão no Independência.** O Estado de Minas, 21 de abril de 1950, p. 10. Matéria não assinada.

esportivos. Mesmo que ela eventualmente tenha ocorrido, é certo que algumas estruturas básicas, como vestiários, ainda não haviam ficado prontas, o que deixaria mais difícil o uso do campo. Mas a diretoria do Sete de Setembro ainda planejava outras ações no Estádio.

DIA 15, O PRIMEIRO TREINO

Agora, segundo apuramos na sede do Sete, é pensamento da diretoria dos vermelhos passar a treinar os seus quadros de profissionais e aspirantes no Independência, no próximo dia 15 de maio. É que tendo o gramado já sofrido três aparas e estando em perfeitas condições de ser utilizado, julgou a direção dos vermelhos de bom alvitre transferir os seus ensaios para ali, ocupando assim os seus próprios domínios. Ainda baseados na mesma fonte, podemos informar que haverá uma pequena solenidade na ocasião²³⁹.

Mais uma vez, a utilização do estádio para os treinos do Sete de Setembro não pode ser confirmada através das fontes. Indícios apontam que tanto o treino programado para o dia 15 de maio, quanto a partida anterior planejada entre times de cronistas esportivos de Minas Gerais não aconteceram, como nos mostra mais uma inauguração planejada para o estádio e divulgada nos jornais.

A inauguração do Estádio Independência, do Sete de Setembro, tem dado motivo para diversas notícias contraditórias. Agora, no entanto, surge uma versão que tem tudo para vingar. Realmente o assunto tem preocupado a diretoria do Sete, especialmente seu presidente, vereador Antônio Lunardi.

DIA 18, DE PORTÕES ABERTOS.

Conversando com o dirigente máximo dos vermelhos, a reportagem do ESTADO DE MINAS, na noite de ontem, pôde ficar sabendo que ele submeterá hoje, à consideração do prefeito Octacílio Negrão de Lima, uma sua iniciativa para a inauguração do Independência, e moldada no exemplo do que ocorrerá na inauguração do Estádio Municipal no dia 18 de junho. Na ocasião será realizado um São Paulo e Distrito Federal (somente com jogadores que não figuram no escrete brasileiro) de portões abertos, a fim de que o público conheça antes da inauguração oficial os lugares que ocupará. Assim, teríamos uma partida naquele mesmo dia em situações análogas, quer dizer, os portões do Independência ficariam abertos a 13 de junho e a grande plateia veria uma pugna entre os escretes de Belo Horizonte e Lima-Cocais-Sabará. Acredita o presidente Lunardi que o prefeito Negrão de Lima endosse esta sua ideia e se assim acontecer, teremos simultaneamente inaugurados a 18 de junho os dois grandes teatros das pelepas da IV Copa do Mundo²⁴⁰.

A menção às “notícias contraditórias” demonstra como o atraso nas obras acabou por atrapalhar os planos da diretoria do clube para a inauguração do estádio. A preocupação com a

²³⁹ **Dia 15, o primeiro treino.** O Estado de Minas, 29 de abril de 1950, p. 9. Matéria não assinada.

²⁴⁰ **O Independência será inaugurado a 18 de junho.** O Estado de Minas, 27 de maio de 1950, p. 8. Matéria não assinada.

inauguração que por vezes tentava ser escondida – como vimos em algumas fontes – era real. A diretoria agora fazia mais uma tentativa, em uma ação no mesmo dia e nos mesmo moldes da “pré-inauguração” do Maracanã. Mais uma vez, o desejo por uma festa grandiosa para a inauguração do estádio fez com que os planos fossem alterados.

Primeiramente, foi cogitado o nome do Fluminense para o jogo de inauguração do estádio. O clube acabara de retornar de uma excursão ao exterior e viria para a partida inaugural. Depois, foi informado pelos jornais que a inauguração do estádio aconteceria em grande estilo: pela primeira vez em Minas Gerais, se enfrentariam as seleções do Rio de Janeiro e São Paulo no novo estádio.

CARIOCAS E PAULISTAS PELA PRIMEIRA VEZ EM MINAS

Em ligação telefônica realizada na tarde de ontem, o presidente Antônio Lunardi ficou sabendo de que os esportes de novos de São Paulo e do Rio, que inaugurarão o Estádio Municipal no sábado 17, viajarão na manhã de domingo para Belo Horizonte, a fim de inaugurar também o estádio setembrino. Informou o intermediário das negociações, Canor Simões Coelho, que a Federação Metropolitana não ofereceu obstáculos para jogar em Minas, pondo o seu escrete à disposição do Sete de Setembro. Os paulistas também foram sondados pelo jornalista montanhês, tendo ele obtido uma resposta positiva. Destarte, teremos no dia 18, pela primeira vez em nossa terra, as seleções campeã e vice-campeã do Brasil.

A SELEÇÃO DE JUIZ DE FORA X SETE

Como prova principal da grande tarde esportiva de domingo vindouro, teremos ainda o cotejo intermunicipal entre o escrete de Juiz de Fora e o esquadrão dos profissionais do Sete de Setembro. Os juizdeforanos já deram a Canor Simões Coelho a sua palavra de que virão à Capital, ficando assim programado dois grandes jogos para inaugurar o monumento do Horto Florestal²⁴¹.

A festa estava planejada e a cidade se mobilizava para a inauguração do estádio. A rodada do campeonato mineiro foi adiada, para que todos pudessem acompanhar esse importante momento para o futebol mineiro e nacional²⁴². Como o evento havia crescido em importância, outra modificação importante foi com relação à entrada no estádio.

INGRESSOS PAGOS

Era pensamento do Sete de Setembro fazer inaugurar o Independência de portões franqueados à enorme plateia da cidade. Contudo, em face da mudança do programa anteriormente traçado,

²⁴¹ **A inauguração do Independência.** O Estado de Minas, 11 de junho de 1950, p. 5. Matéria não assinada.

²⁴² Idem.

deliberou a direção dos vermelhos cobrar ingressos. É o próprio presidente Lunardi que explica a situação, conforme suas declarações ao ESTADO DE MINAS, ontem, à tarde:

- Se fosse realizado o jogo entre os esportes de Belo Horizonte e de Nova Lima-Sabará-Cocais, os portões estariam abertos ao público, já que não teríamos a menor despesa. Entretanto, para dar maior amplitude a inauguração, resolvemos convidar os mesmos hóspedes do Estádio Municipal e mais ainda a seleção de Juiz de Fora. Assim sendo, vimo-nos na obrigação de cobrar ingresso, pois as despesas que teremos serão das mais vultosas. Aliás, o próprio prefeito Otacílio Negrão de Lima está de acordo com esta deliberação. Assim, esperamos que a torcida de Belo Horizonte compreenda o nosso esforço em bem servi-la e nos prestigie ao máximo, conclui²⁴³.

A seleção de Juiz de Fora cancelou a sua participação na inauguração, sendo substituída pelo time do Atlético Mineiro como adversário do Sete de Setembro. No dia 11 de junho, sete dias antes da data da inauguração do estádio, os jornais confirmavam a presença da seleção paulista e divulgavam o programa da inauguração do estádio.

O PROGRAMA

Desta maneira, o programa de inauguração pode ser feito sem maiores delongas, desde que, convidado, o Atlético aceitou de pronto colaborar com o seu coirmão da Floresta, na festa de inauguração do seu estádio. O programa é mais ou menos o seguinte:

Às 9 horas, missa campal e bênção do estádio; às 10 horas, jogo de futebol entre o C. M. de Cronistas Esportivos e a Associação Mineira de Cronistas Esportivos; às 13:30 horas jogo entre o Sete de Setembro e Atlético; das 15 às 15:30 solenidades de entrega do Independência a plateia da cidade. Deverão falar alguns oradores; às 15:30 jogo revanche entre os esportes dos novos de São Paulo e do Distrito Federal.

OUTRAS INFORMAÇÕES

Os assistentes deverão pagar o ingresso de dez cruzeiros, aliás preço único. Os portões serão abertos às dez horas, portanto à hora do início do cotejo dos cronistas. As solenidades deverão ser prestigiadas com a presença do prefeito Otacílio Negrão de Lima; deputados, vereadores, altos quadros esportivos nacionais e internacionais, bem como dirigentes dos clubes mineiros e da Federação Mineira de Futebol²⁴⁴.

Tudo indicava que finalmente, a cerca de duas semanas do início dos jogos da Copa do Mundo na cidade, o estado do Independência seria inaugurado. Porém, mais uma vez, a vontade de realização ultrapassou a real condição do estádio. Com a rodada do campeonato mineiro adiada, o programa dos festejos pronto, o preço dos ingressos estipulados, as seleções e times confirmados, a festa de inauguração não aconteceria. A curta nota divulgada pelo jornal Estado

²⁴³ **Ingressos pagos.** O Estado de Minas, 11 de junho de 1950, p. 5. Matéria não assinada.

²⁴⁴ **O programa.** O Estado de Minas, 11 de junho de 1950, p. 5. Matéria não assinada. Grifos meus.

de Minas, somada às outras fontes aqui apresentadas nos ajuda a esclarecer o nebuloso processo de aprontamento e inauguração do estádio.

ADIADA A INAUGURAÇÃO

Todavia, **acontecimentos imprevistos** vieram colocar-se como obstáculos a pretensões dos setembrinos, impedindo-os de realizar o planejado para o próximo domingo. Além de uma **natural impossibilidade de se concluir parte das obras principais, ou sejam, vestiários e muros**, houve também a desistência dos paulistas, fato que tiraria o brilho dos festejos.

SUIÇA X IUGOSLÁVIA NA INAUGURAÇÃO

Em vista disto, ficou assentado que a inauguração dar-se-á no dia 25 do corrente, com a disputa do jogo entre Suíça e Iugoslávia, programado para este capital, pelo certame mundial de futebol²⁴⁵.

Após inúmeras reportagens que davam conta da inauguração do estádio ao longo de todo o ano, pela primeira vez admitia-se o atraso das obras do estádio. Os vestiários e muros, imprescindíveis para a conclusão do estádio não estavam prontos, o que tornara a festa de inauguração e os jogos no campo "naturalmente impossíveis". Dificilmente a desistência da seleção paulista seria impeditivo para a inauguração do estádio, pois não faltariam candidatos para a sua substituição. O estádio do Independência seria inaugurado, finalmente, durante uma competição internacional, seguindo os protocolos da mesma.

O desfecho da inauguração não realizada ainda se daria de forma caseira. A rodada do campeonato mineiro teve de ser restabelecida, e muitos atletas e equipes que já haviam dispensado seus atletas tiveram de chamá-los às pressas para a retomada dos jogos.

O cancelamento da inauguração do Estádio do Sete de Setembro veio transtornar os planos dos demais clubes da cidade. Realmente, o prosseguimento do certame anunciado de uma hora para outra, quando vários grêmios tinham tomado medidas diversas, veio pegá-los de surpresa e assim deixa-los em situação difícil. O Vila, por exemplo, havia dispensado os serviços do médio Pichara, que viajou para o Rio. O seu retorno foi reclamado com urgência, tendo ele regressado à Capital²⁴⁶.

Se a cidade ainda teria que esperar até o dia 25 de junho – muitos inclusive, só conheceriam o estádio após os jogos da Copa do Mundo –, a torcida do Sete de Setembro pode

²⁴⁵ **Adiada a inauguração.** O Estado de Minas, 15 de junho de 1950, p. 8. Matéria não assinada. Grifos meus.

²⁴⁶ **Domingo pela manhã.** O Estado de Minas, 15 de junho de 1950, p. 8. Matéria não assinada.

acalmar as suas expectativas no dia 18 de junho de 1950. Mesmo com muros e vestiários por serem concluídos, o time realizou um jogo treino no novo estádio, entre as suas equipes de profissionais e aspirantes, e contou com a assistência de cerca de 3 mil pessoas²⁴⁷. A festa que seria da cidade de Belo Horizonte acabou sendo do Sete de Setembro e sua torcida.

Desta forma, a inauguração do estádio do Independência aconteceria no dia 25 de junho, na partida entre Suécia e Iugoslávia pela Copa do Mundo de Futebol. Sem uma festa especial, mas seguindo os protocolos de jogos desta competição. O primeiro grande estádio de Belo Horizonte era entregue inacabado e literalmente às vésperas do jogo. A cidade ainda festejaria o seu templo do futebol, e o esporte ainda traria muitos festejos para a cidade. O maior deles, sem precedentes na história de Belo Horizonte, seria visto quinze anos depois, em um palco ainda maior.

Para a inauguração do Mineirão houve tempo significativo para preparar os festejos. A composição do programa da festa de inauguração do estádio foi um capítulo à parte. Desde a sua concepção até o dia da inauguração foram inúmeras mudanças, todas muito bem noticiadas pelos jornais. As equipes que fariam parte dos jogos, a cota pedida por cada uma delas, as entidades esportivas e da sociedade civil que comporiam a cerimônia de abertura, tudo foi alterado inúmeras vezes.

Abaixo separamos a primeira notícia sobre a festa de inauguração do Estádio Minas Gerais:

“ESTÁDIO” SERÁ INAUGURADO A 26 DE AGOSTO COM BRASIL X PARAGUAI
Será mesmo dia 28 de agosto a inauguração do Estádio “Minas Gerais”, com capacidade para 130 mil pessoas. Será então, realizado o jogo Brasil x Paraguai, em disputa da “Taça Osvaldo Cruz”. A segunda partida, entre os mesmos adversários, será no dia 29, quando estarão sendo inaugurados os refletores do Estádio.

A Comissão Organizadora dos festejos de inauguração, aceitou uma das sugestões feitas por um de seus membros, a fim de que a 26 de agosto, minutos antes do início do Brasil x Paraguai, uma bandeira do Brasil descerá, de paraquedas, no centro do gramado do Estádio.

PROGRAMA

²⁴⁷ **Três mil pessoas assistiram ao ensaio dos rubros.** O Estado de Minas, 20 de junho de 1950, p. 8. Matéria não assinada.

Além dos dois jogos entre brasileiros e paraguaios, conforme entendimentos mantidos pela ADEMG com o presidente da CBD, João Havelange, o escrete nacional será integrado por jogadores mineiros, convocados ainda este mês, para início dos treinamentos. Assim, a seleção mineira jogará contra os paraguaios com a camisa da CBD. A FMF pensa, ainda, em realizar, no próximo mês de agosto, um torneio internacional, com a participação do Benfica, campeão português; Boca Juniors, campeão argentino, e, possivelmente, o Palmeiras, campeão paulista. No dia da inauguração do Estádio, haverá, também, uma audição do “Madrigal Renascentista”, uma “chuva” de prata sobre o gramado, disputa de várias provas de atletismo e uma exibição de bandas militares, inclusive a Marcial dos Fuzileiros Navais.²⁴⁸

Desde nota inicial até a inauguração do Estádio – que ocorreria após a data mencionada, no dia 05 de setembro – muitas mudanças ocorreram. A inauguração de uma grande obra merece uma festa à altura. E organizar uma festa onde os anfitriões são grandes nomes da administração nacional, estadual e municipal faz com que cada detalhe seja importante. O aspecto político da inauguração do estádio, com seus embates e tensões, não chegou a ser explicitado nos jornais. Mas uma nota de nome sugestivo nos dá indícios de que as tensões políticas e administrativas em torno do novo estádio estavam presentes.

A HORA DO ENTENDIMENTO

(...)Está vencida, portanto, a fase mais árdua. Ninguém melhor do que o engenheiro Gil César Moreira de Abreu para contar a verdadeira história do Estádio, ao qual o nome do jovem técnico está definitivamente ligado. Muitos obstáculos tiveram de ser removidos, tarefa que, aliás, foi sempre bem compreendida pelo governo do Estado. Agora, atingimos a etapa da inauguração. **Não é possível que o Estádio seja entregue às competições, sem uma festa capaz de marcar o acontecimento.** É preciso que os responsáveis pelo esporte de Minas estejam unidos em torno de um mesmo objetivo: o desenvolvimento do nosso esporte. Outro não será o ponto de vista do Sr. Benedito Adami de Carvalho, que dirige a Federação Mineira de Futebol. A reunião de hoje à noite, há de oferecer ambiente para um entendimento franco, transigindo cada um de seus participantes, quando estiver em jogo o interesse real do esporte de Minas. **A festa do Estádio terá de ficar na história. É preciso que todos colaborem, sem intransigências, movidos pelo desejo de ser útil ao esporte montanhês**²⁴⁹.

A despeito das eventuais tensões existentes entre a Federação Mineira de Futebol e os demais envolvidos na administração do estádio, a necessidade de marcar a inauguração do Estádio Minas Gerais na história prevaleceu.

²⁴⁸ “Estádio” será inaugurado a 26 de agosto com Brasil x Paraguai. O Estado de Minas, 8 de julho de 1965, p. 1. Matéria não assinada.

²⁴⁹ A hora do entendimento. O Estado de Minas, 30 de julho de 1965, p. 1. Matéria não assinada. Grifos meus.

A primeira e mais importante modificação vem justamente com o adiamento da inauguração. Após tantos atrasos, o anúncio de um adiamento, mesmo que de pouco mais de uma semana, exerceria certo efeito na opinião pública. Mas a mudança representaria algo muito maior do ponto de vista político. Os festejos durariam 7 dias, iniciados no dia 5 de setembro e finalizados no dia 12 do mesmo mês. Para um regime com pouco mais de um ano, instaurado à partir de um golpe de Estado, e que ainda procurava se consolidar junto à população, a criação de uma ambiência política para o momento estava perfeita: a inauguração do segundo maior estádio coberto do mundo, com a presença da seleção brasileira e de grandes nomes do futebol nacional na semana do feriado de 7 de setembro e dos festejos cívicos.

O eixo político da festa estava definido. Faltava, portanto, a definição dos convidados. Foi neste campo que as inúmeras modificações se sucederam, até o programa final dos festejos de inauguração do estádio.

Quando a inauguração ainda estava programada para agosto, estava planejada a realização de um torneio internacional de futebol, com a participação da seleção do Chile, além da seleção Mineira e os dois maiores clubes brasileiros da época, o Santos e o Botafogo.

DECISÃO FINAL SOBRE A VINDA DA SELEÇÃO DO CHILE SERÁ CONHECIDA HOJE

Somente hoje cedo ficará resolvida, definitivamente, a vinda ou não da seleção do Chile, para jogar duas partidas em Belo Horizonte, em disputa da Taça “Bernardo O’Higgins”, nos dias 25 e 29 de agosto próximo, na inauguração do moderno Estádio “Minas Gerais”, que está sendo construído na Pampulha.

Entre 11:30 e 12 horas, o Sr. Edgard Leite de Castro, representante da CBD em Belo Horizonte, conversará, pelo telefone, com o presidente João Havelange, quando ficará conhecendo a resposta oficial da seleção chilena.

Os andinos são, atualmente, os terceiros do mundo, por força da colocação que obtiveram na última Taça “Jules Rimet” e deverão vir para inaugurar o Estádio “Minas Gerais”, que tem capacidade para 130 mil espectadores e ficará inteiramente concluído dentro de 15 dias.

Por outro lado, somente na próxima semana será confirmada a vinda do Botafogo e Santos para jogarem no dia 29 de agosto, na inauguração do Estádio “Minas Gerais”, compondo a preliminar de Seleção Mineira (representando a CBD) x Chile²⁵⁰.

²⁵⁰ **Decisão final sobre a vinda da seleção do Chile será conhecida hoje.** O Estado de Minas, 16 de julho de 1965, p. 1. Matéria não assinada.

Até o ano de 1963 era muito comum as seleções de estados brasileiros, bem como a realização de jogos entre clubes e seleções, além de torneios amistosos. Mas, além das partidas de futebol, outro importante evento era planejado para a inauguração do Estádio: a disputa do Troféu Brasil de Atletismo

“TROFÉU BRASIL” SERÁ DISPUTADO NA PISTA DO ESTÁDIO MINAS GERAIS

Confirmando a realização do Troféu “Brasil”, na pista de atletismo do Estádio “Minas Gerais”, e propondo as datas de 27 (à noite) e 28 de agosto (à tarde), dentro dos festejos de inauguração daquela praça de esportes, o prof. Osvaldo Gonçalves, técnico de várias seleções brasileiras, assessor-técnico de atletismo da CBD e professor da Escola Nacional de Educação Física, encontra-se em Belo Horizonte, tendo chegado anteontem e devendo retornar, hoje ao Rio. O renomado técnico de atletismo esteve, ontem cedo, em visita ao Estádio “Minas Gerais”. A finalidade de sua vinda a Belo Horizonte foi a de colaborar na construção da nova pista de atletismo, que será inaugurada com o Troféu “Brasil”. O prof. Osvaldo Gonçalves esteve acompanhado, na visita, de José Francisco Sales Lopes, presidente da Federação Mineira de Atletismo, e teve a oportunidade de abordar os detalhes finais para a construção da nova pista com o engenheiro Abel Magalhães Ferreira, um dos responsáveis pela grande obra.

INÍCIO IMEDIATO

A pista do Estádio <<Minas Gerais>> deverá ficar concluída a tempo de ser utilizada para as competições do Troféu <<Brasil>>, que trará a Belo Horizonte atletas cariocas, paulistas, gaúchos e paranaenses, na maior competição interclubes do Brasil.

Disse o prof. Osvaldo Gonçalves que encontrou a maior receptividade e boa vontade por parte dos engenheiros responsáveis pela construção do Estádio <<Minas Gerais>> e constatou que se pretende, realmente, construir uma pista em condições técnicas ideais e que se tornará, sem dúvida, numa das melhores de todo o país²⁵¹.

Mas os preparativos para os festejos de inauguração sofreram uma mudança. A reportagem sobre a realização do Troféu Brasil de Atletismo durante a inauguração do Estádio Minas Gerais foi a última que menciona os dias 28 e 29 de agosto como as datas de inauguração do estádio. A reportagem seguinte, já mencionando a nova data de inauguração, não apresenta explicação alguma sobre o adiamento dos festejos, mas mostra que os planos para a festa haviam se modificado.

²⁵¹ “Troféu Brasil” será disputado na pista do Estádio Minas Gerais. O Estado de Minas, 17 de julho de 1965, p. 1. Matéria não assinada.

A VINDA DA SELEÇÃO DO URUGUAI À CAPITAL

A reportagem do ESTADO DE MINAS apurou através do telefone, ser provável a vinda da seleção do Uruguai para jogar no dia 5 de setembro, com os mineiros, na festa de abertura do estádio “Minas Gerais”. Hoje, por intermédio da embaixada do Uruguai no Rio, seguirá o ofício à Associação Uruguaia de Futebol, convidando a seleção daquele país para jogar no dia 5 de setembro contra os mineiros, mediante 10 ou 12 mil dólares²⁵².

As organizações continuavam, agora levando em conta a nova e definitiva data. A reportagem ainda destaca, pela primeira vez, a questão financeira ligada à participação da seleção do Uruguai. Apesar de ainda estar bem longe das cifras movimentadas atualmente, o futebol já se consolidava como um negócio rentável, especialmente para dirigentes esportivos. A reportagem é a primeira de muitas que mostra que, para ter convidados de renome em sua festa de inauguração, o governo do Estado teria que desembolsar uma quantia considerável.

O preço poderia variar de acordo com o prestígio do clube ou da seleção. O montante pago a cada um deles também provocava competição, antes mesmo dos times entrarem em campo. A seleção do Uruguai acabou pedindo 15 mil dólares por sua presença na Inauguração do Mineirão²⁵³. O Benfica, de Portugal, também cobrava o mesmo valor, mas poderia se apresentar em Belo Horizonte apenas no dia 15 de setembro²⁵⁴. No dia 7 de agosto de 1965, o jornal O Estado de Minas noticiou a possível vinda do Real Madrid para a abertura do Estádio Minas Gerais, sob o montante de 20 mil dólares²⁵⁵.

Ainda outras seleções e times foram cotados para a inauguração. Diariamente os jornais traziam alterações ou novas possibilidades na programação. Apesar de tantos nomes e possibilidades, os indícios mostram que a questão financeira também pesou na decisão. O time internacional que foi confirmado para a inauguração do Estádio foi o River Plate, da Argentina, ao custo de 25 milhões de Cruzeiros, mesma cota oferecida ao Santos²⁵⁶. A seleção do Uruguai

²⁵² **Vinda da seleção do Uruguai à capital.** O Estado de Minas, 29 de julho de 1965, p. 1. Matéria não assinada.

²⁵³ **Abílio foi.** O Estado de Minas, 4 de agosto de 1965, p. 1. Matéria não assinada.

²⁵⁴ **Argentina não foi.** O Estado de Minas, 6 de agosto de 1965, p. 1. Matéria não assinada.

²⁵⁵ **Possível vinda da equipe do Real Madri.** O Estado de Minas, 7 de agosto de 1965, p. 1. Matéria não assinada.

²⁵⁶ **Argentina não.** O Estado de Minas, 7 de agosto de 1965, p. 1. Matéria não assinada.

também veio para os festejos, e participaria nos dias seguintes ao lado do Palmeiras, Santos, Botafogo, Palmeiras e Seleção Mineira, da Taça Bernardo O Higgins.

Após inúmeras modificações e negociações, finalmente, no dia 3 de setembro de 1965 era divulgado no Jornal Estado de Minas o programa oficial de inauguração do estádio

PROGRAMA DE FESTIVIDADES

Eis a programação oficial que será cumprida, domingo, na inauguração do Estádio “Minas Gerais”:

9 horas – Salva de tiros de canhão, na Pampulha;

10 horas – Abertura dos portões do Estádio ao público;

11 horas – Exibição de balizas cariocas, campeãs dos Jogos da Primavera;

13 horas – Exibição dos cães amestrados da Polícia Militar;

13:30 horas – Salto de paraquedistas, quando um saltará com a bandeira nacional e outro com a bola do jogo Minas x River;

13:40 horas – Chegada do Governador Magalhães Pinto;

13:45 horas – As bandas militares passam a tocar no campo;

13:45 horas – Descerramento das placas alusivas à inauguração do Estádio; em seguida, palavras do Governador Magalhães Pinto; e do diretor da ADEMG, Eng. Gil César Moreira de Abreu; após, o Governador do Estado se dirigirá à tribuna do estádio e à sua chegada, a banda marcial da Polícia Militar tocará o exórdio;

14 horas – O Governador Magalhães Pinto fará um discurso de entrega do Estádio ao povo;

14:05 horas – Bênção do Estádio, pelo Bispo Auxiliar D. Serafim Fernandes de Araújo; em seguida, oração com movimento (Salmo 138, Presença de Deus), feita por 100 alunos da Escola Técnica de Belo Horizonte e do Colégio Municipal;

14:15 horas – Desfile de colegiais, com a participação de balizas e das bandas da Polícia Militar;

14:30 horas – “Show” aéreo pela Esquadilha da Fumaça;

14:50 horas – As equipes entram em campo e se postam em formação olímpica;

14:55 horas – O Governador Magalhães Pinto entrará em campo, seguindo-se a execução dos Hinos Nacionais do Brasil e da Argentina, com as equipes de Minas Gerais e River alinhadas no canto do campo, diante do mastro principal. Enquanto isto, as bandeiras dos dois países serão hasteadas. Após, o jogador Nilton Santos percorrerá a pista do Estádio, conduzindo uma tocha, e se colocará junto à pira olímpica do Estádio, momento em que será feito um quadro denominado “Exaltação ao Esporte”, pelos alunos da Escola de Educação Física de Minas Gerais.

15:05 horas – O Governador do Estado cumprimentará os jogadores de Minas e do River Plate.

15:15 horas – Início do jogo²⁵⁷.

A programação oficial acima correspondia ao dia da inauguração, no dia 5 de setembro de 1965. Mas a festa preparada foi realmente grandiosa, e uma semana inteira de festejos e

²⁵⁷ Programa de festividades. O Estado de Minas, 3 de setembro de 1965, p. 1. Matéria não assinada.

jogos estavam previstos. A inauguração tão esperada do estádio chegava. Envolvia, além dos atletas e times ligados aos jogos e exibições esportivas, políticos, instituições do Estado, religiosas, membros da sociedade civil organizada. E mais do que isso, envolvia agora o povo. Moradores de Belo Horizonte e visitantes de todo o Estado e do país chegavam para os jogos de inauguração do estádio.

Os ingressos para o jogo de inauguração entre River Plate e a seleção mineira foram vendidos antecipadamente ao preço de quatro mil cruzeiros para as cadeiras numeradas, mil cruzeiros para a arquibancada e quinhentos cruzeiros para a geral²⁵⁸. Os preços poderiam ser considerados acessíveis, já que o salário mínimo na época era de 66 mil cruzeiros.

Dessa forma, os jornais anunciavam o sucesso da venda antecipada dos ingressos, aumentando ainda mais a expectativa para a inauguração, já com garantia de grande público.

50 MILHÕES DE INGRESSOS VENDIDOS PARA A FESTA DO ESTÁDIO

De acordo com o levantamento realizado ontem às 21 horas pela ADEMG 50 milhões de cruzeiros em ingressos já foram vendidos nos diferentes postos localizados na cidade, não se computando ainda as vendas do interior. Nos postos da ADEMG no Conjunto “Santa Maria”, foram vendidos, ontem, 15 milhões de cruzeiros e, nos demais postos, 4 milhões totalizando 19 milhões, quantia que superou em muito as cifras registradas nos dias anteriores.

ARQUIBANCADAS

Pelo que apurou a reportagem, há grande interesse em torno dos ingressos de arquibancadas, que, segundo os cálculos, serão esgotados hoje. A receptividade em torno das gerais é que é pequena até o momento, havendo um movimento considerado bom em torno das cadeiras.

103 MIL INGRESSOS

O total de ingressos colocados à venda atinge a 103 mil, possibilitando a arrecadação de 125 milhões de cruzeiros. Pelos cálculos, todos os ingressos serão adquiridos pelo público, principalmente em razão dos pedidos do interior que estão chegando a todo instante. Admitese, por outro lado, ainda, que a venda seja encerrada possivelmente amanhã, caso seja observado o ritmo dos últimos dias²⁵⁹.

Os ingressos eram vendidos. Os proprietários das cadeiras cativas retiravam seus cartões de identificação no Conjunto Santa Maria, situado na Rua da Bahia, e com ele garantiam não

²⁵⁸ **Fixados os preços dos ingressos.** O Estado de Minas, 24 de agosto de 1965, p. 1. Matéria não assinada.

²⁵⁹ **50 milhões de ingressos vendidos para a festa do Estádio.** O Estado de Minas, 2 de setembro de 1965, p. 2. Matéria não assinada.

só o acesso às cadeiras como também vagas no estacionamento do estádio²⁶⁰. Junto à grande procura pelos ingressos, o sentimento de imponência diante da realização de uma grande obra tomava conta da imprensa e dos governantes. A foto abaixo, tirada um dia antes da inauguração, bem como o texto de sua legenda, nos permite perceber um pouco do contexto da inauguração do estádio na cidade.



FIGURA 15 – Foto do Mineirão na véspera de sua inauguração, 1965.
Fonte: O Estado de Minas

O RETRATO DO PROGRESSO – A inauguração do Estádio Minas Gerais, programada para amanhã, não é apenas um acontecimento do esporte. **Todos os mineiros, mesmo aqueles impermeáveis às emoções do futebol, por certo que se orgulham da obra que vai ser incorporada ao patrimônio da cidade.** A imponente praça de esportes da Pampulha, não pode ser encarada como um ponto de referência capaz de atestar o grau de desenvolvimento das atividades esportivas. Ela representa mais que isto: **é o resultado da alta capacidade técnica da nossa engenharia**, do empenho do poder público atuando em consonância com o gosto do povo, atendendo à predileção da maioria absoluta pelos espetáculos do “association”, modalidade em que, aliás, somos bicampeões do mundo. O Estádio, antes de ser palco das refregas entre os clubes, passará a ser uma atração a mais para os que visitam Belo Horizonte. **Numa cidade de pouco mais de meio século de vida, com a arquitetura arrojada dos prédios que formam a sua fisionomia urbana**, o grande centro esportivo que amanhã será aberto às competições, constitui outro marco do seu progresso, sabendo-se principalmente que é o segundo estádio do mundo coberto. Minas caminha, pois, à frente de vários países de tradição esportiva. O notável empreendimento, que o governador Magalhães Pinto vai inaugurar, é um exemplo da evolução de nosso Estado.

²⁶⁰ Cadeiras cativas. O Estado de Minas, 4 de setembro de 1965, p. 1. Matéria não assinada.

na história esportiva. O notável empreendimento que o governador Magalhães Pinto vai inaugurar, é bem o retrato da evolução do nosso Estado²⁶¹.

A foto nos mostra a obra grandiosa, finalmente pronta para exercer a sua finalidade: ser a nova casa do futebol em Belo Horizonte. Do ponto de vista político, a obra representava não somente ganho para os governantes envolvidos em sua construção. De forma mais ampla, representava a reafirmação do projeto de desenvolvimento baseado na industrialização pesada. O estádio que era “resultado da alta capacidade técnica da nossa engenharia”, possuía arquitetura arrojada e era incorporado ao patrimônio de uma cidade que se consolidava como a terceira capital do país. Uma grande obra que transformou a cidade, e por isso, ultrapassava os aspectos esportivos, atingindo todos os habitantes da cidade, “mesmo aqueles impermeáveis às emoções do futebol”.

Belo Horizonte entregava, em 1950, um estádio que sediaria os jogos da Copa do Mundo de Futebol, um dos mais importantes torneios do mundo, juntamente com os jogos olímpicos. Quinze anos depois, entregava ao país o segundo maior estádio coberto do mundo. O período de “concentração” havia finalmente terminado. Os estádios estavam prontos para sua inauguração. Datas marcadas, ingressos vendidos, a cidade se preparava para apresentar ao país e ao mundo os seus gigantes de concreto. Por duas vezes – em 1950, e em 1965 –, Belo Horizonte escreveu um capítulo importante da cultura esportiva do país.

Começa o jogo: Nascem os gigantes

A inauguração dos dois grandes estádios de Belo Horizonte foi um momento especial. Do ponto de vista das grandes obras, marca a capacidade dos governos em executar grandes projetos. O discurso sobre o progresso, a tecnologia, o valor do trabalho e a capacidade dos

²⁶¹ **O retrato do progresso.** O Estado de Minas, 4 de setembro de 1965, p. 1. Matéria não assinada.

brasileiros esteve presente nas inaugurações dos dois estádios. Fizeram deste momento um marco importante do ponto de vista político.

Mas, além disso, a inauguração de um estádio é um momento importante para a cultura esportiva da cidade. Momento em que, junto a todos os aspectos anteriormente citados, as construções finalmente passam a exhibir o espetáculo, a atividade fim para o qual foram construídos. Era hora de ver a bola rolar.

Em 1950, a expectativa para esse momento no Independência foi grande. Mas os atrasos na conclusão das obras e a Copa do Mundo de Futebol fizeram com que o estádio tivesse uma inauguração com peculiaridades. Como já mencionamos neste capítulo, antes da inauguração oficial – que ocorreria durante a Copa do Mundo –, o Sete de Setembro realizou um jogo entre os times profissionais e aspirantes, que foi tomado não só por seus torcedores, mas pela imprensa como um momento de inauguração do estádio, como podemos perceber na reportagem do Jornal O Estado de Minas.

Três mil pessoas assistiram ao ensaio dos rubros.

O primeiro contato do plantel setembrino com o Estádio Independência teve toda a expressão sonhada pela família florestina. O acontecimento, com efeito, **constituiu-se numa festa íntima e de conagração das várias gerações setembrinas**, fato que por si só já serviu para dar um toque de emoção à manhã clara e luminosa de domingo. A reunião dentro do gramado de antigos diretores e jogadores, confraternizados com os atuais, chegou mesmo às raias da emotividade e alegria que irradiava em cada rosto era visível. Jamais vimos os rubros tão à vontade. **A primeira casa, podemos assim dizer, que o Sete já teve em toda a sua longa existência de 37 anos, foi estreada com todo o transbordamento e afeto.** A cada canto do gramado, viam-se os seus antigos e atuais responsáveis recordando com um ar de benevolência os dias amargos e as duras batalhas disputadas pelos anos afora em busca de um estádio próprio. Não se ouvia sequer uma palavra amarga de queixa pela mesma demorada espera que destruiria qualquer ideal, mas que não teve forças suficientes para fazer ruir a extraordinária convicção da alma dos rubros de todas as épocas. E eles compreendiam perfeitamente que não perderam nada por esperar. **Possuem hoje o terceiro estádio do Brasil, aberto ao público coincidindo com outro grande sonho do esportista brasileiro – a Copa do Mundo no Brasil.(...)**²⁶²

A reportagem dá o tom de como a inauguração do estádio acabou acontecendo sem uma festa grandiosa, especialmente quando comparada à que foi planejada para o estádio e

²⁶² **Três mil pessoas assistiram ao ensaio dos rubros.** O Estado de Minas, 20 de junho de 1950, p. 8. Matéria não assinada. Grifos meus.

posteriormente cancelada. Uma “festa íntima” para os sócios do clube de 37 anos foi o que acabou ocorrendo. Uma semana depois, durante o jogo entre Suíça e Iugoslávia aconteceu a inauguração oficial, mas sem uma cerimônia grandiosa. Com o estádio incompleto, foram pensadas soluções improvisadas para a acomodação de alguns torcedores.

Como se sabe, o estádio Independência ainda não está terminado, de modo que Mário Gomes está estudando com Antônio Lunardi **um modo de colocar algumas cadeiras na pista, possibilitando, assim, melhor arrecadação.** Com a recomendação da FIFA limitando o número de pessoas que poderão ficar na pista, aqueles paredros terão de estudar outra localização para as cadeiras, podendo colocá-las no passeio de circulação, junto à grade do campo. **Aliás, será o único local, fora da pista, onde os portadores de ingressos de cadeiras poderão assistir confortavelmente o desenrolar das pejejas**²⁶³.

Com improvisos e em uma competição internacional, as reportagens sobre o jogo não mencionam cerimônias comemorativas alusivas à inauguração do Independência, apenas mencionam o fato e logo seguem para a os assuntos relacionados ao jogo.

O primeiro encontro do magno certame mundial, no estádio Independência, acabou sendo um espetáculo de marcante grandiosidade. Não, evidentemente, no sentido técnico que, sem haver se perdido totalmente nas sombras da mediocridade, esteve muito longe de se colocar em um plano destacado. O acontecimento valeu, e muito, pelo que pôde oferecer de inédito. Nesse particular, **o fato de se abrirem oficialmente os portões do terceiro estádio do Brasil, para um jogo do certame mundial,** envolvendo a participação de equipes de valor mais ou menos desconhecido, representando duas nações da velha e civilizada Europa, ganhou uma expressão invulgar, superando mesmo à expectativa geral²⁶⁴.

Se o estádio não teve a inauguração planejada por seus dirigentes, certamente entrou para a história como o palco de Belo Horizonte na Copa do Mundo de 1950. Uma análise mais detalhada sobre a competição e suas relações com o esporte e a cidade será feita no capítulo seguinte. Ao contrário do Independência, a inauguração do Estádio Minas Gerais seria marcada com sete dias de festa na cidade.

²⁶³ **Onde serão colocadas as cadeiras.** Diário da Tarde, 24 de junho de 1950, p. 3. Matéria não assinada. Grifos meus.

²⁶⁴ **Venceu o melhor.** Diário da Tarde, 26 de junho de 1950, p. 7. Matéria não assinada. Grifos meus.

No dia 5 de setembro de 1965, a cidade de Belo Horizonte – já com maior poder econômico e com maior desenvolvimento de diversos aspectos do que há quinze anos atrás – entregava à população o segundo maior estádio coberto do mundo.

EM MINAS UM DOS MAIS BELOS ESTÁDIOS DO MUNDO

Cerca de 100 mil pessoas participaram, anteontem, da mais bela festa esportiva de todos os tempos, em Belo Horizonte: a inauguração do Estádio Minas Gerais. A nova praça de esportes não é somente uma das mais amplas e modernas do mundo. **Nenhuma outra apresenta as mesmas condições de conforto e a elegância e bom gosto de suas linhas arquitetônicas.** O Estádio Minas Gerais, iniciado no governo do Sr. Bias Fortes e concluído pela administração do Sr. Magalhães Pinto, é hoje um dos pontos de referência da civilização da Capital. **No bairro da Pampulha, já famoso pelo sentido de modernidade do seu conjunto urbanístico, a grande praça de esportes assinala também a presença do espírito de renovação que anima a vida de Belo Horizonte.** A construção dessa obra grandiosa é ainda um testemunho do governo mineiro pelo problema da educação física de nossa juventude. O programa das festividades da inauguração interessou vivamente o povo, que lotou todo o estádio. **O júbilo da multidão poucas vezes se tem manifestado com tanta intensidade.** E o reconhecimento da Capital ao governo que a dotou com um campo de competições esportivas que é agora motivo de orgulho para os mineiros, exprimiu-se nas calorosas demonstrações de simpatia recebidas pelo Sr. Magalhães Pinto, presente à solenidade inaugural. Na foto, um dos momentos mais empolgantes do espetáculo esportivo de domingo: quatro balizas fizeram evoluções acrobáticas no gramado, vendo-se ao fundo uma extensa parte da arquibancada, repleta de espectadores²⁶⁵.

A inauguração do Estádio Minas Gerais foi um importante momento para a cidade. Mais uma vez, a exaltação da capacidade política dos governantes em realizar grandes obras aparece nos discursos. As linhas arquitetônicas e o conjunto urbanístico se fazem presentes em uma cidade onde a ideia de modernidade à partir da década de 40 passava invariavelmente por suas construções. Um estádio grandioso, construído na Pampulha de Kubitschek e Niemeyer, seria a nova e moderna casa do futebol em Belo Horizonte.

²⁶⁵ **Em Minas um dos mais belos estádios do mundo.** O Estado de Minas, 07 de setembro de 1950, capa e páginas 1,2 e 3. Matéria não assinada. Grifos meus.

Prorrogação: as relações entre os estádios e a cidade

A cultura esportiva é uma das muitas culturas urbanas que emergem a partir dos costumes e modos de vida da população. A construção, e especialmente a inauguração dos dois grandes estádios de Belo Horizonte fez com que o esporte na cidade ganhasse novos sentidos e significados. Analisando as fontes referentes à construção dos estádios, podemos perceber um pouco dessas relações sob diversos aspectos.

O primeiro deles é o impacto das obras e da transformação das cidades em seus habitantes. Se por um lado podemos afirmar que qualquer tipo de modificação – como, por exemplo, a construção de um edifício, ou mesmo a pavimentação de ruas – causa transformações na vida dos habitantes da cidade, cabe aqui compreender de forma mais aprofundada essas modificações. Estamos dizendo, portanto, que a construção dos grandes estádios da cidade de Belo Horizonte guarda especificidades e relações não só com a cultura esportiva, como também com a cultura urbana da cidade.

A construção dos grandes estádios de Belo Horizonte já movimentava a cidade e seu fluxo de pessoas muito antes de sua inauguração. No caso do Mineirão, por exemplo, durante os 6 anos de sua construção – com interrupções, atrasos, e adiamentos – as obras receberam inúmeros operários. Só ano de 1965 esse número variou entre mil (no início) e dois mil (ao término das obras) trabalhando em três turnos diferentes. Isso envolvia toda uma logística relacionada ao transporte e alimentação de todas essas pessoas, além do que o que esses empregos representavam na economia da cidade e na vida das famílias sustentadas por essa pequena multidão de trabalhadores²⁶⁶.

²⁶⁶ Os dois mil operários que trabalharam nas obras do estádio em 1965 representam dois terços da “pequena multidão”, termo utilizado pelo jornal O Estado de Minas ao se referir aos torcedores do Sete de Setembro que participaram da inauguração do estádio em 1965. **Três mil pessoas assistiram ao ensaio dos rubros.** O Estado de Minas, 20 de junho de 1950, p. 8.

Os operários que construía o estádio construía também a cidade, em seus mais diversos pontos e por obras diversas. Movimentavam a economia da cidade e representavam a mão de obra do processo de industrialização de Belo Horizonte, através de um dos importantes setores da atividade industrial – a construção civil. A grandeza das obras no estádio fazia movimentar também a cidade em um aspecto inusitado. Além de motoristas de ônibus e pessoas que poderiam prestar serviços diretos e indiretos no entorno das obras, o estádio recebia ainda outros tipos de visitantes durante a sua construção.

Mesmo com a chuva, **o número de visitas ao Estádio Minas Gerais está aumentando dia a dia, e, para não prejudicar os trabalhos, os engenheiros responsáveis pela obra resolveram construir uma nova área para estacionamento dos carros**, isolando-os do resto do Estádio. A admissão de mais quinhentos ou oitocentos operários, para aumentar o ritmo dos trabalhos, está condicionada a um financiamento bancário de um bilhão e duzentos milhões de cruzeiros, já autorizado pelo Governador Magalhães Pinto²⁶⁷.

A reportagem nos mostra como a própria obra, por sua grandiosidade e expectativa dos habitantes da cidade, tornara-se um ponto de visitação. Seja pelo interesse em acompanhar uma obra que representava um grande feito no campo da engenharia, ou por sua importância para o campo esportivo, o Estádio Minas Gerais incorporava-se ao espaço da cidade, e movimentava a população antes mesmo de sua conclusão. Ao tratar sobre as transformações urbanas do Rio de Janeiro através de grandes obras pela cidade, Cléber Dias mostra como as grandes obras da cidade atraíam visitantes, interessados em ver de perto construções nunca antes imaginadas, ou mesmo possíveis, sem os avanços da engenharia e da tecnologia de materiais e equipamentos²⁶⁸.

Os exemplos também nos mostram outro aspecto relevante para as relações entre os Estádios e a cidade. Grandes obras necessitavam de uma série de estruturas e serviços complementares para o seu funcionamento. E essas novas obras e estruturas destinavam-se não somente aos torcedores do futebol e os habitantes do entorno do estádio, mas à cidade como

²⁶⁷ **Chuvas não prejudicam as obras do estádio.** O Estado de Minas, 5 de janeiro de 1965, p. 1. Matéria não assinada. Grifos meus.

²⁶⁸ DIAS, Cléber Augusto Gonçalves. **Urbanidades da natureza: o montanhismo, o surfe e as novas configurações do esporte no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Apicuri, 2008, p. 21.

um todo. A construção de um grande estádio na região da Pampulha exigia também o planejamento do acesso em dias de jogos, desenvolvimento e construção de malha viária adequada, não só para o acesso ao estádio, mas também para o desenvolvimento daquela região, esperado a partir desta construção.

ASFALTAMENTO EM 30 DIAS DAS VIAS DE ACESSO AO ESTÁDIO

Dentro de trinta dias deverão ficar prontos os trabalhos de asfaltamento das vias de acesso ao Estádio “Minas Gerais”, além da pavimentação de uma área de 100 mil metros quadrados, para estacionamento de dez mil carros, em dias de jogos. Os serviços de asfaltamento começaram há duas semanas, com a presença do governador Magalhães Pinto e do diretor geral do DER. Vinte máquinas estão nivelando o terreno, e corrigindo seus defeitos, enquanto outras trabalham em volta do Estádio, para asfaltar as áreas de circulação. No dia de sua inauguração, o Estádio “Minas Gerais” poderá receber 120 mil pessoas, sua real capacidade e cerca de 15 mil carros, que poderão usar sua área de estacionamento e também as ruas que vêm da Pampulha²⁶⁹.

As vias eram preparadas para uma sociedade em que o automóvel ocupava um papel preponderante. Como visto no primeiro capítulo, o trânsito da cidade se modificava sobremaneira com a presença crescente do automóvel. E isso agora requeria não somente vias de acesso rápido, como também estacionamentos grandiosos para os carros da cidade. Outras obras complementares se sucederam por ocasião da inauguração do Estádio Minas Gerais, e envolviam a canalização de córregos, abertura e pavimentação de ruas e avenidas.

OBRA DA PREFEITURA BENEFICIARÁ O ESTÁDIO

Obra de grande importância para Belo Horizonte e que possibilitará o rápido escoamento do tráfego para o estádio “Minas Gerais” foi iniciada, ontem, pelo D. O., atendendo a recomendação do prefeito Osvaldo Pieruceti. Trata-se da canalização do córrego que, numa extensão de 800 metros, passa pela Avenida Catalão, que começa na Avenida Pedro II e vai terminar na BR-31. A canalização do córrego, orçada em cerca de 100 milhões de cruzeiros, é a primeira providência para a abertura da Avenida “Catalão” e a sua pavimentação. Trabalhando em ritmo acelerado, de acordo com a orientação do prefeito, serão necessários três meses para a conclusão dos serviços. Logo depois, segundo informou o engenheiro Murilo Garzon, do D. O., a Avenida Catalão será totalmente aberta e pavimentada até a BR-31, resolvendo-se de vez o problema de acesso ao Estádio²⁷⁰.

²⁶⁹ **Asfaltamento em 30 dias das vias de acesso ao estádio.** O Estado de Minas, 15 de julho de 1965, p. 1. Matéria não assinada.

²⁷⁰ **Obra da Prefeitura beneficiará o estádio.** O Estado de Minas, 24 de agosto de 1965, p. 1. Matéria não assinada. Grifos meus.

Algumas das obras não ficaram concluídas quando da inauguração do estádio, no dia 05 de setembro de 1965. E, mesmo que prontas, as mesmas não seriam garantia do funcionamento pleno desse novo espaço de Belo Horizonte. Tanto para o Mineirão quanto para o Independência, seriam necessários tempo e ajustes para saber como seria o seu funcionamento tanto em dias de jogos, como nos demais dias.

Após a sua inauguração, os estádios enfrentaram alguns desafios. Estavam definitivamente integrados ao calendário esportivo da cidade, mas precisavam ainda se integrar ao funcionamento da cidade e seus fluxos. Planejar uma grande obra, que receberia espetáculos para um grandioso número de pessoas, implicava também em um planejamento mais amplo, que envolveria o trânsito e as diversas formas de deslocamento dos habitantes da cidade, de maneira diferenciada nos dias de jogos e nos demais dias. No caso do Independência, o então distante bairro do Horto, em 1950, teve a rotina de suas ruas alterada.

O alarido e indisfarçável curiosidade de todos para conhecer o Independência, constituiu um espetáculo excelente e emocionante. Já quando nos encaminhávamos para o estádio o movimento de gente nas ruas circunvizinhas, **àquele longínquo bairro. Hoje o Horto ganhará em muito com o novo estádio.** A pequena amostra que tivemos domingo nos autoriza a dizer isto²⁷¹.

A nota acima se refere ao primeiro treino do Sete de Setembro no estádio do Independência, quando estiveram presentes três mil pessoas. Mais uma vez percebemos o aspecto das grandes obras na “indisfarçável curiosidade” da população. Mas, além disso, sua presença no bairro modificara a sua rotina, especialmente nos dias de jogos. Em 1950, o “longínquo bairro” do Horto – que dista cerca de 4 quilômetros do centro de Belo Horizonte – era transformado com a presença de um grande estádio.

²⁷¹ **Três mil pessoas assistiram ao ensaio dos rubros.** O Estado de Minas, 20 de junho de 1950, p. 8. Matéria não assinada. Grifos meus.

Agitação maior se daria poucos dias depois, com a realização do jogo entre Iugoslávia e Suíça pela Copa do Mundo de Futebol. A cidade se transformava, em um momento cercado de ineditismo: sediar um jogo da mais importante competição do futebol mundial, inaugurar o seu maior estádio, e receber, pela primeira vez, um jogo entre duas seleções europeias.

A propósito do encontro internacional de amanhã, em disputa da Copa <<Jules Rimet>>, multiplicam-se as providências para que o acontecimento se revista da expressão que merece, **principalmente por ser um espetáculo inédito na Capital, desde que jamais tivemos em nossos gramados um cotejo entre duas representações europeias.** Com a chegada das delegações da Suíça e da Iugoslávia, que estrearão amanhã no gramado do Independência, com a movimentação de turistas que aqui têm chegado para assistirem às pejeas programadas para as nossas canchas, a cidade está vivendo horas de desusada agitação no setor esportivo, sendo intensa a expectativa reinante²⁷².

Finalmente, no dia 25 de junho de 1950, a cidade, que começava a experimentar o funcionamento de seu maior estádio até o momento.

Desde às 11 horas, aproximadamente, **era intenso o tráfego de veículos que se locomoviam rumo ao gigante inacabado do Horto.** A tranquilidade habitual daquela zona da Capital foi sacudida longamente pela heterogênea e ruidosa caudal humana, que afluiu à praça futebolística do Sete de Setembro. Por volta das 14:00 horas, quem estivesse observando, da elevação onde se localiza o estádio, **a interminável fila de automóveis e ônibus que traziam os torcedores,** teria a impressão de que muito depois de iniciada a pejea, muita gente ainda penetraria no estádio²⁷³.

O jogo recebeu cerca de dez mil torcedores, cerca de um terço da capacidade do estádio²⁷⁴, e causou movimento considerável nas ruas do bairro, até então acostumadas à tranquilidade a ao pouco trânsito local. Se os números ainda eram pequenos quando comparados aos estádios de Rio de Janeiro e São Paulo, Belo Horizonte começava a experimentar as aglomerações esportivas e seus reflexos na cidade, especialmente no trânsito.

Mas o movimento observado nas ruas do Horto em nada seria comparado ao que foi visto e vivenciado pela cidade quando da inauguração do Mineirão. Não só por suas dimensões – que eram bem menores do que as do estádio da Pampulha –, mas também pela época de sua

²⁷² **Severas recomendações da C.B.D.** O Diário da Tarde, 24 de junho de 1950, p. 4. Matéria não assinada. Grifos meus.

²⁷³ **Venceu o melhor.** Diário da Tarde, 26 de junho de 1950, p. 7. Matéria não assinada. Grifos meus.

²⁷⁴ Idem.

construção, número de habitantes e as dimensões da cidade, entre outros aspectos. Em 1965, Belo Horizonte já se consolidara como a terceira cidade brasileira, e o então distante bairro do Horto agora tornara-se próximo, quando comparado com os novos bairros surgidos com a expansão da capital mineira.

Apesar de não sediar uma competição com o prestígio e o porte de uma Copa do Mundo, quinze anos de crescimento populacional desorganizado trouxeram uma situação especial para Belo Horizonte na inauguração do estádio. Uma grande obra exigia uma nova organização da cidade. A partir da inauguração dos estádios, um novo esquema de deslocamento de pessoas era criado na cidade. E de uma grande quantidade de pessoas. Com isso, logo nos primeiros jogos dos novos estádios, as cidades já passavam a enfrentar problemas no trânsito.

Para a inauguração do Estádio Minas Gerais, que previa grande público, foi montado um esquema especial para o trânsito e o deslocamento das pessoas para a festa. A capacidade do estádio era de 130 mil pessoas, e para sua inauguração, a prefeitura disponibilizou 130 ônibus gratuitos do centro da cidade até o Estádio.

130 ÔNIBUS À DISPOSIÇÃO DO PÚBLICO AMANHÃ

Cento e trinta ônibus serão colocados à disposição do público, amanhã para transporte gratuito do centro da cidade até o Estádio Minas Gerais. Os ônibus começaram a correr às 9 horas, funcionando ininterruptamente até a noite. O diretor do DMTC, engenheiro Sena Freire, e o diretor do Estádio Minas Gerais, pretendem aumentar o número de coletivos, tendo **o engenheiro Gil César Moreira de Abreu feito um apelo ao público no sentido de evitar o uso de transporte próprio, mesmo em automóveis, para evitar complicações no tráfego nas proximidades do Estádio.** Os ônibus do DMTC farão ponto na Avenida Santos Dumont, desde a Feira de Amostras até a estação da Central²⁷⁵.

Apesar da iniciativa, os problemas não puderam ser evitados, e obviamente foram muitos, que ocorreram durante toda a semana de inauguração do estádio. A matemática simples nos dá os subsídios para apontar as falhas de um problema complexo: como a cidade se

²⁷⁵ **130 ônibus à disposição do público amanhã.** O Estado de Minas, 04 de setembro de 1965, p. 1. Matéria não assinada. Grifos meus.

comportaria com eventos e espaços que congregavam um número muito maior de pessoas do que em outras épocas de sua história? Desencorajar a população ao uso dos veículos particulares em grandes eventos é uma atitude louvável, mas implica em fornecer transporte público de qualidade para atender a demanda que o espetáculo esportivo previa. Se imaginássemos os 130 ônibus com lotação máxima (70 pessoas), seriam necessárias 6 viagens para levar apenas metade do público presente à inauguração do estádio.

Na tentativa de minimizar os transtornos no trânsito, foram disponibilizados mais 70 ônibus – totalizando 200 – no terceiro dia de festividades de inauguração do Mineirão²⁷⁶. Mas o esforço foi em vão, e os problemas persistiram durante toda a semana de jogos e festividades pela inauguração do estádio.

FALHO O ESQUEMA DE TRÁFEGO PARA O ESTÁDIO

Persistiu o problema de tráfego de veículos, anteontem, nas principais vias de acesso ao estádio “Minas Gerais”, especialmente a Avenida “Antônio Carlos”. **O esquema operacional do trânsito, determinado pelo DET, não funcionou a contento, tendo se registrado o engarrafamento de veículos.** Momentos após o jogo, o percurso até o centro da cidade não pôde ser feito em menos de uma hora. Apesar do elevado número de ônibus colocado pelo DMTC para servir ao povo, anteontem, para o estádio, novos problemas se registraram. O engarrafamento foi inevitável. **O mesmo ônibus demorava mais de duas horas para voltar ao estádio, enquanto os torcedores, desesperados com a demora, decidiam voltar a pé**²⁷⁷.

Os estádios eram modernos e permitiam o escoamento do público de maneira rápida ao final dos jogos. Porém, o sistema de transporte, as vias da cidade e provavelmente seus administradores pareciam não estar preparados para receber um contingente tão grande de pessoas em uma região localizada e em um espaço de tempo curto. Os automóveis, ícones de uma geração e exaltados pela cultura brasileira na década de 60, mostravam para a cidade um

²⁷⁶ **Condução para o Estádio ao preço de Cr\$ 150 a passagem.** O Estado de Minas, 07 de setembro de 1965, capa e páginas 1, 2 e 3. Matéria não assinada.

²⁷⁷ **Falho o esquema de tráfego para o estádio.** O Estado de Minas, 09 de setembro de 1965, p. 1. Matéria não assinada. Grifos meus.

problema que só viria a agravar ao longo dos anos. Ao final dos jogos de inauguração do Mineirão, a cidade estava à pé.

PROBLEMAS DE TRÂNSITO

A presença de maior público de todos os tempos, em jogos de futebol em Minas, ontem à noite, no Estádio da Pampulha, deu origem a problemas de trânsito nas vias de acesso ao Minas Gerais. **Os veículos gastavam, durante o período, mais de uma hora para ir do centro da cidade às proximidades daquela praça de esportes, onde não havia espaços suficientes para estacionamento.** Grande número de veículos ficou estacionado nos terrenos baldios nas proximidades da lagoa. O transporte coletivo na ida, antes do jogo, funcionou sem maiores problemas. Todavia, não foi o mesmo panorama depois da peleja. Surgiram problemas após o término da partida, **inclusive com brigas entre os torcedores que procuravam assegurar seus lugares nas intermináveis filas de ônibus. Como aconteceu nos dias 5, 7 e 2, também ontem muitos torcedores voltaram a pé do estádio, dada a impossibilidade de atendimento do transporte coletivo em face dos problemas de engarrafamento de trânsito**²⁷⁸.

Falta de estacionamento, brigas e problemas no deslocamento foram pontos negativos da festa de inauguração dos estádios. Apesar disso, não é possível precisar, a partir das fontes, se esse problema resultou na diminuição do público ao longo dos dias de jogos e festejos inaugurais. Na verdade, o indicativo é de que a importância dos confrontos, a popularidade dos times envolvidos, bem como os preços dos ingressos e horários dos jogos é que ajudavam a definir o interesse do público. Os milhões de sacos de cimento e toneladas de ferro agora eram traduzidos em milhões de pessoas e de cruzeiros em arrecadação. Os números eram a prova de sucesso da inauguração do estádio, que perdura até os dias de hoje como o principal da cidade e um dos principais do país.

A construção dos grandes estádios em Belo Horizonte transformou a cidade em um nível mais profundo. Os estádios mexeram com a estrutura física e organização espacial de Belo Horizonte. Movimentaram a economia, ocuparam espaço importante no plano político e se integraram como parte dos projetos de industrialização e desenvolvimento nacionais. Com a sua conclusão, os estádios mexeram também com os costumes e modos de vida da população.

²⁷⁸ **Problemas de trânsito.** O Estado de Minas, 16 de setembro de 1965, p. 1. Matéria não assinada. Grifos meus.

Possibilitaram novas práticas e manifestações da cultura esportiva dos habitantes das cidades. Consagraram ídolos, criaram mitos, lendas, heróis e vilões. Chegou o momento de nos dedicarmos às pessoas que movimentaram a cultura esportiva de Belo Horizonte a partir dos estádios. Os gigantes e as multidões estavam finalmente juntos.

Capítulo 4 – As multidões

O fenômeno esportivo experimentou nos últimos anos de sua existência um crescimento vultoso de seu aspecto comercial. Apesar de ser sem dúvida um produto com grande potencial econômico – e também talvez por isso – o esporte é uma prática corporal que tem o seu cerne nas pessoas e seus diferentes papéis²⁷⁹. Por sua relação com o corpo e com a modernidade, foi feito pra ser espetáculo. Impossível imaginar o esporte sem a presença do espectador – seja in loco ou virtualmente.

Podemos dizer, portanto, que o esporte é um fenômeno de massa que congrega multidões, entre torcedores, jogadores, e demais atores envolvidos na constituição do campo esportivo. Nesse capítulo abordamos de forma especial alguns desses atores que figuraram em torno da cultura esportiva em Belo Horizonte entre 1950 e 1965. O contato com as fontes nos fez optar por uma abordagem diversa. Por um lado, apresentamos as multidões desconhecidas, denominada de forma generalizada como torcedores, presentes em maior ou menor quantidade nos estádios de futebol. Por outro lado, quando nos foi possível, pinçamos em meio a essa multidão nomes proeminentes envolvidos na cultura esportiva de Belo Horizonte, sejam na organização dos jogos, na construção dos estádios, entre atletas, juízes, jornalistas esportivos, entre outros.

Nossa busca pelas multidões esportivas de Belo Horizonte obedeceu alguns momentos e aspectos específicos. Inicialmente destacamos o papel das pessoas na mais importante competição do esporte mundial realizada na cidade de Belo Horizonte: a Copa do Mundo de 1950. A participação da torcida, jogadores e imprensa nos três jogos da competição realizados no estádio do Independência.

²⁷⁹ Jogadores, juízes, treinadores, torcedores.

Posteriormente, escolhemos a construção e inauguração do Mineirão como um momento privilegiado para destacar a participação das multidões na cultura esportiva da cidade. Se no capítulo anterior apresentamos diversas análises sobre o processo de construção e inauguração do Estádio, e agora, nos propomos a abordar as ações das pessoas nesse importante momento para o esporte na cidade.

O estádio do Independência e a Copa do Mundo de 1950 – onde estariam as multidões?

A realização da Copa do Mundo de Futebol em 1950 na cidade de Belo Horizonte aconteceu sob forte tensão política. Vimos, no capítulo anterior, que essas tensões envolviam duas partes: de um lado, a preocupação da administração municipal em garantir a construção do estádio – entregue de forma incompleta e às vésperas da competição – e a realização da Copa como ganho político e econômico para a cidade; do outro, a preocupação da FIFA e CBD com a presença de grande público, não só para o prestígio da competição como especialmente para a arrecadação com a venda de ingressos. Nesse processo, a construção e entrega do estádio encerrava apenas uma parte das preocupações, que agora recaíam sobre o público das partidas e a arrecadação.

Como o estádio seria entregue às vésperas do início da competição, as tensões em torno de quais partidas seriam realizadas em Belo Horizonte tomavam curso à medida em que as informações sobre as partidas eram divulgadas pela CBD. A disputa entre a Prefeitura de Belo Horizonte e a entidade máxima do futebol brasileiro ganhou capítulos interessantes. A administração da Capital tinha a imprensa como importante aliada. Quando da já mencionada transferência da partida entre Espanha e Inglaterra para a cidade do Rio de Janeiro, a imprensa belorizontina veiculou uma nota demonstrando claramente sua insatisfação.

SIMPLES PROMESSA DA CBD - É como se considera no Rio o acordo com a Prefeitura da Capital – Reação da crônica esportiva mineira

Uma vez conhecida a tabela dos jogos semifinais do Campeonato do Mundo e designados os campos onde se efetuarão os diversos jogos, **verifica-se que os compromissos da CBD aos mineiros não passaram de simples promessa.** Assumindo um encargo tremendo – **qual o de garantir o mínimo de 500 contos por jogo, devolvendo o excedente e responder pelas despesas de condução e estadia das delegações** – a Prefeitura de Belo Horizonte, que atiou a construção do estádio do Sete de Setembro, teve a palavra formal da CBD de que o principal jogo da chave da Inglaterra seria realizado em Belo Horizonte. Quando o contrato foi assinado, entre a entidade máxima e a municipalidade belorizontina a tabela ainda não havia sido organizada, tendo a Prefeitura realizado um negócio no escuro, porque assim como caiu a Espanha, como adversária dos ingleses, poderiam cair rivais sem categoria. Feita a tabela, **caíram para os mineiros três jogos absolutamente inexpressivos, um dos quais – Bolívia x Uruguai – incapaz de despertar interesse até mesmo em Montevideu ou La Paz.** De maneira que nada mais natural que os mineiros, orientados pela crônica esportiva de Belo Horizonte, se sintam fraudados. A reação, na capital mineira, segundo elementos em nosso poder foi tremenda. A tal ponto que as duas entidades que congregavam os cronistas e locutores esportivos vão se reunir para encarar a situação. **Há elementos extremados, que existem logo a declaração de guerra.** Outros, mais ponderados, procuram analisar detidamente a situação. Mas todos são acordes em que deva haver uma reação. **E está mais ou menos deliberado que a crônica esportiva mineira desfechará uma guerra fria, tão em moda nestes tempos, deixando de divulgar qualquer notícia com referência aos jogos que se efetuarão na capital mineira. Durante esse período os jornais tratarão de tudo menos dos matches, programados para o estádio do Sete**²⁸⁰.

A reportagem nos permite analisar alguns elementos destacados em torno da realização da Copa do Mundo em Belo Horizonte. Primeiro, a importância do futebol enquanto negócio. A realização da competição era um negócio e deveria trazer lucros para seus organizadores, nomeadamente, a CBD e a FIFA. Nesse sentido, o acordo realizado com a Prefeitura garantia o valor mínimo de 500 mil cruzeiros por jogo, que deveriam sair dos cofres da Prefeitura caso a venda de ingressos não alcançasse o referido valor.

Pelo lado da Prefeitura – e com o apoio da imprensa – era interessante para a cidade sediar partidas de seleções de expressão no futebol, caso do jogo entre Inglaterra e Espanha. Com isso, percebemos que, quando ainda se acreditava estar em disputa a realização dos jogos no Independência, os jornais analisados fizeram questão de depreciar as partidas programadas para Belo Horizonte, citando “três jogos absolutamente inexpressivos, um dos quais – Bolívia x Uruguai – incapaz de despertar interesse até mesmo em Montevideu ou La Paz”²⁸¹.

²⁸⁰ **Simples promessa da C.B.D.** O Estado de Minas, 4 de junho de 1950, p. 12. Matéria não assinada. Grifos meus.

²⁸¹ Idem.

Mas na “guerra fria” entre Imprensa, Prefeitura e CBD, venceu quem detinha o poder da organização das partidas, que envolviam outros estados e outras forças políticas. O boicote não ocorreu, e a imprensa não só fazia a cobertura minuciosa dos jogos realizado em Belo Horizonte, como ainda, teve de conviver, no início da competição, com a incerteza da realização dos mesmos. A CBD dava as cartas sobre a Copa do Mundo, e deixava muito claro para os administradores da cidade, como podemos perceber pouco antes da realização do primeiro jogo no estádio do Independência.

Voltam a preocupar os mineiros a possível atitude que tomará a C. B. D., com respeito à realização dos jogos do Campeonato do Mundo, em Belo Horizonte. Depois de haver o Sr. Mário Pollo, presidente em exercício da entidade mater, declarado que de qualquer forma seriam mantidos jogos programados para a capital, agora pensa S. S. em cancelar as demais disputas em gramados mineiros, deixando que se realize somente a peleja de domingo, entre suíços e iugoslavos. Pelo menos é esta a notícia que está sendo veiculada pela imprensa carioca, embora sem confirmação.

“NADA EXISTE NA C. B. D.” – DIZ CANOR SIMÕES

Em palestra telefônica mantida ontem, com a reportagem, o jornalista Canor Simões Coelho, representante do futebol mineiro, no Rio, informou que nada existe na C. B. D. contra a realização dos jogos programados para Belo Horizonte, pois esteve com o Sr. Mário Pollo e S. S. não confirmou os rumores. “Deve ser nova onda que estão armando contra os interesses do futebol mineiro”, declarou Canor.

DEPENDE DA RENDA DO PRIMEIRO JOGO

Todavia, encontra-se na capital, desde ontem, o Sr. Oldemar Nogueira, que participa da Comissão de Finanças dos jogos da “Copa Júlio Rimet” e que aqui veio para tomar juntamente com o Sr. Mário Gomes, as providências iniciais relacionadas com o sucesso dos jogos mundial. Estivemos com S. S. no Estádio Independência, no momento em que palestrava com o presidente setembrino Sr. Antônio Lunardi, instado para prestar esclarecimentos sobre os rumores correntes, o paredro cedebense nos declarou que naturalmente a entidade máxima, julgada por seriíssimos compromissos, terá de se precaver contra qualquer insucesso financeiro das disputas. Em virtude, a Comissão de Finanças do certame mundial, opinará pela ratificação dos demais jogos programados para Belo Horizonte ou pelo cancelamento. Aliás – esclareceu – a medida não será observada somente aqui. O mesmo se dará com relação a Curitiba e Porto Alegre, concluiu. Pelo que se vê das declarações do Sr. Oldemar Nogueira, é bem problemática a realização dos jogos Inglaterra x Estados Unidos e Uruguai x Bolívia²⁸².

A despeito de todas as tensões, Belo Horizonte acabou sediando três das quatro partidas anteriormente previstas. O Relatório Oficial da Copa do Mundo de 1950, produzido pela CBD, nos permite analisar melhor as condições de realização desta competição e a participação de

²⁸² A CBD ameaça cancelamento de dois jogos da “Copa do Munda” na capital. Diário da Tarde, 23 de junho de 1950, p. 3. Matéria não assinada. Grifos meus.

Belo Horizonte. Abaixo, uma tabela com alguns dados importantes sobre as partidas do Campeonato.

TABELA 13 - Copa do Mundo de 1950: jogos por cidade, público e arrecadação

Cidade	Jogo	Data	Público Pagante	Arrecadação (Cr\$)
Rio de Janeiro	Brasil 4 x 0 México	24/06	81.649	2.565.020,00
	Inglaterra 2 x 0 Chile	25/06	29.703	976.197,00
	Espanha 2 x 0 Chile	29/06	19.790	663.288
	Brasil 2 x 0 Iugoslávia	01/07	142.429	4.619.620,00
	Espanha 1 x 0 Inglaterra	02/07	74.462	2.510.241,50
	Brasil 7 x 1 Suécia	09/07	138.886	4.996.197,50
	Brasil 6 x 1 Espanha	13/07	152.772	5.782.637,50
	Brasil 1 x 2 Uruguai	16/07	173.850	6.272.959,00
São Paulo	Itália 2 x 3 Suécia	25/06	36.502	1.483.550,00
	Brasil 2 x 2 Suíça	28/06	42.032	1.534.720,00
	Itália 2 x 0 Paraguai	02/07	25.811	853.770,00
	Espanha 2 x 2 Uruguai	09/07	44.802	1.660.130,00
	Uruguai 3 x 2 Suécia	13/07	7.987	248.550,00
	Suécia 3 x 1 Espanha	16/07	11.227	330.550,00
Belo Horizonte	Suíça 0 x 3 Iugoslávia	25/06	7.336	232.750,00
	Inglaterra 0 x 1 Estados Unidos	29/06	10.151	310.780,00

	Uruguai 8 x 0 Bolívia	02/07	5.284	160.720,00
Porto Alegre	Iugoslávia 4 x 1 México	28/06	11.078	320.690,00
	Suíça 2 x 1 México	02/07	3.580	94.800,00
Curitiba	Espanha 3 x 1 Estados Unidos	25/06	9.511	398.320,00
	Suécia 2 x 2 Paraguai	29/06	7.903	273.860,00
Recife	Estados Unidos 2 x 5 Chile	02/07	8.501	288.010,00
Total	22 jogos	***	1.045.246	36.577.360,50

Fonte: Confederação Brasileira de Desportos – IVº Campeonato Mundial de Futebol – Taça Jules Rimet 1950. p. 82.

A Copa do Mundo de Futebol de 1950 aconteceu em seis cidades brasileiras: Rio de Janeiro, que recebeu oito jogos; São Paulo, onde foram realizadas seis partidas; Belo Horizonte, com três jogos, seguido por Porto Alegre e Curitiba, com duas partidas; completa a lista a cidade de Recife, que recebeu uma partida da Copa do Mundo de Futebol. Os vinte de dois jogos tiveram mais de um milhão de ingressos vendidos, com arrecadação total de mais de 36 milhões de cruzeiros. Vale destacar que os dados da tabela se referem ao público pagante, e que todos os jogos tiveram uma assistência maior, quando contabilizados também o público não pagante²⁸³.

Belo Horizonte foi a terceira cidade com o maior número de partidas realizadas, atrás apenas de Rio de Janeiro e São Paulo, metrópoles já consolidadas economicamente e com a maior e melhor estrutura de estádios. Ao analisarmos de forma mais detalhada os números dos jogos na capital mineira, percebemos a natureza das preocupações e interesses da CDB antes da realização dos mesmos.

²⁸³ O relatório oficial da CBD sobre a Copa do Mundo não apresenta os números referentes ao público não pagante.

O jogo entre Suíça e Iugoslávia contou 7.736 pessoas. Na segunda partida, entre Inglaterra e Estados Unidos, 10.151 pessoas pagaram ingresso, sendo esse o maior público da Copa em Belo Horizonte. Finalmente, o jogo entre Uruguai e Bolívia contou com a assistência de 5.284 pessoas, o segundo menor público de toda a competição.

Cabe ressaltar que nenhuma das partidas realizadas em Belo Horizonte teve lotação completa no Estádio Independência. Portanto, no que diz respeito à partida entre Espanha e Inglaterra, os números também mostram que a decisão da CBD em transferir a partida para o Rio de Janeiro foi acertada do ponto de vista comercial. A partida era sem dúvida a mais interessante das 4 previamente selecionadas para acontecer em Belo Horizonte, e com certeza teria potencial para lotar o estádio. Porém, mesmo que isso acontecesse, a lotação do Independência ainda passaria longe dos 74.462 pagantes que assistiram ao jogo no estádio do Maracanã.

O relatório da CBD sobre a competição apresenta ainda a média de público de cada cidade sede.

TABELA 14 – Copa de 1950: jogos, ingressos vendidos, média de público e receita bruta dos jogos por cidade-sede.

Cidade	Nº de jogos	Ingressos vendidos	Média Público Pagante	Preço médio por pessoa (Cr\$)	Receita Bruta dos jogos (Cr\$)
Rio de Janeiro	8	813.541	101.692	33,47	28.386.160,50
São Paulo	6	168.361	28.060	36,22	6.111.270,00
Belo Horizonte	3	22.771	7.590	30,92	704.250,00
Porto Alegre	2	14.658	7.329	28,34	415.490,00
Curitiba	2	17.414	8.707	38,60	672.180,00

Recife	1	8.501	8.501	33,88	288.010,00
Total	22	1.045.246	47.511	33,57	36.577.360,50

Fonte: Confederação Brasileira de Desportos – IVº Campeonato Mundial de Futebol – Taça Jules Rimet 1950. p. 83.

Belo Horizonte teve, portanto, a segunda pior média de público da competição, a frente apenas da cidade de Porto Alegre. A questão do público presente aos jogos no Estádio do Independência merece análises e questionamentos. Onde estariam as multidões esportivas de Belo Horizonte em 1950? Obviamente, uma cidade que começava a experimentar uma onda de desenvolvimento industrial e crescimento econômico gostaria de figurar entre as cidades sedes, mostrando ao mundo seu estádio lotado de torcedores. Mas cabe ressaltar que o contexto histórico, econômico e social de Rio de Janeiro e São Paulo, por exemplo, fazia com que estas cidades tivessem uma cultura esportiva não só mais antiga como também mais aprofundada em seus habitantes.

Contudo, os números da capital mineira são semelhantes aos de Porto Alegre, Curitiba e Recife. Além disso, as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo receberam os jogos mais interessantes da competição, e portanto, com maior potencial de arrecadação, por serem realizados nos maiores estádios brasileiros²⁸⁴. Sabe-se também que as duas cidades eram as mais preparadas para receber os turistas estrangeiros, que apareceram, mas em pequeno número. Entre as diversas reportagens que exaltam a realização do torneio, encontramos como contraponto a reportagem de David Nasser, da Revista O Cruzeiro. A reportagem expõe uma série de críticas à organização da competição, e merece destaque

Rio de Janeiro – Da cadeira numerada 2, letra G, setor 25, 140 cruzeiros, **debaixo de goteira**, especial para O CRUZEIRO, junho de 1950 – Aqui, senhores, está a reportagem feita sem a menor facilidade da CBD ou da inepta e inexistente Comissão de Imprensa criada para a Taça Jules Rimet. Do reduzido espaço de uma cadeira numerada, tendo a vizinhança do ilustre brigadeiro Eduardo Gomes e do teatrólogo Luís Iglezias. Sobre a nossa cabeça uma goteira que não parava nunca, **conseguimos trazer a agradável impressão de uma vitória do Brasil, no**

²⁸⁴ O Maracanã tinha a capacidade para 200 mil pessoas, e o Pacaembu poderia receber cerca de 45 mil.

terreno esportivo, mas de fracasso da CBD na parte administrativa. 880 jornalistas e pseudojornalistas assistiram à peleja, enquanto a alguns profissionais em serviço se procurava dificultar a missão. Nesta véspera de jogo deve ser comum o diálogo entre a cozinheira e o motorista:

- Durvalina, você quer ir ao jogo do Brasil?

- Mas, como, Manuel? De arquibancada?

- De arquibancada ta difícil. O jeito é a gente ir mesmo de Tribuna de Imprensa.

Certos paredros esportivos são como elefantes de circo: vivem a glória apenas na hora do espetáculo. Depois, volta à obscuridade e à vida monótona de todos os dias. Procure, amigo, uma dessas eminências atualmente e encontrará fechada todas as portas: a de casa, a do escritório e a da confederação. **Os respeitáveis e altíssimos governantes dos esportes nacionais, dirigentes das grandes rendas, colocam-se em pedestal cuja base não se forma de sabedoria ou cultura,** mas de maleabilidade, de jeito, de tato em lidar com os torcedores, com os jogadores e principalmente com a igreja que é a própria alma da entidade. **Só se trata do esporte, no Brasil, em função do lucro. O atletismo está abandonado, o tênis foi posto à margem, o basquete atravessa uma fase ruim, a natação já não interessa. Só o futebol, porque o futebol dá renda. Essa história de cultura física, de aprimoramento racial, não passa de bobagem sem nexo para os mentores esportivos do Brasil.** Por essas e outras razões, a Copa do Mundo só não se transformou em fracasso técnico graças às próprias equipes. No que dependeu da CBD, da Comissão de Imprensa e de todas as outras comissões ineptas, o fracasso é absoluto, completo e desolador²⁸⁵.

Vele destacar que o repórter David Nasser foi uma das poucas vozes dissonantes em suas reportagens sobre a Copa do Mundo de 1950 no Brasil. Apesar de cobrir o evento no Rio de Janeiro, podemos, a partir de algumas observações, fazer uma análise mais detalhada da Copa do Mundo também em Belo Horizonte. O trecho inicialmente destacado nos mostra algumas críticas e análises do esporte nacional naquele momento. Caso o texto não estivesse datado, é possível que algum leitor mais desatento se enganasse, pensando se tratar de uma análise sobre o esporte atual. As críticas sobre a forma de atuação dos dirigentes esportivos brasileiros, sobre o pouco investimento em outras modalidades esportivas e sobre a gestão do futebol em função do lucro e não da organização da modalidade em muitos aspectos ainda persistem como uma questão atual. A reportagem segue analisando outro aspecto importante do evento mundial:

Sua Excelência, o paredro, analisou, há alguns meses, o problema do turismo. Antes de tudo, **a CBD teria de gastar dinheiro com a propaganda do Brasil no exterior e a CBD se recusou a imprimir cartazes e a divulgar as nossas coisas na Europa e noutros continentes.** Mário

²⁸⁵ **A Copa Errada.** O Cruzeiro, 15 de julho de 1950, p. 13. Texto de David Nasser. Grifos meus.

Provenzano [repórter da revista], Fernando Bruce e Geraldo Romualdo da Silva, três honestos e competentes cronistas esportivos, voltaram impressionados de uma longa viagem ao estrangeiro: quase não haviam lido um artigo, uma reportagem, uma apreciação sobre o campeonato do mundo a realizar-se no Brasil. Em nossa permanência na Europa nem os jornais especializados falavam sobre o assunto. Um rapaz do ‘Match’, a maior revista da França, explicou o desinteresse:

“- Temos a impressão de que não será realizada a disputa da Taça Jules Rimet no Brasil em 1950. Nada sabemos a respeito da construção do novo estádio e só se propala, aqui, a falta de hotéis e acomodações para turistas.” **A CBD não se importava, na realidade, com a parte turística. A CBD sabia, tinha plena convicção, de que as grandes rendas seriam produzidas pela torcida brasileira. Aos elefantes esportivos pouco importava a contribuição de dólares, de dinheiro, de benefícios que os 90 mil turistas trariam ao Brasil durante a Copa do Mundo.** “- Daremos a festa com a prata da casa”, raciocinaram, e se deixaram orientar sempre e sempre por esse princípio egoístico e antinacionalista.

Dos noventa mil, apenas uns dois mil turistas apareceram por aqui. No cais do porto ou no aeroporto, ninguém para recebê-los. Desde o primeiro minuto, sentiram-se deslocados, sem informações, sem guias, sem facilidades. Para um polonês ou letão ir ao Estádio, imaginem as dificuldades. **Tivemos, assim, o fracasso turístico.**²⁸⁶

A reportagem nos mostra, também, como a organização do evento agiu sob o ponto de vista do turismo. Mesmo que os cerca de “dois mil turistas” fossem um número não confirmado, eles indicavam a medida da disparidade entre o número de visitantes esperados e os que compareceram ao Mundial. Isso refletia diretamente no número de torcedores que compareceram aos jogos. Se as partidas de grandes seleções – concentradas no Rio de Janeiro e São Paulo – atraíam grande público independente da nacionalidade, diversos jogos de seleções menos expressivas foram realizados nas cidades menores – Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre e Recife – e poderiam não ser interessantes para um grande número de habitantes dessas cidades. Outro dado que merece destaque: apenas a seleção da Bolívia e dos Estados Unidos – que jogaram em Belo Horizonte – não jogaram nas cidades do Rio de Janeiro ou São Paulo. Ou seja, é bem provável que a grande maioria dos torcedores estrangeiros ficassem concentrados no eixo Rio – São Paulo para assistir aos jogos.

Com objetivo de garantir grandes rendas nos principais jogos, a CBD havia feito a sua escolha: os grandes jogos, nos grandes estádios, das grandes cidades. Dessa forma, fica difícil

²⁸⁶ **A Copa Errada.** O Cruzeiro, 15 de julho de 1950, p. 13. Texto de David Nasser. Grifos meus.

dizer se os jogos em Belo Horizonte não atingiram nem o público nem a arrecadação esperada, uma vez que os turistas eram poucos e que o público mineiro – que pensava em assistir grandes jogos como Espanha x Inglaterra – teve que se contentar com seleções desconhecidas ou de pouco prestígio, como a Iugoslávia, a Bolívia e os Estados Unidos.

Se a CBD acabou se impondo diante das reclamações da imprensa mineira, restou a esta última revestir de interesse os jogos que antes havia depreciado. Percebe-se, na verdade, que mesmo não acontecendo com os jogos desejados e o público esperado, o retorno de imagem e o preço político de realizar a competição em Belo Horizonte pareciam valer a pena.

Se a frequência de turistas para a Copa do Mundo já foi pequena, este número ainda deve ser diluído pelas cidades sedes e os diferentes países participantes em cada local. Dessa forma, a participação do torcedor de Belo Horizonte nos jogos da Copa do Mundo foi a expressão de uma cidade que estava crescendo e descobrindo novas formas de se relacionar com o esporte.

Não podia deixar de ser intenso o interesse do público esportivo da capital em torno da peleja internacional de amanhã, no Estádio Independência. Iugoslavos e suíços estarão em lutas, cujo desenrolar promete revestir-se de movimentação, tratando-se de um duelo importante, em disputa da “Copa do Mundo”. **Há, para os belo-orientinos, em primeiro lugar, o interesse de conhecer o futebol praticado por representações de países longínquos, reservando-se, certamente, novidades**²⁸⁷.

E a Copa do Mundo no Estádio do Independência parecia ser uma festa importante para a cidade e a torcida. A imprensa cobria com profundidade os treinamentos e jogos das equipes, hora exaltando a presença do público como grandiosa, ou ainda, por vezes, buscando justificar de alguma forma a falta de pessoas no estádio. Podemos perceber isso nas análises da presença da torcida feitas pela imprensa. Primeiro, durante um treinamento da equipe iugoslava para o jogo contra a Suíça.

No “Estádio Independência”, iugoslavos e suíços realizaram, ontem, à tarde, o seu primeiro treino em canchas da cidade. O acontecimento levou ao local da sua realização **um público**

²⁸⁷ **Intensa expectativa. Suíços e uruguaio realizam uma grande peleja.** Diário da Tarde, 24 de junho de 1950, p. 3. Matéria não assinada. Grifos meus.

numeroso que teria sido maior, não fossem as notícias que os treinos seriam a portões fechados.²⁸⁸

A competição trazia muitas novidades para a cidade. Além do estádio, a presença de jogadores e equipes internacionais, em sua maioria desconhecidos do público, mostrando o futebol em uma época em que a circulação de informação não acontecia tão facilmente. O relato da primeira partida no estádio mostra como a cidade e os torcedores recebiam o primeiro jogo da competição internacional.

O primeiro encontro do magno certame mundial, no estádio Independência, acabou sendo um espetáculo de marcante grandiosidade. Não, evidentemente, no sentido técnico que, sem haver se perdido totalmente nas sombras da mediocridade, esteve muito longe de se colocar em um plano destacado. **O acontecimento valeu, e muito, pelo que pôde oferecer de inédito.** Nesse particular, o fato de se abrirem oficialmente os portões do terceiro estádio do Brasil, para um jogo do certame mundial, envolvendo a participação de equipes de valor mais ou menos desconhecido, representando duas nações da velha e civilizada Europa, ganhou uma expressão invulgar, superando mesmo à expectativa geral. (...) **Calculadamente, um terço da lotação do Independência, ou pouco mais do que isto foi tomado pela assistência popular. Ainda assim, considerável foi a massa popular que se instalou em suas amplas dependências, tranquilamente, sem atropelos, desde que havia muito espaço para todos.** A entrada das equipes no gramado já significou bastante para os torcedores mineiros, pelo sabor de novidade e, afinal, pela mensagem fraterna que aqueles vinte e dois homens de tão longínquos países vieram trazer ao povo do Brasil.

Envergando uniformes vistosos, talvez algo bizarros pelo cumprimento dos calções e pela indisfarçável tendência para as cores fortes, os europeus saudaram o público que deixara trezentos e setenta e poucos mil cruzeiros nas bilheterias para vê-los inaugurando o nosso maior estádio. **Uma saudação estranha, cujas palavras o público não entendeu, mas cujo sentido profundo a ninguém escapou. E os aplausos de compreensão ecoaram pela amplidão do estádio.** Depois disto, alinharam-se no retângulo verdejante e praticaram o seu futebol, **sob a atenção quase que silenciosa dos assistentes, que acompanharam com interesse e curiosidade os lances da partida.** (...) **A multidão presente ao “match”, mais simpática à turma suíça, pôs-se em ovações no sentido de incentivá-la, mas foi aos poucos perdendo as esperanças de que pudesse lograr êxito**²⁸⁹.

O relato do jogo nos mostra como a realização da Copa do Mundo estabelece relações diferentes entre os torcedores nas partidas. Primeiro, evoca o ineditismo como um dos principais aspectos positivos da partida, que foi vencida pelos iugoslavos por três a zero. As novidades ainda se apresentavam nos jogadores e sua língua incompreensível aos torcedores, e

²⁸⁸ **Objetivos os suíços, mais vigorosos os iugos.** O Diário da Tarde, 23 de junho de 1950, p. 3. Matéria não assinada. Grifos meus.

²⁸⁹ **Venceu o melhor.** Diário da Tarde, 26 de junho de 1950, p. 7. Matéria não assinada. Grifos meus.

também em suas vestimentas, consideradas bizarras pela imprensa. Tantos novos fatos não foram suficientes para lotar o estádio. Com cerca de um terço de sua lotação, a “multidão” pode se instalar “sem atropelos”, havendo “muito espaço para todos”. Caberia então aos torcedores escolher sua seleção favorita e aproveitar a partida.

Devemos destacar, portanto, além da relação dos moradores de Belo Horizonte com o futebol e a cultura esportiva de maneira mais ampla, a compreensão sobre a competição e a importância de cada jogo. Posteriormente à realização da Copa do Mundo o estádio do Independência recebeu clássicos regionais com lotação superior aos jogos da competição internacional. Sejam pelas decisões de campeonatos ou as rivalidades regionais, a importância das partidas influenciava diretamente não só no interesse do público como no comportamento da torcida.

E isso acontecia dentro da própria Copa do Mundo. O segundo jogo realizado no estádio do Independência é considerado por muitos entusiastas e pesquisadores do esporte como uma das maiores “zebras” da história dessa competição. O contexto da partida entre Inglaterra e Estados Unidos revestia a partida de interesse especial para as equipes, resultando também em outra postura dos torcedores. O embate no campo esportivo entre países que no passado estiveram em guerra, ocupando a condição de colonizador e colonizado. A Inglaterra, nação que criara o futebol e era considerada uma potência deste esporte, enquanto a seleção dos Estados Unidos não possuía tradição alguma ou resultados expressivos nos gramados. Um trecho do relato do jogo nos mostra como esse contexto já estava presente à época, e contribuiu para o interesse especial dos torcedores na partida.

Jamais o público belorizontino poderia pensar em assistir a uma luta tão empolgante, como a que se desenrolou, ontem, no Estádio Independência. Foi a nossa capital palco de um duelo futebolístico desse que não vão apenas uma página de real grandeza nas atividades esportivas que entre nós se realizem, mas acontecimento marcante na história do esporte de duas grandes nações. A importância do “match” que travaram as seleções da Inglaterra e dos Estados Unidos, tinha para cada uma delas um valor diferentes. **Não vimos em campo dois antagonistas encarando tão somente a posição no certame mundial, mas sim rivais prontos para uma batalha acirrada, visando em primeiro plano o triunfo das cores de suas bandeiras.**

Enfim, participantes de um espetáculo magnífico sob todos os aspectos e indelével pelo seu desenrolar, sensacional, desses que passam à história. **E lá estava a presenciá-lo a maior multidão já presente a um estádio**, com os olhos fitos nas jogadas, sem se descuidar um só instante, pois cada minuto oferecia uma fase nova, um lance vibrante, uma demonstração de um futebol de linhagem como não estamos acostumados a ver.

Maior, porém, foi a surpreendente vitória dos ianques, que saíram de sua aparente mediocridade, para subir a uma situação elevada e impor um revés à grande academia do futebol mundial. Espetacular, dramática, a luta em todos os seus detalhes, disputada com alma, com fira e entusiasmo pelos americanos, com serenidade e confiança pelos ingleses. **Sem dúvida, um acontecimento ímpar na esfera esportiva de Minas, uma tarde memorável de aristocrática esportividade**²⁹⁰.

A partida foi assistida por 10.151 torcedores pagantes, o maior público dos jogos realizados em Belo Horizonte. O levantamento do contexto histórico seja de confrontos bélicos, conflitos diplomáticos, políticos e econômicos entre duas nações que se enfrentam no campo esportivo é um fator recorrente – geralmente feito pela imprensa – na história do esporte²⁹¹. Obviamente tais fatos são levantados e podem ou não se manifestar, ou servir de incentivo, no momento da partida. Mas o fato é que o desenrolar do jogo, somado às diferenças entre Inglaterra e Estados Unidos – tanto do ponto de vista das relações históricas como na qualidade de suas seleções de futebol – contribuíram para que a partida ganhasse uma importância e dimensões especiais. Os valores do esporte e a busca pelo sucesso na competição fizeram com que “o triunfo de suas bandeiras” fosse ainda mais acirrado. O contexto da partida resultou em uma participação diferente da torcida – quando comparada ao jogo entre Iugoslávia e Suíça – como nos mostra outro trecho da reportagem

(...) Era total o aplauso da torcida mineira ao selecionado ianque na tarde de ontem. A cada avanço dos americanos, **toda a multidão prorrompia em vibrante vozerio, incentivando os integrantes da seleção dos Estados Unidos à vitória.** (...) E coube ao nosso público, que ainda no último domingo fora espectador de uma refrega inexpressiva, ir a campo para estar diante de um prélio que talvez tenha sido até agora o melhor de quantos se

²⁹⁰ **Futebol de alta linhagem num jogo em que a vitória não veio para os perfeitos.** O Estado de Minas, 30 de junho de 1950, p. 7. Matéria não assinada. Grifos meus.

²⁹¹ Podemos lembrar, por exemplo, os embates esportivos entre Estados Unidos e União Soviética que ocorreram após os boicotes da delegação americana aos Jogos Olímpicos de Moscou (1980) e da delegação soviética aos Jogos Olímpicos de Los Angeles (1984). Ou ainda, no futebol, o jogo entre Argentina e Inglaterra pela Copa do Mundo de 1986. O jogo foi cercado de rivalidade extra devido ao confronto entre argentinos e britânicos nas Ilhas Malvinas no ano de 1982.

realizaram em disputa da Copa do Mundo. **Se prazeroso foi para a enorme torcida aplaudir triunfante o scratch dos Estados Unidos, houve também a satisfação de todo o público em testemunhar a decente conduta da representação inglesa**, que perdeu de cabeça erguida, sem o desespero. Foi inegavelmente, um acontecimento que correspondeu a toda a expectativa, que convenceu aos mais exigentes, um modo exuberante de praticar o futebol, para deixar estupefata grande massa humana. Não diremos que o desenrolar do prélio tenha deixado bem impressionada a ficção mineira, pelo fato desta não ter tido ainda a oportunidade de comparecer a um cotejo internacional de grande expressão. **Foram as próprias críticas de cada uma das delegações que ficaram empolgadas, para afirmar que batalha igual em tempo algum se registrou**²⁹².

O papel da torcida sempre foi exaltado nas mais diversas manifestações esportivas²⁹³.

No caso do futebol, esporte das massas que se tornou ao longo do tempo o mais popular do mundo, a torcida sempre se manifestou – de forma espontânea e/ou organizada – durante as partidas. Mesmo quando a disputa não envolvia times locais – caso dos jogos da Copa do Mundo em Belo Horizonte –, os torcedores elegiam os seus preferidos. Assim ocorreu durante os jogos da competição.

O terceiro e último jogo da Copa do Mundo de Futebol no Estádio do Independência foi realizado entre Uruguai e Bolívia no dia 02 de julho de 1950. Se a imprensa, que antes do início da competição disse que o jogo não seria interessante “nem em Montevideu e nem em La paz”, acabou por valorizar um pouco mais a peleja.

Belo Horizonte verá hoje a terceira partida da Copa do Mundo. Espera-se que a luta entre Uruguai e Bolívia venha ter um transcurso sensacional, encerrando assim a série com brilhantismo. Em virtude desta expectativa, aguarda-se nova grande assistência ao Estádio do Sete. (...) Com a desistência da França e da Escócia, a chave 4 ficou reduzida em dois esquetes, que são justamente os do Uruguai e da Bolívia. Diante disto, a pugna do jogo mais terá o caráter decisivo. Nestas condições, o selecionado que vencer estará automaticamente classificado às pelejas finais. Na hipótese de se registrar um empate, haverá uma prorrogação de 30 minutos. Persistindo a igualdade, haverá uma segunda prorrogação de 30 minutos. Ainda nada definido, a peleja será suspensa, procedendo-se, então, um sorteio que dará solução à situação²⁹⁴.

Futebol de alta linhagem num jogo em que a vitória não veio para os perfeitos. O Estado de Minas, 30 de junho de 1950, p. 7. Matéria não assinada. Grifos meus.

²⁹³ Inclusive em modalidades onde a participação da torcida é limitada a determinados momentos, como o tênis, muitas vezes o seu papel pode ser considerado decisivo.

²⁹⁴ **Com um grande quadro, venceu o Uruguai.** O Estado de Minas, 4 de julho de 1950, p. 8. Matéria não assinada. Grifos meus.

O jogo teria, portanto, caráter decisivo, após a desistência das seleções da França e da Escócia. Mas a emoção do placar apertado e da “zebra” ficou mesmo reservada à partida anterior. O confronto acabou por referendar a força da equipe do Uruguai – que posteriormente se sagraria campeã do torneio – frente ao inexpressivo futebol da Bolívia.

Um espetáculo futebolístico de panorama inexpressivo, desses que deixam o público mal satisfeito, realizou-se terça-feira última no “Estádio Independência”, encerrando a série de jogos da Copa do Mundo programados para a nossa capital. Aliás, o aficionado já sabia perfeitamente da superioridade indiscutível do Uruguai sobre a Bolívia, **motivo porque diminuta em relação à assistência das partidas anteriores foi a que esteve presente no “match”**. Não há quem desconheça o nível mais elevado do futebol uruguaio, um dos melhores que se pratica nos centros de maior projeção da América do Sul, bem diferente, pois, daquele jogado pelos bolivianos, que ainda pode ser considerado rudimentar. De fato, façamos um exame nas atividades de cada um dos adversários de domingo último e nos convenceremos de que a Bolívia pouco ou quase nada progrediu em matéria de “association”, possuindo os seus jogadores apenas qualidades elementares. (...) **A assistência demonstrava nos primeiros minutos a sua simpatia pelo quadro boliviano, prorrompendo em aplausos, incentivando-o a batalhar contra o poderio uruguaio**²⁹⁵. (...)

A partida terminou com o placar de oito a zero para a seleção uruguaia. Alcançando as expectativas projetadas pela imprensa antes do início da competição, esse foi realmente o jogo com menor público. A torcida, por sua vez, se não presenciou uma partida disputada, pode assistir a 8 gols, número alto mesmo para os padrões do futebol da época, mais ofensivo do que o praticado nos dias atuais. A simpatia pela seleção boliviana indicada no início do jogo corrobora com o que foi observado nos outros três jogos em Belo Horizonte, quando a torcida manifestou sua preferência por seleções consideradas mais fracas, como a dos Estados Unidos e da Suíça.

Outro importante aspecto levantado diz respeito às expectativas da torcida nos jogos. A ideia de que os torcedores ficaram “mal satisfeitos” ao acompanhar o jogo nos remete a uma importante manifestação do torcer. Ao analisarmos os três jogos da Copa do Mundo em Belo Horizonte, percebemos que a empolgação ou manifestação dos torcedores está muito ligada à

²⁹⁵ **O Estado de Minas**, 4 de julho de 1950, p. 8. Matéria não assinada. Grifos meus.

satisfação por assistir um grande espetáculo. O que não necessariamente se traduz em número de gols, mas sim em partidas disputadas, lances plasticamente belos e a vontade das duas equipes em campo. Soma-se a isso, é claro, a tradição e reconhecimento das equipes, aspecto este não muito presente nos jogos de Belo Horizonte.

Além da movimentação da torcida para presenciar os jogos da competição internacional, outras pessoas merecem destaque durante a realização da Copa do Mundo em Belo Horizonte. No campo político e no que tange à organização da competição, cabe destacar o nome de Antônio Lunardi. Presidente do Sete de Setembro à época, era também presidente da Câmara dos Vereadores de Belo Horizonte, e teve papel central na articulação da construção do Estádio Independência e do investimento municipal na empreitada. A família Lunardi sempre logrou de influência na capital, frequentando as colunas sociais e ocupando espaço também no espaço da cidade. Sua filha, Berenice Lunardi foi candidata à Miss Brasil em 1965, sendo inclusive noticiada a sua presença nos festejos de inauguração do Mineirão, naquele ano²⁹⁶. Podemos citar também algumas ruas e praças – como a praça Estevão Lunardi – próxima ao estádio Independência – que levam o nome da família.

Além de nomes importantes no campo político e organizacional, a Copa do Mundo de Futebol foi uma excelente oportunidade de troca de experiências, de desenvolvimento da cultura esportiva na cidade, e é claro, de fatos inusitados.

Em sua passagem por Belo Horizonte, por exemplo, a seleção da Iugoslávia contou com reforço em sua equipe, como mostra a reportagem do Jornal Diário da Tarde.

No “Estádio Independência”, iugoslavos e suíços realizaram, ontem, à tarde, o seu primeiro treino em canchas da cidade. O acontecimento levou ao local da sua realização um público numeroso que teria sido maior, não fossem as notícias que os treinos seriam a portas fechadas. Em primeiro lugar, ensaiaram os eslavos, entre os quais figuram os “players” Pradinho, Eliseu e Toledinho, do Sete, pedidos por empréstimo a fim de completar as equipes. (...)O resultado do exercício foi de 2 x 2 tentos marcados por Vukas, Mitic, Elison e Tomachevich. As duas equipes foram as seguintes: VERMELHOS, (reservas): Beara – Instankovich – Colich – Palfi – Pradinho (do Sete) – Atanoskovich – Eliseu (do Sete) – Mikailovich – Firm – (Tomachevich) –

²⁹⁶ **Berenice Lunardi na festa do novo estádio.** O Estado de Minas, 3 de setembro de 1965, p. 1. Matéria não assinada.

Tchaikovsch II – Toledinho (do Sete). AZUIS, (titulares): Makvschick – Hoivat – Broketa – Tchaykovischi I – Yovanovich – Diaich – Ognvanov – Mitic – Tomachevioli – Bobek – Vukas²⁹⁷.

Os treinos da seleção da Iugoslávia na cidade promoveram três jogadores mineiros à condição de craques internacionais. Pradinho, Toledinho e Eliseu – esse último, inclusive, assinalando um gol durante os treinamentos – fizeram parte do time reserva da seleção da Iugoslávia durante o treino contra o time principal. Os três faziam parte do time do Sete de Setembro. Se para a torcida a Copa do Mundo era uma oportunidade única para conhecer mais sobre novas culturas e formas de se jogar futebol, para os jogadores do Sete de Setembro foi uma boa oportunidade para troca de experiências.

Além dos três jogadores, encontramos nas fontes o registro de outra participação mineira durante a Copa do Mundo. O médico da equipe do Sete de Setembro, Sr. Otávio Costa, prestou serviços à delegação norte-americana, quando os mesmos estiveram em Belo Horizonte para a partida contra a Inglaterra²⁹⁸.

A Copa do Mundo de Futebol em 1950 colocava Belo Horizonte no cenário esportivo mundial. Do ponto de vista dos torcedores, foi a oportunidade de tomar parte neste cenário. A sua presença nos jogos esteve diretamente relacionada ao ineditismo do evento, bem como com a importância das partidas dentro da competição e o prestígio das seleções e jogadores que protagonizaram os jogos.

Com o final do torneio, o Independência era definitivamente entregue ao Sete de Setembro e à cidade de Belo Horizonte. O estádio finalmente presenciaria embates importantes que representavam as rivalidades locais. O Estádio Independência figuraria por quinze anos como a principal casa do futebol em Belo Horizonte. No decorrer desse tempo, muitos jogos e

²⁹⁷ **Objetivos os suíços, mais vigorosos os iugos.** O Diário da Tarde, 23 de junho de 1950, p. 3. Matéria não assinada. Grifos meus.

²⁹⁸ **Futebol de alta linhagem num jogo em que a vitória não veio para os perfeitos.** O Estado de Minas, 30 de junho de 1950, p. 7. Matéria não assinada.

campeonatos foram realizados, as multidões esportivas da capital mineira cresceram, e agora necessitavam de um espaço maior para acompanhar o futebol.

Festa das multidões no Mineirão

Os quinze anos que separaram a inauguração do Estádio Independência da inauguração do Mineirão trouxeram também mudanças significativas no que tange à relação das multidões com essas praças de esportes. O crescimento da população da cidade de 338.585 para 812 mil habitantes²⁹⁹, a expansão das dimensões da cidade de Belo Horizonte e também a grandiosidade da obra do novo estádio fazem com que outras relações entre este e as pessoas fossem estabelecidas. Belo Horizonte manifestava novas relações com a cultura esportiva de seus habitantes, que por sua vez estavam em maior número.

No capítulo anterior vimos que a grandiosidade da obra já congregava multidões antes mesmo da conclusão do estádio. Cerca de dois mil operários, além do corpo técnico, administradores e responsáveis pela obra. Muitas pessoas ligadas aos serviços indiretos, como transportes e alimentação no entorno da obra. Além disso, muitos cidadãos, movidos pelo interesse ou curiosidade em conhecer a nova praça de esportes que surgia, fizeram do seu canteiro de obras um local de visitação.

Além dos habitantes da cidade, políticos e figuras proeminentes no campo esportivo visitaram as obras do estádio com frequência, especialmente no ano de sua inauguração, quando as obras chegavam aos estágios de acabamento. Uma das visitas amplamente repercutidas nos jornais foi a de Pelé, maior jogador do futebol brasileiro já no ano de 1965.

Pelé declarou que veio a Belo Horizonte, atendendo a um convite do Governador Magalhães Pinto, para assistir ao casamento de sua filha e visitar o Estádio “Minas Gerais”. (...) Às 11 horas, o artilheiro chegou em companhia do Governador Magalhães Pinto ao Estádio “Minas

²⁹⁹ Censo IBGE, apud PATARRA, 2004, p. 262; MINAS GERAIS 1966, p.18

Gerais”, acompanhado do Prefeito Osvaldo Pierucetti e do chefe do Gabinete Militar, José Guilherme. Imediatamente, sob a mira de fotógrafos e cinegrafistas, Pelé e o Governador subiram as escadarias que dão acesso às arquibancadas (parte já concluída), **tendo antes o chefe do executivo estadual pedido aos policiais que afrouxassem os cordões de isolamento, permitindo que o público o acompanhasse na visita.** (...) Às 11:08, Pelé e o Governador Magalhães Pinto sentaram-se em duas cadeiras colocadas na arquibancada. Pelé ganhou a de número 11, na H e o Governador a de número 10, na fila G. Às 11:18 horas, Pelé e o Sr. Magalhães Pinto desceram até o gramado, atravessando por uma ponte colocada sobre o fosso. **O governador pediu que os policiais permitissem a entrada do público no gramado.** Demoraram pouco tempo ali e logo retornaram à cidade às 11:25 horas³⁰⁰.

Pelé vivia, em 1965, um dos pontos mais altos de sua carreira. Bicampeão mundial de futebol, multicampeão pelo Santos. Se não foi o primeiro jogador brasileiro com o status de celebridade, certamente o foi em uma época de grande desenvolvimento dos meios de comunicação – como o rádio e a televisão – e da propaganda. Pelé era estrela dos campos e dos comerciais de televisão, tinha não só o seu desempenho nos gramados acompanhados, mas também todos os passos de sua vida fora dos campos. Cumpria diversos compromissos políticos, sendo um deles, a presença no casamento da filha do Governador Magalhães Pinto, e a visita às obras do estádio do Mineirão.

Muitas outras visitas aconteceram no mesmo ano. Entre personalidades esportivas, podemos destacar o jogador Nilton Santos

Para ser homenageado pelos esportistas mineiros, o ex-jogador Nilton Santos, bicampeão mundial em 58 e 62, esteve ontem em Belo Horizonte. À tarde, recebeu das mãos do governador Magalhães Pinto uma placa de ouro com os seguintes dizeres: “A Nilton Santos, o maior jogador de defesa que o mundo conheceu, a homenagem dos desportistas mineiros”. O famoso craque visitou ainda o Estádio “Minas Gerais”, qualificando aquela obra como o caminho para a redenção do futebol mineiro. Nilton Santos veio a Belo Horizonte acompanhado de seu filho Nilton Santos Júnior e pelo jornalista Sandro Moreira, tendo chegado ao Palácio da Liberdade, às 16:35, sendo recebido no Salão Nobre pelo governador Magalhães Pinto. Tão logo chegou a capital, Nilton Santos foi homenageado com um almoço no Restaurante “Ceschiatti” e, ao anoitecer, compareceu a um coquetel na Federação das Indústrias. **A visita que fez ao Estádio “Minas Gerais” durou mais de uma hora e, depois de percorrer toda a obra, não escondeu seu entusiasmo pelo gramado, considerando-o o melhor do mundo, até mesmo superior ao do Maracanã. Nilton até bateu bola, durante 15 minutos, acompanhado dos ex-jogadores Carlyle e Gerson dos Santos**³⁰¹.

³⁰⁰ **Acredita no tri.** O Estado de Minas, 10 de março de 1965, p. 1. Matéria não assinada. Grifos meus.

³⁰¹ **Nilton Santos na Capital.** O Estado de Minas, 24 de abril de 1965, p. 1. Matéria não assinada. Grifos meus.

Além dos jogadores de futebol, as obras do Estádio também receberam a visita de nomes importantes da imprensa esportiva. No dia 26 de agosto de 1965 – dez dias antes da inauguração do estádio – o Jornal do Brasil enviou a Belo Horizonte o jornalista Armando Nogueira, já naquela época um nome proeminente da crônica esportiva nacional.

O cronista esportivo Armando Nogueira, do “Jornal do Brasil”, a convite da Sociedade dos Amigos do Scratch do Brasil, desembarcou ontem às 10 horas no aeroporto da Pampulha, a fim de visitar o Estádio, cujas dependências percorreu juntamente com o Eng. Gil César Moreira de Abreu e com os Srs. Eduardo de Magalhães Pinto, Fernando de Magalhães Pinto, Raimundo Diniz, Gerson Sabino e outros desportistas. Ao ensejo, o conhecido crítico guanabarrino, que em Minas disse – simpatiza-se com o Atlético – não escondeu nenhum elogio ao “Minas Gerais”, “obra espetacular” – aduziu – “que ultrapassou a tudo, em todos os sentidos, que eu poderia imaginar”. “Estou de pleno acordo com Mário Filho” – afirmou – **“este Estádio é um verdadeiro monumento ao Esporte”**. Aduziu, comparativamente, que o Maracanã se afigura como um “Boeing”, maior capacidade, mas, o “Minas Gerais” é um “Caravelle”, o mais belo avião do mundo. Às 13 horas, participou de um almoço, oferecido pela ADEMG, a que estiveram presentes o Eng. Gil César Moreira de Abreu, diretor do Estádio; presidente Álvaro Wilson, da Associação Mineira de Cronistas Esportivos; jornalista Gerson Sabino e os desportistas Hercílio Malburg, Edgar Leite de Castro, Lomelino Couto, cronista Roberto Drummond e Luiz Alfredo, de “O Cruzeiro”. **Mais tarde, Armando Nogueira esteve no Palácio da Liberdade, a fim de cumprimentar o governador Magalhães Pinto** e o presidente do Banco Nacional de Minas Gerais, Dr. Eduardo de Magalhães Pinto³⁰².

Os três relatos destacados sobre as visitas às obras do estádio não somente apontam importantes figuras do campo esportivo que fizeram parte da história do estádio. Mais do que isso, desvelam também um aspecto importante: o uso mais acentuado do esporte como propaganda política, especialmente por parte do governador Magalhães Pinto. As visitas de Pelé, Nilton Santos e Armando Nogueira, foram seguidas de encontros com o Governador. Trazer atletas de grande popularidade para ações junto às obras do estádio era uma importante ação de capitalização política da sua construção e futura inauguração. O mesmo se dá com a visita de Armando Nogueira e outros cronistas esportivos do Rio de Janeiro, que transmitiriam a notícia para todo o Brasil.

³⁰² **Cronistas cariocas: “este estádio é espetacular”**. O Estado de Minas, 27 de agosto de 1965, p. 1. Matéria não assinada. Grifos meus.

A aproximação do povo junto à Pelé, a pedido do Governador, durante sua visita ao estádio seria um gesto esperado, mas que certamente teve seu apelo populista. Mais ainda quando somado a outras ações. Em seu discurso na inauguração do então Estádio Minas Gerais, Magalhães Pinto afirmara por diversas vezes que “o estádio é do povo³⁰³”. Seu esforço no sentido de concluir as obras de um grande estádio iniciadas 6 anos antes definitivamente ligaram a figura de Magalhães Pinto ao Estádio, que passou a levar o seu nome já em 1966, o ano seguinte ao de sua inauguração.

Nesse sentido, Maurício Drumond demonstra como o esporte a propaganda política caminharam juntos, especialmente em governos de orientação populista. Citando as ditaduras de Vargas e Perón, o autor nos mostra que “tanto Getúlio Vargas quanto Juan Perón utilizaram o capital simbólico gerado pelo esporte, buscando a identificação de seu regime com os sucessos, ou até mesmo alguns fracassos, no campo esportivo”³⁰⁴.

Ainda que as ações envolvendo o novo estádio de Belo Horizonte não tivessem o caráter tão incisivo das ações de Vargas ou Perón, o conjunto de exemplos aqui mostrados nos permite sim apontar a propaganda política em torno da construção do Mineirão. Dessa forma, não somente o Governador como também outros políticos do governo de Minas Gerais procuraram ligar o seu nome ao estádio, fazendo visitas e se colocando a par das obras. Foi o caso de Clóvis Salgado, Vice-Governador do Estado, em 29 de maio de 1965.

VISITA DO VICE-GOVERNADOR – O vice-governador do Estado, Clóvis Salgado, visitou, ontem pela manhã, o Estádio “Minas Gerais” mostrando-se interessado com o desenvolvimento das obras, que se acham em fase de adiantamento, bem como impressionado com sua beleza e imponência, dizendo tratar-se de “uma obra magnífica”. O Sr. Clóvis Salgado visitou as obras da Pampulha, em companhia do seu chefe de gabinete, Sr. Osvaldo Coutinho, sendo recebido pelo engenheiro Gil César Moreira de Abreu, que lhe prestou todas as informações sobre o Estádio “Minas Gerais”. O vice-governador do Estado era o ministro da Educação, do governo Bias Fortes, quando assinou o convênio com a Universidade de Minas Gerais, que terá participação nos lucros do Estádio. O Sr. Clóvis Salgado foi olhar como se encontra o

³⁰³ “O estádio é do povo”, afirmou Magalhães Pinto. *O Estado de Minas*, 7 de setembro de 1965, capa e págs. 1, 2 e 3. Matéria não assinada.

³⁰⁴ DRUMOND, Maurício. *Nações em jogo: esporte e propaganda política em Vargas e Perón*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008, p. 108.

planejamento das obras complementares do Estádio “Minas Gerais”, como piscina, quadras de basquetebol e voleibol, ginásio, e outras praças de esporte, recebendo a resposta do engenheiro Gil César Moreira de Abreu, que somente após a conclusão do Estádio é que será iniciada a construção das obras complementares. A foto registra o vice-governador do Estado acompanhado do seu chefe de gabinete, quando recebia informações do engenheiro encarregado da grande obra³⁰⁵.

Clóvis Salgado teve, portanto, participação nos processos relativos às obras do estádio, que foram iniciadas no governo anterior. O complexo esportivo anexo ao estádio ainda seria construído, mas, naquele momento, todos os esforços estavam voltados para a conclusão do Mineirão, o que continuava a atrair o interesse da imprensa e dos políticos.

Mas, um nome em especial estaria fortemente ligado à história do Estádio Minas Gerais, contribuindo para a compreensão de sua construção, das relações com a época e com os projetos de desenvolvimento para a cidade. O Engenheiro Gil César Moreira tem seu nome citado em quase todas as reportagens sobre o estádio. Foi nomeado PELO Governador Magalhães Pinto como Engenheiro Responsável pela obra, acompanhando-as de perto. Foi o homem de confiança do Governador, e além de acompanhar os trabalhos técnicos, exerceu proeminente função política, estando presente em todas as visitas de políticos, atletas e jornalistas ao estádio.

Gil César Moreira liderou uma extensa equipe engenheiros e técnicos, corroborando para a exaltação do discurso sobre a ciência e a tecnologia tão presentes à época. Os jornais, constantemente exaltavam as obras e o grande avanço da engenharia brasileira. Com o estádio do Mineirão não era diferente. Na foto abaixo, seguida de sua legenda, os engenheiros que fizeram parte da equipe de construção do estádio tem seu trabalho reconhecido.

³⁰⁵ **Visita do Vice-Governador.** O Estado de Minas, 30 de maio de 1965, p. 3. Matéria não assinada.



FIGURA 16 – Foto da equipe de engenheiros responsáveis pela construção do Mineirão, 1965.
Fonte: O Estado de Minas.

“ESTES CONSTROEM O ESTÁDIO – A equipe técnica do Estádio “Minas Gerais”, composta de um grupo de engenheiros dedicados e entusiastas da monumental obra do governo mineiro, vem se desdobrando para que em julho Minas possa contar com um dos mais modernos estádios do mundo. Na foto, tomada em pleno gramado, os engenheiros Ferdinando Vargas Leitão, Abílio Pereira Veiga, Selem Hissa Filho (chefe da equipe), Francisco Abel Magalhães Ferreira, Camilo de Assis Fonseca Filho (agrônomo) e Arnaldo Pinto Filho discutem detalhes da obra. Fazem parte ainda da equipe técnica de execução da ADEMG os engenheiros Liszt Vianna e Gilberto Osvaldo Andrade que não aparecem no clichê. Outros profissionais de gabarito que emprestam seu concurso na execução do Estádio são: Claudio Barrufini (do Serviços de Engenharia Emilio Baumgart), Mário Fox Drummond (controle técnico do concreto), Victor Purri (sonorização, cabines de rádio e TV), Euler Magalhães da Rocha (mecânica dos solos), Carlos de Sá Magalhães (prova de carga e recalque) e João Sena Freire (instalações hidráulicas)³⁰⁶.

A foto mostra os engenheiros em pose de trabalho, captando a dimensão não de uma foto oficial em pose, mas sim do “cotidiano” de trabalho da equipe de engenheiros do estádio.

³⁰⁶ **Estes constroem o estádio.** O Estado de Minas, 18 de março de 1965, p. 1. Matéria não assinada.

Além disso, apresenta toda a equipe de engenheiros responsável pelas obras do estádio. Uma grande obra que estava devidamente respaldada por uma equipe que representava a engenharia, ciência que por sua vez era a expressão dos progressos da industrialização à partir das grandes obras.

Gil César Moreira e sua equipe coordenavam um grupo expressivo de funcionários. Esses, apesar de anônimos, também foram destaque em diversos momentos da construção do estádio. As aspirações populistas do Governador Magalhães Pinto não se limitavam às figuras proeminentes da política e do esporte. Estavam também reforçadas a partir de suas ações junto aos trabalhadores das obras.

CHEGA AO FINAL O SERVIÇO DE CONCRETAGEM DO ESTÁDIO CHURRASCO, HOJE, COM A PRESENÇA DO GOVERNADOR

Um churrasco para milhares de operários, com a presença do governador Magalhães Pinto, marca na manhã de hoje, dia 17, o fim dos trabalhos de concretagem do Estádio Minas Gerais, exatamente 12 horas antes do prazo previsto pelos engenheiros em seu cronograma de obras. A concretagem, que consumiu 280 mil sacos de cimento e quatro milhões de quilos de ferro, representa praticamente o fim dos trabalhos de construção do segundo estádio do mundo, para 130 mil pessoas.

De acordo com o organograma dos construtores do Estádio, os trabalhos de concretagem deviam ficar prontos, hoje, às 9 horas, mas os serviços foram feitos com muita rapidez, pois os operários estavam entusiasmados, e terminaram ontem, às 19 horas, num ambiente de alegria e à luz dos refletores. Os operários colocaram dois galhos de árvore, no alto da última marquise, para provar que o Estádio Minas Gerais teria também a sua festa da cumeieira.

A visita do Sr. Magalhães Pinto ao Estádio, hoje, está marcada para às 10:30 horas. **Participará o chefe do governo do churrasco oferecido a dois mil operários, aos quais vai cumprimentar pelo êxito do trabalho que realizaram. Quando o Estádio Minas Gerais ficar concluído, o governo vai transferir os operários para outras obras importantes que estão em andamento (Hospital de Pronto Socorro, novo Hospital da Previdência e nova Estação Rodoviária)**³⁰⁷.

O churrasco oferecido aos trabalhadores do estádio foi mais uma das muitas ações do governador Magalhães Pinto para capitalizar os ganhos políticos sobre a conclusão da grande

³⁰⁷ **Chega ao final o serviço de concretagem do estádio. Churrasco, hoje, com a presença do Governador.** O Estado de Minas, 17 de julho de 1965, p. 1. Matéria não assinada. Grifos meus.

obra. Além disso, o mesmo esteve presente à celebração, que, independentemente de seu aspecto político, demonstra a importância de um grupo social que teve papel de destaque na expansão de Belo Horizonte nas décadas de 50 e 60. Do estádio para a rodoviária, os hospitais, escolas, pontes e edifícios. Os trabalhadores eram os grandes responsáveis pela construção da capital que crescia e se industrializava, consolidando-se como uma das importantes capitais do país.

Com a conclusão das obras, as multidões definitivamente entrariam em cena no estádio Minas Gerais. Os festejos de inauguração incluíam duas semanas de jogos e celebrações, e foi um momento especial para o esporte, a cidade e as pessoas. Com a participação de diversos setores da sociedade civil, a festa marcaria a entrega do maior estádio da cidade até os dias de hoje.

As reportagens de jornal sobre esse momento do esporte em Belo Horizonte são muitas e detalhadas. Além da cobertura dos festejos, também informam sobre os bastidores, os resultados dos jogos e análises dos lances de cada partida. Do ponto de vista das pessoas, percebemos que se destacam três grupos distintos, sob os quais nos deteremos nas análises seguintes. Começamos pelo grupo político, que esteve mais presente nas fontes durante o período de construção do estádio, mas que também aparecem durante os festejos de inauguração. Posteriormente, passamos das figuras políticas e “entramos em campo” falando sobre alguns dos jogadores e equipes que participaram dos jogos de inauguração do estádio, emocionando os espectadores. Esses, por sua vez, fazem parte do terceiro grupo: os milhares de torcedores que estiveram presentes à inauguração do Mineirão.

Vimos que durante as obras foram constantes as movimentações políticas em torno da construção do estádio, seja com visitas, pronunciamentos e medidas que viabilizassem a sua construção. O momento de inauguração do estádio – assim como a inauguração de outras grandes obras encampadas pelos governos – foi o ponto máximo para o governador Magalhães

Pinto. A morosa e tão esperada obra estava finalmente pronta, entregue à cidade e seus habitantes. Corroborando com seu perfil populista, o Governador Magalhães Pinto dirigia uma simples e direta mensagem nesse momento de inauguração: “O Estádio é do povo³⁰⁸”.

Dos políticos e técnicos, partimos para dentro do campo. O jogo de inauguração do estádio aconteceu entre a seleção Mineira e o River Plate da Argentina. As seleções estaduais tiveram um papel preponderante no futebol brasileiro entre os anos de 1922 e 1963, quando eram realizados os campeonatos nacionais de seleções. Segundo Luís Otávio Teles Assumpção, o campeonato se iniciou com a participação das seleções do Rio de Janeiro, Guanabara, São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Rio Grande do Sul, Paraná, sendo acrescentadas logo no ano seguinte as seleções de Pernambuco e do Pará.

Era um campeonato relativamente rápido, de jogos de ida e volta, em que o vencedor passava à fase seguinte. A posição das seleções do Rio de Janeiro e de São Paulo era bastante privilegiada – entravam no torneio apenas na fase semifinal, o que lhes facilitava enormemente a conquista do título. Tanto foi assim que, dos 24 torneios realizados, só perderam o título em duas ocasiões³⁰⁹.

As ocasiões das derrotas foram o ano de 1934, quando venceu o campeonato a seleção do Estado da Bahia, e em 1963 – o último ano de realização do campeonato – quando sagrou-se campeã a seleção de Minas Gerais.

Isso fazia com que as seleções estaduais ainda tivessem grande prestígio e popularidade em 1965, época da convocação da seleção mineira para o jogo de inauguração do Mineirão. O campeonato de seleções havia acabado há cerca de um ano e meio, e além disso, a seleção mineira havia sido a última campeã do torneio. Isso fez com que fosse alta a repercussão da convocação dos atletas que fariam parte do jogo inaugural do estádio. No dia 17 de agosto, o jornal *O Estado de Minas* divulgava os escolhidos para a grande partida.

³⁰⁸ “O estádio é do povo”, afirmou Magalhães Pinto. *O Estado de Minas*, 7 de setembro de 1965, capa e págs. 1, 2 e 3. Matéria não assinada.

³⁰⁹ ASSUMPÇÃO, Luís Otávio Teles de. *O Tempo das Gerações: a nova ordem do futebol brasileiro*. Montes Claros: Ed. Unimontes, 2005. p. 94.

Os 28 jogadores convocados para os treinamentos iniciais da seleção mineira, bem como o treinador Gerson dos Santos, do Valério, que dirigirá o escrete que participará dos festejos de abertura do Estádio “Minas Gerais”, se apresentarão, hoje, às 9 horas, na sede da Federação Mineira de Futebol, à Rua da Bahia, 570, rumando em seguida para a concentração na Colônia de Férias “Sylla Veloso”, em Venda Nova. Os jogadores seguirão para a Colônia, gentilmente cedida pelo SESC, em um ônibus do Banco da Lavoura, iniciando a concentração para os treinamentos e a estreia no dia 5 de setembro, contra o River Plate e para a partida no dia 15 do mesmo mês, contra o Santos (com camisa da CBD), na inauguração dos refletores do Estádio “Minas Gerais”. Todos os jogadores convocados, bem como os massagistas Bolão e Gregório, o preparador físico Léo Coutinho, e o roupeiro José Pasquácio se apresentarão, hoje, às 9 horas, na FMF. Almoçarão na própria Colônia do SESC e terão toda a tarde livre, para passeios pela concentração. Os exames médicos, por uma equipe especializada, liderada pelo Dr. Murilo Costa Barbosa, poderão ser iniciados hoje mesmo ou no mais tardar, amanhã, e deverão ser rápidos. O início dos treinamentos individuais e de conjunto serão iniciados dependendo do próprio técnico Gerson dos Santos, após conhecer as condições físicas dos jogadores convocados, que ficarão quase um mês concentrado em Venda Nova. Vinte e oito jogadores foram convocados para os treinamentos iniciais da seleção mineira, após a nota oficial divulgada, anteontem, pela Federação Mineira de Futebol, logo após o jogo Atlético e Siderúrgica, no Estádio Independência. Além disso, **oficializou-se a convocação de Gerson dos Santos, do Valério, para treinador da seleção mineira; dos massagistas Bolão (América) e Gregório (Atlético); do médico Murilo Costa Barbosa (América); do roupeiro José Pasquácio (Cruzeiro), dos preparadores físico Paulo Benigno e Léo Coutinho e do dentista Hugo Dias.**

Eis os jogadores convocados: GOLEIROS – Djair (Siderúrgica), Capelani (América) e Fábio (Cruzeiro). ZAGUEIROS DIREITO – Canindé (Uberaba) e Luizinho. ZAGUEIROS CENTRAIS – Jorge (América), Grapete (Atlético), William (Cruzeiro) e Zé Borges (Valério). QUARTO ZAGUEIROS – Rui (Democrata) e Caillaux (América). ZAGUEIROS ESQUERDO – Décio Teixeira (Atlético), Murilo (América) e Dawson (Siderúrgica). MÉDIOS VOLANTES – Edson (Siderúrgica) e Bougleux (Atlético). PONTAS DIREITA – Wilson Almeida (Cruzeiro), Valtinho (Uberaba) e Geraldo (América). MEIAS AMADORES – Dirceu Lopes (Cruzeiro) e Noventa (Siderúrgica). PONTAS DE LANÇA – Jair Bala (América), Tostão (Cruzeiro), Silvestre (Siderúrgica) e Toninho (Atlético). PONTAS ESQUERDA – Tião (Siderúrgica) e Edinho II (Valério)³¹⁰.

A dinâmica de convocação da seleção mineira obedecia aos mesmos padrões do selecionado nacional. Buscava-se certo equilíbrio entre os times do estado, inclusive na equipe técnica. A seleção convocada contava com nomes consagrados como Dirceu Lopes e Tostão – que se sagrariam campeões da Taça Brasil pelo Cruzeiro em 1966 –, Grapete e Jair Bala, nomes importantes das equipes de Atlético e América, respectivamente. Além deles, jogadores da

³¹⁰ **Apresentação dos craques da seleção às 9 horas.** O Estado de Minas, 17 de agosto de 1965, p. 1. Matéria não assinada. Grifos meus.

equipe do Siderúrgica, de Sabará, que demonstravam a força da indústria também no campo esportivo, e representantes do Valério de Itabira, do Democrata de Governador Valadares e do Uberaba. Do grupo convocado, seis jogadores seriam dispensados até a data da partida.

A preparação da equipe incluía uma “pré-temporada” na colônia de férias do SESC, em Venda Nova, e o jogo vindouro se enchia de importância. No dia 05 de setembro de 1965, a seleção mineira enfrentava o time do River Plate durante a abertura do Estádio Minas Gerais. A partida terminou com o placar de 1 x 0, gol marcado por Bougleux, jogador do Clube Atlético Mineiro. As duas semanas de festejos pela inauguração do estádio Minas Gerais ainda levariam muitos nomes aos gramados. Craques já consagrados do futebol nacional, muitos dos quais ainda fariam sua história nos gramados do estádio. A seleção mineira ainda jogaria com o Botafogo – sendo derrotada por 3x2 – e com o Santos – vencendo por 2x1 –, as duas equipes mais importantes do Brasil naquele momento.

O Botafogo³¹¹ foi a campo com craques como o goleiro Manga, Garrincha e Jairzinho. O time do Santos³¹², por sua vez, entrou em campo com o goleiro Gilmar, Durval, Pelé e Pepe. Outro time nacional de primeira grandeza que esteve nos jogos de inauguração do Estádio Minas Gerais foi o Palmeiras, que vestindo o uniforme da CBD enfrentou a seleção do Uruguai. O time que venceu os uruguayos por 3x0 tinha craques como Djalma Santos, Djalma Dias e Ademir da Guia³¹³.

Os times mineiros protagonizaram as partidas preliminares dos confrontos principais. O Clube Atlético Mineiro e o Siderúrgica (de Sabará) se enfrentaram antes do jogo entre Seleção

³¹¹ O time completo do Botafogo entrou em campo com Manga; Joel, Zé Carlos, Zé Maria (substituído por Paulistinha) e Rildo (substituído por Dimas); Marcos e Gérson; Garrincha (substituído por Bianchini), Jairzinho, Sicupira e Othon. **Os quadros.** O Estado de Minas, 14 de setembro de 1965, p 1. Matéria não assinada.

³¹² O time completo do Santos entrou em campo com Gilmar; Carlos Alberto, Mauro, Orlando (substituído por Joel) e Geraldino; Joel (substituído por Mengalvo) e Lima; Durval, Toninho, Pelé e Abel (substituído por Pepe). **Quadros.** O Estado de Minas, 16 de setembro de 1965, p 1. Matéria não assinada.

³¹³ O time completo do Palmeiras entrou em campo com Valdir (substituído por Picaço); Djalma Santos, Djalma Dias, Valdemar (substituído por Procópio) e Ferrari; Dudu (substituído por Zequinha) e Ademir da Guia; Julinho (substituído por Germano), Servillio, Tupãzinho (substituído por Ademar) e Rinaldo (substituído por Dario). **Informes.** O Estado de Minas, 9 de setembro de 1965, p 1. Matéria não assinada.

Mineira e Botafogo. Jogos preliminares também foram realizados antes dos jogos entre a Seleção Mineira e Santos, e Palmeiras e Uruguai. Tudo deveria ser registrado para marcar a grande festa. Minas recebia os maiores craques do Estado e do Brasil, além de alguns convidados internacionais, que levaram multidões aos jogos de inauguração do Estádio Minas Gerais. Além dos atletas em campo, todo o aparato necessário para a realização das partidas de futebol era destacado pela imprensa. Desde os nomes dos árbitros que estariam presentes em cada jogo – o que já era de praxe na cobertura esportiva – até a usual divulgação dos nomes que compunham a equipe de gandulas que iriam trabalhar à beira do campo durante a partida inaugural.

O ex-ponteiro atleticano Ubaldo Miranda acumula no Estádio Minas Gerais as funções de relações públicas e chefe do quadro de gandulas. Anteontem, no jogo inaugural, comandava sua equipe, formada pelos garotos Geraldo Ferreira da Silva, Weter Rui Ferreira da Silva, Frankberg Soares Leite, Eduardo José de Sousa, Rui da Luz Moreira, Luiz Otávio Tropia Barreto, Ricardo Tadeu Aguiar e Anderson Perchi³¹⁴.

A festa em torno do Estádio tinha como principal atração o futebol, mas outros esportes e diversos setores da sociedade marcaram presença. Os militares – que tradicionalmente estiveram presentes em diversas solenidades – estiveram presentes não só com suas autoridades, mas, no campo da festa, com a banda dos fuzileiros navais.

Com 116 figuras, a Banda de Fuzileiros Navais, do Rio, exibiu-se anteontem, no novo estádio, antes do jogo principal. Com uma variedade de movimentos e evoluções difíceis, a banda agradou bastante, tanto que foi muito aplaudida. Durante vinte minutos, os fuzileiros se movimentaram a convite da ADEMG e do governo estadual. Fizeram a tradicional formação da âncora, escrevendo, em três fases, a frase: “Salve Minas Gerais”³¹⁵.

No âmbito esportivo, outros esportes também estiveram presentes à inauguração do estádio. No dia 5 de setembro, a pista de atletismo do Estádio foi inaugurada, com a realização de uma prova de corrida de 1500 metros.

³¹⁴ **Ubaldo chefia gandulas.** O Estado de Minas, 7 de setembro de 1965, capa e págs. 1, 2 e 3. Matéria não assinada.

³¹⁵ **Aplaudidos os fuzileiros navais.** O Estado de Minas, 14 de setembro de 1965, p 1. Matéria não assinada.

A pista de atletismo foi oficialmente inaugurada, anteontem, no intervalo do jogo da Seleção Mineira X River Plate, com a realização de uma prova de 1.500 metros disputada pelos melhores fundistas de Minas Gerais, pertencentes ao Clube Atlético Mineiro e ao Vila Rica, da Polícia Militar. O atleta Ronaldo, do Atlético, foi o vencedor da prova, sagrando-se ao mesmo tempo, o primeiro campeão de atletismo do Estádio “Minas Gerais”. Ronaldo, do Clube Atlético Mineiro, sagrou-se o primeiro campeão de atletismo do Estádio Minas Gerais, ao vencer, domingo último, a prova dos 1.500 metros. Promovida pela Federação Mineira de Atletismo, para inaugurar, solenemente, a sua pista. Em segundo lugar classificou-se José Maia, também do Atlético, chegando em terceiro, José Bezerra, do Vila Rica, em quarto, Gilberto, em quinto, Coutinho, ambos do Atlético, e em sexto e último, José Donato, do Vila Rica. Machado, também do Vila Rica, não terminou a prova, pois sofreu uma distensão muscular na perna direita³¹⁶.

Além do atletismo, a ginástica, marcou a participação feminina – para além do papel de torcedora – nos festejos de inauguração do Estádio Minas Gerais. A modalidade era bastante popular naquele momento, com a realização dos tradicionais Jogos da Primavera. A primeira exibição ficou a cargo das balizas cariocas, campeãs dos jogos. Posteriormente, as jovens de Belo Horizonte mostraram sua evolução.

A exibição das balizas mineiras e cariocas, antes do jogo inaugural do Estádio Minas Gerais, foi espetáculo de rara beleza artística e coreográfica, merecendo calorosos aplausos das milhares de pessoas presentes. As primeiras evoluções estiveram a cargo das cariocas Emerita Vasques, do Vasco da Gama, Ericka Schilling, do Social Club de Ginástica, Maria Inês Cavalcanti, do Colégio John Kennedy e a fluminense Dalva Schumtz, do Canto do Rio, de Niterói. **As balizas cariocas foram muito aplaudidas pelos torcedores. As evoluções, contudo, ficaram divididas após a consagração recebida pela representante do Vasco da Gama, Emerita Vasques, tetra campeã da Guanabara, da torcida atleticana em razão das cores de seu traje alvinegro. Ao mesmo tempo, a linda loura Ericka Schilling, vice-campeã guanabarina, foi alvo de calorosos aplausos dos cruzeirenses, ela que vestia vistoso uniforme azul.** As demais foram também aplaudidas pelo numeroso público, aos quais distribuíram beijos e simpatia. Também as balizas mineiras contribuíram com o brilhantismo das festividades inaugurais do Estádio da Pampulha, tendo participado das evoluções posteriores a campeã do Torneio da Primavera, promovido pelo “Diário da Tarde”, no ano passado, Maria Inês Machado, coadjuvada pelas colegas do Colégio Frei Orlando; Maria Ester Machado, Iracema Pereira, Ana Maria Nogueira, Sônia Sieiro, Irene Maria, Solange Nacif, Elizabeth Lamego e mais quatorze porta-bandeiras³¹⁷.

³¹⁶ **Inaugurada a pista de atletismo do estádio.** O Estado de Minas, 7 de setembro de 1965, capa e págs. 1, 2 e 3. Matéria não assinada.

³¹⁷ **Espectáculo de rara beleza: o desfile das balizas.** O Estado de Minas, 7 de setembro de 1965, capa e págs. 1, 2 e 3. Matéria não assinada.

Vale destacar mais uma vez a participação da torcida e a identificação clubística e regional em uma celebração de caráter congregador. A seleção mineira representaria o estado nos jogos de futebol, que contaria com convidados de outros estados e países. Mas, a rivalidade clubística apareceria através da torcida, e de maneira peculiar, através da associação entre as cores dos uniformes das ginastas e as cores dos dois principais clubes de futebol da cidade³¹⁸.

Com tantas atrações dentro de campo, neste momento entram em cena as multidões esportivas nos jogos do Mineirão. A tabela abaixo nos mostra alguns dados sobre a movimentação em torno das partidas.

TABELA 15 – Inauguração do Mineirão: público pagante e arrecadação dos jogos (1965).

Data	Jogo	Público Pagante	Público Presente	Arrecadação
05/09/1965 (domingo)	Seleção Mineira (1) x (0) River Plate	73.201	Cerca de 100 mil	Cr\$ 82.792.625 ³¹⁹
07/09/1965 (terça-feira)	Palmeiras (3) x (0) Uruguai	46.200	Cerca de 60 mil	Cr\$ 49.162.125 ³²⁰
12/09/1965 (domingo)	Seleção Mineira (2) x (3) Botafogo	47.333	Não informa	Cr\$ 46.610.125 ³²¹

³¹⁸ As identidades de clube são representações fortes no futebol, muitas vezes ultrapassando a torcida pela seleção brasileira. Nos jogos da seleção brasileira em Belo Horizonte, por exemplo, ao executar o hino nacional, os torcedores do Cruzeiro E.C. se inflamam ao cantar e destacar a estrofe do hino: “A imagem do Cruzeiro resplandece”, enquanto parte da torcida atleticana se cala durante este momento.

³¹⁹ **O Estado de Minas**, 7 de setembro de 1965, capa e págs. 1, 2 e 3. Matéria não assinada.

³²⁰ **O Estado de Minas**, 9 de setembro de 1965, p. 1. Matéria não assinada.

³²¹ **O Estado de Minas**, 14 de setembro de 1965, p. 1. Matéria não assinada.

15/09/1965 (quarta-feira)	Seleção Mineira (2) x (1) Santos	Mais de 100 mil	Não informa	Mais de Cr\$ 92 milhões ³²²
------------------------------	-------------------------------------	-----------------	-------------	---

Para a análise dos números da tabela devemos levar em conta uma série de fatores, como a importância do jogo, o preço dos ingressos, o dia e horário de sua realização, as eventuais rivalidades entre clubes e, talvez o mais importante, a presença dos grandes ídolos esportivos em campo.

O jogo de inauguração entre River Plate e Seleção mineira, por exemplo, além do aspecto óbvio de ser o jogo inaugural, contava também com a prestigiada seleção do Estado, última campeã do torneio de seleções. Porém, o público pagante considerável – mais de setenta e três mil – foi inferior aos impressionantes mais de 100 mil pessoas que foram assistir ao confronto entre a mesma seleção e o time do Santos, em uma quarta-feira. Ou seja, a presença do melhor e mais badalado time do Brasil, com o maior craque do futebol, fez com que esse jogo se tornasse mais atrativo ao torcedor do que o jogo de abertura.

Ao analisarmos o papel das multidões esportivas, das torcidas nos jogos, levamos em conta alguns aspectos. Os primeiros estão todos ligados ao momento antes do jogo, e contribuíam para revesti-lo de interesse. A presença do craque era a expectativa de grandes jogadas, de gols, dribles. A origem dos times dava o tom das rivalidades: regionais, estaduais, nacionais e internacionais. Cada fator dava um brilho diferenciado a cada jogo. No jogo do Palmeiras contra o Uruguai, por exemplo, além de enfrentar uma seleção estrangeira, o time brasileiro ostentava a camisa da CBD, dando ao confronto o caráter de rivalidade internacional. No jogo entre seleção mineira e Botafogo, os craques do segundo escrete mais valorizado do Brasil no momento, base da seleção brasileira

O Estádio da Pampulha voltará a ser palco, hoje, de mais um grande espetáculo, reunindo desta feita as equipes do Botafogo e da seleção mineira. O interesse despertado em torno do cotejo

³²² **O Estado de Minas**, 16 de setembro de 1965, p. 1. Matéria não assinada.

interestadual está comprovado na grande procura de ingressos, acreditando-se em espetacular arrecadação no mais moderno estádio do mundo. **O Botafogo é atração para o nosso público, merecedor incontestemente da preferência dos esportistas montanheseiros que o elegeram o “clube mais querido de Minas”, e, por isso mesmo, sua presença é sempre aguardada com entusiasmo, estando, desta feita, o público ansioso por rever Garrincha e Gérson, astros do “Glorioso”, além de Manga, atualmente considerado o maior goleiro do país. Rildo, Jairzinho e tantos outros expoentes do futebol da Guanabara**³²³.

O torcedor mineiro tinha a oportunidade de ver os craques tão conhecidos, especialmente através do rádio. Vale destacar que as transmissões dos jogos dos times do Rio de Janeiro – e em menor medida, de São Paulo – através da Rádio Nacional faziam com que os times dessas cidades fossem bastante populares e angariassem torcedores por todo o país. Naquela época ainda era fato comum a torcida por dois clubes, um da sua cidade, e outro do eixo Rio-São Paulo³²⁴. Na inauguração do Mineirão, por exemplo, ficaram reservados para as partidas preliminares os embates entre equipes do futebol mineiro, que antes realizavam seus embates no Independência, e agora inauguravam um novo espaço para as rivalidades locais.

Junto a todos esses aspectos anteriores aos jogos – que figuravam no plano das expectativas – somavam-se os acontecimentos do jogo propriamente dito. Os craques em campo atraíam as multidões para o novo estádio, e suas jogadas e lances movimentavam as arquibancadas.

Incentivado por uma assistência entusiasta, o Palmeiras desde os primeiros minutos passou a ditar categoria, tendo em Djalma Santos uma figura que sacudia o “Colosso da Pampulha” com suas jogadas magistrais. Era um todo magnífico o Palmeiras, embora repetimos, não contando com Dudu em tarde inspirada. Mas as falhas do volante eram supridas com a categoria de seu companheiro de setor, Ademir da Guia, e assim pôde o Palmeiras fazer valer sua presença de forma objetiva³²⁵.

A torcida mostrava, em números e em festa, a expressão do futebol na cultura esportiva da cidade. Em todos os jogos eram divulgados os números do público e renda, e a imprensa exaltava, além dos jogadores em campo, a torcida nas arquibancadas. As fotos mostram as

³²³ **A vez do Botafogo ser atração no “Minas Gerais”.** O Estado de Minas, 12 de setembro de 1965, p. 1. Matéria não assinada. Grifos meus.

³²⁴ Esse fato ainda pode ser observado nos dias de hoje, não mais com tanta força nas capitais, mas sim nas cidades do interior e em locais onde o futebol regional ainda não é bem desenvolvido.

³²⁵ **Início.** O Estado de Minas, 9 de setembro de 1965, p. 1. Matéria não assinada. Grifos meus.

arquibancadas lotadas, fato este que era exaltado pelos jornais. Após o jogo de inaugural, o jornal O Estado de Minas publicava:

A MULTIDÃO – O público delirou com a inauguração do Estádio Minas Gerais. Às 10 horas, quando os portões da moderna praça de esportes foram abertos, verdadeira multidão de desportistas ali estava. Um espetáculo realmente bonito³²⁶.

A foto abaixo, mostra as arquibancadas lotadas durante o jogo entre Palmeiras e a seleção do Uruguai. Todos os jogos de inauguração do estádio tiveram grande público – como mostrado na tabela anterior – superando sempre a casa dos 60 mil presentes, e em muitas vezes ultrapassando os 100 mil.



FIGURA 17 – Foto do jogo entre Palmeiras e Uruguai no Mineirão, 1965.
Fonte: O Estado de Minas.

O delírio, o êxtase, a fruição de emoções possibilitadas pelo espetáculo esportivo agora ganhava um novo componente: um majestoso estádio, propalado pela imprensa como o mais moderno do mundo, e o segundo em capacidade. A relação entre o campo e as arquibancadas, entre jogadores e torcedores sempre se constituiu em uma das essências do espetáculo esportivo.

³²⁶ **A multidão.** O Estado de Minas, 7 de setembro de 1965, capa e págs. 1, 2 e 3. Matéria não assinada. Grifos meus.

O comportamento da torcida guarda relações entre os fatos ocorridos dentro do campo de jogo, e entre os protagonistas desses momentos.

Os quinze anos que separaram a inauguração do estádio do Independência e do Mineirão foram marcaram algumas mudanças nos modos de torcer. A cidade ganha mais um estádio, com capacidade de acomodar um número de torcedores cerca de quatro vezes maior. As rivalidades clubísticas se afluam, as seleções estaduais tiveram seu auge e pós 63 iniciam seu declínio em detrimento dos clubes. O futebol brasileiro vive seu momento mais auspicioso com a conquista das copas de 58 e 62. A cidade cresce, sua população aumenta, a cultura esportiva se desenvolve em torno de uma Belo Horizonte que vive seu processo de industrialização. Um novo estádio, bem maior, para abrigar um número maior de torcedores. O rádio e a televisão levariam o futebol para fora dos estádios, alcançando um número ainda maior de torcedores. As multidões da capital mineira haviam crescido, e com isso também cresceram as multidões esportivas.

Considerações Finais

Cultura Urbana e Cultura esportiva em Belo Horizonte – “esse jogo não é 1x1”

Esse jogo não é um a um
Se meu clube perder é zum, zum, zum

O meu clube tem time de primeira
Sua linha atacante é artilheira.
A linha média é tal qual uma barreira
O center-forward corre bem na dianteira
A defesa é segura e tem rojão
E o goleiro é igual a um paredão
Esse jogo não é um a um
É encarnado branco e preto
É encarnado e branco
É encarnado preto e branco
É encarnado e preto.
O meu clube jogando, eu aposto
Quer jogar, o empate é pra você
Dou um "zura" a quem aparecer
O empate pra mim já é derrota
Mas confio nos craques da pelota
O meu clube só joga é pra vencer
Esse jogo não é um a um...

A música 1x1, acima transcrita, é de autoria de Edgar Ferreira foi gravada pela primeira vez em 1960, no álbum “Sua Majestade, o Rei do Ritmo”, de Jackson do Pandeiro. Naquele momento, Belo Horizonte já tinha 10 anos do Estádio do Independência, e em mais 5 veria a inauguração do Mineirão; A cidade, em plena expansão e industrialização, vivia a intensidade das multidões de trabalhadores e dos torcedores do esporte. A escolha da música nos pareceu propícia para as análises apresentadas aqui à guisa de nossas conclusões. Após quatro capítulos apresentando nossas pesquisas, pretendemos nessas últimas páginas mostrar como esse “jogo” entre a cultura esportiva e a cultura urbana em Belo Horizonte nos anos de 1950 a 1965 “não é 1x1”.

As investigações apresentadas ao longo deste trabalho buscaram abarcar os estádios e a cultura esportiva de Belo Horizonte entre 1950 e 1965. Tais investigações tiveram como ponto

central não somente a descrição dos fatos históricos ligados a cultura esportiva e a construção e inauguração dos estádios, mas também, o olhar sobre a cidade. Esse olhar, por sua vez, se constituiu em um dos principais desafios encontrados na pesquisa.

Procuramos então encarar essa questão da seguinte maneira: longe de querer abarcar as inúmeras influências que operam na constituição da cidade, buscamos estabelecer algumas linhas e nexos gerais sobre Belo Horizonte. Primeiro, o seu nascimento, de forma planejada, enquanto referência de cidade moderna e republicana. Posteriormente, os seus anos iniciais, de dificuldades, de acertos, e do confronto entre a cidade que fora planejada e a outra, que acontecia na expressão das mais variadas culturas urbanas. Esses primeiros anos foram retratados de forma pontual, para contextualização da cidade que foi o objeto dessa pesquisa.

Posteriormente, abordamos um importante momento de transição: os anos de Juscelino Kubitschek como prefeito de Belo Horizonte. Sua administração está ligada também a um projeto de industrialização colocado em prática em âmbito nacional, e como vimos, na nova capital mineira. Belo Horizonte viveria, nesse momento, o marco de suas transformações no espaço urbano, que desencadearia também em mudanças nos costumes e modos de vida dos habitantes da cidade. Como vimos no primeiro capítulo, o próprio entendimento sobre modernidade, sobre a “capital moderna”, se modificara.

Com isso, um outro ponto importante se colocou diante da construção deste trabalho. Era preciso dar a medida das transformações da cidade de Belo Horizonte através de sua industrialização. Talvez, em uma leitura mais desatenta, exista a tendência de compreender um surto de crescimento e o nascimento de uma metrópole, por vezes até de forma linear, indicando uma certa causalidade de fatos e congruência de acontecimentos. É preciso portanto uma dupla observação.

Primeiramente, entendemos que esse processo ocorreu de forma desorganizada. Tentamos mostrar isso neste trabalho, ao abordarmos as transformações na cidade com a sua

industrialização, através tanto das benesses de uma vida mais “moderna” e tecnológica, como também, mostrando as permanências, os problemas e desafios neste processo. Belo Horizonte experimentava, assim como outras capitais e grandes cidades do Brasil, os investimentos de um projeto nacional de industrialização. Mas seu contexto anterior, os quadros políticos que aqui se encontravam bem como sua proximidade com as duas maiores capitais brasileiras fizeram da cidade um local privilegiado para implementação desse projeto. Belo Horizonte industrializou-se, expandiu-se e se consolidou como a terceira capital brasileira. Conheceu os arranha-céus, TVs e toca discos; abarrotava os cinemas e cafés, adensava o seu hipercentro e se espalhava pelas periferias até encontrar suas cidades vizinhas. Da mesma forma, conhecia as favelas, a crise de abastecimento de água, a pobreza e os engarrafamentos. Era a Belo Horizonte próspera dos automóveis, mas ainda não havia esquecido suas carroças e seus fogões à lenha.

Em segundo lugar, cabe também matizar esse processo. Ao longo desse trabalho, trouxemos alguns dados e apontamentos que comparavam Belo Horizonte com as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. Isso nos permitiu perceber que o surto de industrialização e crescimento experimentado pela cidade acontecia. Que Belo Horizonte se estabeleceu como a terceira capital do país. Que o seu crescimento em percentual em alguns aspectos podia ser maior do que o das duas maiores cidades brasileiras. Mas também porque as mesmas já se encontravam em um outro patamar em diversos aspectos demográficos, econômicos e sociais – dentre eles, inclusive, o esportivo.

Mas, guardadas as devidas proporções, a cidade de Belo Horizonte crescia de forma expressiva. Longe de analisar pormenorizadamente as ações em prol da industrialização da cidade, buscamos os apontamentos que demonstrassem esse processo. Com isso, explicitamos nosso interesse de captar as transformações nos costumes e modos de vida dos habitantes da cidade a partir desse processo de industrialização. Processo esse que não deve ser compreendido de forma linear, mas sim como um caminho de muitas possibilidades. Esse olhar se traduziu na

compreensão de que a cultura esportiva era uma das manifestações das culturas urbanas que estavam em voga na cidade naquele período.

Como cidade nova e que tinha no projeto de seus governantes a industrialização, Belo Horizonte conviveu com as grandes obras. Seja em sua estrutura, com abertura de ruas, bairros, redes de água e esgoto, até as obras grandiosas que figuram nas grandes cidades: a Pampulha, os arranha céus, o Estádio do Independência e o Mineirão.

Nas relações desta cidade industrializada com seus habitantes, surgiram aspectos que identificavam a cultura esportiva da cidade. A industrialização fez de Belo Horizonte “uma cidade de primeira”. Seus governantes exaltavam a cidade do asfalto, do esgoto, do concreto. A terceira capital do país agora tinha “sua linha atacante artilheira, a linha média tal qual uma barreira, e uma defesa segura”. Ou seja, havia se consolidado sob o ponto de vista econômico e administrativo, se distanciando da incerteza de seus anos iniciais como capital e se destacando no âmbito nacional.

Os corpos das pessoas se transformavam. O trabalho pesado, os novos produtos de beleza, a compreensão da prática esportiva como aliada da saúde inundaram os balcões das farmácias, as páginas das revistas e os clubes esportivos. Em uma cidade sem praia e sem muitos espaços públicos para prática esportiva, o esporte chegou sim, enquanto ideário, e também no ambiente fechado dos clubes esportivos – como “tradicionalmente” gostam de destacar os discursos construídos sobre os mineiros. Mas Belo Horizonte era também a cidade da periferia, do futebol de várzea, do jogo de malha e das brincadeiras de ruas dos bairros.

É importante destacar, portanto, que o processo de industrialização marca também a preponderância de um ideário, de uma mentalidade sobre a cultura urbana e a cultura esportiva da cidade. Isso se dá especialmente no conjunto das fontes, quando analisamos as matérias relativas às obras e ao desenvolvimento da cidade. Mas as fontes também mostram, de maneira pontual, que também existiam as dissonâncias. Se de maneira geral a próspera capital crescia

rumo a industrialização e aos valores modernos, os costumes e modos de vida de seus habitantes davam margens para uma séria de relações nessa cidade moderna. Inclusive, relações de resistência. Não a cidade do consenso, das relações simples de causa e efeito, do “1x1”. Mas a cidade que crescia dos projetos de seus governantes, dos costumes e modos de vida de seus habitantes e também de tensões, “em encarnado, preto e branco”.

Escolhemos fazer da investigação sobre a construção e inauguração dos dois grandes estádios esportivos de Belo Horizonte o elo principal entre as análises sobre cultura esportiva e cultura urbana. Isso porque as duas grandes obras representavam, por um lado, o projeto de industrialização pesada, os trabalhadores, a ciência e a tecnologia; por outro, representavam a cultura esportiva, os valores que giram em torno do esporte, as relações com o corpo e a saúde, e mais ainda, no caso do futebol, com uma prática corporal que com o passar do tempo foi se consolidando como um dos símbolos de nossa identidade nacional. Perceber as transformações da cidade e seus habitantes em torno dessa prática e desses espaços foi uma tarefa gratificante.

O Estádio Independência pode ser percebido como o primeiro grande esforço para a consolidação da cultura esportiva na cidade³²⁷. Esforço esse que havia começado de maneira efetiva alguns anos antes, com a administração de Juscelino Kubitschek e suas obras de estrutura e expansão de Belo Horizonte. Incentivado pela realização da Copa do Mundo e a possibilidade – efetivada – de colocar Belo Horizonte no cenário esportivo mundial, o estádio surge, ainda inacabado, porém marcando um novo momento para a cultura esportiva da cidade. Momento relativamente breve, talvez, em certa medida inclusive de transição. A transição entre a cidade que crescia e a cidade que havia se tornado grande.

E Belo Horizonte se tornaria grande apenas quinze anos depois. O Mineirão, por sua vez, marca o surgimento de uma nova era para o futebol em Belo Horizonte, e porque não dizer

³²⁷ O trabalho de Marilita Rodrigues nos mostra como os primórdios do esporte em Belo Horizonte foram permeados por manifestações diversas, mas que não conseguiram se consolidar não só por questões culturais, como também por dificuldades financeiras inerentes aos primeiros anos da capital.

para as relações entre a cultura urbana e a cultura esportiva da cidade. Apesar da demora para sua entrega, o estádio é concluído, observando os mais modernos padrões para a época. Suas dimensões são bem maiores do que as do estádio Independência, e a confluência de público aos seus jogos mostram que tal aspecto dava a dimensão do aumento da população da cidade e da popularidade de seus times de futebol.

A relação dos gigantes de concreto com as multidões se revelou no terceiro grande desafio deste trabalho. Primeiramente, pela dificuldade de compreender e investigar nas fontes ações que pudessem caracterizar os diversos modos de torcer e acompanhar o esporte. Porém, a relação dos indícios levantados nos jornais e revistas com o contexto apresentado sobre o período nos permitiram inferir sobre alguns aspectos.

O primeiro deles, a compreensão do esporte enquanto espetáculo e enquanto estimulador da torcida. Vimos como as multidões acompanharam o futebol elegendo os seus favoritos e torcendo em diversas condições, mesmo esses não sendo os seus clubes: seja na Copa do Mundo, para seleções ainda desconhecidas, ou para os badalados times do eixo Rio-São Paulo. Mesmo em jogos que não envolviam os principais times da cidade, vimos que as rivalidades se manifestavam. Afinal, se nas relações da construção da cidade não havia empate, o 1x1 de forma alguma era desejado pelas multidões esportivas. E as multidões esportivas de Belo Horizonte tinham no esporte também o espaço da manifestação, da “zura”, do “zun zun zun”, como bem ressalta a música.

Vimos também uma forma de torcer não mais presente nos dias atuais. A identificação com as seleções estaduais e, no caso específico deste trabalho, o marco do surgimento da talentosa seleção mineira. O selecionado, que viveria os últimos anos dos campeonatos de seleção, marcaria a transformação do futebol mineiro, o seu crescimento – assim como o da cidade de Belo Horizonte – no cenário nacional, fazendo com que os clubes de Minas passassem

a figurar de forma mais expressiva no país. Isso aconteceu primeiramente com o Cruzeiro de 66, e anos mais tarde, no início da década de 70, com o Clube Atlético Mineiro.

Na relação dos estádios com seus torcedores e as formas de torcer, percebemos algumas distinções entre o Independência e o Mineirão. O primeiro – como parte dos primeiros anos de maiores transformações da cidade pelo seu processo de industrialização – ainda guarda relações mais estreitas com um momento específico do futebol mineiro. Momento esse onde os clubes do interior ainda logravam sucesso nos campeonatos estaduais, onde outros times da cidade ainda figuravam no cenário esportivo. Entre eles, o próprio Sete de Setembro, dono do estádio.

Quinze anos depois, com a radicalização do processo de industrialização e o crescimento da cidade, o cenário era outro. As multidões haviam crescido, o principal estádio da cidade era outro – e com capacidade muito maior – e também as formas de torcer se modificavam. A torcida por clubes de outros estados ainda permanecia – impulsionada ainda pelo rádio e agora pela televisão. Mas a cidade já começava a perceber a concentração de seus torcedores entre os três clubes da cidade – América, Atlético e Cruzeiro – já com a proeminência dos dois últimos.

Esse movimento compõe em grande parte um movimento nacional, onde as seleções estaduais vão perdendo o prestígio e iniciam-se os campeonatos regionais e nacionais de clubes, como vimos no quarto capítulo deste trabalho.

Dentro de campo, o Independência viveu o tempo glorioso do rádio, e de diversos times passeando sobre seus gramados³²⁸. O Mineirão, por sua vez, vem para marcar a era da televisão e da hegemonia dos dois grandes clubes da capital³²⁹. Os dois estádios, tão importantes para a

³²⁸ Nos anos de 1950 a 1964, o campeonato mineiro foi vencido pelo Villa Nova em 1951 e pelo Siderúrgica em 1964. Este último ainda conquistou o vice-campeonato nos anos de 52, 53 e 57. Além disso, temos um campeonato conquistado pelo América em 1957 e vice-campeonatos conquistados pelo Guarani e pelo Democrata em 1961 e 1963, respectivamente. FEDERAÇÃO MINEIRA DE FUTEBOL. Disponível em: <http://www.fmfnet.com.br/novoport/campeoes-mineiros>. Acesso em: 20 de agosto de 2014.

³²⁹ Na “era Mineirão”, de 1965 aos dias atuais, os títulos ficaram sempre entre Atlético e Cruzeiro, à exceção dos anos de 1971 e 1993, quando sagou-se campeão o América, e o ano de 2005, quando o campeão foi o time do Ipatinga. FEDERAÇÃO MINEIRA DE FUTEBOL. Disponível em: <http://www.fmfnet.com.br/novoport/campeoes-mineiros>. Acesso em: 20 de agosto de 2014.

história de Belo Horizonte e seu processo de industrialização, permanecem até os dias atuais como os dois principais estádios da cidade³³⁰. A cidade ganhava, pois, os seus maiores monumentos esportivos, que guardaram e guardam relações com a cidade que ultrapassam a dimensão esportiva.

Ao final desta pesquisa, percebemos que o contato com as fontes também nos permitiu investigar diversos aspectos sobre a cultura esportiva em Belo Horizonte. Mas, como grande parte das pesquisas históricas, foram também definidos limites, lacunas, que se transformam em possibilidades de novas pesquisas para trabalhos futuros de pesquisadores interessados no tema. Podemos destacar aqui uma investigação que tenha como fontes principais os programas esportivos do rádio – e posteriormente, da televisão – que poderão contribuir com os estudos sobre o esporte na cidade de Belo Horizonte. Além disso, temos bons indícios para avançar no recorte temporal, investigando também a continuidade da ocupação dos estádios de Belo Horizonte pelo torcedor, não só do futebol como de outros esportes³³¹.

BIBLIOGRAFIA

AGUIAR, Tito Flávio Rodrigues de. **Vastos subúrbios da nova capital: formação do espaço urbano na primeira periferia de Belo Horizonte**. Belo Horizonte, 2006. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

ALVES, José Jerônimo de Alencar. **Projetos dominantes de siderurgia e mineração, símbolos e pilares de modernização e progresso, Brasil (1889-1945)**. IN: VARGAS, Milton. **História da técnica e da tecnologia no Brasil**. São Paulo: Editora UNESP/CEETEPS, 1994, p. 259-279.

BARROS, José D'assunção. História Comparada: um novo modo de ver e fazer história. **Revista de História Comparada**. Rio de Janeiro, v. 1, n.1, p.1-30, 2007.

³³⁰ Os dois estádios também passaram por reformas de modernização. O Independência, no ano de 2012 e o Mineirão, em 2013.

³³¹ A Pampulha e o Mineirão, por exemplo, receberam no ano de 1969 e início da década de 70 uma série de corridas automobilísticas que ganharam destaque em âmbito nacional, com a presença de corredores como Toninho da Matta e Emerson Fitipaldi.

BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a Modernidade: o pintor da vida moderna.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

BLACK, Edwin. **A Guerra contra os Fracos: a eugenia e a campanha dos Estados Unidos para criar uma raça dominante.** São Paulo: A Girafa Editora, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção: crítica social do julgamento.** São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **Como é possível ser esportivo?** IN: BOURDIEU, Pierre: **Questões de sociologia.** Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1983. p. 136–153.

BOURDIEU, Pierre. **Programa para uma sociologia do esporte** IN: BOURDIEU, Pierre: **Coisas Ditas.** São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 207–220.

CASTELLANI FILHO, Lino. **A Educação Física no Brasil: a história que não se conta.** Campinas: Editora Papyrus, 2010. 18ª Edição. 175p.

CEDRO, Marcelo de Araujo Rehfeld. **JK desperta BH (1940-1945): a capital de Minas Gerais na trilha da modernização.** São Paulo: Annablume, 2009. 205 p.

DIAS, Cléber Augusto Gonçalves. **Urbanidades da natureza: os esportes e a cidade do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro, 2007. Dissertação (Mestrado em História Comparada) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

DIAS, Cléber Augusto Gonçalves. **Urbanidades da natureza: o montanhismo, o surfe e as novas configurações do esporte no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Apicuri, 2008. 163p.

DRAIBE, Sônia. **Rumos e Metamorfoses: um estudo sobre a constituição do Estado e as alternativas da industrialização no Brasil, 1930-1960.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

DRUMOND, Maurício. **Nações em jogo: esporte e propaganda política em Vargas e Perón.** Rio de Janeiro: Apicuri, 2008, p. 75.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação.** Lisboa: Difel, 1992.

ELIAS, Rodrigo Vilela. **Automobilismo na cidade do Rio de Janeiro de 1954 a 1966: Das ruas para o autódromo.** Rio de Janeiro, 2010. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós Graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2010.

FARIA, Maria Auxiliadora de; PLAMBEL. **O processo de desenvolvimento de Belo Horizonte: 1897-1970.** Belo Horizonte: PLAMBEL, 1979. 2v.

FECOMERCIO. **Belo Horizonte & o comércio: 100 anos de história.** Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais: Belo Horizonte, 1997. 336p.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **Saneamento básico em Belo Horizonte**: trajetória em 100 anos: os serviços de água e esgoto. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1997. 311 p. (Coleção centenário)

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Ginásio do Ibirapuera**. Disponível em http://www.sejel.sp.gov.br/constancio/documentos/ginasio_ibirapuera.pdf. Acesso em 12 de setembro de 2009.

GIDDENS, Anthony. **As Consequências da Modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GORELIK, Adrián. **Miradas sobre Buenos Aires**: Historia Cultural e critica urbana. Buenos Aires: Siglo XXI, 2004.

HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LEMOS, Celina Borges. **Savassi**: a consolidação de um centro urbano. Belo Horizonte: 1985. 150p.

LEMOS, Celina. **Determinações do espaço urbano**: a evolução econômica urbanística e simbólica do centro de Belo Horizonte. 1988. 2v., enc. : Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

LEOPOLDI, Maria Antonieta. **A economia política do primeiro governo Vargas (1930-1945)**: a política econômica em tempos de turbulência. IN: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Orgs.). **O Brasil Republicano**: o tempo do nacional estatismo. Vol 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MAGALHÃES, Gildo. **Energia e tecnologia**. IN: VARGAS, Milton. **História da técnica e da tecnologia no Brasil**. São Paulo: Editora UNESP/CEETEPS, 1994, p. 343-373.

MELO, Victor Andrade de. **Esporte e Lazer**: conceitos. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

MELO, Victor Andrade de. **Por uma história comparada do esporte**: possibilidades, potencialidades e limites. IN: MELO, Victor Andrade de (Org.). **História Comparada do Esporte**. Rio de Janeiro: Shape, 2007.

MELO, Victor Andrade de. **É possível (e válido) pensar em uma história do(s) conceito (s) esporte (sport, desporto)? Apontamentos iniciais**. No prelo.

MELLO, João Manuel Cardoso de, NOVAIS. Fernando A. **Capitalismo tardio e sociabilidade moderna**. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). **História da vida privada no Brasil**: contrastes da intimidade contemporânea. Vol. 4. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

MEMORIA da economia da cidade de Belo Horizonte. Belo Horizonte: BMG, 1987. 103p.

MOREIRA, Samantha Cidaley de Oliveira. **Interiores de Casas Residenciais em Belo Horizonte**: a década de 1950. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2006.

MOREIRA, Vânia Maria Losada. **Os anos JK:** industrialização e modelo oligárquico de desenvolvimento rural. IN: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Orgs.). **O Brasil Republicano:** o tempo da experiência democrática. Vol. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

NEEDELL, Jeffrey D. **Belle Époque Tropical:** sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

OLIVEIRA, Samuel Rodrigues de. **“A favela vem à cidade e não é para sambar”:** O movimento de favelas de Belo Horizonte (1959-1964). Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2008. 210f.

PASSOS, Luiz Mauro do Carmo. **Edifícios de apartamentos; Belo Horizonte, 1939-1976:** formações e transformações tipológicas na arquitetura da cidade. Belo Horizonte: AP Cultural, 1998. 170p.

PEREIRA, Lígia Maria Leite.; FARIA, Maria Auxiliadora de; ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE MINAS. **Associação Comercial de Minas:** uma história de pioneirismo e desenvolvimento - 1901-2001. Belo Horizonte: Associação Comercial de Minas, 2001. 455 p.

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. **Ciclovias cariocas.** Rio de Janeiro: Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos, 2005.

RODRIGUES, Marilita Aparecida Arantes. **Constituição e enraizamento do esporte na cidade** uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894-1920). Tese (Doutorado em História) – Belo Horizonte: UFMG, 2006.

ROMERO, José Luiz. **América Latina: as cidades e as ideias.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.

SANTOS, Angela Brêtas Gomes dos. **“Nem só de pão vive o homem”:** criação e funcionamento do Serviço de Recreação Operária (1943-1945). Rio de Janeiro, 2007. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

SCHETINO, A. M. **Pedalando na Modernidade: a bicicleta e o ciclismo no Rio de Janeiro e em Paris na transição dos séculos XIX-XX.** Rio de Janeiro, 2007. Dissertação (Mestrado em História Comparada) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

SILVA, Lúcia. **Luzes e Sombras na Cidade:** no rastro do Castelo e da Praça Onze 1920/1945. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro/Secretaria Municipal de Culturas, 2006.

SILVA, Regina Helena Alves da. **A cidade de Minas.** Belo Horizonte, 1991. 161 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Departamento de Ciência Política, 1991.

SIQUEIRA, Uassyr de. **Clubes Recreativos:** organização para o lazer. IN: AZEVEDO, Luciene [et al.] (Orgs.). **Trabalhadores na Cidade.** Campinas: Editora Unicamp, 2009.

THELM, Neide, BUSTAMANTE, Regina. História Comparada: olhares plurais. In: **Estudos Iberoamericanos.** Porto Alegre, v. 29, n.2, p.7-22, 2003.

VARGAS, Milton (Org.). **Introdução**. IN: VARGAS, Milton. **História da técnica e da tecnologia no Brasil**. São Paulo: Editora UNESP/CEETEPS, 1994, p. 13-35.

VARGAS, Milton (Org.). **A tecnologia na Engenharia Civil**. IN: VARGAS, Milton. **História da técnica e da tecnologia no Brasil**. São Paulo: Editora UNESP/CEETEPS, 1994, p. 225-245.

VIGARELLO, Georges. **Techniques D’hier... et D’aujourd’hui: une histoire culturelle du sport**. Paris: Revue & Robert Laffont, 1988, 207 p.

VIGARELLO, Georges; COURTINE, Jean-jacques. **História do Corpo Vol 3 – As mutações do olhar: o século XX**. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

FONTES

O Diário da Tarde

A CBD ameaça cancelamento de dois jogos da “Copa do Munda” na capital. Diário da Tarde, 23 de junho de 1950, p. 3.

Objetivos os suíços, mais vigorosos os iugos. O Diário da Tarde, 23 de junho de 1950, p. 3.

Intensa expectativa. Suíços e uruguaio realizam uma grande peleja. Diário da Tarde, 24 de junho de 1950, p. 3.

Onde serão colocadas as cadeiras. Diário da Tarde, 24 de junho de 1950, p. 3.

Severas recomendações da C.B.D. O Diário da Tarde, 24 de junho de 1950, p. 4.

Venceu o melhor. Diário da Tarde, 26 de junho de 1950, p. 7.

O Estado de Minas

Pronto o gramado do Independência. O Estado de Minas, 17 de janeiro de 1950, p. 10

Acredita no tri. O Estado de Minas, 10 de março de 1965, p. 1.

Estes constroem o estádio. O Estado de Minas, 18 de março de 1965, p. 1.

Os cronistas jogarão no Independência. O Estado de Minas, 21 de abril de 1950, p. 10.

Nilton Santos na Capital. O Estado de Minas, 24 de abril de 1965, p. 1.

As obras do estádio Sete de Setembro. O Estado de Minas, 29 de Abril de 1950, p. 8.

A 15 de maio, o primeiro treino do Independência. O Estado de Minas, 29 de abril de 1950, p. 9.

Dia 15, o primeiro treino. O Estado de Minas, 29 de abril de 1950, p. 9.

Quase prontos os vestiários do Independência. O Estado de Minas, 17 de maio de 1950, p. 9.

Temos casa para qualquer hóspede. O Estado de Minas, 26 de maio de 1950, p. 8.

O Independência será inaugurado a 18 de junho. O Estado de Minas, 27 de maio de 1950, p. 8.

O Sr. Otorino Barassi virá vistoriar o Independência. O Estado de Minas, 3 de junho de 1950, p. 8.

A inauguração do Independência. O Estado de Minas, 11 de junho de 1950, p. 5.

Ingressos pagos. O Estado de Minas, 11 de junho de 1950, p. 5.

O programa. O Estado de Minas, 11 de junho de 1950, p. 5.

Adiada a inauguração. O Estado de Minas, 15 de junho de 1950, p. 8.

Domingo pela manhã. O Estado de Minas, 15 de junho de 1950, p. 8.

Três mil pessoas assistiram ao ensaio dos rubros. O Estado de Minas, 20 de junho de 1950, p. 8.

Futebol de alta linhagem num jogo em que a vitória não veio para os perfeitos. O Estado de Minas, 30 de junho de 1950, p. 7.

Com um grande quadro, venceu o Uruguai. O Estado de Minas, 4 de julho de 1950, p. 8.

O Estado de Minas, 17 de outubro de 1956, p. 4.

Concorrência. O Estado de Minas, 1 de janeiro de 1965, p. 3.

Estádio em marcha. O Estado de Minas, 1 de janeiro de 1965, p. 3.

Mais recursos. O Estado de Minas, 1 de janeiro de 1965, p. 3.

Chuvas não prejudicam as obras do estádio. O Estado de Minas, 5 de janeiro de 1965, p. 1.

Como está o Estádio. O Estado de Minas, 5 de janeiro de 1965, p. 1.

Esclarecimentos sobre a venda das cadeiras. O Estado de Minas, 20 de janeiro de 1965, p. 1.

Impulsão às obras. O Estado de Minas, 10 de fevereiro de 1965, p. 1.

Na grande emoção do futebol... O Estado de Minas, 14 de fevereiro de 1965, p. 1.

Cadeiras cativas. O Estado de Minas, 27 de março de 1965, p. 2.

BEMOREIRA adquire cadeiras cativas do Estádio Minas Gerais. O Estado de Minas, 11 de abril de 1965, p. 3.

Cadeiras para o Estádio “Minas Gerais”. O Estado de Minas, 23 de abril de 1965, p. 2.

Serviços de acabamento. O Estado de Minas, 4 de maio de 1965, p. 1.

Simple promessa da C.B.D. O Estado de Minas, 4 de junho de 1950, p. 12.

Visita do Vice-Governador. O Estado de Minas, 30 de maio de 1965, p. 3.

Teste para as arquibancadas. O Estado de Minas, 17 de junho de 1965, p. 5.

“Estádio” será inaugurado a 26 de agosto com Brasil x Paraguai. O Estado de Minas, 8 de julho de 1965, p. 1.

Asfaltamento em 30 dias das vias de acesso ao estádio. O Estado de Minas, 15 de julho de 1965, p. 1.

Decisão final sobre a vinda da seleção do Chile será conhecida hoje. O Estado de Minas, 16 de julho de 1965, p. 1.

Chega ao final o serviço de concretagem do estádio. Churrasco, hoje, com a presença do Governador. O Estado de Minas, 17 de julho de 1965, p. 1.

“Troféu Brasil” será disputado na pista do Estádio Minas Gerais. O Estado de Minas, 17 de julho de 1965, p. 1.

Vinda da seleção do Uruguai à capital. O Estado de Minas, 29 de julho de 1965, p. 1.

A hora do entendimento. O Estado de Minas, 30 de julho de 1965, p. 1.

Abílio foi. O Estado de Minas, 4 de agosto de 1965, p. 1.

Argentina não foi. O Estado de Minas, 6 de agosto de 1965, p. 1.

Argentina não. O Estado de Minas, 7 de agosto de 1965, p. 1.

Possível vinda da equipe do Real Madri. O Estado de Minas, 7 de agosto de 1965, p. 1.

Apresentação dos craques da seleção às 9 horas. O Estado de Minas, 17 de agosto de 1965, p. 1.

Fixados os preços dos ingressos. O Estado de Minas, 24 de agosto de 1965, p. 1.

Obra da Prefeitura beneficiará o estádio. O Estado de Minas, 24 de agosto de 1965, p. 1.

Cronistas cariocas: “este estádio é espetacular”. O Estado de Minas, 27 de agosto de 1965, p. 1.

50 milhões de ingressos vendidos para a festa do Estádio. O Estado de Minas, 2 de setembro de 1965, p. 2.

Berenice Lunardi na festa do novo estádio. O Estado de Minas, 3 de setembro de 1965, p. 1.

Programa de festividades. O Estado de Minas, 3 de setembro de 1965, p. 1.

130 ônibus à disposição do público amanhã. O Estado de Minas, 04 de setembro de 1965, p. 1.

Cadeiras cativas. O Estado de Minas, 4 de setembro de 1965, p. 1.

O retrato do progresso. O Estado de Minas, 4 de setembro de 1965, p. 1.

A multidão. O Estado de Minas, 7 de setembro de 1965, capa e págs. 1, 2 e 3.

Condução para o Estádio ao preço de Cr\$ 150 a passagem. O Estado de Minas, 07 de setembro de 1965, capa e páginas 1, 2 e 3.

Em Minas um dos mais belos estádios do mundo. O Estado de Minas, 07 de setembro de 1950, capa e páginas 1,2 e 3.

Espectáculo de rara beleza: o desfile das balizas. O Estado de Minas, 7 de setembro de 1965, capa e págs. 1, 2 e 3.

Inaugurada a pista de atletismo do estádio. O Estado de Minas, 7 de setembro de 1965, capa e págs. 1, 2 e 3.

“O estádio é do povo”, afirmou Magalhães Pinto. O Estado de Minas, 7 de setembro de 1965, capa e págs. 1, 2 e 3.

Ubaldo chefia gandulas. O Estado de Minas, 7 de setembro de 1965, capa e págs. 1, 2 e 3.

Falho o esquema de tráfego para o estádio. O Estado de Minas, 09 de setembro de 1965, p. 1.

Informes. O Estado de Minas, 9 de setembro de 1965, p 1.

Início. O Estado de Minas, 9 de setembro de 1965, p. 1.

A vez do Botafogo ser atração no “Minas Gerais”. O Estado de Minas, 12 de setembro de 1965, p. 1.

Aplaudidos os fuzileiros navais. O Estado de Minas, 14 de setembro de 1965, p 1.

Os quadros. O Estado de Minas, 14 de setembro de 1965, p 1.

Problemas de trânsito. O Estado de Minas, 16 de setembro de 1965, p. 1.

Quadros. O Estado de Minas, 16 de setembro de 1965, p 1.

Revista Alterosa

REVISTA ALTEROSA nº 01, agosto de 1939, p. 22.

Feminismo Marcha! REVISTA ALTEROSA nº 01, agosto de 1939, p. 52.

Sieglinda Lenk é assim... REVISTA ALTEROSA nº 01, agosto de 1939, p. 120.

O sexto aniversário do Minas Tênis Club REVISTA ALTEROSA nº 21, dezembro de 1941, pp. 90-91.

Belo Horizonte espelha a intensidade da vida hoje em Minas Gerais. Revista Alterosa, janeiro de 1942, págs. 74 e 75.

A mulher mineira no Esporte. REVISTA ALTEROSA nº 22, janeiro de 1942, p. 34.

Como e porque se deve praticar a ginástica respiratória. REVISTA ALTEROSA, nº 66, outubro de 1945, p. 86.

REVISTA ALTEROSA nº 67, novembro de 1945, p. 13.

Candidatas à Glória – conselhos às jovens que desejam vencer na vida. REVISTA ALTEROSA, nº 67, novembro de 1945, p.86 e 94(continuação).

Belo Horizonte. REVISTA ALTEROSA nº 76, agosto de 1946, p. 135.

REVISTA ALTEROSA nº 80, dezembro de 1946, p. 183.

REVISTA ALTEROSA nº 84, abril de 1947, p. 30. Destaque do anúncio

REVISTA ALTEROSA, junho de 1956, p. D.

Ginástica para os joelhos. REVISTA ALTEROSA nº 238, julho de 1956, p. 63.

Silhuetas esportivas. REVISTA ALTEROSA nº 239, agosto de 1956, p. 77.

A maior festa esportiva da mocidade operária de Minas Gerais. REVISTA ALTEROSA nº 283, 1º de junho de 1958, p. 87.

II Ginástica Feminina da Primavera REVISTA ALTEROSA nº 318, agosto de 1959, p. 56.

Bicicleta, a plebeia do trânsito. REVISTA ALTEROSA nº 366, dezembro de 1960, p. 8.
Texto: Milton Costa.

REVISTA ALTEROSA, dezembro de 1960, p. 136.

A terrível ameaça dos estimulantes. REVISTA ALTEROSA, nº 339, março de 1961, p. 58.

Revista O Cruzeiro

Tennis. O CRUZEIRO, 16 de março de 1940, p. 41.

O Sport da moda. O CRUZEIRO, 18 de maio de 1940, p. 45.

O presidente joga golf. O CRUZEIRO, 30 de novembro de 1940, p. 28.

A Copa Errada. O Cruzeiro, 15 de julho de 1950, p. 13. Texto de David Nasser.

História e fundação dos Clubes Esportivos de Belo Horizonte

Clube Campestre Belo Horizonte - Disponível em: <http://ccbh.com.br/>. Acesso em 27/07/2014.

Associação Atlética dos Funcionários do Banco do Estado de Minas Gerais - Disponível em: <http://aasbemge.com.br/plus/modulos/conteudo/?tac=o-clube>. Acesso em 27/07/2014.

Associação Atlética do Banco do Brasil – Belo Horizonte - Disponível em: <http://belohorizonte.aabb.com.br/historia/>. Acesso em 27/07/2014.

Clube Recreativo Mineiro - Disponível em: <http://cluberecreativo.com.br/web/index.php/o-clube/>. Acesso em 27/07/2014.

Círculo Militar - Disponível em: <http://www.circulomilitarbh.com.br/paginas/institucional.asp>. Acesso em 27/07/2014.

Barroca Tênis Clube - Disponível em: <http://barroca.com.br/site/institucional/>. Acesso em 27/07/2014.

Clube do Ipê - Disponível em: <http://www.clubedoipe.com.br/oclube>. Acesso em 27/07/2014.

Pampulha Iate Clube - Disponível em: <http://www.pic-clube.com.br/novo/clube/institucional.html>. Acesso em 27/07/2014.

Jaraguá Club - Disponível em: <http://www.jaraguaclub.com.br/o-clube/>. Acesso em 27/07/2014.

Oasis **Clube** - Disponível em:
<http://www.oasisclube.org.br/2010/index.php?modulo=1&codigo=4>. Acesso em
27/07/2014.

Outras Fontes

O Barraco. IN: **Binômio**, Belo Horizonte, 15 de outubro de 1962, Caderno2, p.6.

CARTA DE ATENAS

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DESPORTOS – **IVº Campeonato Mundial de Futebol – Taça Jules Rimet 1950.**

DECRETO LEI Nº 2.072 DE 08 DE MARÇO DE 1940. Disponível em:
<http://www2.camara.gov.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-2072-8-marco-1940-412103-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em 07 de outubro de 2012.

DECRETO-LEI Nº 3.199, de 14 de abril de 1941. **Diário Oficial da União**, 16 de abril de 1941.

FEDERAÇÃO MINEIRA DE FUTEBOL. Disponível em:
<http://www.fmfnet.com.br/novoportal/campeoes-mineiros>. Acesso em: 20 de agosto de 2014.

FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE NATATION. Disponível em: <http://www.fina.org>. Acesso em: 30 de setembro de 2008.

Finalização das reformas no Maracanã e Maracanzinho. JORNAL DOS SPORTS, 10 de março de 1957. p. 10, matéria não assinada.

História da Folha. Disponível em:
http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/historia_20_30.htm. Acesso em 10/06/2009.

JORNAL DO BRASIL, de janeiro de 1940 a dezembro de 1950.

Mundial de Roma termina com 43 recordes na natação. ESTADAO.COM.BR. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/esportes,mundial-de-roma-termina-com-43-recordes-na-natacao,412427,0.htm>. Acesso em 30/09/2011.

REVISTA ALTEROSA, de agosto de 1939 a janeiro de 1964. Disponível em:
http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=arquivopublico&tax=26801&lang=pt_BR&pg=6742&taxp=0& Acesso em 07 de outubro de 2012.

REVISTA O CRUZEIRO, de janeiro de 1940 a dezembro de 1950.

Sensacional, o desfecho da Prova Popular de Tricycles. JORNAL DOS SPORTS, 10 de novembro de 1936. p. 3, matéria não assinada.

SERVIÇO DE ESTATÍSTICA DA EDUCAÇÃO E SAÚDE. Tabela XII — Cultura Física, Segundo as Unidades da Federação – 1948. Tabela extraída de: Anuário estatístico do Brasil 1951. Rio de Janeiro: IBGE, v. 12, 1952. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/seculoxx/arquivos_xls/associativismo/1951/assoc1951m_aeb_193.xls Acesso em 25 de setembro de 2012.

SERVIÇO DE ESTATÍSTICA DA EDUCAÇÃO E SAÚDE. Tabela XII — 2. Instalações Existentes nos Recintos Arrolados Destinados à Prática de Esportes – 1948. Tabela extraída de: Anuário estatístico do Brasil 1951. Rio de Janeiro: IBGE, v. 12, 1952. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/seculoxx/arquivos_xls/associativismo/1951/assoc1951m_aeb_194.xls Acesso em 25 de setembro de 2012.

SERVIÇO DE ESTATÍSTICA DA EDUCAÇÃO E CULTURA. Tabela extraída de: Anuário estatístico do Brasil 1959. Rio de Janeiro: IBGE, v. 20, 1959. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/seculoxx/arquivos_xls/associativismo/1959/assoc1959m_aeb_093.xls Acesso em 25 de setembro de 2012.

SERVIÇO DE ESTATÍSTICA DA EDUCAÇÃO E CULTURA. Tabela extraída de: Anuário estatístico do Brasil 1967. Rio de Janeiro: IBGE, 1967. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/seculoxx/arquivos_xls/associativismo/1967/assoc1967m_aeb_279.xls Acesso em 25 de setembro de 2012.

SUDERJ. **Maracanãzinho.** Disponível em <http://www.suderj.rj.gov.br/maracananzinho.asp>. Acesso em 12 de setembro de 2009.

Um dos estádios da Copa, Fonte Nova terá nome de cerveja. Disponível em: <http://exame.abril.com.br/marketing/noticias/um-dos-estadios-da-copa-fonte-nova-tera-nome-de-cervejaria> . Acesso em 12 de agosto de 2013.